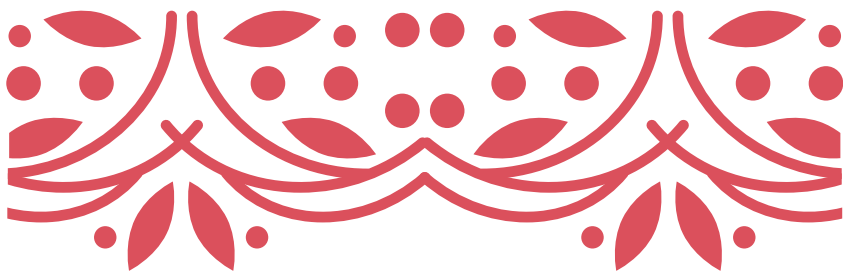


COORDENAÇÃO CIENTÍFICA GERAL:
HELENA CARVALHÃO BUESCU



LITERATURA-MUNDO
COMPARADA, PERSPECTIVAS
EM PORTUGUÊS, PARTE

II COORDENAÇÃO (PARTE II):
HELENA CARVALHÃO BUESCU, CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO,
MARIA GRACIETE SILVA E SIMÃO VALENTE

O MUNDO

LIDO:

EUROPA

3

TINTA DA CHINA



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

LITERATURA-MUNDO COMPARADA
PERSPECTIVAS EM PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO GERAL: HELENA CARVALHÃO BUESCU

PARTE II

O MUNDO LIDO: EUROPA

VOLUME 3



COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
HELENA CARVALHÃO BUESCU
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
MARIA GRACIETE SILVA
SIMÃO VALENTE

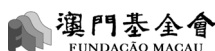
LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



Este trabalho é financiado
por fundos nacionais através da FCT —
Fundação para a Ciência e a Tecnologia,
I.P., no âmbito do projeto
UID/ELT/0509/2013

APOIOS:



© 2018, Centro de Estudos Comparatistas
da Universidade de Lisboa
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6 A | 1500-461 Lisboa
21 726 90 28/29 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO:

Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em português
II — O mundo lido: Europa (Volume 3)

COORDENAÇÃO GERAL:

Helena Carvalhão Buescu

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DE *II — O MUNDO LIDO: EUROPA*:

Helena Carvalhão Buescu, Cristina Almeida Ribeiro,
Maria Graciete Silva, Simão Valente

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DE *II — O MUNDO LIDO: EUROPA*

Amândio Reis, Ariadne Nunes, Arijana Medvedec, Bruno Mourato, Camila Seixas e Sousa,
Cheila Sousa, Francisco Carlos Marques, Gonçalo Cordeiro, Inês Forjaz de Lacerda, Joana Moura,
João Gabriel, Miriam de Sousa, Patrícia Infante da Câmara, Rafael Esteves Martins

COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china

CAPA: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2018

ISBN 978-989-671-428-4

Depósito Legal n.º 439097/18

Este volume reproduz
os textos fixados nas edições
consultadas, e identificadas
junto a cada texto.

COLABORADORES

(PARTE II, VOLS. 3 E 4)

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DE

O MUNDO LIDO: EUROPA:

Helena Carvalhão Buescu

Cristina Almeida Ribeiro

Maria Graciete Silva

Simão Valente

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DE

O MUNDO LIDO: EUROPA:

Amândio Reis

Ariadne Nunes

Arijana Medvedec

Bruno Mourato

Camila Seixas e Sousa

Cheila Sousa

Francisco Carlos Marques

Gonçalo Cordeiro

Inês Forjaz de Lacerda

Joana Moura

João Gabriel

Miriam de Sousa

Patrícia Infante da Câmara

Rafael Esteves Martins

COLABORADORES DE

O MUNDO LIDO: EUROPA:

Adauto Clemente

Adelaide Meira Serras

Alexandra Assis Rosa

Ália Rodrigues

Ana Daniela Coelho

Ana Filipa Prata

Ana Luísa Amaral

Ana Maria Delgado

Ana Paula Coutinho

Anabela Couto

Anabela Cristina Costa da Silva Ferreira

Ângela Fernandes

Angélica Varandas

Anna M. Klobucka

António Feijó

António Sousa Ribeiro

Arnaldo Espírito Santo

Bruno Henriques

Carina Amaral dos Santos

Carla Sofia Amado

Carolina Sousa

Clara Riso

Clara Rowland

Corneliu Popa

Cristina Robalo Cordeiro

Daniela di Pasquale

Elisa Távares

Ernesto Rodrigues

Eugénia Leal

Fátima Fernandes da Silva

Fátima Freitas Morna

Fernanda Gil Costa

Fernanda Mota Alves

Fernando Guerreiro

Filipa de Paula Viegas Soares

Francisco Nazareth

Frederico Lourenço

Graciete Londrim

Gualter Cunha

Gustavo Infante

Hanna Pieta

Hélio Pires

Hugo Milhanas Machado

Isabel Almeida

Isabel Araújo Branco

Isabel Fernandes

Javier Gómez Montero	Maria José Pérez Harhuth
Jerzy Brzozowski	Maria Teresa Perdigão
Joana Pimentel	Marie-Reine de Sá
João Almeida Flor	Marta Teixeira Anacleto
João Barrento	Mihai Zamfir
João Ferreira Duarte	Nuno Júdice
João Pedro Vicente Faustino	Oana Fotache
Joaquim José de Sousa Coelho Ramos	Patrícia Couto
Jorge Almeida	Patricia Odber de Baubeta
Jorge Beleza	Paulo Farmhouse Alberto
José Augusto Ramos	Pedro Ferré
José Bértolo	Pedro Martins
José Carlos Costa Dias	Raquel Moraes
José Pedro Serra	Regina Pereira da Silva
José Salgado	Ricardo Gil Soeiro
José Tolentino de Mendonça	Rita Bueno Maia
Júlia Zitná	Rita Correia
Kateřina Štěpánková	Roxana Ciolaneanu
Leonor Moura	Rui Miranda
Lia Ferreira	Rui Pina Coelho
Liviu Papadima	Sandra Carla Ferreira Pinheiro
Luís Araújo	Sara Morgadinho Lopes
Luís Cerqueira	Sofia Palma
Luísa Afonso Soares	Svend Erik Larsen
Luísa Azuaga	Tatiana Faia
Luísa Maria Flora	Teresa Cadete
Madalena Simões	Teresa Casal
Manuel Gusmão	Teresa Cid
Manuel Portela	Teresa Fernandes Swiatkiewicz
Manuela Carvalho	Teresa Pinto da Rocha Jorge Ferreira
Manuela Neto	Teresa Seruya
Manuela Valente	Tiago Guerreiro da Silva
Margarida Madureira	Vanessa Castagna
Margarida Vale de Gato	Vera Lúcia Peixoto da Silva
Maria do Céu Fialho	Vera San Payo de Lemos
Maria Fernanda de Abreu	Verónica Manole
Maria Hermínia Laurel	Vítor Aguiar e Silva
Maria Isabel Barbudo	Zlatka Timenova
Maria João Brilhante	

PARTE II
O MUNDO LIDO: EUROPA
(VOLUME 3)

ÍNDICE GERAL

Palavras Prévias	27
Introdução Geral	29
Introdução — <i>O Mundo Lido: Europa</i>	35

(I) CARTOGRAFIAS DA TRADIÇÃO

Hans Christian ANDERSEN	
«A princesa e a ervilha», in <i>Contos de Andersen</i>	43
ANÓNIMO	
«IV. O destino de Aino», in <i>Kalevala</i>	44
ANÓNIMO	
«(34. ^a aventura)», in «A Canção dos Nibelungos», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	48
ANÓNIMO	
«Edda. A criação dos mundos», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	50
ANÓNIMO	
«Lludd e Llevelys», in <i>O Mabinogion</i>	52
ARISTÓTELES	
<i>Poética</i>	54
Charles BAUDELAIRE	
«O cisne», in <i>As Flores do Mal</i>	56
Gottfried BENN	
«Cariátide», in <i>Sämtliche Werke</i>	58
BÍBLIA	
<i>Nova Bíblia dos Capuchinhos</i>	59
Hermann BROCH	
«O regresso de Virgílio», in <i>Novas Histórias com Tempo e Lugar</i>	92
Rosalía de CASTRO	
«A gaita galega», in <i>Antologia Poética: Cancioneiro rosaliano</i>	95
Paul CELAN	
[Ouço dizer que o machado deu flor], in <i>Gedichte</i>	97

Miguel de CERVANTES «Parte I, capítulo 25», in <i>Dom Quixote de la Mancha</i>	98
CÍCERO «Tratado da amizade», in <i>Tratados da Amizade, Paradoxos e Sonbo de Cipião</i>	102
CHRÉTIEN DE TROYES [O Cortejo do Graal], in <i>Conto do Graal ou o Romance de Perceval</i>	106
Mihai EMINESCU «Hypérion — A estrela da manhã», in <i>Poesias</i>	109
ESOPO «A raposa e as uvas», in <i>Esopo — Fábulas (antologia)</i>	112
ÉSQUILO «Euménides», in <i>Oresteia</i>	113
FEDRO «Acerca da raposa e da uva», in <i>Fábulas</i>	121
Dario FO «La leçon des italiens», in <i>A Filha do Papa</i>	122
Federico GARCÍA LORCA «Romance sonâmbulo», in <i>Poemas</i>	124
J.W. GOETHE «Prometeu», in <i>Poemas</i>	127
Luis de GÓNGORA [Enquanto, ao competir com teu cabelo], in <i>Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»</i>	129
Friedrich HÖLDERLIN «Mnemosina (terceira versão)», in <i>Lógica Poética: Friedrich Hölderlin</i>	130
HOMERO <i>Iliada</i>	132
<i>Odisseia</i>	141
HORÁCIO «Ode XI», in <i>Odes Escolhidas</i>	154
John KEATS «Ode a uma urna grega», in <i>The Major Works</i>	155
Jean de LA FONTAINE «A raposa e as uvas», in <i>100 Fábulas de La Fontaine</i>	157

Valéry LARBAUD « <i>Carpe diem...</i> », in <i>Colóquio Letras 165: Vozes da poesia europeia — II</i>	158
Tito LÍVIO <i>História de Roma. Ab urbe Condita, Livro I</i>	160
Christopher MARLOWE «Cena 5», in <i>A História Trágica da Vida e Morte do Doutor Fausto</i>	163
Michel de MONTAIGNE «Da amizade», in <i>Œuvres Complètes — Essais</i>	165
OVÍDIO «Pigmalião», in <i>Metamorfoses</i>	168
Emilia PARDO BAZÁN «A última ilusão de Don Juan», in <i>Cuentos de Amor</i>	170
Maria PAWLIKOWSKA-JASNORZEWSKA «Ofélia», in <i>Diálogos no Feminino: Antologia poética</i>	173
Ezra POUND «Canto I», in <i>Os Cantos</i>	174
Giánnis RITSOS «O desespero de Penélope», in <i>Antologia</i>	177
Garci RODRÍGUEZ DE MONTALVO «Capítulo 48», in <i>Amadís de Gaula</i>	178
Giórgos SEFÉRIS «Micenas», in <i>Piimata</i>	184
George Bernard SHAW «Acto I», in <i>Pigmalião</i>	186
Mary SHELLEY «Capítulo IV», in <i>Frankenstein, ou o Prometeu Moderno</i>	193
Alfred TENNYSON «Ulisses», in <i>Poemas</i>	195
TERESA DE ÁVILA «Sobre aquelas palavras ‘Dilectus meus mihi’», in <i>Antologia da Poesia Espanhola do «Século de Oro»</i>	197
J.R.R. TOLKIEN <i>O Senhor dos Anéis: A irmandade do anel</i>	198
Gonzalo TORRENTE BALLESTER «Capítulo I», in <i>Don Juan</i>	200

VERGÍLIO
«Cantos I, IV e VI», in *Eneida* 205

Marguerite YOURCENAR
Memórias de Adriano 211

(2) MEMÓRIA E VIDA

AGOSTINHO DE HIPONA
Confissões 217

ANÓNIMO
«Vagamundo», in *Homo Viator: Estudos em homenagem a Fernando Cristóvão* 222

Guillaume APOLLINAIRE
«A ponte de Mirabeau», in *Oiro de Vário Tempo e Lugar: De São Francisco de Assis a Louis Aragon* 225

Charles BAUDELAIRE
«A uma passante», in *As Flores do Mal* 226

Samuel BECKETT
«Segundo acto», in *Dias Felizes* 227

Lucian BLAGA
«Sol ibérico», in *Nas Cortes da Saudade: Antologia poética* 230

Karen BLIXEN
«3 — O selvagem na casa da imigrante», in *África Minha* 231

Blaise CENDRARS
«Prosa do transiberiano», in *Poesia em Viagem* 234

CHATEAUBRIAND
Atala: René 236

Fiódor DOSTOIÉVSKI
«A história de Nástenka», in *Noites Brancas* 239

T.S. ELIOT
«O enterramento dos mortos», in *A Terra sem Vida* 242

Dinu FLAMAND
[a janela entreaberta vende na rua], in *Sombras e Falésias* 245

Knut HAMSUN
Fome 246

Seamus HEANEY
«A península», in *Antologia Poética* 249

Heinrich HEINE «Capítulo VI», in <i>Ideen: Das Buch le Grand</i>	250
Friedrich HÖLDERLIN «A meio da vida», in <i>Sämtliche Werke und Briefe</i>	254
HORÁCIO «Ode X», in <i>Odes Escolhidas</i>	255
Jens Peter JACOBSEN «Capítulo III», in <i>Niels Lybne</i>	256
Miljenko JERGOVIĆ «O túmulo», in <i>Marlboro Sarajevo</i>	258
James JOYCE <i>Ulisses</i>	262
Konstantinos KAVÁFIS «Um velho», in <i>145 Poemas</i>	269
Patrick KAVANAGH «O hospital», in <i>Estradas Secundárias: Doze poetas irlandeses</i>	270
John KEATS «Ode a um rouxinol», in <i>The Major Works</i>	271
Jaan KROSS <i>O Louco do Czar</i>	274
Milan KUNDERA «Capítulo 11», in <i>A Insustentável Leveza do Ser</i>	277
Giacomo LEOPARDI «O infinito», in <i>Cantos</i>	279
Mikhail LERMONTOV <i>O Herói do Nosso Tempo</i>	280
Doris LESSING «O filho do amor», in <i>As Avós e Outras Histórias</i>	282
LUCRÉCIO «Canto I — vv. 136-634», in <i>De Rerum Natura</i>	287
Artur LUNDKVIST «Afo(li)rismos», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	301
Sándor MÁRAI <i>A Herança de Eszter</i>	302

Guy de MAUPASSANT «Aparição», in <i>Contos Escolhidos</i>	306
Ian MCEWAN «Capítulo I», in <i>Expição</i>	313
Czesław MIŁOSZ «Campo di Fiori», in <i>Versos Polacos</i>	318
Patrick MODIANO <i>Dora Bruder</i>	321
Eugenio MONTALE «Não cortes, tesoura, aquele vulto», in <i>Poesia</i>	324
Tahir MUJIČIĆ «Os velhos sentaram-se», in <i>Luna Lusitana</i>	325
Iris MURDOCH «Capítulo VII», in <i>Os Olhos da Aranha</i>	328
P. MUSTAPÄÄ «Recordação», in <i>Poesia Nórdica</i>	333
Martinus NIJHOFF «Eu e o menino», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	334
Pier Paolo PASOLINI «Balada das Mães», in <i>Tutte le Poesie</i>	335
Alexander POPE «Elegia à memória de uma dama desventurada», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	337
Nicolae PRELIPCEANU «A biblioteca fatal», in <i>Binemuritorul</i>	338
Marcel PROUST <i>À la Recherche du Temps Perdu — Du côté de chez Swann</i>	340
Aleksandr PÚCHKIN «Capítulo I — O tiro», in <i>Guerra: Contos</i>	350
C.F. RAMUZ <i>La Beauté sur la Terre</i>	356
Arthur RIMBAUD «Manhã», in <i>Iluminações: Uma cerveja no inferno</i>	361
Jean-Jacques ROUSSEAU «Livro Primeiro», in <i>Confissões</i>	362

Bruno SCHULZ «A Rua dos Crocodilos», in <i>As Lojas de Canela</i>	365
Giórgos SEFÉRIS «Uma fala sobre o Verão», in <i>Piimata</i>	370
Antonio TABUCCHI <i>O Tempo Envelhece Depressa</i>	372
Torquato TASSO «Canto XVI», in <i>Jerusalém Libertada</i>	375
Anton TCHÉKHOV «Primeiro acto», in <i>O Tio Vânia: Cenas da vida no campo</i>	378
Georg TRAKL «Élis», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	380
Ivan TURGUÉNIEV <i>Diário de Um Homem Supérfluo</i>	382
Paul VERLAINE [Chora no meu coração], in <i>Poemas Saturnianos e Outros</i>	384
Boris VIAN [Não queria patear], in <i>Canções e Poemas</i>	385
François VILLON «Balada das damas do tempo antigo», in <i>Os Testamentos de François Villon e Algumas Baladas mais</i>	388
Walther von der VOGELWEIDE «Elegia», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	389
Virginia WOOLF <i>Mrs. Dalloway</i>	391
William WORDSWORTH «Narcisos», in <i>Poetical Works</i>	395
Émile ZOLA «Primeira parte, capítulo 1», in <i>Germinal</i>	396

(3) HUMOR, SÁTIRA E IRONIA

ANÓNIMO «Capítulo V», in <i>A Vida de Lazarillo de Tormes e das Suas Venturas e Adversidades</i>	403
APULEIO <i>O Burro de Ouro</i>	408

Tudor ARGHEZI «Epígrafe no grande espelho», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	411
Antonin ARTAUD «Os sentimentos atrasam», in <i>Os Sentimentos Atrasam</i>	412
Mikhaíl BULGAKOV <i>Margarida e o Mestre</i>	416
Miguel de CERVANTES «Parte II, capítulo 3», in <i>Dom Quixote de la Mancha</i>	421
Charles DICKENS «Capítulo II», in <i>Os Cadernos de Pickwick</i>	427
Denis DIDEROT <i>Jacques, o Fatalista</i>	432
ESOPO «Diógenes e o calvo», in <i>Esopo — Fábulas (antologia)</i>	435
FEDRO «O burro a um velho pastor», in <i>Fábulas</i>	436
Dario FO «Como conseguir participar numa comédia grotesca, sem máscara», in <i>A Filha do Papa</i>	437
Nikolai GÓGOL «O capote», in <i>Contos de São Petersburgo</i>	439
Carlo GOLDONI <i>A Estalajadeira</i>	446
Jaroslav HAŠEK «Švejk vai para a tropa», in <i>O Bom Soldado Švejk</i>	451
Zbigniew HERBERT «Da mitologia», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	456
Aldous HUXLEY <i>Admirável Mundo Novo</i>	457
Eugène IONESCO «A lição», in <i>Teatro 1 — A Cantora Careca, A Lição, As Cadeira</i>	461
Franz KAFKA «Um médico rural», in <i>Os Contos</i>	468
Gerrit KOMRIJ «Antípoda», in <i>Contrabando: Uma antologia poética</i>	473

Jean de LA FONTAINE «O corvo e a raposa», in <i>100 Fábulas de La Fontaine</i>	474
Javier MARÍAS <i>O Teu Rosto Amanhá: 1. Febre e lança</i>	476
Henri MICHAUX «Mais mudanças», in <i>As Minbas Propriedades</i>	478
MOLIÈRE «Cena IV», in <i>O Misanthropo</i>	481
Charles de MONTESQUIEU «Carta XXX», in <i>Cartas Persas</i>	486
Robert MUSIL «Capítulos 4 e 5», in <i>O Homem sem Qualidades</i>	487
PETRÓNIO «Satyricon», in <i>Petronii Arbitri Satyricon Reliquiae</i>	493
Luigi PIRANDELLO «Primeiro acto», in <i>Seis Personagens à Procura de Autor</i>	496
Fernando de ROJAS «Quarto acto», in <i>A Celestina</i>	500
Anton TCHÉKHOV «A morte de um funcionário», in <i>Contos e Novelas</i>	502
Julian TUWIM «Os óculos», in <i>Tuwim</i>	505
Eduard VILDE <i>O Leiteiro de Mäeküla</i>	500
VOLTAIRE «Capítulo sexto», in <i>Cândido, ou o Optimismo</i>	508
Oscar WILDE «I Ato», in <i>Um Marido Ideal</i>	510

(4) POESIA SOBRE POESIA

Rafael ALBERTI «Tu fizeste aquela obra», in <i>Três Momentos da Poesia Europeia: De Safo e Píndaro a Ungaretti e Salina</i>	515
ARISTÓTELES <i>Poética</i>	517

Lucian BLAGA «O versificador», in <i>Nas Cortes da Saudade: Antologia poética</i>	526
William BLAKE «O Tigre», in <i>Canções de Inocência e de Experiência Mostrando os dois Estados Contrários da Alma Humana</i>	527
Robert BROWNING «Pictor Ignotus», in <i>Monólogos Dramáticos</i>	528
Miguel de CERVANTES «Parte I, capítulo 9», in <i>Dom Quixote de la Mancha</i>	531
Louis d'Espinay d'ESTELAN «Soneto do espelho», in <i>Colóquio Letras 164: Vozes da poesia europeia – II</i>	534
André GIDE <i>Os Moedeiros Falsos</i>	535
J. W. GOETHE «Dedicatória», in <i>Fausto. Uma tragédia</i>	541
Witold GOMBROWICZ «Sedução e continuação do encurralamento na juventude», in <i>Ferdydurke</i>	543
GUILLAUME DE POITIERS [Farei uma canção nova], in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	556
Jorge GUILLÉN «O pessoal», in <i>Três Momentos da Poesia Europeia: De Safo e Píndaro a Ungaretti e Salinas</i>	558
Seamus HEANEY «Os cortadores de sementes», in <i>Antologia Poética</i>	559
Friedrich HÖLDERLIN «Às Parcas», in <i>Sämtliche Werke und Briefe</i>	560
HORÁCIO «Livro III, ode XXX», in <i>Odes Escolhidas</i> <i>Arte Poética</i>	561 562
Ted HUGHES «A raposa-pensamento», in <i>O Fazer da Poesia</i>	563
Konstantinos KAVAFIS «Um nobre bizantino, no exílio, versificador», in <i>145 Poemas</i>	564
Gerrit KOMRIJ «Resíduo», in <i>Contrabando: Uma antologia poética</i>	565

Dezső KOSZTOLÁNYI «Que comovente, um mau poeta», in <i>Antologia da Poesia Húngara</i>	566
D.H. LAWRENCE «Capítulo XXIX: Continental», in <i>Women in Love</i>	567
LUCRÉCIO «Canto I, vv. 1-79», in <i>De Rerum Natura</i>	571
Stéphane MALLARMÉ «A sesta de um fauno: écogla», in <i>Poesias</i>	574
Ossip MANDELSTAM [Vivemos sem sentir o país sob os pés], in <i>Guarda Minha Fala para sempre</i>	578
Czesław MIŁOSZ «Leituras», in <i>Versos Polacos</i>	579
Cees NOOTEBOOM «Engodo», in <i>Poesia do Mundo</i>	580
Saint-John PERSE «Estreitos são os navios», in <i>Colóquio Letras 165: Vozes da poesia europeia – III</i>	581
Francesco PETRARCA «Soneto 1», in <i>As Rimas de Petrarca</i>	582
PLATÃO «Livro VI», «Livro VII» e «Livro X», in <i>República</i>	583
Francis PONGE «A sonhadora matéria», in <i>Nouveau Recueil</i>	595
Ioan Es POP [se não me tivessem forçado a falar], in <i>Unelte de Dormit</i>	596
Nicolae PRELIPCEANU «A biblioteca fatal», in <i>Binemuritorul</i>	598
Arthur RIMBAUD «Alquimia do verbo», in <i>Iluminações: Uma cerveja no inferno</i>	599
Pierre de RONSARD [Quando fordes bem velha ao serão, à candela], in <i>Alguns Amores de Ronsard</i>	605
Giórgos SEFÉRIS «Santorini», in <i>Piímata</i>	606
Percy Bysshe SHELLEY «Hymn to intellectual beauty», in <i>Horas de Fuga</i>	608

Laurence STERNE «Capítulos IV, V e VI», in <i>A Vida e Opiniões de Tristram Shandy</i>	611
Torquato TASSO «Em louvor do senhor Luís de Camões, que escreveu em língua hispânica da viagem de Vasco», in <i>Poesia de 26 Séculos: de Arquíloco a Nietzsche</i>	615
Dylan THOMAS [Sobretudo no instante em que o vento de Outubro], in <i>A Mão ao Assinar Este Papel</i>	616
Marina TSVETÁEVA [Ó musa das lágrimas, a mais bela das musas!], in <i>E Cantou como Canta a Tempestade</i>	618
Tristan TZARA «Atrocidades de Artur & trombeta & escafandrista», in <i>DADA: Antologia Bilingue de Textos Teóricos e Poemas</i>	619
Paul VALÉRY «A», «M», «Z», in <i>Alfabeto</i>	620
Garcilaso de la VEGA [Em minha alma é escrito vosso rosto], in <i>Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»</i>	624
Lope de VEGA [Um soneto me faz fazer Violante], in <i>Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»</i>	625
Paul VERLAINE «Arte poética», in <i>Poemas Saturnianos e Outros</i>	626
William WORDSWORTH «Tintern Abbey», in <i>Horas de Fuga</i>	628
W.B. YEATS «Quando fores velha», in <i>Uma Antologia</i>	632
Zoran ŽIVKOVIĆ «A biblioteca nocturna», in <i>A Biblioteca.</i>	633

(5) VIAGENS E (DES)CONHECIMENTO DO OUTRO

ANÓNIMO «O marinheiro», in <i>Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro</i>	637
Michel BUTOR «L», in <i>La Modification</i>	639

Italo CALVINO «As cidades e os olhos. 1», in <i>As Cidades Invisíveis</i>	645
Lewis CARROLL «Pela toca do coelho abaixo», in <i>As Aventuras de Alice</i>	647
Miguel de CERVANTES «Capítulo primeiro do terceiro livro», in <i>Os Trabalhos de Persiles e Sigismunda</i>	651
Samuel Taylor COLERIDGE «Rima do Velho Marinheiro, Parte I», in <i>Lyrical Ballads</i>	656
Joseph CONRAD <i>Coração das Trevas</i>	660
Daniel DEFOE <i>Robinson Crusoe</i>	666
E.M. FORSTER «Capítulo II», in <i>Passagem para a Índia</i>	670
J.W. GOETHE <i>Viagem a Itália (1786-1788)</i>	675
Werner HERZOG «Quinta-feira, 28 de Novembro», in <i>Caminhar no Gelo</i>	678
Hermann HESSE «O filho de brâmane», in <i>Siddhartha. Um poema indiano</i>	681
Alexander Von HUMBOLDT «Descrição da natureza. Sentimento da natureza de acordo com a diversidade de épocas e de povos», in <i>Pinturas da Natureza — Uma antologia</i>	684
Claudio MAGRIS «X. Entre os outros vienenses», in <i>Danúbio</i>	687
Harry MARTINSON «Ventos alísios», in <i>Comboio Camuflado</i>	692
Michel de MONTAIGNE «Dos canibais», in <i>Œuvres Complètes — Essais, Livre I</i>	694
Thomas MORE «A ilha», in <i>Utopia ou a Melhor Forma de Governo</i>	705
MULTATULI «Capítulo primeiro», in <i>Max Havelaar</i>	707

Cees NOOTEBOOM <i>O (Des)caminho para Santiago</i>	714
Álvar NÚÑEZ CABEZA DE VACA «Capítulos 15-17», in <i>Naufrágios</i>	718
Marco POLO <i>Viagens</i>	722
William SHAKESPEARE «Acto 1, cena 1», in <i>A Tempestade</i>	725
J.J. SLAUERHOFF «Capítulo 1», in <i>O Reino Proibido</i>	728
Edith SÖDERGRAN «Regresso», in <i>Poesia nórdica</i>	733
Bram STOKER «Capítulo I — Diário de Jonathan Barker», in <i>Drácula</i>	734
VOLTAIRE «Capítulo quinto», in <i>Cândido, ou o Optimismo</i>	737

PALAVRAS PRÉVIAS

Quero, na qualidade de coordenadora geral deste projecto, deixar uma palavra pessoal de reconhecimento, apreço e admiração a todos os membros da equipa organizadora. Os seus membros variaram de acordo com os objectivos de cada um dos subgrupos adiante mencionados. A dedicação, o entusiasmo, a colaboração generosa de todos foram, nos vários anos ao longo dos quais este projecto decorreu, uma das mais compensadoras experiências académicas que pessoalmente tive, bem como a confirmação de que a Universidade tem muito a fazer, quando conta com pessoas que acreditam nos seus projectos e na possibilidade de os partilhar com uma comunidade que, aqui, é tanto científica como, mais latamente, a de todos quantos lêem em português. A Literatura-Mundo em português sob uma perspectiva comparatista é uma área que esta antologia aborda e de que mostra apenas uma pequena parte.

HELENA CARVALHÃO BUESCU
Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

INTRODUÇÃO GERAL

Este conjunto de antologias corresponde a um projecto desenvolvido no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, relativo ao campo de estudos da Literatura-Mundo (*World Literature, Weltliteratur*), a que por razões científicas chamamos Literatura-Mundo Comparada. A visão que aqui se propõe para esse campo é, pois, uma visão comparatista, sem a qual não nos parece que a Literatura-Mundo possa realmente existir. É o enfoque comparatista que permite a leitura destes textos, de variadíssimas proveniências mundiais (geográficas e históricas), simultaneamente como objectos singulares (cada texto em si mesmo considerado) e como objectos em diálogo e por essa razão entre si comparáveis, dando assim conta da perspectiva diferenciada, nas suas diversas semelhanças, paralelos e contrastes, que a Literatura-Mundo Comparada tem de saber reconhecer e sustentar.

Diga-se desde já que este conjunto de antologias exprime o ponto de vista de uma equipa organizadora historicamente situada em Portugal, e são por isso as categorias estéticas e histórico-sociais mais operativas no contexto português, a partir do qual este projecto foi concebido e realizado, que aqui se encontram plasmadas. É nossa convicção que este tipo de antologias dá a ler não apenas o objecto por si constituído (os textos seleccionados), mas também o ponto de vista de quem constitui o objecto — neste caso, uma equipa de professores de literatura da FLUL e do seu CEC, que olha para o mundo, no início do século XXI, a partir de um ângulo de visão que é o seu. É interessante, por exemplo, considerar que uma semelhante antologia, se realizada dentro de um século, ou a partir de um outro lugar de visão, daria certamente resultados muito diferentes. A consciência desta situação fez parte integrante de todos quantos colaboraram nesta antologia, sendo aliás, do nosso ponto de vista, a confirmação de uma riqueza epistemológica. Trata-se, por isso, de uma leitura historicamente e comparativamente situada no quadro das literaturas do mundo.

Tal leitura deverá também deixar ler aquilo que ocupa principalmente o olhar comparatista: as tensões entre local, regional e mundial, por um

lado; as relações entre língua(s) e diversidade intra e extralinguística, por outro; a convicção de que as fronteiras nacionais não esgotam (antes pelo contrário) a possibilidade de ler textos literários entre si muito diferentes; e a consciência de quem se vai cada vez mais apercebendo, à medida que o trabalho avança, de quantas zonas de silêncio, e mesmo de silenciamento, têm restringido a possibilidade de ler, em português, textos maiores de outras línguas, literaturas e culturas, em especial os mais afastados geográfica e historicamente. Foi esta consciência que norteou o entusiasmo de todos os elementos desta equipa na sua tentativa sistemática, não apenas de visitar de forma regular traduções já existentes em português de textos de outras literaturas, mas sobretudo de encontrar colaboradores que, a maior parte das vezes *ad hoc* e de forma generosa, se prestassem a verter textos nunca até agora passíveis de ser lidos em português, mormente em tradução directa (por exemplo, excertos da saga islandesa, textos em bengali, ou contos de autores chineses contemporâneos). Talvez estas apresentações permitam aos leitores continuar a procurar, a ler, quem sabe a traduzir para português ainda outras obras, de forma a tornar mais dialogante a leitura que podemos fazer dos textos que já conhecemos na área da literatura portuguesa, ao cruzá-los com outros e assim permitir encontros desconhecidos e muitas vezes surpreendentes. Contámos com mais de uma centena de colaboradores, cujos nomes são indicados na respectiva lista, a quem gostaríamos de deixar, desde já, o nosso profundo reconhecimento.

É por este conjunto de razões que a nossa antologia, em vários volumes, apresenta uma organização diferenciada, de acordo com as três grandes partes em que se subdivide. A primeira parte reúne as literaturas escritas originalmente em português, ou seja, a literatura portuguesa (desde a Idade Média até ao presente), a literatura brasileira, as cinco literaturas africanas de língua portuguesa e as outras com origem em diversos pontos do planeta, como Goa, Macau ou Timor-Leste. O gesto de a todas reunir representa uma afirmação simbólica de alcance simultaneamente estético e político: o passado colonial pode e deve ser reconhecido como história que atravessa todos os corpos nacionais, na sua espessura cultural e simbólica, a fim de que a realidade pós-colonial possa ser encarada, tanto nos países que são ex-colónias como na antiga potência colonizadora, na projecção do futuro das relações entre essas comunidades e o mundo.

Assim, a literatura portuguesa é integrada na primeira parte desta antologia, e nela ocupa um lugar que, reconhecendo a sua mais extensa densidade histórica no quadro das literaturas em português, com todas

as outras literaturas dialoga de forma privilegiada, não como parcelas de um hipotético «feudo», porém na perspectiva de um colectivo que não se esboroa face às diferentes singularidades. A organização deste subgrupo é, como se verá, temática. As razões para tal ficarão claras da diversidade de leituras que esta estrutura permite e potencia, e serão mencionadas na breve introdução específica que antecede cada um dos subgrupos. Assinalemos entretanto a excepção que *Os Lusíadas* de Luís de Camões constituem, no âmbito de todo o projecto e, por isso, no âmbito deste primeiro subgrupo. Apenas desta obra encontramos excertos em todas as secções temáticas que constituem esta primeira parte da antologia. Reconhecemos com este diferente tratamento a convicção, consensual entre todos os membros da equipa, de que existe um ponto nodal na literatura-mundo comparada, escrita em português, que reenvia, de uma forma ou de outra, a este texto matricial da literatura portuguesa — que se torna, assim, texto matricial também da literatura-mundo escrita em português. Aqui está, por exemplo, a forma como a perspectiva situada deste projecto permite uma aproximação, por um lado, criteriosa e, por outro, reveladora da posição que qualquer antologia perpetua e constrói.

A segunda parte é constituída pelas literaturas da Europa, lugar geopolítico e histórico em que Portugal se situa e com o qual, por essa razão, dialoga de forma também histórica e simbolicamente. Dentro deste segundo grupo, são de notar as heterogeneidades de leitura e de conhecimento das diferentes literaturas que aqui são representadas: a realidade textual de áreas mais distantes (do ponto a partir do qual esta antologia é concebida), como por exemplo a Roménia ou a Islândia, não tem paralelo, por exemplo, com a do território que conhecemos pelo nome de Espanha. Tivemos sempre em mente tais heterogeneidades, bem como a preocupação de, na medida do possível, as corrigir ou pelo menos matizar. Embora estejamos conscientes de que nem sempre foi possível encontrar soluções para garantir uma presença mais significativa em particular das literaturas europeias menos conhecidas, porque menos representadas, em português, fizemos um esforço real para não nos limitarmos ao já anteriormente traduzido, de forma a que esta antologia pudesse também corresponder a um incremento da leitura literária de tradições cujo conhecimento só pode, afinal, enriquecer aquelas com que já pudemos contactar. Nesta segunda parte considerámos também como consensual a organização temática, fazendo dialogar textos das mais diferentes tradições europeias, antigas e modernas. Também os temas escolhidos são análogos aos da primeira parte acima mencionada, com a excepção de uma das categorias («Língua

e Variação») que, no quadro das literaturas europeias, não nos pareceu ter semelhante pertinência à que reconhecemos na primeira parte.

Finalmente, a terceira e última parte abrange as tradições literárias mundiais que não são recobertas pelos volumes anteriores — mas que, entretanto, permitem à literatura escrita em português «olhar para o mundo» («pelo Tejo vai-se para o mundo», como reconhecia o caeiriano Fernando Pessoa): tudo aquilo que está fora quer do quadro «escrito em português» quer do quadro «europeu» é aqui equacionado. O escopo histórico é também ele gradualmente maior, da primeira parte acima mencionada (desde a Idade Média) à segunda parte (a civilização greco-latina) e à terceira (as civilizações pré-clássicas). Por esta razão, pela diversidade estruturalmente mais densa que caracteriza as várias tradições e culturas aqui aproximadas, e ainda pela consciência de que elas exigem uma capacidade mais sistematizada de enquadrar a sua profundidade e até a sua divergência histórica, optámos nesta terceira parte por combinar relação temática e ordenação cronológica. Assim, a organização dos tomos desta parte é de ordem predominantemente histórica, visível não apenas na ordenação das grandes secções que os organizam mas, também, no conjunto de outros materiais (linhas temporais, mapas) que figuram como complemento para uma leitura mais informada dos respectivos textos literários. Ainda pela mesma razão, as notas críticas que existem em todas as partes que constituem a antologia, e que pretendem tornar possível uma leitura historicamente mais situada, mas também cruzada, dos textos antologiadados, são na sua maioria substancialmente mais extensas nesta terceira parte, de forma a permitir uma leitura mais integrada das «zonas de silêncio ou silenciamento» que o projecto tentou tornar visíveis.

Por um lado, todos os tomos das três partes referidas, ao optarem por, de uma forma ou de outra, apresentar categorias temáticas como modo de integração textual, propõem na verdade uma articulação comparatista entre os textos que as compõem, e um consequente diálogo entre eles — melhor diríamos, diferentes formas de diálogo, que contam com a participação interpretativa do leitor para serem activadas. Por outro lado, a opção por períodos latos, na Parte III da antologia, é subsumida pela lógica inclusiva do gesto antológico. Certamente, qualquer inclusão é também uma exclusão. Mas isso não deve impedir-nos de conhecer, na medida do possível, aquilo que podemos almejar a conhecer. Nada é pior do que o fechamento ao que nos é exterior, seja qual for o pretexto usado para o justificar. Aquilo que cada leitor fará com esta antologia abre possibilidades imensas e aliás impossíveis de prever: foi isso que também dirigiu o nosso entusiasmo. Vemos

as leituras possíveis como construtivas e múltiplas, concebendo a estrutura da antologia como uma estrutura de cruzamento comparatista, uma produção de questionamentos vários a partir do conjunto proposto, que seriam impossíveis a partir dos textos isolados. Não ignorámos que os riscos de cruzamentos imprevistos podem dar azo ao choque entre tempos históricos diferenciados (e variados até no mesmo tempo, haja em vista as várias Idades Médias). Parece-nos isto, entretanto, uma vantagem de leitura que quisemos arriscar.

Para terminar, alguns brevíssimos critérios fundamentais na apresentação dos textos: 1) foi definido como *terminus ad quem* para a nossa escolha o ano de 2000, não tendo sido considerado para esta antologia nenhum autor que tenha começado a publicar apenas depois dessa data; 2) a estrutura dos volumes é obtida a partir do corpo de textos e de categorias que os constituem (Partes I e II), ou da articulação entre os grandes períodos históricos e as categorias temáticas (Parte III); 3) foram actualizadas as grafias, em particular de textos medievais (por exemplo, o de Fernão Lopes, que generosamente a nossa colaboradora Teresa Amado se prestou a trabalhar); 4) foram aceites textos traduzidos a quatro mãos, nomeadamente aquelas traduções produzidas no âmbito dos vários leitorados de Português espalhados pelo mundo inteiro (pelo que estamos muito reconhecidos em particular ao Camões — Instituto da Cooperação e da Língua); 5) sempre que possível, foram utilizadas traduções directas, depois de cuidadoso escrutínio, nomeadamente em casos em que existiam várias traduções; as raras traduções indirectas publicadas vão sempre indicadas como tal no próprio texto; 6) foram também integradas experiências de tradução poética (como no caso de Herberto Helder); 7) finalmente, cada parte apresenta, no final, breves notas críticas relativas ao autor e/ou aos textos publicados, de modo a permitir um melhor enquadramento das obras e dos respectivos excertos escolhidos.

Nota editorial: Tendo em vista a aplicação de um critério uniforme e coerente de organização dos textos na antologia, estabeleceu-se como norma a ordenação alfabética dos autores, dentro de cada categoria, pelo último apelido. Exceptuam-se: os apelidos compostos; no caso de autores espanhóis, o uso de dois apelidos, sempre que os haja e de acordo com as normas gerais de catalogação; os nomes de santos, apresentados em versão portuguesa e pelo nome próprio; alguns casos de substituição do nome do autor por

pseudónimo ou nome artístico institucionalmente reconhecido. As notas críticas finais são organizadas alfabeticamente pelo nome próprio ou artístico do autor e, no caso de obras anónimas, pelo título, grafados sempre com maiúscula.

A EQUIPA,
Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

INTRODUÇÃO

O Mundo Lido: Europa

Segunda das três partes que compõem o projecto *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português*, esta antologia tem como objectivo oferecer ao leitor um conjunto significativo de textos das diversas línguas e literaturas europeias traduzidos para português. Conjugando a interrogação activa do conceito de «*Literatura-Mundo Comparada*» com a de uma Europa literária que só existe na pluralidade extrínseca e intrínseca das suas representações, a antologia explora, tanto na identificação do *corpus* como na sua organização, a articulação entre a perspectiva comparatista que informa o projecto de que nasce e a dimensão produtiva e concreta do gesto antológico. Após uma primeira parte que tem na língua comum o seu eixo de selecção e organização, ao cingir-se a textos literários originalmente escritos em português e oriundos de diferentes tradições, a segunda parte enceta o alargamento do projecto e do conceito de *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português* a um conjunto de textos de literatura-mundo traduzidos para português, neste caso relativos à Europa. Reconhece-se, assim, a importância da tradução na mundialização das literaturas em português, o que pressupõe um imprescindível diálogo com a primeira parte (e com a terceira, de outro modo) que potencie a compreensão do contributo decisivo da *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português* para a construção de uma Europa não etnocêntrica. É, pois, da articulação produtiva entre unidade e diversidade que se faz este livro.

O objectivo primeiro deste duplo esforço — a afirmação teórica de um entendimento «mundial» e plural das literaturas em português e a proposta concreta de uma articulação, no corpo da antologia, entre textos e literaturas diferentes — é oferecer ao leitor uma publicação que possa ser entendida como um lugar de encontro. E a primeira consequência do que foi dito é que a organização da antologia não reflecte nem uma estruturação por país ou por área linguística, nem uma organização cronológica de base. Efectivamente, a sua leitura permite a construção de diálogos entre os textos individuais que a compõem fora das delimitações tradicionalmente atribuídas

às literaturas nacionais, porém, sem nunca omitir a sua historicidade. É no espaço da antologia, enquanto plataforma de cruzamentos, que estes textos se encontram, enquadrados pelas nove categorias que propomos e que reflectem já um momento prévio de leitura, por parte da equipa, de possíveis afinidades e mútuas iluminações entre os diferentes textos seleccionados.

As nove categorias escolhidas — 1) Cartografias da Tradição; 2) Memória e Vida; 3) Humor, Sátira e Ironia; 4) Poesia sobre Poesia; 5) Viagens e (Des) Conhecimento do Outro; 6) Amor e Experiência; 7) História e Identidade; 8) Conflito e Violência; 9) Literatura e Condição Humana — organizam o *corpus* da antologia, que foi constituído pela equipa a partir de uma consulta alargada a mais de 70 colaboradores, especialistas das literaturas convocadas, permitindo-nos ao mesmo tempo assumir o gesto antológico (de acordo com o que já se disse na Introdução Geral) e enquadrar as escolhas propostas no diálogo com especialistas das áreas em causa. Correspondendo a secções temáticas amplas, tais conjuntos permitem, por um lado, uma variedade significativa nos textos que os compõem e, por outro, uma porosidade constante entre categorias que, embora não sobreponíveis, se intersectam e complementam de forma produtiva. Esta estrutura dinâmica activa, ao mesmo tempo, uma leitura cruzada dos textos por nós reunidos em cada categoria e o diálogo entre os diferentes conjuntos que compõem a parte. A porosidade que sustenta esta antologia — e a variedade dos seus efeitos de leitura sobre conjuntos aparentemente homogêneos — é acrescida pelo facto de que, em muitos casos, textos de um mesmo autor são distribuídos e organizados por categorias distintas, ampliando as linhas de fuga dos diálogos possíveis a partir de uma mesma obra: enquanto grelha ampla de leitura, as categorias estruturam o volume, mais uma vez, a partir da sua diversidade interna.

Por outro lado, a diversidade não é apenas interna: o leitor desta série de antologias reconhecerá neste segundo volume uma grelha de categorias quase coincidente com a do primeiro. Pretendemos deste modo ampliar, à escala do projecto, as possibilidades de cruzamento e a iluminação recíproca das diferentes partes que compõem esta leitura da Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português. Procurámos também reforçar a especificidade de cada volume, e é nesse sentido que a proposta de partilha de categorias entre as duas primeiras antologias é apenas parcial: a categoria «Língua e Variação», determinante numa antologia que escolhe a língua como eixo problematizador, é própria apenas daquele volume. Já no caso vertente, cumpre salientar o relevo concedido aos textos fundadores do pensamento e das letras europeias, enquanto operadores fundamentais de relação entre textos, universos de referência ou geografias literárias distintos, impres-

cindíveis a uma visão da literatura em português enquanto *literatura-mundo* comparada ou, se quisermos, ao entendimento da sua condição cosmopolita.

Completa a antologia a extensa secção das notas críticas, organizadas por autor, para a qual foi fundamental, mais uma vez, o contributo dos vários colaboradores do volume, que elaboraram os seus textos a partir de uma proposta-base aberta a variações e nos permitiram generosamente reforçar a pluralidade de vozes e perspectivas desta antologia.

Nota: Lamentamos que a presente antologia não tenha podido contar com qualquer tradução das edições Relógio D'Água e da Cotovia, por vontade expressa dos respectivos editores.

As antologias, como as enciclopédias, estiveram entre as minhas primeiras paixões de leitor, desde quando era rapaz, e — como todas as paixões, para mim nunca arquiváveis — continuam a estar. Naquelas páginas encontrava as coisas, os rostos, as vozes, os sentimentos, as cores, as histórias do mundo e parecia-me que o seu autor era a própria realidade, o coro de quem a vive, a constrói, a sofre ou a ama. Não sabia que compor uma antologia podia ser uma criação literária e intelectual não menos original e pessoal do que um romance ou um ensaio; ignorava, por exemplo, que *Americana*, a antologia de Vittorini, fora mais importante, para a cultura italiana, do que muitos textos de ficção. Também na escola apreciei as antologias — algumas até por serem más, banais e atamancadas — que me abriram mundos e me fizeram compreender a importância cultural, crítica e fantástica desse verdadeiro género literário, que pode contribuir fortemente para a formação dum indivíduo, duma geração e portanto da sociedade em que aquela vive e actua.

CLAUDIO MAGRIS. «A antologia esquecida», in *Alfabetos*, trad. Antonio Sabler. 2013. Lisboa: Quetzal. 384.

(I)
CARTOGRAFIAS DA TRADIÇÃO

Era uma vez um príncipe, que queria casar com uma princesa, mas com uma princesa autêntica. Viajou, assim, por todo o mundo à procura duma que o fosse realmente, mas em todas que encontrou descobriu sempre alguma coisa que não lhe agradava. Princesas havia muitas; mas, quanto a considerá-las autênticas, não fora capaz de decidir. Havia sempre algo que não era duma princesa genuína. Regressou assim à pátria muito triste, pois desejava ardentemente casar com uma princesa deveras.

Uma noite, estalou tremenda tempestade. Relampejava e trovejava, e caía chuva se Deus a dava! Fazia um tempo terrível! Então, bateu alguém à porta da cidade e o velho rei veio abri-la.

Era uma princesa que estava lá fora. Mas, santo Deus, em que estado a tinha posto a chuva e o mau tempo! A água escorria-lhe dos cabelos, do vestido e do nariz sobre os sapatos, que a vertiam por todos os lados. Era uma verdadeira princesa, declarou ela.

— Está bem, em breve o saberemos! — pensou a rainha velha, que nada disse, contudo. Dirigiu-se ao quarto de hóspedes, tirou a roupa da cama, pôs uma ervilha sobre as tábuas do leito e, depois, pegou em vinte colchões, colocou-os uns em cima dos outros e sobre estes ainda mais vinte edredões. Aí a princesa iria dormir, nessa noite.

No outro dia de manhã, perguntaram-lhe como havia passado a noite. — Oh, terrivelmente mal! — respondeu a princesa. — Quase não preguei olho toda a noite! Sabe Deus o que tinha a cama! Estive deitada sobre qualquer coisa dura que me encheu o corpo todo de nódoas negras! Foi uma noite horrível!

O rei, a rainha e o próprio príncipe puderam deste modo verificar que se tratava duma autêntica princesa. Na verdade, só uma genuína princesa podia ser assim tão sensível.

O príncipe tomou-a, então, por esposa, pois tinha agora a certeza de ter encontrado uma princesa de verdade e a ervilha foi colocada num museu, onde ainda pode ser vista, ninguém a tirou de lá.

Pois esta é também uma história verdadeira!

ANÓNIMO. «IV. O destino de Aino», in *Kalevala: O poema épico da Finlândia*. Tradução de Orlando Moreira. [1849] 2007. Lisboa: Ministério dos Livros. 49-56.

Um dia Aino, jovem moça,
A irmã de Joukahainen,
Vai buscar vassoura ao bosque,
Vai colher galhos prá sauna.
Faz um ramo para o pai
E um ramo para a mãe,
Colhe um terceiro também
Para o corajoso irmão.

Já voltava para casa
Pelo bosque de amieiros
Quando veio Vainamoinen,
Viu a moça no arvoredado,
Em finas vestes pela erva,
Proferiu e assim falou:
«Não pra outros, jovenzinha,
Que só pra mim, jovenzinha,
Uses contas ao pescoço,
Ornes o peito com cruces,
Faças tranças no cabelo
Com bela banda de seda!»

Pôs a moça isto em palavras:
«Nem pra ti nem pra ninguém
Usarei eu cruz ao peito,
Atarei seda ao cabelo.

«Não me interessa roupa cara,
Pão de trigo eu não procuro.
Vivo com modestas vestes,

Cresci de comer migalhas
Pela casa de meu pai,
Com minha querida mãe.»

Ela arranca a cruz do peito,
Dos seus dedos os anéis,
Solta do pescoço as contas,
Da cabeça os fios rubros
Pra dar de proveito ao solo,
Pra dar de gozo à floresta;
Corre pra casa chorando,
À moradia gemendo.

O seu pai estava à janela,
Adornando um cabo de acha:
«Porque choras, pobrezinha,
Minha pobre menininha?»

«Razão tenho eu pra chorar
Muitos ais a lamentar!
Choro por isto, papá,
Choro por isto e lamento:
Soltou-se a cruz do meu peito,
o enfeite da cintura;
Do meu peito, a cruz de prata,
Da cintura, o cinto em cobre.»

Seu irmão pelos portões
Entalhava um ramo curvo:
«Porque choras, pobrezinha,
Minha pobre menininha?»

«Razão tenho eu pra chorar
Muitos ais a lamentar!
Choro por isto, maninho,
Choro por isto e lamento:
Caiu-me o meu anel de ouro
As contas do pescoço;
Perdi o meu anelzinho
E minhas contas de prata.»

Sua irmã ao pé da porta
Vai tecendo cinta em oiro:
«Porque choras, pobrezinha,
Minha pobre menininha?»

«Razão tenho eu pra chorar
Muitos ais a lamentar!
Choro por isto, maninha,
Choro por isto e lamento:
Caiu-me oiro da cabeça
E prata do meu cabelo;
Dos meus olhos, seda azul,
Da cabeça, fita rubra.»

A mãe estava na despensa,
A tirar a nata ao leite:
«Porque choras, pobrezinha,
Minha pobre menininha?»

«Ó mamã que me criou!
Mãezinha que me aleitou!
Ele há causas muito negras,
Muito amargos pensamentos!
Pobre mãe, por isto eu choro,
Mamã, por isto eu me queixo:
Fui buscar vassoura ao bosque,
Fui colher galhos prá sauna;
Fiz um ramo pra meu pai,
Um ramo pra minha mãe,
Colhi terceiro também
Pra meu corajoso irmão.

«Já tornava para casa,
Andando pelo arvoredo,
Quando do vale, da terra,
Veio o de Osmo e assim me disse:
‘Não pra outros, pobrezinha,
Que só pra mim, pobrezinha,
Uses contas ao pescoço,

Ornes o peito com cruces,
Faças tranças no cabelo
Com bela banda de seda!»

«Arranquei a cruz do peito,
Soltei do pescoço as contas,
Dos olhos os fios azuis,
Da cabeça as fitas rubras
Pra dar de proveito ao solo,
Pra dar de gozo à floresta.

Isto assim pus em palavras:
‘Nem pra ti nem pra ninguém
Usarei eu cruz ao peito,
Atarei seda ao cabelo.
Não me interessa roupa cara,
Pão de trigo eu não procuro.
Vivo com modestas vestes,
Cresci de comer migalhas
Pela casa de meu pai,
Com minha querida mãe.’»

ANÓNIMO. «(34.^a aventura)», in «A Canção dos Nibelungos», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. [c. 1200] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 673-674.

Após tais afãs sentaram-se os guerreiros,
mas Volkêr e Hagen apareceram à porta da sala
e os heróis altivos, apoiados às adargas,
trocaram palavras de sabedoria.

Giselher, o bravo da Burgúndia, disse:
— Ainda não é hora de ceder ao repouso;
amigos, temos de levar os mortos para fora da casa:
ainda teremos de sofrer, certo é, mais provações.

Não devem jazer por mais tempo sob os nossos pés,
Antes que por assalto os Hunos triunfem,
dar-lhes-emos, ó alegria, grandes sofrimentos:
é esse, disse Giselher, o meu inflexível querer.

— Que alegria, disse Hagen, servir tal senhor!
Tende por herói quem dá um conselho
como o que agora deu o meu jovem amo.
Burgúndios, podeis erguer-vos na alegria!

Seguiram o conselho, tiraram pela porta
sete mil corpos sem vida e lançaram-nos
para o fundo dos degraus que conduziam à sala.
A sua linhagem soltou um lamento de luto.

Ora alguns deles estavam tão pouco feridos
que com ternos cuidados um deles teria recobrado a vida
mas, caindo de tão alto, logo jazeu morto,
o que para os seus amigos foi grande motivo de tormento.

Volkêr, menestrel e intrépido guerreiro,
disse: «Assim se vê que me falaram verdade:
os Hunos são uns cobardes que gemem como mulheres
quando deveriam estancar o sangue aos companheiros.»

Ora um margrávio achou que ele falava verdade,
e ao ver um dos seus banhado no seu sangue,
já o enlaçava para o levar dali
quando o altivo menestrel o deixou morto sobre o outro...

ANÓNIMO. «Edda. A criação dos mundos», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Manuel João Ramos. [século XIII] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 24-26.

Texto sujeito a Direitos de Autor

ANÓNIMO. «Lludd e Llevelys», in *O Mabinogion*. Tradução de José Domingos Morais. [século XII-XIII] 2000. Lisboa: Assírio & Alvim. 141-148.

Beli, o Grande, filho de Manogan, tinha três filhos, Lludd, Caswallawn e Nynyaw. E segundo a história tinha um quarto filho chamado Llevelys. E depois da morte de Beli, o reino da Ilha da Britânia caiu nas mãos de Lludd, o seu filho mais velho. Lludd governou de maneira próspera, reconstruiu as muralhas de Llundein e guarneceu-as com um sem-número de torres. Depois mandou que os cidadãos construíssem as suas casas adentro das muralhas; e mandou que as casas fossem de tal maneira que em todo o reino não se pudessem achar outras de igual esplendor. Era também um guerreiro valoroso e homem mui generoso e liberal, partilhando viandas e bebidas com todos os que haviam precisão. E embora fosse o senhor de muitos castelos e cidades, era aquela a cidade da sua preferência. E ali vivia a maior parte do ano. Por isso a chamaram de *Caer Lludd* e, por fim, *Llundein*. E foi só depois da chegada de uma nação estrangeira que passou a ter o nome de *Llundein*, ou ainda *Lwndryis*.

Mais que a todos os seus outros irmãos, Lludd amava Llevelys, pois este era homem prudente e sábio. Quando Llevelys ouviu as novas da morte do rei da França, e que morrera sem deixar herdeiro senão uma filha, e que nas mãos de esta filha deixara todas as suas terras e domínios, foi ver seu irmão Lludd, a quem pediu conselho e ajuda. Não era no seu bem-estar que ele pensava, mas antes em acrescentar honra e glória, estado e dignidade ao nome da sua casa, o que por certo aconteceria se ele pudesse ir a França para pedir a mão de aquela donzela e de ela fazer sua mulher e sua esposa. E logo o irmão lhe deu o seu acordo e muito lhe aprovou o seu conselho.

E assim mandou que aparelhassem navios e guarneceu-os com cavaleiros armados. Depois tomou o rumo da França. E logo que aportaram em terra, enviou mensageiros aos nobres da França para lhes declarar a causa de aquela embaixada. E os nobres da França reuniram-se em conselho com os príncipes e em comum acordaram que a donzela fosse dada a Llevelys; e que com ela levasse a coroa do reino da França. De esse dia em diante ele governou aquela terra com prudência e sabedoria e afortunadamente. E assim foi até ao fim da sua vida.

E foi passando o tempo, até que três pragas se abateram sobre a Ilha da Britânia. E foram de tal maneira que nunca naquelas ilhas se vira coisa parecida.

A primeira de elas foi a chegada de um povo de uma certa raça, a que chamam os Coranieid. O seu saber era de tal sorte e tão vasto, que pela ilha toda não havia discurso nem conversa, por mais baixo que fossem falados, que o vento, se vento houvesse, não os levasse aos seus ouvidos. E por assim ser, não havia dano que se lhes pudesse causar.

A segunda praga foi um brado que na noite de cada Primeiro de Maio se fez ouvir em todos os lares da Ilha da Britânia. Era um grito que trespassava o coração das gentes e as enchia de pavor. E era de tal sorte que os homens perdiam a cor e a força, as mulheres perdiam o fruto do seu ventre, os mancebos e as donzelas perdiam o tino e o siso, e os animais e as árvores, as terras e as águas se tornavam estéreis.

A terceira praga foi assim: por mais provisões que se poupassem e por mais comida que se preparasse nas cortes e nos paços do rei, e ainda que o arrecadado bastasse para haver de comer e de beber por todo um ano inteiro, nem uma só migalha e nem uma só gota em bom estado se arrecadavam e para alguma coisa serviam, salvo aquilo que na primeira noite se havia comido e havia bebido.

A primeira praga foi clara e manifesta, mas das outras duas ninguém conhecia as causas nem sabia o que quereriam dizer. E assim era maior a esperança de se libertarem da primeira do que da segunda ou da terceira.

E por isso sentia o Rei Lludd grande aflição e muita inquietação, pois não sabia como haveria de livrar-se de essas pragas. Então convocou todos os nobres do seu reino; e reuniu-os em assembleia para lhes pedir conselho sobre o melhor que haveria a fazer contra aquelas pragas. E o conselho comum de todos os seus nobres foi que Lludd, o filho de Beli, fosse ao encontro de Llevelys, seu irmão e rei da França, pois este era homem de mui bom conselho e sabedoria; e que lhe pedisse o seu bom conselho.

1448 b — Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. Uma prova disto é o que acontece na realidade: as coisas que observamos ao natural e nos fazem pena agradam-nos quando as vemos representadas em imagens muito perfeitas como, por exemplo, as reproduções dos mais repugnantes animais e de cadáveres. A razão disto é também que aprender não é só agradável para os filósofos, mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala. É que eles, quando vêem as imagens, gostam dessa imitação, pois acontece que, vendo, aprendem e deduzem o que representa cada uma, por exemplo, «este é aquele assim e assim». Quando, por acaso, não se viu anteriormente o objecto representado, não é a imitação que causa prazer, mas sim a execução, a cor ou qualquer outro motivo do género.

Estando, pois, de acordo com a nossa natureza a imitação, a harmonia e o ritmo (é evidente que os metros são partes dos ritmos), desde tempos remotos, aqueles que tinham já propensão para estas coisas, desenvolvendo pouco a pouco essa aptidão, criaram a poesia a partir de improvisos. A poesia dividiu-se de acordo com o carácter de cada um: os mais nobres imitaram acções belas e acções de homens bons e os autores mais vulgares imitaram acções de homens vis, compondo primeiramente sátiras, enquanto os outros compunham hinos e encómios.

Na verdade, de nenhum dos autores anteriores a Homero podemos citar um poema deste género, mas é natural que tenha havido muitos e, depois de Homero, começa a haver, por exemplo, o seu *Margites* e outras obras parecidas. Nesses poemas, surgiu o metro iâmbico por ser adequado ao assunto — por isso, ainda hoje se chama iâmbico, uma vez que nesse metro compunham motejos uns contra os outros.

E assim, dos poetas antigos, uns tornaram-se autores de versos heróicos e outros de versos iâmbicos. Homero, ao mesmo tempo que era o maior autor de obras elevadas (foi o único a fazer imitações não só belas, mas também dramáticas), foi também o primeiro a conceber a estrutura da comédia, não fazendo sátira, mas sim dramatizando o ridículo. Realmente, o *Margites* tem para a comédia um papel análogo ao que têm a *Iliada* e a *Odisseia* para a tragédia.

1449 a — Quando a tragédia e a comédia apareceram, dos que se dedicavam a cada uma destas espécies de poesia, de acordo com a sua propensão natural, uns tornaram-se poetas cómicos em vez de autores de iambos, e outros poetas trágicos, em vez de autores épicos, pois que estas formas eram melhores e de maior mérito do que as anteriores. Estudar se a tragédia já chegou ou não a formas suficientemente desenvolvidas, ajuizar isso por si próprio e em relação aos espectáculos, é outro assunto. Tendo surgido, portanto, no início, da improvisação — tanto a tragédia como a comédia, uma a partir dos autores de ditambos, outra dos autores de cantos fálicos, cantos estes que têm aceitação, ainda hoje, em muitas cidades — a tragédia evoluiu pouco a pouco, ao mesmo tempo que se desenvolvia tudo o que lhe era inerente. Após sofrer muitas alterações, a tragédia estabilizou quando atingiu a sua natureza própria. O primeiro a mudar o número de actores de um para dois foi Ésquilo, que também diminuiu as partes do coro e fez com que a parte falada tivesse papel predominante. Sófocles aumentou o número de actores para três e introduziu a cenografia. E ainda, no que respeita à extensão: após um período de pequenas histórias e de linguagem burlesca, devido a ter-se desenvolvido a partir do satírico, a tragédia adquiriu, mais tarde, dignidade, e o metro passou de tetrâmetro a iâmbico. Primitivamente, usavam o tetrâmetro por a poesia ser satírica e mais próxima da dança, mas, quando apareceu o diálogo, naturalmente encontrou-se o metro apropriado. De facto, o iambo é o mais coloquial dos metros. Prova disso é usarmos muitos iambos na conversa uns com os outros e raramente — apenas quando fugimos do tom coloquial — os hexâmetros.

Há ainda o número de episódios. E quanto aos embelezamentos que a tradição diz que cada parte recebeu, considere-se que já os tratámos: na verdade, examinar cada um deles a fundo seria decerto um trabalho moroso.

A Victor Hugo.

I.

Andrómaca, é em vós que eu penso! Este riozinho,
Um pobre e triste espelho onde antes cintilou
A imensa majestade do vosso martírio,
O Símois mentiroso que o choro engrossou,

Fecundou de repente esta memória fértil
Quando eu atravessava o novo Carrousel.
Já não existe o velho Paris (as cidades
Ah! mudam mais depressa que a alma dos mortais);

Só em espírito vejo o campo de barracas,
Conjunto onde se esboçam capitéis e fustes,
As ervas ou os muros esverdeados de água
E brilhando, em xadrez, o bric-à-brac confuso.

Ali ficava outrora um parque cheio de bichos;
Ali vi, de manhã, na hora em que o
Trabalho sob o céu frio acorda, em que os homens do lixo
Varrem um furacão no silêncio do ar,

Um cisne que, evadido da sua gaiola,
Raspava a terra seca com os seus pés palmípedes
E arrastava a plumagem nas covas do solo,
Num riacho sem água o bicho abria o bico

E banhava no pó, nervosamente, as asas,
Dizendo, com saudades do lago natal:
«Quando soarás, trovão? quando é a chuva, ó água?»
Eu vejo este infeliz, mito estranho e fatal,

Às vezes para o céu, como o homem de Ovídio,
 Pró cruelmente azul, tão irónico céu,
 Ir esticando a cabeça em gesto convulsivo
 Como se dirigisse censuras a Deus!

II.

Paris muda! porém, nesta melancolia
 Tudo é igual! andaimes, casas, paços novos,
 Velhos bairros, pra mim tudo é alegoria;
 Pesam como penhascos as minhas memórias.

E assim em frente ao Louvre uma imagem me oprime:
 Penso no grande cisne, com gestos nervosos,
 Tal como os exilados, cómico e sublime,
 Roído por desejos sem tréguas! e em vós,

Andrómaca, dos braços do esposo caída,
 Gado vil, sob a mão de Pirro, tão soberbo,
 Em êxtase curvada, num túmulo vazio;
 Ó viúva de Heitor, ah! e mulher de Heleno!

Penso também na preta, já tísica e magra,
 Chapinhando na lama e procurando às cegas
 Os coqueiros ausentes da grandiosa África
 Para lá da imensa muralha da névoa;

Em alguém que perdeu isso que não se encontra
 Nunca! e nesses que sempre se encharcam no choro
 E na Dor vão mamando como numa loba!
 Nesses órfãos sem pão, secando como flores!

E assim, na floresta onde o espírito exilo,
 Ressoa uma Lembrança e a plenos pulmões!
 Penso nos marinheiros deixados em ilhas,
 Nos presos, nos vencidos!... e em tantos mais!

Gottfried BENN. «Cariátide», in *Sämtliche Werke*, I: *Gedichte*. Tradução inédita de João Barrento a partir da edição de Gerhard Schuster/Ilse Benn. [1916] 1986. Estugarda: Klett-Cotta. 38.

Texto sujeito a Direitos de Autor

« G É N E S I S »

I. HISTÓRIA DAS ORIGENS (I-II)

1. Criação do mundo

¹No princípio, quando Deus criou os céus e a terra,

²a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.

³Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita.

⁴Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.

⁵Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia.

⁶Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras.» E assim aconteceu.

⁷Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento.

⁸Deus chamou céus ao firmamento. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.

⁹Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu.

¹⁰Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom.

¹¹Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.» E assim aconteceu.

¹²A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respectiva semente. Deus viu que isto era bom.

¹³Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia.

¹⁴Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos;

¹⁵servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a Terra.» E assim aconteceu.

¹⁶Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.

¹⁷Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra,

¹⁸para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom.

¹⁹Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia.

²⁰Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus.»

²¹Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.

²²Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.»

²³Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia.

²⁴Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies.» E assim aconteceu.

²⁵Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.

O ser humano — ²⁶Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.»

²⁷Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.

²⁸Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.»

²⁹Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento.

³⁰E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir.» E assim aconteceu.

³¹Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.

2. ¹Foram assim terminados os céus e a Terra e todo o seu conjunto.
²Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.
³Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação.
⁴Esta é a origem da criação dos céus e da Terra.

O homem — Quando o SENHOR Deus fez a Terra e os céus,

⁵e ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o SENHOR Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar,

⁶e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície,

⁷então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo.

⁸Depois, o SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado.

⁹O SENHOR Deus fez brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer; a árvore da Vida estava no meio do jardim, assim como a árvore do conhecimento do bem e do mal.

¹⁰Um rio nascia no Éden para regar o jardim, dividindo-se, a seguir, em quatro braços.

¹¹O nome do primeiro é Pichon, rio que rodeia toda a região de Havilá, onde se encontra ouro,

¹²ouro puro, sem misturas, e também se encontra lá bdélio e ónix.

¹³O nome do segundo rio é Guion, o qual rodeia toda a terra de Cuche.

¹⁴O nome do terceiro é Tigre, e corre ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.

¹⁵O SENHOR Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar.

¹⁶E o SENHOR Deus deu esta ordem ao homem: «Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim;

¹⁷mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás.»

A mulher — ¹⁸O SENHOR Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.»

¹⁹Então, o SENHOR Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de

verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse.

²⁰O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele.

²¹Então, o SENHOR Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne.

²²Da costela que retirara do homem, o SENHOR Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem.

²³Então, o homem exclamou:

«Esta é, realmente,
osso dos meus ossos
e carne da minha carne.
Chamar-se-á mulher,
visto ter sido tirada do homem!»

²⁴Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.

Transgressão — ²⁵Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha.

3. ¹A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus fizera; e disse à mulher: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?»

²A mulher respondeu-lhe: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim;

³mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis.'

⁴A serpente retorquiu à mulher: «Não, não morrereis;

⁵porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.»

⁶Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou do fruto, comeu, deu dele também a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu.

⁷Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas, como se fossem cinturas, à volta dos rins.

⁸Ouviram, então, a voz do SENHOR Deus, que percorria o jardim pela brisa da tarde, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do SENHOR Deus, por entre o arvoredo do jardim.

⁹Mas o SENHOR Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?»

¹⁰Ele respondeu: «Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.»

¹¹O SENHOR Deus perguntou: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?»

¹²O homem respondeu: «Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi.»

¹³O SENHOR Deus perguntou à mulher: «Porque fizeste isso?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»

Castigo e esperança — ¹⁴Então, o SENHOR Deus disse à serpente:

«Por teres feito isto, serás maldita

entre todos os animais domésticos

e entre os animais selvagens.

Rastejarás sobre o teu ventre,

alimentar-te-ás de terra todos os dias da tua vida.

¹⁵Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher,

entre a tua descendência e a dela.

Esta esmagar-te-á a cabeça

e tu tentarás mordê-la no calcanhar.»

¹⁶Depois, disse à mulher:

«Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez,

entre dores darás à luz os filhos.

Procurarás apaixonadamente o teu marido,

mas ele te dominará.»

¹⁷A seguir, disse ao homem:

«Porque atendeste à voz da tua mulher

e comeste o fruto da árvore,

a respeito da qual Eu te tinha ordenado: ‘Não comas dela’,

maldita seja a terra por tua causa.

E dela só arrancarás alimento

à custa de penoso trabalho,

todos os dias da tua vida.

¹⁸Produzir-te-á espinhos e abrolhos,

e comerás a erva dos campos.

¹⁹Comerás o pão com o suor do teu rosto,

até que voltes à terra de onde foste tirado;

porque tu és pó e ao pó voltarás.»

²⁰Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria mãe de todos os viventes.

²¹O SENHOR Deus fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os.

²²O SENHOR Deus disse: «Eis que o homem, quanto ao conhecimento do bem e do mal, se tornou como um de nós. Agora é preciso que ele não estenda a mão para se apoderar também do fruto da árvore da Vida e, comendo dele, viva para sempre.»

²³O SENHOR Deus expulsou-o do jardim do Éden, a fim de cultivar a terra, da qual fora tirado.

²⁴Depois de ter expulsado o homem, colocou, a oriente do jardim do Éden, os querubins com a espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da Vida.

11. A torre de Babel — ¹Em toda a Terra, havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras.

²Emigrando do oriente, os homens encontraram uma planície na terra de Chinear e nela se fixaram.

³Disseram uns para os outros: «Vamos fazer tijolos, e cozamo-los ao fogo.» Utilizaram o tijolo em vez da pedra, e o betume serviu-lhes de argamassa.

⁴Depois disseram: «Vamos construir uma cidade e uma torre, cujo cimo atinja os céus. Assim, havemos de tornar-nos famosos para evitar que nos dispersemos por toda a superfície da Terra.»

⁵O SENHOR, porém, desceu, a fim de ver a cidade e a torre que os homens estavam a edificar.

⁶E o SENHOR disse: «Eles constituem apenas um povo e falam uma única língua. Se principiaram desta maneira, coisa nenhuma os impedirá, de futuro, de realizarem todos os seus projectos.

⁷Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros.»

⁸E o SENHOR dispersou-os dali por toda a superfície da Terra, e suspende-ram a construção da cidade.

⁹Por isso, lhe foi dado o nome de Babel, visto ter sido lá que o SENHOR confundiu a linguagem de todos os habitantes da Terra, e foi também dali que o SENHOR os dispersou por toda a Terra.

« LIVRO DE JOB »

II. PRIMEIRO DEBATE (3,1-14,22)

Job: a infelicidade de ter nascido

3. ¹Por fim, Job abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.

²Tomou a palavra e disse:

³«Desapareça o dia em que nasci e a noite em que foi dito:

‘Foi concebido um varão!’

⁴Converta-se esse dia em trevas!

Deus, lá do alto, não se preocupe com ele
nem a luz o venha iluminar.

⁵Apoderem-se dele as trevas e a escuridão.

Que as nuvens o envolvam
e os eclipses o apavorem!

⁶Que a sombra domine essa noite;
não se mencione entre os dias do ano
nem se conte entre os meses!

⁷Seja estéril essa noite
e não se ouçam nela brados de alegria.

⁸Amaldiçoem-na os que abominam o dia
e estão prontos a despertar Leviatan!

⁹Escureçam as estrelas da sua madrugada;
que em vão espere a luz do dia,
nem possa ver abrirem-se as pálpebras da aurora,

¹⁰já que não me fechou a saída do ventre
nem afastou a miséria dos meus olhos!

¹¹Porque não morri no seio da minha mãe
ou não pereci ao sair das suas entranhas?

¹²Porque encontrei joelhos que me acolheram
e seios que me amamentaram?

¹³Estaria agora deitado em paz,
dormiria e teria repouso

¹⁴com os reis e os grandes da terra,
que constroem mausoléus para si;

¹⁵com os príncipes que amontoam ouro
e enchem de dinheiro as suas casas.

¹⁶Ou como um aborto escondido,
eu não teria existido,

como um feto que não viu a luz do dia.

¹⁷Ali, os maus cessam as suas perversidades,
ali, repousam os que esgotaram as suas forças.

¹⁸Ali, estão tranquilos os cativos,
que já não ouvem a voz do guarda.

¹⁹Ali, estão juntos os pequenos e os grandes,
e o escravo fica livre do seu senhor.

²⁰Por que razão foi dada luz ao infeliz,
e vida àqueles para quem só há amargura?

²¹Esses esperam a morte que não vem
e a procuram mais do que um tesouro;

²²esses saltariam de júbilo
e se alegrariam por chegar ao sepulcro.

²³Porque vive um homem cujo caminho foi barrado
e a quem Deus cerca por todos os lados?

²⁴Em lugar de pão, engulo os meus soluços,
e os meus gemidos derramam-se como a água.

²⁵Todos os meus temores caíram sobre mim
e aquilo que eu temia veio atingir-me.

²⁶Não tenho paz nem descanso,
os tormentos impedem-me o repouso.»

VI. MONÓLOGO DE JOB (29,1-31,40)

Job: dias felizes do passado

29. ¹Job continuou a sua exposição e disse:

²«Quem me dera voltar a ser como dantes,
nos dias em que Deus me protegia!

³Quando a sua luz brilhava sobre a minha cabeça,
e o seu resplendor me guiava nas trevas!

⁴Tal como era nos dias da minha mocidade,
quando Deus protegia a minha tenda!

⁵Quando o Onnipotente estava ainda comigo,
e os meus filhos me rodeavam.

⁶Quando lavava os meus pés com a nata do leite,
e o rochedo derramava para mim ondas de azeite.

⁷Quando saía às portas da cidade
e na praça instalava o meu assento.

⁸Os jovens, vendo-me, escondiam-se,

e os velhos levantavam-se e ficavam de pé;
9 os grandes interrompiam as suas conversas,
e punham a mão sobre os seus lábios.
10 Calava-se a voz dos chefes,
a língua colava-se-lhes ao céu da boca.
11 Quem me ouvia falar felicitava-me,
e os que me viam davam testemunho de mim,
12 porque livrava o pobre que pedia socorro,
e o órfão que não tinha tutor.
13 A bênção do desgraçado vinha sobre mim,
e eu alegrava o coração da viúva.
14 Revestia-me de justaça; e a equidade
era para mim um manto e um diadema.
15 Eu era os olhos do cego
e servia de pés para o coxo,
16 era o pai dos pobres,
e examinava a causa dos desconhecidos.
17 Quebrava os queixos dos malvados
e arrancava-lhes a presa dos seus dentes.
18 Eu dizia: Morrerei no meu ninho,
somarei dias como a fénix.
19 A minha raiz atinge as águas;
o orvalho depositar-se-á sobre os meus ramos.
20 A minha glória será sempre jovem,
e o meu arco fortalecer-se-á nas minhas mãos.
21 Esperavam para escutar a minha decisão
e guardavam silêncio até ouvir o meu conselho.
22 Ninguém replicava às minhas palavras;
o meu discurso penetrava neles suavemente.
23 Esperavam-me como se espera a chuva
e abriam a boca como à água tardia.
24 Sorria para os que perdiam a coragem;
ficavam presos do meu rosto alegre.
25 Sentava-me à sua frente e escolhia-lhes o caminho,
tal como um rei no meio das suas tropas;
se estavam tristes, confortava-os.»

Contraste da situação actual

30. ¹«Agora, riem-se de mim os mais jovens do que eu,
aqueles cujos pais eu desdenharia contar
entre os cães do meu rebanho.

²Que me interessa a força dos seus braços?
Desapareceu completamente o seu vigor.

³Esgotados pela miséria e pela fome,
roem as raízes do deserto,
à noite, na terra árida e desolada.

⁴Colhem malvas entre os arbustos,
e a raiz das giestas é o seu alimento.

⁵Expulsos da sociedade dos homens,
gritavam atrás deles como se fossem ladrões.

⁶Moravam em barrancos escarpados,
em cavernas de terras e rochedos,

⁷rosnando entre os matagais
e amontoando-se sob os espinheiros.

⁸Filhos de gente infame, de gente sem nome,
foram expulsos do país!

⁹Agora sou o tema das suas canções,
o objecto dos seus escárnios;

¹⁰afastam-se de mim com horror,
e até se atrevem a cuspir-me no rosto,

¹¹porque Deus abriu a sua aljava e alvejou-me
e todos perderam o respeito diante de mim.

¹²À minha direita levanta-se o populacho,
que desorienta os meus passos
e prepara o caminho para me perder.

¹³Destroem os meus caminhos,
para me arruinar, armam-me ciladas,
e ninguém me presta ajuda contra eles.

¹⁴Penetram por uma grande brecha
e irrompem por entre os escombros.

¹⁵O terror invade-me.

A minha prosperidade foi varrida como o vento
e, qual nuvem, passou a minha felicidade.

¹⁶Agora, a minha alma perde a força,
os dias da aflicção apoderam-se de mim.

¹⁷De noite, a dor trespassa-me os ossos,

e os males que me roem não têm descanso.

¹⁸Com violência agarra a minha roupa,
aperta-me como a gola da minha túnica.

¹⁹Atirou comigo para a lama,
e fiquei semelhante ao pó e à cinza.

²⁰Chamo por ti, e Tu não me respondes;
insisto e não fazes caso.

²¹Tornas-te cruel comigo,
persegues-me com toda a força da tua mão.

²²Levantas-me ao alto e fazes-me cavalgar com o vento
e, depois, arrastas-me na tempestade.

²³Bem sei que me levas à morte,
ao lugar onde se reúnem todos os mortais.

²⁴Mas poderá quem vai cair não estender a mão,
e aquele que perece, não pedir socorro?

²⁵Não chorei com os oprimidos?
Não teve a minha alma compaixão dos pobres?

²⁶Quando esperava felicidade, veio a desgraça,
esperava a luz e vieram as trevas.

²⁷As minhas entranhas fervilham, sem descanso,
assaltaram-me dias de aflição.

²⁸Caminho na tristeza, sem consolação;
levanto-me e dou gritos no meio da turba.

²⁹Tornei-me irmão dos chacais
e companheiro das avestruzes.

³⁰A minha pele enegreceu e cai,
e os meus ossos são consumidos pela febre.

³¹A minha cítara converteu-se em pranto,
e a minha flauta em lamentações.»

Inocência de Job

31. ¹Eu fiz um pacto com os meus olhos:
de nem sequer olhar para uma donzela.

²Que recompensa me daria Deus lá do alto,
que herança me reservaria dos céus o Omnipotente?

³Acaso a infelicidade não é para o ímpio,
e o infortúnio, para os que praticam a iniquidade?

⁴Não conhece Deus os meus caminhos
e não conta todos os meus passos?

⁵Porventura caminhei com a mentira
e os meus pés correram atrás da fraude?
⁶Que Deus me pese na balança justa
e reconhecerá a minha inocência!
⁷Se os meus passos se desviaram do caminho,
e o meu coração foi atrás dos meus olhos,
se se apegou alguma mancha às minhas mãos,
⁸então, que eu semeie e outro coma,
e os meus rebentos sejam arrancados!
⁹Se o meu coração se deixou seduzir por uma mulher,
ou me pus à espreita, à porta do meu próximo,
¹⁰que a minha mulher faça girar a mó para outro,
e que os estranhos a possuam!
¹¹Porque isso é um grande crime
e a maior das iniquidades;
¹²é fogo que devora até à destruição
e que arruinaria todos os meus bens.
¹³Se violei o direito do meu servo e da minha serva
nas suas discussões comigo,
¹⁴que vou fazer, quando Deus se levantar para me julgar?
Que lhe responderei, quando me interrogar?
¹⁵Pois aquele que me criou no ventre, também o criou a ele,
um só nos formou a ambos no seio materno.
¹⁶Se recusei aos pobres aquilo que pediam
ou defraudei a esperança da viúva;
¹⁷se comi sozinho o meu pedaço de pão
sem dar ao órfão a sua parte
¹⁸— pois desde a juventude cuidei dele como pai,
desde o ventre materno o protegi —
¹⁹se não fiz caso do miserável sem roupas,
e do pobre que não tinha com que se cobrir;
²⁰se não me ficaram agradecidos os seus membros,
aquecidos com a lã das minhas ovelhas;
²¹se levantei a mão contra o órfão,
por me ver apoiado pelo tribunal;
²²que o meu ombro caia das minhas costas,
e o meu braço seja separado do cotovelo!
²³Porque eu sempre temi a Deus
e nunca resisti ao peso da sua majestade.

²⁴Se pus no ouro a minha segurança,
ou fiz do ouro mais puro a minha esperança;
²⁵se rejubilei com a grandeza da minha fortuna,
ou com o muito que a minha mão juntou;
²⁶se, quando via o Sol brilhar
e a Lua erguer-se no seu esplendor,
²⁷o meu coração se deixou seduzir em segredo
e lhes mandei um beijo com a mão;
²⁸isto seria um crime digno de castigo
pois teria renegado o Deus dos céus;
²⁹acaso me alegrei com a ruína do meu inimigo
e exultei com a infelicidade que lhe sobreveio?
³⁰Pois nem permiti que a minha língua pecasse,
reclamando a sua morte com uma imprecação!
³¹Não afirmaram os hóspedes da minha tenda:
‘Quem não saiu saciado da sua mesa?’
³²Não deixei o estrangeiro de noite à intempérie
e abri sempre a minha porta ao viandante.
³³Acaso encobri a minha culpa como homem,
e escondi no meu peito a minha iniquidade,
³⁴por temor da multidão,
e receio do desprezo dos parentes,
e fiquei calado, sem pôr os pés fora da porta?
³⁵Oxalá eu tivesse quem me ouvisse!
Eis a minha assinatura! Que o Onnipotente me responda!
O libelo de acusação escrito pelo meu adversário,
³⁶não o levaria eu sobre os meus ombros
e não cingiria com ele a minha fronte
como se fosse um diadema?
³⁷Dar-lhe-ia conta de todos os meus passos
e aproximar-me-ia dele como um príncipe.
³⁸Se a terra clamou contra mim,
e os seus sulcos derramaram lágrimas,
³⁹se comi os seus frutos sem pagar
e afligi a alma dos que os cultivaram,
⁴⁰nasçam-me cardos em vez de trigo
e joio em vez de cevada!»
Aqui terminam as palavras de Job.

«CÂNTICO DOS CÂNTICOS»

Diálogo apaixonado**1. ¹Cântico dos cânticos, que é de Salomão.***Ela*

²Que ele me beije com beijos da sua boca!
Melhores são as tuas carícias que o vinho,
³ao olfacto são agradáveis os teus perfumes;
a tua fama é odor que se difunde.
Por isso te amam as donzelas.
⁴Arrasta-me atrás de ti. Corramos!
Faça-me entrar o rei em seus aposentos.
Folgaremos e alegrar-nos-emos contigo;
mais do que o vinho celebraremos teus amores.
Com razão elas te amam.

⁵Sou morena, mas formosa,
mulheres de Jerusalém,
como as tendas de Quedar,
como os tecidos de Salomão.
⁶Não estranheis eu ser morena:
foi o sol que me queimou.
Comigo se indignaram os filhos de minha mãe,
puseram-me de guarda às vinhas;
e a minha própria vinha não guardei.
⁷Avisa-me tu, amado do meu coração:
para onde levas o rebanho a apascentar?
Onde o recolhes ao meio-dia?
Que eu não tenha de vaguear oculta,
atrás dos rebanhos dos teus companheiros.

Ele

⁸Se não tens disso conhecimento,
ó mais bela das mulheres,
sai no encalço do rebanho
e apascenta as tuas cabrinhas
junto às cabanas dos pastores.

⁹A uma égua entre os carros do Faraó
eu te comparo, ó minha amiga.

¹⁰Formosas são as tuas faces entre os brincos,
e o teu pescoço com os colares!

¹¹Para ti faremos arrecadas de ouro
com incrustações de prata.

Ela

¹²Enquanto o rei está em seu divã,
o meu nardo dá o seu perfume.

¹³Uma bolsinha de mirra é o meu amado para mim,
que repousa entre os meus seios;

¹⁴um cacho de alfena é o meu amado para mim,
das vinhas de En-Guédi.

Ele

¹⁵Ah! Como és bela, minha amiga!
Como são lindos os teus olhos de pomba!

Ela

¹⁶Ah! Como é belo o meu amado!
E como é doce,

como é verdejante o nosso leito!

¹⁷Cedros são as vigas da nossa casa,
e os ciprestes, o nosso tecto.

Procurar o amado

5. *Ele*

¹Entrei no meu jardim, minha irmã e minha esposa,
colhi a minha mirra e o meu bálsamo,
do meu favo de mel,
bebi o meu vinho e o meu leite.

Comei, ó companheiros,
bebei e embriagai-vos, ó bem-amados!

Ela

²Eu dormia, mas de coração desperto.

Chamam! É a voz do meu amado, batendo à porta:

Ele

Abre, minha irmã e amiga, pomba incomparável!
Tenho a cabeça coberta de orvalho,
e os meus cabelos, das gotas da noite.

Ela

³Já despi a minha túnica.
Vou tornar-me a vestir?
Já lavei os meus pés.
Vou sujá-los de novo?
⁴Meu amado passou a sua mão pela fresta
e as minhas entranhas estremeceram por ele.
⁵Levantei-me para abrir ao meu amado;
as minhas mãos gotejavam mirra,
os meus dedos eram mirra escorrendo
nos trincos da fechadura.
⁶Fui abrir ao meu amado
e o meu amado já tinha desaparecido.
Fora de mim, corro atrás das suas palavras;
procuro e não o encontro,
chamo e não me responde.
⁷Encontram-me os guardas
que fazem a ronda na cidade,
espancam-me, ferem-me:
arrancam-me o véu que me cobre
os guardas das muralhas.
⁸Eu vos conjuro, mulheres de Jerusalém:
se encontrardes o meu amado,
sabeis o que dizer-lhe?
Que eu desfaleço de amor.

Elas

⁹Que é o teu amado mais do que um amado,
ó mais bela das mulheres?
Que é o teu amado mais do que um amado,
para assim nos conjurares?

Ela

¹⁰O meu amado é alvo e rosado,
distingue-se entre dez mil;
¹¹a sua cabeça é de ouro maciço;
são cachos de palmeira os seus cabelos,
negros como o corvo;
¹²os seus olhos são como pombas,
nos baixios das águas,
banhadas em leite,
pousadas no ribeiro.
¹³As suas faces são canteiros de bálsamo,
onde crescem plantas perfumadas;
os seus lábios são lírios,
gotejam mirra que se expande;
¹⁴os seus braços são ceptros de ouro,
engastados com pedras de Társis;
o seu ventre é marfim polido,
cravejado de safiras;
¹⁵as suas pernas são pilares de alabastro,
assentes em bases de ouro fino;
o seu aspecto é como o do Líbano,
um jovem esbelto como os cedros;
¹⁶a sua boca é só doçura
e todo ele é delicioso.
Este é o meu amado; este, o meu amigo,
mulheres de Jerusalém.

« E C L E S I A S T E S »

Prólogo

1. ⁴Uma geração passa, outra vem; e a terra permanece sempre.

⁵O Sol nasce e o Sol põe-se e visa o ponto donde volta a despontar.

⁶O vento vai em direcção ao sul, depois rumo ao norte;
e gira, torna a girar e passa,
e recomeça as suas idas e vindas.

⁷Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche.
Para onde sempre correram, continuam os rios a correr.

⁸Todas as palavras estão gastas, o homem não consegue já dizê-las.

A vista não se sacia com o que vê, nem o ouvido se contenta com o que ouve.

⁹Aquilo que foi é aquilo que será;
aquilo que foi feito, há-de voltar a fazer-se:
e nada há de novo debaixo do Sol!

¹⁰Se de alguma coisa alguém diz: «Eis aí algo de novo!»,
ela já existia nas eras que nos precederam.

¹¹Não há memória das coisas antigas;
e também não haverá memória do que há-de suceder depois;
nem ficará disso memória entre aqueles que hão-de vir mais tarde.

Tudo tem o seu tempo

3. ¹Para tudo há um momento e um tempo para cada coisa que se deseja
debaixo do céu:

²tempo para nascer e tempo para morrer,
tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou,

³tempo para matar e tempo para curar,
tempo para destruir e tempo para edificar,

⁴tempo para chorar e tempo para rir,
tempo para se lamentar e tempo para dançar,

⁵tempo para atirar pedras e tempo para as juntar,
tempo para abraçar e tempo para evitar o abraço,

⁶tempo para procurar e tempo para perder,
tempo para guardar e tempo para atirar fora,

⁷tempo para rasgar e tempo para coser,
tempo para calar e tempo para falar,

⁸tempo para amar e tempo para odiar,
tempo para guerra e tempo para paz.

9. ²Tudo acontece igualmente a todos:
a mesma sorte para o justo e para o ímpio,
para o bom e puro e para o impuro,
para o que oferece sacrifícios e para o que não oferece.
O homem bom é tratado como o pecador;
o perjuro como aquele que cumpre o juramento.
³Eis o pior mal, no meio de tudo o que se realiza debaixo do Sol:
que haja para todos um mesmo destino.
Por isso, o espírito dos homens transborda de malícia,
e a loucura habita no seu coração durante a vida;
e depois, todos eles vão para junto dos mortos.
⁴E o que será melhor? Para todos os vivos há uma coisa certa:
mais vale um cão vivo que um leão morto.
⁵Os que estão vivos sabem que hão-de morrer,
mas os mortos não sabem nada,
nem para eles há ainda retribuição,
pois a sua lembrança foi esquecida.
⁶O seu amor, ódio e inveja pereceram juntamente com eles;
e nunca mais terão parte
em tudo quanto se faz debaixo do céu.
⁷Vai, come o teu pão com alegria e bebe com prazer o teu vinho,
porque a Deus agradam as tuas obras.
⁸Veste-te sempre com vestidos brancos,
e haja sempre óleo perfumado na tua cabeça.
⁹Goza a vida com a mulher que amas,
durante todos os dias da tua fugaz existência
que Deus te concede debaixo do Sol.
Esta é a tua parte na vida,
entre os trabalhos que suportas debaixo do Sol.
¹⁰Tudo o que a tua mão possa fazer,
fá-lo com todas as tuas faculdades,
pois na região dos mortos para onde irás,
não há trabalho nem inteligência, não há ciência nem sabedoria.

Absurdos da existência

¹¹Descobri ainda, debaixo do Sol,
que a corrida não é para os ágeis,
nem a batalha para os bravos,
nem o pão para os prudentes,

nem a riqueza para os doutos,
nem o favor para os sábios:
todos estão à mercê das circunstâncias e da sorte.

¹²O homem não conhece a sua própria hora:
como os peixes apanhados na rede fatal,
como os passarinhos que caem no laço,
assim os homens são surpreendidos na hora da adversidade,
quando ela cair sobre eles de improviso.

¹³Vi também, debaixo do Sol, este facto,
que foi para mim uma grande lição:

¹⁴havia uma cidade pequena, pouco populosa,
contra a qual veio um grande rei,
que a sitiou e levantou contra ela grandes fortificações.

¹⁵Ora encontrava-se nela um homem pobre e sábio,
cuja sabedoria salvou a cidade.

Mas ninguém mais se lembrou deste homem pobre.

¹⁶Por isso, eu disse:

A sabedoria vale mais que a força,
mas a sabedoria do pobre é desprezada,
e não são ouvidas as suas palavras.

Sentenças relativas à sabedoria e à loucura

¹⁷As palavras calmas dos sábios são mais ouvidas
do que os gritos de um chefe entre os insensatos.

¹⁸Vale mais a sabedoria do que as máquinas de guerra.
Mas um só pecador pode destruir muita coisa boa.

A mocidade

11. ⁷A luz é agradável
e é um deleite para os olhos ver o Sol.

⁸Se um homem viver muitos anos,
e em todos eles se alegrar,
deve pensar nos dias escuros que são numerosos:
tudo o que acontece é ilusão.

⁹Jovem, regozija-te na tua mocidade
e alegre o teu coração na flor dos teus anos.
Segue os impulsos do teu coração
e o que agradar aos teus olhos,
mas sabe que, de tudo isso, Deus te pedirá contas.

¹⁰Lança fora do teu coração a tristeza,
poupa o sofrimento ao teu corpo:
também a meninice e a juventude são ilusão.

A velhice

12.¹Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude,
antes que venham os dias maus
e cheguem os anos, dos quais dirás: «Não sinto neles prazer algum.»

²Antes que escureçam o Sol e a luz, a Lua e as estrelas,
e voltem as nuvens depois da chuva;

³quando os guardas da tua casa começarem a tremer,
e os homens robustos, a vergar;

quando as mós deixarem de moer por serem poucas,
e se escurecer a vista dos que olham pela janela;

⁴quando se fecham as portas da rua,
quando enfraquece a voz do moinho,
quando se acorda com o piar de um pássaro
e emudecem as canções.

⁵Então, também haverá o medo das subidas,
e haverá sobressaltos no caminho, enquanto a amendoeira abre em flor,
o gafanhoto engorda, e a alcaparra perde as suas propriedades.

Então, o homem encaminha-se para a sua casa da eternidade,
e as carpideiras percorrem as ruas;

⁶antes que se rompa o cordão de prata
e se quebre a bacia de ouro;

antes que se parta a bilha na fonte,
e se desenrole a roldana sobre a cisterna.

⁷Então o pó voltará à terra de onde saiu
e o espírito voltará para Deus que o concedeu.

⁸Ilusão das ilusões — disse Qohélet — tudo é ilusão.

«EVANGELHO DE SÃO JOÃO»

PRÓLOGO (1,1-18)

1. ¹No princípio existia o Verbo;
o Verbo estava em Deus;
e o Verbo era Deus.

²No princípio Ele estava em Deus.

³Por Ele é que tudo começou a existir;
e sem Ele nada veio à existência.

⁴Nele é que estava a Vida
de tudo o que veio a existir.

E a Vida era a Luz dos homens.

⁵A Luz brilhou nas trevas,
mas as trevas não a receberam.

⁶Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João.

⁷Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem
por meio dele.

⁸Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz.

⁹O Verbo era a Luz verdadeira,
que, ao vir ao mundo,
a todo o homem ilumina.

¹⁰Ele estava no mundo
e por Ele o mundo veio à existência,
mas o mundo não o reconheceu.

¹¹Veio para o que era seu,
e os seus não o receberam.

¹²Mas, a quantos o receberam,
aos que nele crêem,
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

¹³Estes não nasceram de laços de sangue,
nem de um impulso da carne,
nem da vontade de um homem,
mas sim de Deus.

¹⁴E o Verbo fez-se homem
e veio habitar connosco.

E nós contemplámos a sua glória,
a glória que possui como Filho Unigénito do Pai,
cheio de graça e de verdade.

¹⁵João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.’»

¹⁶Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças.

¹⁷É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo.

¹⁸A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.

I. MANIFESTAÇÃO DE JESUS AO MUNDO através de sinais, discursos e encontros (1,19-12,50)

1. Primeiro Ciclo da Manifestação de Jesus (1,19-4,54)

Testemunho de João Baptista — ¹⁹Este foi o testemunho de João, quando as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: «Tu quem és?»

²⁰Então ele confessou a verdade e não a negou, afirmando: «Eu não sou o Messias.»

²¹E perguntaram-lhe: «Quem és, então? És tu Elias?» Ele disse: «Não sou.» «És tu o profeta?» Respondeu: «Não.»

²²Disseram-lhe, por fim: «Quem és tu, para podermos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?»

²³Ele declarou:

«Eu sou a voz
de quem grita no deserto:
‘Rectificai o caminho do Senhor’,
como disse o profeta Isaías.»

²⁴Ora, havia enviados dos fariseus que lhe perguntaram:

²⁵«Então porque baptizas, se tu não és o Messias, nem Elias, nem o profeta?»

²⁶João respondeu-lhes: «Eu baptizo com água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis.

²⁷É aquele que vem depois de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias.»

²⁸Isto passou-se em Betânia, na margem além do Jordão, onde João estava a baptizar.

²⁹No dia seguinte, ao ver Jesus, que se dirigia para ele, exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

³⁰É aquele de quem eu disse: ‘Depois de mim vem um homem que me passou à frente, porque existia antes de mim.’

Batismo de Jesus — ³¹Eu não o conhecia bem; mas foi para Ele se manifestar a Israel que eu vim baptizar com água.»

³²E João testemunhou: «Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele.

³³E eu não o conhecia, mas quem me enviou a baptizar com água é que me disse: ‘Aquele sobre quem vires descer o Espírito e poisar sobre Ele, é o que baptiza com o Espírito Santo.’

³⁴Pois bem: eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.»

8. A mulher adúltera — ¹Jesus foi para o Monte das Oliveiras.

²De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-se e pôs-se a ensinar.

³Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio

⁴e disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério.

⁵Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu que dizes?»

⁶Faziam-lhe esta pergunta para o fazerem cair numa armadilha e terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se para o chão, pôs-se a escrever com o dedo na terra.

⁷Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: «Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!»

⁸E, inclinando-se novamente para o chão, continuou a escrever na terra.

⁹Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles.

¹⁰Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?»

¹¹Ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» Disse-lhe Jesus: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.»

10. Alegorias da porta e do pastor — ¹«Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lado, é um ladrão e salteador.

²Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas.

³A esse o porteiro abre-a e as ovelhas escutam a sua voz. E ele chama as suas ovelhas uma a uma pelos seus nomes e fá-las sair.

⁴Depois de tirar todas as que são suas, vai à frente delas, e as ovelhas seguem-no, porque reconhecem a sua voz.

⁵Mas, a um estranho, jamais o seguiriam; pelo contrário, fugiriam dele, porque não reconhecem a voz dos estranhos.»

⁶Jesus propôs-lhes esta comparação, mas eles não compreenderam o que lhes dizia.

Jesus, Porta e Bom Pastor das ovelhas — ⁷Então, Jesus retomou a palavra: «Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas.

⁸Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não lhes prestaram atenção.

⁹Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há-de entrar e sair e achará pastagem.

¹⁰O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

¹¹Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.

¹²O mercenário, e o que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo e abandona as ovelhas e foge e o lobo arrebatá-las e espanta-as,

¹³porque é mercenário e não lhe importam as ovelhas.

¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me,

¹⁵assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai; e ofereço a minha vida pelas ovelhas.

¹⁶Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Também estas Eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz; e haverá um só rebanho e um só pastor.

¹⁷É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois.

¹⁸Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai.»

19. Jesus é flagelado, coroado de espinhos e condenado — ¹Então, Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-lo.

²Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura;

³e, aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!» E davam-lhe bofetadas.

⁴Pilatos saiu de novo e disse-lhes: «Vou trazê-lo cá fora para saberdes que eu não vejo nele nenhuma causa de condenação.»

⁵Então, saiu Jesus com a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: «Eis o Homem!»

⁶Assim que viram Jesus, os sumos sacerdotes e os seus servidores gritaram: «Crucifica-o! Crucifica-o!» Disse-lhes Pilatos: «Levai-o vós e crucificai-o. Eu não descubro nele nenhum crime.»

⁷Os judeus replicaram-lhe: «Nós temos uma Lei e, segundo essa Lei, deve morrer, porque disse ser Filho de Deus.»

⁸Quando Pilatos ouviu estas palavras, mais assustado ficou.

⁹Voltou a entrar no edifício da sede e perguntou a Jesus: «Donde és Tu?» Mas Jesus não lhe deu resposta.

¹⁰Pilatos disse-lhe, então: «Não me dizes nada? Não sabes que tenho o poder de te libertar e o poder de te crucificar?»

¹¹Respondeu-lhe Jesus: «Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado do Alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado.»

¹²A partir daí, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus clamavam: «Se libertas este homem, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei declara-se contra César.»

¹³Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo, ou *Gabatá* em hebraico.

¹⁴Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse, então, aos judeus: «Aqui está o vosso Rei!»

¹⁵E eles bradaram: «Fora! Fora! Crucifica-o!» Disse-lhes Pilatos: «Então, heide crucificar o vosso Rei?» Replicaram os sumos sacerdotes: «Não temos outro rei, senão César.»

¹⁶Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus.

Crucifixão de Jesus — ¹⁷Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz *Gólgota*,

¹⁸onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio.

¹⁹Pilatos redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.»

²⁰Este letreiro foi lido por muitos judeus, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade e o letreiro estava escrito em hebraico, em latim e em grego.

²¹Então, os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: «Não escrevas ‘Rei dos Judeus’, mas sim: ‘Este homem afirmou: Eu sou Rei dos Judeus.’»

²²Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi.»

« A P O C A L I P S E »

INTRODUÇÃO (1,1-20)

1. Introdução e saudação — ¹Revelação de Jesus Cristo. Deus encarregou-o de manifestar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer e que Ele comunicou pelo anjo que enviou ao seu servo João,

²o qual atesta que tudo o que viu é Palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo.

³Feliz o que lê e os que escutam a mensagem desta profecia e põem em prática o que nela está escrito, porque o tempo está próximo.

⁴João saúda as sete igrejas da província da Ásia: graça e paz da parte daquele que é, que era e que há-de vir, da parte dos sete espíritos que estão diante do seu trono

⁵e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primeiro vencedor da morte e o Soberano dos reis da terra.

Àquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue,

⁶e fez de nós um reino, sacerdotes para Deus e seu Pai;

a Ele seja dada a glória e o poder pelos séculos dos séculos. *Ámen!*

⁷Olhai: Ele vem no meio das nuvens! Todos os olhos o verão, até mesmo os que o trespassaram. Todas as nações da terra se lamentarão por causa dele. *Sim. Ámen!*

⁸Eu sou o Alfa e o Ómega — diz o Senhor Deus — aquele que é, que era e que há-de vir, o Todo-Poderoso.

Visão do Ressuscitado — ⁹Eu, João, que sou vosso irmão e companheiro na perseguição, no Reino e na constância cristã, encontrava-me na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

¹⁰No dia do Senhor, o Espírito arrebatou-me e ouvi atrás de mim uma voz potente como de trombeta,

¹¹que dizia: «O que vais ver, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas: à de Éfeso, de Esmirna, de Pérgamo, de Tiatira, de Sardes, de Filadélfia e de Laodiceia.»

¹²Voltei-me para ver de quem era a voz que me falava. E, ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro;

¹³no meio dos candelabros, vi alguém com aparência humana; estava vestido de uma túnica comprida até aos pés e cingido com um cinto de ouro em torno do peito;

¹⁴a sua cabeça e os seus cabelos eram brancos, como a brancura da lã e da neve; os seus olhos eram como uma chama de fogo;

¹⁵os seus pés assemelhavam-se ao bronze incandescente numa forja, e a sua voz era como o rumor de águas caudalosas;

¹⁶Ele tinha na mão direita sete estrelas e da sua boca saía uma aguda espada de dois gumes; o seu rosto era como o Sol resplandecente com toda a sua força.

¹⁷Ao vê-lo, caí como morto, a seus pés. Mas Ele colocou a mão direita sobre mim, dizendo: «Não tenhas medo!

Eu sou o Primeiro e o Último;

¹⁸aquele que vive.

Estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos

e tenho as chaves da Morte e do Abismo!

¹⁹Escreve, pois, as coisas que vês, as que estão a acontecer e as que vão acontecer, depois destas.

²⁰E este é o simbolismo das sete estrelas que viste na minha mão direita e dos sete candelabros de ouro: as sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete candelabros são as sete igrejas.»

II. REVELAÇÃO DO SENTIDO DA HISTÓRIA (4,1-22,5)

4. O trono de Deus — ¹Depois disto, tive outra visão: havia uma porta aberta no céu e a voz que eu ouvira ao princípio, como se fosse de trombeta, falava comigo, dizendo: «Sobe aqui e vou mostrar-te o que deve acontecer depois disto.»

²Imediatamente, fui arrebatado em espírito: vi um trono no céu e sobre o trono havia alguém sentado.

³O que estava sentado era, no aspecto, semelhante à pedra de jaspe e de sardónica e uma auréola, de aspecto semelhante à esmeralda, rodeava o trono.

⁴Formando um círculo à volta do trono, vi que havia vinte e quatro tronos e sobre eles estavam sentados vinte e quatro anciãos vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça.

⁵Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões; sete lâmpadas de fogo ardião diante do trono de Deus, as quais são os sete espíritos de Deus.

⁶Diante do trono havia também uma espécie de mar de vidro, transparente como cristal. No meio do trono e à volta do trono havia ainda quatro seres viventes cobertos de olhos por diante e por detrás:

⁷o primeiro vivente era semelhante a um leão; o segundo era semelhante a um touro; o terceiro tinha uma face semelhante à de um homem e o quarto era semelhante a uma águia em voo.

⁸Os quatro seres viventes tinham cada um seis asas cobertas de olhos por fora e por dentro. E não cessavam de cantar, de dia e de noite:

«Santo, santo, santo
é o Senhor Todo-Poderoso,
o que era, o que é e que há-de vir.»

⁹E, sempre que os seres viventes dão glória, honra e acção de graças ao que está sentado no trono e que vive pelos séculos dos séculos,

¹⁰os vinte e quatro anciãos prostram-se diante do que está sentado no trono e adoram ao que vive para sempre; e, lançando as suas coroas diante do trono, aclamam:

¹¹«Digno és, Senhor e nosso Deus,
de receber a glória, a honra e a força;
porque criaste todas as coisas,
por tua vontade foram criadas e existem.»

5. O livro selado e o Cordeiro — ¹Depois, vi na mão direita do que estava sentado no trono um livro escrito nas duas faces e selado com sete selos.

²Vi também um anjo forte que clamava com voz potente: «Quem é digno de abrir o livro e de quebrar os selos?»

³Mas ninguém, nem no céu nem na terra, nem debaixo da terra era capaz de abrir o livro nem de olhar para ele.

⁴E eu chorava copiosamente porque não fora encontrado ninguém digno de abrir o livro nem de olhar para ele.

⁵Então, um dos anciãos disse-me: «Não chores. Porque venceu o Leão da tribo de Judá, o rebento da dinastia de David; Ele abrirá o livro e os seus sete selos.»

⁶Depois olhei e vi no meio do trono e dos quatro seres viventes e no meio dos anciãos, um Cordeiro. Estava de pé, mas parecia ter sido imolado. Tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra.

⁷Depois, o Cordeiro aproximou-se e recebeu o livro da mão direita do que estava sentado no trono.

⁸E, quando Ele recebeu o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma cítara e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.

⁹E cantavam um cântico novo, dizendo:

«Tu és digno de receber o livro
e de abrir os selos;
porque foste morto e,

com teu sangue, resgataste para Deus,
homens de todas as tribos, línguas, povos e nações;
¹⁰e fizeste deles um reino e sacerdotes para o nosso Deus;
e reinarão sobre a terra.»

¹¹Na visão, ouvi a voz de uma multidão angélica, à volta do trono, dos seres
vivos e dos anciãos; o seu número era de miríades de miríades, milhares
de milhares e

¹²cantavam com voz forte:

«O Cordeiro que foi imolado
é digno de receber o poder e a riqueza,
a sabedoria e a força,
a honra, a glória e o louvor.»

¹³Ouvi também todas as criaturas do céu, da terra e de debaixo da terra, do
mar e de tudo quanto neles existe, que proclamavam:

«Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro,
sejam dados o louvor, a honra,
a glória e a fortaleza
pelos séculos dos séculos.»

¹⁴E os quatro seres vivos diziam: «Ámen.» E os anciãos prostraram-se em
adoração.

6. Abertura dos seis primeiros selos — ¹Depois, na visão, quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, ouvi um dos quatro seres vivos que dizia com voz de trovão: «Vem!»

²E vi que apareceu um cavalo branco; o cavaleiro levava um arco e foi-lhe dada uma coroa. Depois, partiu vencedor para novas vitórias.

³Quando Ele abriu o segundo selo, ouvi o segundo vivo que dizia: «Vem!»

⁴E saiu outro cavalo, que era vermelho; e ao cavaleiro foi dado o poder de retirar a paz da terra e de fazer com que os homens se matassem uns aos outros. Foi-lhe dada, igualmente, uma grande espada.

⁵Quando Ele abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivo que dizia: «Vem!» Na visão apareceu um cavalo negro. O cavaleiro tinha na mão uma balança.

⁶E ouvi algo semelhante a uma voz no meio dos quatro seres vivos que dizia:

«Uma medida de trigo por um dinheiro
e três medidas de cevada por um dinheiro.

Mas não estragues o azeite nem o vinho.»

⁷E, quando Ele abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivo que dizia: «Vem!»

⁸Na visão apareceu um cavalo esverdeado. O cavaleiro chamava-se «Morte»; e o «Abismo» seguia atrás dele. Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar pela espada, pela fome, pela morte e pelas feras da terra.

18. Queda da Babilónia — ¹Depois disto, vi outro anjo que descia do céu com grande autoridade. A terra foi iluminada pelo seu esplendor;

²e gritou com voz forte:

«Caiu, caiu Babilónia, a grande.

Tornou-se antro de demónios,
guarda de todos os espíritos imundos,
guarda de todas as aves imundas
guarda de todos os animais imundos e repelentes;

³porque, do vinho da sua luxúria,
se embriagaram todas as nações;
prostituíram-se com ela os reis da terra
e, com o seu luxo despudorado,

enriqueceram os comerciantes do mundo.»

⁴Ouvi, depois, uma outra voz que vinha do céu e dizia:

«Meu povo, sai desta cidade
para não seres cúmplice do seu crime
nem vítima dos seus castigos.

⁵Porque até ao céu se acumularam os seus pecados,
Deus recordou-se dos seus crimes.

⁶Pagai-lhe com a mesma moeda,
retribuí-lhe o dobro do que ela fez.
Da taça que ela deu a beber aos outros,
dai-lhe a beber o dobro.

⁷Na mesma medida em que ela gozou da glória e do luxo,
assim sejam o seu tormento e luto;
pois, no seu coração, dizia:

‘Estou sentada no trono como rainha,
não sou viúva e jamais conhecerei o luto!’

⁸Por isso, num só dia cairão sobre ela os flagelos que merecia:
morte, luto, fome; e o fogo a destruirá.

Porque poderoso é o Senhor Deus, que a julga!

⁹Chorarão por ela e baterão no peito os reis da terra, os que tomaram parte na sua prostituição e na sua luxúria, quando virem o fumo do braseiro da cidade.

¹⁰Ficarão à distância, com medo do seu tormento, e dirão:

‘Ai da grande cidade!’

Ai da Babilónia, a grande, a poderosa cidade!

Bastou um momento para o teu castigo!

¹¹Chorarão também por ela e se lamentarão os comerciantes da terra, porque ninguém mais comprará as suas mercadorias:

¹²«Os objectos de ouro, de prata,
de pedras preciosas e de pérolas;
de linho, de púrpura, de seda e de escarlate;
toda a espécie de madeiras de sândalo,
de objectos de marfim e de madeiras preciosas;

de bronze, de ferro, de mármore,

¹³canela, cravo, especiarias,
perfumes e incenso, vinho, azeite,

flor de farinha e trigo,

bois e ovelhas,

cavalos e carros,

escravos e prisioneiros.

¹⁴E os frutos, que tão ardentemente apeteças,

se afastaram de ti;

tudo o que é opulência e esplendor

se perdeu para ti.

E nunca mais se encontrarão em ti!»

¹⁵E os comerciantes, que ela tinha enriquecido com este comércio, ficarão à distância, com medo do tormento dela; chorando, batendo no peito,

¹⁶dirão:

«Ai da grande cidade!

Ai da que se vestia de linho,

de púrpura e de escarlate,

da que se revestia de ouro,

de pedras preciosas e de pérolas!

¹⁷Porque bastou um momento para devastar tão grande riqueza!»

E também todos os pilotos de barcos e quantos navegam de um lado para o outro, todos os marinheiros e quantos vivem do trabalho do mar, detiveram-se à distância

¹⁸e, ao ver o fumo que subia da cidade, gritavam dizendo:

«Quem é semelhante à grande cidade?»

¹⁹E, deitando pó sobre as próprias cabeças, choravam em altos gritos e, batendo no peito, diziam:

«Ai, ai da grande cidade,

cujas opulência enriqueceu todos,

os que têm barcos nos mares!

Bastou um momento para ficar devastada!

²⁰Ó céus, rejubilai pela sua ruína!

E vós também, os santos, os apóstolos e os profetas!

Porque, condenando-a, Deus fez-vos justiça.»

²¹Depois, um anjo poderoso levantou uma pedra do tamanho de uma mó de moinho e lançou-a ao mar, dizendo:

«Assim, com o mesmo ímpeto,
será lançada Babilónia, a grande cidade!

E nunca mais será encontrada.

²²A melodia das cítaras e dos músicos,

das flautas e das trombetas

nunca mais se ouvirá dentro de ti.

Não mais se encontrará em ti

nenhum artista de qualquer arte que seja;

não mais se ouvirá em ti

o ruído da mó.

²³A luz da lâmpada

nunca mais brilhará dentro de ti.

E as vozes do noivo e da noiva

nunca mais se ouvirão dentro de ti.

Porque os teus comerciantes eram os magnates da terra

e com os teus feitiços ludibriaste todas as nações.»

²⁴Nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de quantos foram mortos sobre a terra.

Hermann BROCH. «O regresso de Virgílio», in *Novas Histórias com Tempo e Lugar*. Tradução de Idalina Aguiar de Melo. [1945] 1984. Porto: Afrontamento. 47-56.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Rosalía de CASTRO. «A gaita galega», in *Antologia Poética: Cancioneiro rosaliano*. Tradução de Ernesto Guerra da Cal. [1863] 1985. Lisboa: Guimarães. 37-39.

Resposta

ao eminente poeta D. Ventura Ruíz de Aguilera

IV

Pobre Galiza, não deves
chamar-te nunca espanhola,
que Espanha de ti se esquece
quando tu és, ai! tão formosa.
Qual se na infâmia nasceras
torpe, de ti se envergonha,
e a mãe que um filho despreza
depravada se apregoa.

Ninguém p'ra te levatares
te estende uma mão bondosa
ninguém teus prantos enxuga
e humilde choras e choras
Galiza tu não tens pátria.

A tua pátria te abandona,
e a prole fecunda tua
se espalha em errantes hordas
e tu triste e solitária,
tendida na verde alfombra,
ao mar esperanças pedes,
de Deus a esperança imploras,
Por isso, embora festiva
e alegre a gaitinha se oiça
eu posso dizer-te:
não canta, que chora.

V

«Espera, Galiza, espera!»
Quanto este grito consola!
Pague-te Deus, bom poeta,
mas é uma esperança louca;
porque antes que os tempos cheguem
de sorte tão venturosa;
antes que a Galiza suba
com a cruz que leva às costas
aquele ímprobo caminho
que o pé dos abismos toca,
talvez cansada e sedenta,
talvez de opressões morra.
Pague-te Deus, bom poeta,
essa esperança de glória,
que do teu peito surgindo
a virgem-mártir coroa;
e recompensa esta seja
de amarguras tão penosas.
Pague-te este cantar triste
que as nossas tristezas conta
porque só tu... tu entre tantos!
das nossas mágoas se acorda:
digna vontade de um génio,
alma pura e generosa!
E quando a gaita galega
ali nas Castelas oiças,
ao teu coração pergunta;
e ele te dirá em resposta:
*que a gaita galega
não canta, que chora.*

Paul CELAN. [Ouço dizer que o machado deu flor], in *Gedichte*. Tradução inédita de João Barrento. 1975. Frankfurt: Suhrkamp. 41-42.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Miguel de CERVANTES. «Parte I, capítulo 25», in *Dom Quixote de la Mancha, Parte II*. Tradução de Miguel Serras Pereira. [1605] 2015. Alfragide: Dom Quixote. 237-245.

Texto sujeito a Direitos de Autor

CÍCERO. «Tratado da amizade», in *Tratados da Amizade, Paradoxos e Sonho de Cipião*. Tradução de Duarte de Resende. Introdução, comentário e actualização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu. [1531] 1982. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda. 53-57.

(Fânio) De necessidade será, Lélío, ser isso assim: mas, pois que fizeste menção de amizade, e estamos ociosos, em muito prazer receberei, e assim o creio receber Cévola, se disseres o que da amizade sentes, assim como o soes fazer de todas as outras cousas, quando te são perguntadas, e a estima em que a tens, e em nos dar preceitos dela.

(Cévola) A mim muito agradável me será; e isto mesmo te quisera pedir, mas Fânio o pediu primeiro; e, portanto, a cada um de nós farás muito à vontade.

(Lélío) Eu não houvera isso por cousa grave, se de mim o confiasse: porque a matéria é nobre e singular, e (como disse Fânio) estamos ociosos. Mas, quem sou eu para isso? Ou que faculdade há em mim? Isto que de mim queres, que é propor-me disputas, a que súbito vos responda, foi costume dos doutores, principalmente dos Gregos. A obra é em si grande e tem necessidade de grande exercício. Portanto, o que de amicicia se pode disputar, me parece que deveis esperar e pedir daqueles, que estas cousas ensinam; que eu tão somente vos posso admoestar que estimeis e anteponhais a amizade a todas as coisas humanas: porque nenhũa outra cousa é tão apta e conveniente à natureza humana, assim para as cousas prósperas como para as adversas. Mas o que primeiro dela sinto, é que a amizade não pode ser senão entre bons: e isto não corto tanto que chegue ao vivo, como aqueles Estóicos, que mais subtilmente disseram deste negócio; e porventura com verdade, mas com pouco proveito comum: porque eles afirmam não haver nenhum bom homem, senão o sapiente. E eu concedo-lhe isto; mas eles interpretam aqui aquela Sapiência, que nenhum dos mortais alcançou: mas nós, as cousas que estão em uso em a vida comum devemos esperar, e não as que se fingem ou se desejam. Eu não chamarei nunca a Gaio Fabrício, e a Marco Cúrio, e a Tito Coruncânio sapientes, segundo a forma dos Estóicos, e os quais nós com os nossos maiores chamamos sapientes. E estoutros Estóicos tomem para si o nome de sapiência, escuro e invejoso e concedam que estes sejam bons homens. Nem isto farão, porque dizem que bom não pode ser senão o sapiente.

Trataremos pois disto mais em grosso (segundo se diz). Os que se tratam e vivem de maneira que sua fé, simpreza e igualeza, liberalidade se louve, e que neles não há cobiça, nem desordenados apetites, nem douda ousadia; mas antes nas virtudes grande constância, como estes foram, que agora nomeei: a estes tais chamaremos bons homens, pois por tais foram havidos, que alcançaram e seguiram quanto puderam a melhor natureza por guia de bem viver. E parece-me que assento em mim e creio que todos nós somos nascidos, para que entre nós todos haja uma sociedade e amor, que tanto é maior quanto cada um é mais chegado ao outro: assim que aos cidadãos maior amor se lhe terá que aos estrangeiros; e maior aos propincos e parentes, que aos outros: porque a mesma natureza assenta em estes esta amizade; mas nesta parte não tem assaz firmeza: mas esta vantagem tem amizade ao parentesco, que do parentesco se pode apartar o amor, mas não da amizade: se se aparta a benquerença perde-se o nome da amizade, mas não o do parentesco. Quanta seja a força da amizade por isto maioritariamente se pode entender, que entre tanta infinidade de gente de género humano que a natureza ajuntou e conciliou, assim se apura o amor, e a tal estreito vem, que toda a benquerença e caridade, ou entre dois ou entre poucos, mais se ajunta.

Que a amizade não é outra cousa senão um final consentimento de todas as cousas divinas e humanas como benquerença e caridade: e certo, que não sei se, tirando a sapiência, há outra cousa melhor, que os imortais Deuses concedessem aos homens, que a amizade. Uns dão vantagem a riquezas, outros a saúde, outros poderio, outros honras, e muitos estimam mais as deleitações: mas esta derradeira parte é própria das alimárias; que as outras que acima disse são caducas e incertas, e postas não tanto em nossos conselhos, como em a sandice da fortuna. Mas os que toda sua bem-aventurança põem na virtude, estes certo sentem a melhor; e esta mesma virtude gera a amizade, e a contém dentro em si; e em nenhũa maneira pode ser amizade sem virtude. Entender-se-á aqui daquela virtude que procede de bons costumes, e fala, e conversação, e não da outra, que alguns indoutos estimam estar posta em magnificência de palavras e não em obras; e assim chamaremos bons e virtuosos a estes, que nós temos que o foram, *scilicet*, Paulos, Catões, Gaios, Cipiões, Filos: porque a vida comum foi contente da maneira daquestes; e deixemos os outros nos Estóicos, que nunca foram achados: pois entre tais varões como estes tem a amizade tantos proveitos, quantos não creio que poderei dizer. Primeiramente, qual é o vivo nesta vida (segundo diz Ênio) que não descansa em o trocado amor de outro seu amigo? Que mais doce cousa pode ser que ter com quem ouse assim falar todas as cousas como contigo mesmo? E que gosto teríamos em as prosperidades se não tivéssemos quem

com elas tanto folgasse como nós? E como sofreríamos as adversidades, sem ter a quem mais gravemente doessem que a nós mesmos? Finalmente, todas as cousas que se desejam, cada ũa delas é para com ela haver outra cousa: *scilicet*, as riquezas, para usar delas; as rendas, para ser poderoso; honras, para ser honrado; as deleitações, para o gosto; a saúde, para não ter dor e usar dos dons do corpo. Mas a amizade contém em si muitas outras cousas; em qualquer lugar que te revolves, a achas presente; nunca falece nem vem fora do tempo, nem dá paixão. Assim, que nem da água, nem do fogo, nem do ar (segundo se diz) tanto usamos, como da amizade: e eu não falo da vulgar, nem da meã, posto que também deleita e aproveita, mas da verdadeira e perfeita falo, como foi a daqueles poucos, que em ela foram nomeados: porque a amizade faz as cousas prósperas melhores e mais claras, e comunicando em as adversas as faz mais leves.

E além dos muitos e grandes proveitos que a amizade em si contém, sem dúvida um só é melhor que todos, o qual é que sempre vai alumando ao diante com boa esperança; e não consente debilitar o ânimo, nem cair. Que o amigo quando põe os olhos no outro amigo seu, parece-lhe que vê o trelado de si mesmo: e, portanto, os ausentes são presentes, e os necessitados estão abastados, e, o que mais caro é de dizer, os mortos vivem, pela muita honra, memória e desejo que os seguem de seus amigos: por onde sua morte parece bem-aventurada, e a vida de seus amigos louvada. Que se da natureza das cousas humanas a conjunção e benquerença tirares, nem casa, nem cidade, nem a lavoura do campo durará; e para mais claro se ver quanta é a força da amizade e da concórdia, bem se pode julgar por as dissensões e discórdias de cada dia. Que casa há aí tão forte, que cidade tão firme, que com ódios e diferenças, de todo se não destrua? Por onde se pode julgar quanto bem se segue da amizade. De Empédocles Agrigentino, varão douto e sábio, se diz que em versos gregos disse que todas as cousas que a natureza no mundo trazia, a amizade as sustinha, e a discórdia as dissipava: e isto todos os mortais o entendem, e poucos o seguem, e todos muito louvam o benefício da amizade. Assim como quando o amigo se põe a comunicar e participar os perigos e trabalhos de seu amigo. Que espantos e clamores foram estoutro dia em o teatro, quando se representava a nova fábula da tragédia que fez Marco Pacúvio, meu hóspede e meu amigo? Quando El-Rei Toas, querendo matar a Orestes e não conhecendo, Piades, se pôs diante, dizendo que era Orestes para o mandarem matar; mas Orestes sempre perseverava que ele era o mesmo Orestes. E os que isto viam, posto que fosse ficção batendo suas mãos se espantavam. Que cuidamos já que fariam, vendo a verdade? Bem mostra a natureza a sua força; pois aquilo que os homens não podem fazer, julgam ser bem feito

quando os outros o fazem. E até aqui me parece que tenho dito quanto sinto da amizade: e se algũa cousa mais há (porque creio que há muitas), se vos parecer bem, perguntai-as aos que as ensinam e praticam.

CHRÉTIEN DE TROYES. [O Cortejo do Graal], in *Conto do Graal ou o Romance de Perceval*. Tradução inédita de Cristina Almeida Ribeiro a partir de *Le Conte du Graal ou le Roman de Perceval*. [século XII] 1990. Paris: Librairie Générale Française. 234-236.

E lá dentro havia uma luminária tão grande que era impossível fazer uma maior com candelas numa sala. Enquanto falavam de uma coisa e de outra, saiu de uma câmara um pajem, que trazia uma lança branca segura pelo meio, e passou entre a lareira e o leito em que estavam sentados. E todos quantos ali se encontravam viam a lança branca e o ferro branco; da ponta do ferro da lança saía uma gota de sangue e essa gota vermelha corria até à mão do pajem. O jovem cavaleiro que naquela noite chegara àquele lugar viu esta maravilha, mas absteve-se de perguntar como acontecia semelhante coisa, porque se lembrava do conselho daquele que o havia feito cavaleiro e lhe ensinara a evitar falar demais, e temia que, se perguntasse, isso fosse tido por vilania; foi por essa razão que nada perguntou.

Surgiram então dois outros pajens, que seguravam nas mãos candelabros de ouro puro, finamente cinzelados. Os pajens que traziam os candelabros eram muito belos. Em cada candelabro ardiam pelo menos dez candelas. Uma donzela que vinha com os pajens, bela, graciosa e muito elegante, segurava com as duas mãos um graal. Quando ela entrou na sala com o graal, fez-se uma claridade tão grande que as candelas perderam o seu esplendor, tal como acontece às estrelas diante do brilho do sol ou da lua. Atrás dela vinha uma outra, que transportava um talhador de prata. O graal que ia adiante era do mais puro ouro e tinha embutidas pedras preciosas de todas as espécies, dentre as mais ricas e as mais raras existentes na terra ou no mar. As pedras do graal superavam, sem dúvida nenhuma, todas as outras. Tal como a lança passara, também eles passaram diante do leito, para irem duma câmara para outra. E o jovem cavaleiro viu-os passar e não ousou perguntar quem era servido naquele graal, porque continuava a ter no seu coração a palavra do sábio fidalgo. Receio que daí lhe venha mal, porque ouvi dizer que é tão possível, conforme os casos, calar demais como falar demais. Mas quer daí lhe venha um bem, quer resulte um mal, ele não interroga ninguém, não pergunta nada.

E o senhor manda aos pajens que lhes dêem água e tragam toalhas. E fazem-no aqueles que têm essa obrigação e estão habituados a fazê-lo.

Enquanto o dono da casa e o jovem cavaleiro lavavam as mãos em água tépida, dois pajens trouxeram uma grande mesa de marfim, que, segundo o testemunho desta história, era de uma só peça. E diante do seu senhor e do moço a seguraram um bom bocado até à chegada de dois outros pajens, que traziam dois cavaletes. A madeira de que estes eram feitos tinha duas boas qualidades, porque as suas peças são indestrutíveis: eram de ébano, uma madeira de que ninguém tem a temer que apodreça ou arda. Não há que preocupar-se com nenhuma destas coisas. Foi a mesa instalada sobre os cavaletes e a toalha posta por cima; mas que dizer da toalha? Nunca legado, cardeal ou papa comeu sobre uma mais branca.

O primeiro prato foi uma gorda perna de veado temperada com pimenta. Não lhes falta vinho puro nem vinho misturado para beberem nas suas taças de ouro. Diante deles um pajem trinchou a perna de veado com pimenta que começou por ajeitar no talhador de prata; depois, apresentou-lhes os pedaços em cima de um grande folhado. E entretanto o graal voltou a passar na frente deles, sem que o jovem cavaleiro perguntasse quem era servido com ele. Continha-se por causa do fidalgo que docemente o censurara por falar demais, em quem ainda está o seu coração e que conserva na sua memória. Mas cala-se mais do que convém, porque, a cada um dos pratos servidos, vê passar diante deles o graal, inteiramente visível, mas não sabe quem assim é servido. E gostava muito de saber, e há-de perguntar a verdade, diz de si para si, a um dos pajens da corte, mas esperará até ao dia seguinte, quando se despedir do senhor e de todos os de sua casa. Assim adiada a coisa, entretém-se a beber e comer, que não em vão trazem para a mesa iguarias e vinho tão agradáveis e deliciosos.

A refeição foi abundante e boa; todas as iguarias que é possível ver à mesa dum rei, dum conde ou dum imperador foram servidas naquela noite ao nobre senhor e ao mesmo tempo ao jovem cavaleiro. Depois de comerem, os dois passaram o serão a conversar, enquanto os criados prepararam as camas onde eles haviam de se deitar, porque tinham para comer muitas tâmaras, figos e noz-moscada, cravinho e romãs, e electuários a terminar: massa de gengibre de Alexandria, pó de pérolas e estomacal. Depois disso tomaram muitas bebidas, vinho com especiarias, mas sem mel nem pimenta, bom vinho de amora e um límpido licor. O jovem, que não estava habituado a nada disto, espantava-se com tudo e o nobre senhor disse-lhe: «Meu amigo, é chegada esta noite a hora de deitar. Se não virdes inconveniente, vou retirar-me para os meus aposentos para dormir, e vós, quando tiverdes vontade, deitar-vos-eis aqui fora. Já não tenho nenhum poder sobre o meu corpo, é preciso que me levem.» Saem imediatamente da câmara quatro

criados atentos e robustos, pegam nos quatro cantos da colcha que estava estendida sobre o leito no qual o senhor estava sentado e levam-no para onde era devido.

Mihai EMINESCU. «Hypérion — A estrela da manhã», in *Poesias*. Tradução de Victor Buescu. [1883] 1950. Lisboa: Fernandes. 150-175.

Era uma vez, como nas lendas,
Era uma vez, outrora,
Uma lindíssima donzela
De estirpe imperial,
Única filha de seus pais
E sempre bela em tudo,
Como é a Virgem entre os santos
E a lua entre as estrelas.
Por entre as sombras do palácio
Seus passos encaminha
Para a janela onde, num canto,
Hypérion a espera.
E vê o Astro a elevar-se,
Fulgente, sobre o mar,
Pelos atalhos movediços
Guiando os negros barcos.
Dias e dias contempla
— Assim nasce o desejo —
E ele também, de tanto ver,
Por ela se apaixona.
Nas mãos apoia a sua fronte
A jovem, sonhadora,
Sentindo encher-se-lhe de enlevo
O coração e a alma.
Como ele refulge ardentemente
Sobre o castelo negro,
Todas as noites, quando ela
Ingénua lhe aparece!

E deslizando pelo quarto
Hypérion a persegue,
Com sua fria luz tecendo
Uma radiosa teia,
Quando no leito se reclina,
Antes de adormecer,
Roça-lhe o Astro as mãos cruzadas
E as pálpebras suaves.
Do espelho, em feixe luminoso,
Todo o seu corpo inunda,
Ainda que ela volte o resto
E os grandes olhos feche.
Enquanto o olha, sorridente,
No espelho treme Hypérion,
Que a segue até no próprio sono,
Para prender-lhe a alma.
Ela suplica-lhe no sonho,
Gemendo fundamente:
— «Terno Senhor da minha noite,
Porque não vens? Oh, vem!
Desce até mim, Astro suave,
Desliza por um raio,
Vem inundar-me o pensamento,
Iluminar-me a vida!»
Tremeluzindo, o Astro ouve-a
E com mais força brilha;
Como um relâmpago se lança,
E afunda-se no mar;
Então, a onda em que ele caiu
Em círculos se espraia,
E da ignota profundidade
Um lindo jovem surge.
Passa, ligeiro, o limiar
Do quadro da janela,
Na mão erguendo altivo ceptro
De limos coroadado.
Dir-se-ia um jovem Voivoda,
Com seus cabelos de ouro
E um véu azul atado em laço

Sobre os desnudos ombros.
O seu diáfano semblante
É alvo como a cera —
Belo cadáver de olhos vivos
Centelhas radiando.
— «Da minha esfera vim, a custo,
Ouvindo o teu apelo.
O céu é meu sublime pai
E o mar é minha mãe.
Para poder aqui entrar
E ver-te mais de perto,
Baixei, sereno, do azul
E ressurgi das águas.
Ó ser amado, vem comigo,
Ao mundo renuncia;
Eu sou o Astro das alturas
Sê tu a minha noiva.
Lá, nos meus paços de coral,
Serás, por muitos séculos,
Aquele a quem o mundo oceânico
Terá de obedecer.»
— «És belo, como só nos sonhos
Os anjos aparecem,
Mas p'lo caminho que me apontas
Jamais te seguirei:
Tens de estrangeiro a fala e o porte,
Refulges, sem viver;
Ora eu sou viva, tu és morto,
E gelam-me os teus olhos.»

ESOPO. «A raposa e as uvas», in *Esopo — Fábulas (antologia)*. Tradução de Custódio Magueijo. [c. 620-564 a.C.] 2002. Lisboa: Edição do autor-organizador. 147.

Uma raposa esfaimada, tendo lorigado uvas pendentes de uma latada, pretendia chegar a elas, mas não era capaz. Então, enquanto se afastava, disse para consigo: «Estão verdes.»

Do mesmo modo, certas pessoas, não podendo, por incapacidade, chegar às coisas, acusam as circunstâncias.

ÉSQUILO. «Euménides», in *Oresteia*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. [458 a.C.] 2008. Lisboa: Edições 70. 213-225.

CORIFEU

Somos muitas, mas falaremos com brevidade.

(*A Orestes*) Responde, ponto por ponto, às minhas perguntas. Diz-me, primeiro, se mataste a tua mãe.

ORESTES

Matei, não vou negá-lo.

CORIFEU

Já ganhei um ponto dos três que te levarão à derrota.

ORESTES

Não te vanglories, pois ainda nem sequer uma vez fui ao solo.

CORIFEU

Ainda não disseste, porém, como a mataste.

ORESTES

Mas vou dizer: desembainhei a espada e cravei-lha na garganta.

CORIFEU

A quem obedeceste? Quem te deu tal conselho?

ORESTES

Foram os oráculos do deus que hoje é minha testemunha.

CORIFEU

Foi então um profeta que te arrastou a matar a tua mãe?

ORESTES

E até aqui não vejo razão para me queixar da minha sorte.

CORIFEU

Se o voto te condenar, vais talvez falar de outra maneira.

ORESTES

Estou confiante. E o meu pai há-de enviar-me do túmulo o seu auxílio.

CORIFEU

A confiares nos mortos, tu que mataste a tua mãe!

ORESTES

Ela sofria o efeito de duas manchas.

CORIFEU

Como assim? Explica isso aos juízes.

ORESTES

Ao matar o marido, ela matou o meu pai.

CORIFEU

O quê? O facto é que tu estás vivo, enquanto ela já expiou o assassinio com a sua morte.

ORESTES

Mas porque é que tu não a perseguiste em vida?

CORIFEU

É que ela não era do mesmo sangue daquele a quem matou.

ORESTES

E eu sou do sangue da minha mãe?

CORIFEU

Celerado, como foi então que ela te criou no seu seio? Renegas assim o sangue caríssimo de uma mãe?

ORESTES (*A Apolo*)

Presta tu agora o teu testemunho. Explica-me, Apolo, se a matei justamente, já que o facto, em si, não o nego. Esclarece se, em tua opinião, o derramamento deste sangue foi ou não justo, para eu o comunicar aos meus juízes.

APOLO

É a vós que darei a minha resposta, grande tribunal de Atena: «Esta morte foi justa.» Sendo profeta, não posso mentir. Jamais no meu trono fatídico disse o que quer que fosse sobre um homem, uma mulher ou uma cidade, que me não tivesse sido ordenado por Zeus, pai dos Olímpicos. Atendei, portanto, ao mérito dos argumentos que vos vou apresentar. Recomendo-vos que vos conformeis com a vontade de meu pai, pois não há juramento que possa prevalecer contra Zeus.

CORIFEU

A acreditar no que tu dizes, foi Zeus que te ditou este oráculo em que se ordenava a Orestes que vingasse a morte do pai, sem atender em nada ao respeito devido à mãe!

APOLO

Sim, porque é algo diferente a morte de um homem nobre, honrado pelo ceptro dado por Zeus, e isto às mãos de uma mulher que não vibrou de longe o arco impetuoso, como uma Amazona, mas que matou como ides ouvir, tu, Palas, e vós que estais aqui sentados para decidir com o voto esta questão.

Quando o herói regressou da guerra, onde alcançara êxitos sem conta, ela recebeu-o com brandas palavras e mais tarde, estava ele a sair do banho, envolveu-o num manto e feriu-o assim preso no peplo bordado, inextricável. Tal foi o fim do guerreiro entre todos venerado, do comandante das naus.

Se vos disse a verdade sobre esta mulher, foi para morder o coração daqueles a quem incumbe julgar esta causa.

CORIFEU

A ser como tu dizes, Zeus preocupa-se mais com a sorte de um pai e, no entanto, foi ele próprio que agrilhoou seu velho pai, Cronos. Como é que uma coisa se harmoniza com a outra?

(*Aos juízes*) Ouvi bem isto, para poderdes testemunhar.

APOLO

Ó monstros de todos odiados, execração dos deuses! Os grilhões podem soltar-se, há remédio para isso, e há também muitos outros modos de uma pessoa se libertar... Mas, quando o pó absorve o sangue dum homem que morreu, não há ressurreição possível. Para isto não criou o meu pai qualquer espécie de encantamentos, ele que é capaz de revolver o céu e a terra sem alterar o ritmo da sua respiração.

CORIFEU

Vê como tu tentas alcançar a absolvição deste homem. Foi o sangue da mãe, o seu próprio sangue, que ele derramou sobre o solo: e, depois disso, há-de habitar em Argos o palácio de seu pai? A que altares públicos vai ele ter acesso? Que fratria o deixará servir-se da sua água lustral?

APOLO

Vou responder às tuas perguntas e tu verás se o meu raciocínio é correcto. Aquela a quem chamam mãe não é a geradora do seu filho, mas tão-só a alimentadora do germe nela recentemente semeado. Quem gera é o semeador; ela, como estrangeira a estrangeiro, limita-se a conservar o jovem rebento, a menos que um deus o impeça.

Vou dar-te uma prova do que afirmo e é que se pode ser pai sem a ajuda da mãe. Pode testemunhá-lo alguém aqui presente, a filha de Zeus Olímpico, que não foi criada nas trevas do seio materno e, no entanto, nem uma deusa seria capaz de dar à luz um tal rebento.

Concluindo, eu te prometo, Palas, trabalhar o melhor que souber para engrandecer a tua cidade e o teu povo. Enviei este homem ao lar do teu templo para que ele te seja fiel para sempre e o possas ter como aliado, a ele e aos seus filhos, e que igual fidelidade te testemunhem eternamente os filhos de seus filhos.

ATENA

Convido os juízes a, em consciência, lançar na urna um voto justo, já que tudo o que havia a dizer foi dito.

APOLO

Pela minha parte, já lancei todas as minhas flechas. Limito-me agora a esperar que seja proferida a sentença.

ATENA (*para as Erínias*)

E vós? Que hei-de eu fazer para não incorrer nas vossas censuras?

CORIFEU (*para os juízes*)

Ouvistes o que ouvistes. Estrangeiros, votai, respeitando o juramento em vosso coração!

ATENA

Escutai agora o que vou estabelecer, cidadãos da Ática, que julgais a primeira causa de sangue derramado. O povo de Egeu contará para sempre com esta assembleia de juízes. O local de reunião será esta colina de Ares, onde as Amazonas assentaram outrora as suas tendas, quando, levadas pelo ódio a Teseu, vieram aqui fazer guerra. Então, frente à cidadela, elevaram as muralhas duma nova cidadela e aí sacrificaram a Ares, de quem esta colina rochosa houve o nome de Areópago. Neste local, o respeito pelos outros e o consequente temor manterão, dia e noite, os cidadãos afastados do crime, para isso bastando que eles não alterem as leis. Quem mistura água límpida com outra impura e lodosa, não terá mais que beber.

Uma forma de governo intermédia entre a anarquia e o despotismo, eis o que eu recomendo aos cidadãos que pratiquem e venerem, e ainda que não expulsem completamente o temor da sua cidade. Quem observará a justiça, se nada tiver a recear?

Se olhardes com temor e sentimento de justiça esta venerável instituição, encontrareis nela um baluarte salvador da vossa terra e da vossa cidade, tal como nunca ninguém teve, nem entre os Citas nem sobre o solo de Pélops. Incorruptível, venerando e inflexível, guarda que vela pelo sono da cidade, eis o tribunal que eu instituo. Se me alonguei nos meus conselhos, foi para futuro benefício dos meus cidadãos. Agora chegou o momento de vos levantardes, pegardes nos vossos votos e dirimirdes a questão, respeitando o vosso juramento. Tenho dito.

(Os juízes dirigem-se para as urnas.)

CORIFEU

Aconselho-vos a não desprezar o perigo que a nossa presença poderá constituir para esta cidade.

APOLO

E eu vos exorto a reverenciar os meus oráculos, que são os de Zeus. Não os torneis estéreis...

CORIFEU

Mas as causas de sangue não cabem nas tuas atribuições. Os oráculos que proferires doravante já não serão puros!

APOLO

Então o meu pai errou de algum modo na decisão tomada perante as súplicas de Íxion, o primeiro assassino?

CORIFEU

És tu que o dizes! Mas eu, se não ganhar esta causa, farei sentir duramente a minha presença a esta terra.

APOLO

Nem os novos nem os antigos deuses te mostram reverência: eu vou vencer.

CORIFEU

Assim procedeste já no palácio de Feres: ali convenceste as Moiras a tornar os homens imortais.

APOLO

Não é justo fazer bem a quem nos honra, sobretudo quando esse alguém está em necessidade?

CORIFEU

Tu violaste então as antigas partilhas, ao servires-te do vinho para enganar as antigas deusas.

APOLO

Deixa lá que, quando não tiveres ganho de causa, em vão vomitarás o teu veneno sobre os teus inimigos.

CORIFEU

Deus novo, já que te comprazes em pisar a nossa velhice, esperarei até ouvir a sentença: entretanto suspenderei a minha ira contra esta cidade.

ATENA

Cabe-me pronunciar-me em último lugar. Juntarei o meu voto aos que foram dados a Orestes. É que eu não tive mãe que me desse à luz e, por isso, sou em tudo e de todo o coração pelo homem, pelo menos até que um dia eu venha a

celebrar as minhas núpcias. Sou inteiramente a favor do pai. Assim não terei em conta especial a morte de uma mulher, que matou o marido, guarda do seu lar. Orestes será absolvido, mesmo em caso de igualdade na votação. Tirai depressa os votos das urnas, juízes a quem compete esta tarefa.

ORESTES

Ó Febo Apolo, qual vai ser a sentença?

CORIFEU

Ó Noite, minha mãe negra, estás a ver o que se passa aqui?

ORESTES

Vou ter que me enforcar ou continuarei a ver a luz?

CORIFEU

E eu vou desaparecer ou conservar as minhas honras?

APOLO

Contai bem os votos extraídos das urnas, ó estrangeiros, respeitando o princípio de não cometer injustiça no apuramento. Um voto a menos pode provocar uma grande desgraça; um voto a mais basta para levantar uma casa.

(Os juízes entregam a Atena o resultado da votação.)

ATENA

Este homem está absolvido do crime de morte: o número de votos é igual para ambas as partes.

ORESTES

Ó Palas, que salvaste a minha casa, tu restituíste-me o solo pátrio de que eu estava despojado. Agora os Gregos dirão: «Este homem é de novo Argivo e senhor do seu património, tudo isto graças a Palas e a Lóxias e, em terceiro lugar, ao Deus Salvador, que tudo acaba.» De facto, foi este último que, sensibilizado pela morte de meu pai e ao ver que estas se tornavam patronas de minha mãe, me concedeu a salvação. Mas, no momento de reentrar em minha casa, a esta terra e ao teu povo, para sempre, nos séculos que hão-de vir, eu juro que nenhum timoneiro do meu país jamais invadirá este solo com um bem organizado exército de lanças. Se isso vier a acontecer, eu próprio, do fundo do meu túmulo, àqueles que violarem os juramentos que hoje faço suscitarei irremediáveis reveses, tornando desesperada a sua marcha e

erguendo maus agoiros sobre os seus passos, até os fazer arrepender da sua empresa. Pelo contrário, se respeitarem os meus juramentos, honrando sempre a cidade de Palas com aliada lança, então poderão contar com a minha benevolência.

E agora adeus, Palas! Adeus, povo que habitas a sua cidade! Que a luta contra os teus inimigos te seja sempre favorável, alcançando para ti salvação e vitória!

FEDRO. «Acerca da raposa e da uva», in *Fábulas*. Tradução de Nicolau Firmino. [século 1] 1992. Lisboa: Inquérito. 81.

O soberbo finge que despreza o que não se pode conseguir.

Uma raposa, obrigada pela fome, apetecia uma uva, saltando com todas as forças. Como não pôde atingir aquela uva, afastando-se, disse: *Ainda não está madura; não quero comê-la verde.*

Os que deprimem com palavras aquelas coisas que não podem fazer deverão aplicar a si este exemplo.

Dario FO. «La leçon des italiens», in *A Filha do Papa*. Tradução de Maria do Carmo Abreu. 2014. Alfragide: Dom Quixote. 134-136.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Federico GARCÍA LORCA. «Romance sonâmbulo», in *Poemas*. Tradução de Eugénio de Andrade. [1928] 1946. Coimbra: Coimbra Editora. 65-69.

*A Gloria Giner
e Fernando de los Ríos*

Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramos.
O barco sempre no mar
e o cavalo na montanha.
Com a sombra na cintura
ela sonha na varanda,
verde carne, tranças verdes,
com olhos de fria prata.
Verde que te quero verde.
No alto, a lua cigana.
As coisas a estão olhando
e ela não pode olhá-las.

*

Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de geadas
chegam com o peixe de sombra
que abre caminho à alvorada.
A figueira esfrega o seu vento
com a lixa de seus ramos,
e o monte, gato gardunho,
eriça suas pitas acres.
Mas quem virá? E por onde?...
Ela ainda está na varanda,
verde carne, tranças verdes,
sonhando com o mar amargo.

*

Compadre, quero trocar
meu cavalo por sua casa,
meus arreios por seu espelho,
sua manta por minha faca.
Compadre, venho a sangrar
desde as montanhas de Cabra.
Ah, se eu pudesse, rapaz,
este contrato fechava.
Eu, porém, já não sou eu,
nem minha é já minha casa.
Compadre, quero morrer
com honra na minha cama.
De ferro, se puder ser,
e tendo lençóis de Holanda.
Não vês a ferida que tenho
do peito até à garganta?
Trezentas rosas morenas
leva o teu peitilho branco.
Teu sangue ressuma e cheira
em volta de tua faixa.
Porém, eu já não sou eu.
Nem minha é já minha casa.
Deixai-me subir ao menos
até às altas varandas,
deixai-me subir!, deixai-me
até às altas varandas.
Balaustradas da lua
por onde ressoa a água.

*

Já sobem os dois compadres
lá acima, às altas varandas.
Deixando um rasto de sangue.
Deixando um rasto de lágrimas.
Tremulavam nos telhados
candeeirinhos de lata.
Mil pandeiros de cristal
feriam a madrugada.

*

Verde que te quero verde,
verde vento, verdes ramos.
Os dois compadres subiram.
O longo vento deixava
na boca um gosto esquisito
de fel, menta e alfavaca.
Compadre, diz-me — onde está
a tua menina amargurada?
Quantas vezes te esperou!
Quantas vezes te esperara,
cara fresca, negras tranças,
nesta tão verde varanda!

*

Sobre o rosto da cisterna
balouçava-se a cigana.
Verde carne, tranças verdes,
com olhos de fria prata.
Um sincelo de luar
sustenta-a sobre a água.
A noite tornou-se íntima
como uma pequena praça.
Guardas civis embriagados
na porta davam pancadas.
Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramos.
O barco sempre no mar.
E o cavalo na montanha.

Encobre o teu céu, ó Zeus,
Com vapores de nuvens,
E, qual menino que decepa
A flor dos cardos,
Exercita-te em robles e cristas de montes;
Mas a minha Terra
Hás-de ma deixar,
E a minha cabana, que não construístes,
E o meu lar,
Cujos braseiros
Me invejas.

Nada mais pobre conheço
Sob o sol do que vós, ó Deuses!
Mesquinamente nutris
De tributos de sacrifícios
E hálitos de preces
A vossa majestade;
E morreríeis de fome, se não fossem
Crianças e mendigos
Loucos cheios de esperança.

Quando era menino e não sabia
Pra onde havia de virar-me,
Voltava os olhos desgarrados
Para o sol, como se lá houvesse
Ouvido pra o meu queixume,
Coração como o meu
Que se compadecesse da minha angústia.

Quem me ajudou
Contra a insolência dos Titãs?
Quem me livrou da morte,
Da escravidão?
Pois não foste tu que tudo acabaste,
Meu coração em fogo sagrado?
E jovem e bom — enganado —
Ardias ao Deus que lá no céu dormia
Tuas graças de salvação?!

Eu venerar-te? E porquê?
Suavizaste tu jamais as dores
Do oprimido?
Enxugaste jamais as lágrimas
Do angustiado?
Pois não me forjaram Homem
O Tempo todo-poderoso
E o Destino eterno,
Meus senhores e teus?

Pensavas tu talvez
Que eu havia de odiar a Vida
E fugir para os desertos,
Lá porque nem todos
Os sonhos em flor frutificaram?

Pois aqui estou! Formo Homens
À minha imagem,
Uma estirpe que a mim se assemelhe:
Para sofrer, para chorar,
Para gozar e se alegrar,
E pra não te respeitar,
Como eu!

Luis de GÓNGORA. [Enquanto, ao competir com teu cabelo], in *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»*, Volume 2. Tradução de José Bento. [1582] 1996. Lisboa: Assírio & Alvim. 44.

Enquanto, ao competir com teu cabelo,
ouro polido ao sol reluz em vão;
enquanto com desprezo sobre o chão
tua alva fronte fita o lírio belo;
 e a cada lábio seguem, pra colhê-lo,
mais olhos que a um cravo temporão,
e enquanto vences com desdém loução
com teu colo o cristal sem paralelo;
 cabelo, colo, fronte, lábio ardente
goza, antes que o que, em época dourada,
foi lírio, ouro, cristal, cravo luzente,
 não só prata ou violeta cortada
se torne, mas tu e isso juntamente
em terra e fumo, em pó e sombra, em nada.

Friedrich HÖLDERLIN. «Mnemosina (terceira versão)», in *Lógica Poética: Friedrich Hölderlin*. Tradução de João Barrento. [c. 1803] 2011. Lisboa: Vendaval. 211-215.

Maduros estão, mergulhados em fogo, cozidos
Os frutos e na terra provados, e uma lei diz
Que tudo neles deve entrar, quais serpentes,
Profeticamente, sonhando nas
Colinas do céu. E muita coisa,
Como aos ombros uma
Carga de lenha, deve
Ser preservada. Mas traiçoeiros são
Os caminhos. Em verdade, desavindos
Como cavalos andam os elementos
Prisioneiros, e antigas
Leis da Terra. E sempre
Esta ânsia para o desmedido. Muita coisa, porém, deve
Ser preservada. E é necessária a lealdade.
Mas nós nem para diante nem para trás
Queremos olhar. Deixar-nos embalar, como
O lago, em barco a baloiçar.

Cara me é a forma
Da Terra. A luz do sol
Vemos no chão e poeira seca
E as sombras das florestas familiares e nasce
Dos telhados o fumo, perto da antiga coroa
Das torres, em paz; bons são então,
Se alguma coisa do céu, a eles se opondo,
Nos feriu a alma, os sinais dos dias.
Pois a neve, como flores de Maio,
Simbolizando, onde quer que se encontre,
A nobreza de ânimo,
Espalha o seu brilho pelo prado verde

Dos Alpes, lá onde,
Falando da cruz
Que um dia no caminho foi posta
Em memória dos mortos, na estrada alta,
Um viandante segue, irado,
Com o outro — mas isto, o que é?

Junto à figueira me
Morreu o meu Aquiles,
E Ájax jaz
Perto das grutas do mar,
Dos riachos vizinhos do Escamandro.
O vento a assolar-lhe a fronte outrora, seguindo
O imutável costume da hierática
Salamina, em terra estranha, o grande
Ájax se deu à morte.
Pátroclo, esse usava arnês de rei. E mais
Ainda, muitos, morreram. Mas junto ao Citéron
Ficava Eleutere, a cidade de Mnemosina. Também a ela,
Quando seu manto o deus depôs, uma madeixa lhe cortou depois
Aquele que rege o declínio. Pois agastados ficam
Os do céu quando alguém, para aliviar
A alma, em si não tem mão, mas assim tem de ser; no
Mesmo excesso cai o luto.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2003. Lisboa: Asa. *Iliade*. Tradução inédita de José Pedro Serra. [c. século VIII a.C.] 1978. Cambridge, Massachusetts, Londres: The Loeb Classical Library.

Canta, ó deusa, a cólera funesta de Aquiles,
filho de Peleu, que causou mil dores aos Aqueus,
e enviou para o Hades muitas almas ilustres
de heróis, fazendo dos seus corpos a presa dos cães
e de todas as aves – assim se cumpria o desígnio de Zeus –,
desde o momento em que, em confronto, se separaram,
o Atrida, senhor dos homens, e o divino Aquiles.

[I, 1-7] trad. JPS

A BELEZA DE HELENA

Ora junto de Príamo, Pântoo e Timetes,
de Lampo, de Clítio e Hicetáon, vergôntea de Ares,
sentam-se dois homens sensatos, Ucalégon e Antenor,
nesse conselho dos anciãos, junto das Portas Ceias.
Para eles a velhice pôs termo aos combates, mas são hábeis oradores,
semelhantes a cigarras, que, pousadas numa árvore,
soltam na floresta a sua voz delicada.
Assim estavam na fortaleza os chefes dos Troianos.
Quando viram Helena avançar sobre o adarve,
murmuraram entre si estas palavras aladas:
«Que os Troianos e os Aqueus de belas cnémides há tanto tempo
sofram tanto por uma mulher assim, ninguém pode censurar.
Se olharmos para ela, infunde temor sua parecença com as deusas imortais!
Mas, apesar da sua beleza, que embarque nos navios,
que não a deixem aqui para castigo nosso e dos nossos filhos.»

[III, 146-160] trad. MHRP

RETRATO DE AGAMÉMNON

Enquanto assim falavam, Príamo chamou Helena com a sua voz.
 «Vem para aqui, filha querida, senta-te defronte de mim,
 para veres o que outrora foi teu marido, os teus parentes e amigos
 – perante mim não és tu culpada; culpados são os deuses
 que me lançaram nesta guerra com os Aqueus, plena de lágrimas –,
 para me dizeres o nome daquele guerreiro prodigioso,
 quem é esse homem de armas aqueu, belo e grande.
 É certo que há outros de cabeça mais alta,
 mas jamais vi com estes olhos homem tão belo,
 nem tão majestoso. Tem todo o aspecto de um rei.»

[III, 161-170] trad. MHRP

«Mandou-me para Tróia, recomendando-me com insistência
 que fosse sempre valente e superior aos outros,
 a fim de não envergonhar a linhagem paterna,
 a mais conceituada em Éfira e na vasta Lícia.»

[VI, 207-210] trad. JPS

DESPEDIDA DE HEITOR E ANDRÓMACA

Dito isto, pôs nos braços da esposa
 o filhinho; ela recebeu-o no seio perfumado,
 entre risos e lágrimas; condoeu-se o marido ao vê-la,
 acariciou-a, e dirigiu-lhe estas palavras, chamando-a pelo nome:
 «Louca, não te aflijas assim no teu coração!
 Ninguém me lançará no Hades contra as ordens do destino!
 Garanto-te que nunca homem algum, bom ou mau,
 escapou ao seu destino, desde que nasceu!
 Vai para casa tratar dos teus trabalhos,
 o tear e a roca, e dá ordem às tuas aias
 de fazer o seu serviço; a guerra diz respeito aos homens,
 a quantos nasceram em Ílion, e a mim mais do que a nenhum!»

[VI, 482-493] trad. MHRP

A MORTE DE PÁTROCLO

Quase a desfalecer, disseste-lhe ainda, ó Pátroclo cavaleiro:
 «É cedo para te vangloriastes, Heitor; a vitória
 foi Zeus Crónida e Apolo que ta deram; a esses, foi fácil
 dominar-me; eles mesmos me tiraram as armas dos ombros.
 Se vinte homens como tu vieram ao meu encontro,
 todos vinte pereceram, vencidos pela minha lança.
 Mas o destino funesto e o filho de Latona, e, entre os homens,
 Euforbo me mataram. Tu és o terceiro a abater-me.
 Outra coisa te direi, pondera-a no teu espírito.
 Não viverás muito também; já de ti se acercou
 a morte e o destino potente, que te farão subjugar
 pelo braço ilustre de Aquiles Eácida.»
 A estas palavras, envolveu-o o termo da morte.
 A alma evola-se dos seus membros para a mansão do Hades,
 gemendo a sua sorte, ao deixar a força da juventude.

[XVI, 843-857] trad. MHRP

A SUPREMA GLÓRIA

«E agora vou-me, ao encontro de quem me destruiu aquela cabeça amada,
 de Heitor. A morte, hei-de recebê-la quando Zeus
 e os outros deuses imortais quiserem que se cumpra.
 Na verdade, nem a força de Hércules evitou a morte,
 ele que era o mais caro a Zeus soberano, filho de Cronos;
 mas subjugou-o o destino e a ira cruel de Hera.
 Também eu, se destino semelhante me incumbe,
 Hei-de jazer morto. Mas agora quero alcançar uma nobre glória,
 e que as Troianas e Dardánidas de bela cintura,
 enxugando com ambas as mãos as lágrimas
 nas tenras faces, solucem profundamente,
 e se apercebam de quanto tempo me abstive do combate.
 Por muito que me ames, não me afastes da luta: não me convencerás.»

[XVIII, 114-126] trad. MHRP

O ESCUDO DE AQUILES

Fabricou primeiro um escudo grande e forte,
lavrado por todos os lados. Põe-lhe uma cercadura lustrosa,
tríplice e coruscante, com um talabarte de prata.
Cinco eram as camadas que dispôs, e em cada uma delas
compõe labores numerosos, com seus sábios pensamentos.
Forjou lá a terra, o céu e o mar,
o sol infatigável e a lua na plenitude,
e ainda quantos astros coroam o céu,
as Pléiades e as Híades, e a força de Orion,
e a Ursa, conhecida igualmente pelo nome de Carro,
que gira no mesmo lugar e espreita para o Orion,
e é a única a quem não coube tomar banho no Oceano.
Forjou também duas cidades de homens falantes,
mui belas. Numa havia bodas e festins;
ao luar dos archotes, levam pela cidade as noivas
saídas do tálamo; elevam-se no ar muitos cantos nupciais.
Rodopiam os jovens na dança e, no meio deles,
flautas e cítaras erguem a sua melodia.
Às portas, as mulheres apreciam, deslumbradas.
O povo juntou-se na praça pública. Suscita-se aí
uma contenda: dois homens discutem a pena
pela morte de outro. Garante um ao povo, com ênfase,
que tudo pagou, nega o outro que algo recebesse.
Ambos se dirigem a um juiz, para dirimir a contenda.
O povo grita a favor ora de um, ora de outro.
Ambos têm quem os apoie. Os arautos contêm a multidão.
Os anciãos sentam-se em pedras polidas, num círculo sagrado,
segurando nas mãos o ceptro dos arautos de brônzea voz.
Com ele levantam a voz e julgam cada um por sua vez.
Jazem no meio dois talentos de ouro,
para se darem a quem, dentre eles, proferir a sentença mais recta.
Em volta da outra cidade estavam dois exércitos de homens,
com armas ofuscantes. Dividia-se-lhes o ânimo,
se haviam de arrasas, ou de repartir tudo
quanto a cidade de delícias possuía lá dentro em bens.
Mas eles não atendem a nada, e armam-se a ocultas

para uma emboscada. As mulheres queridas e os filhos pequeninos postados nas muralhas, defendem-nas, e, com elas, os velhos, que a idade retém. Os homens saíram. Comanda-os Ares e Palas Atena, ambos de ouro, e de ouro vestidos, formosos e grandes com suas armas. Como deuses que são, distinguem-se bem; os homens são um pouco menores. Quando pois chegaram ao sítio escolhido para a emboscada, à beira-rio, onde se dessedentava a multidão dos gados, postam-se aí cobertos de fulvo bronze. À distância puseram dois vigias, para observarem a chegada das ovelhas e dos bois de chifres recurvos. Estes surgiram em breve. Seguiam-nos dois pastores gozando o som da flauta, pois não suspeitavam do logro. Ao vê-los, caem sobre eles, e, logo em seguida isolam a manada de bois, e o rebanho formoso de alvas ovelhas, e matam os pastores. Os que estavam sentados em frente do lugar da assembleia, assim que distinguem o magno clamor junto dos bois, saltam logo para os cavalos ligeiros, em sua perseguição, e em breve chegam. Param a combater ao longo das margens do rio, e atiram uns aos outros com as lanças ornadas de bronze. Acompanham-nos a Discórdia, o Tumulto e o fado funesto, que ora segura um ferido de há pouco, ainda vivo, ora um não ferido ainda, ora arrasta pelos pés um já morto, no ardor da refrega. Pende-lhe dos ombros um manto purpúreo, tinto em sangue dos homens. O recontro é como o de mortais com vida, como tais combatem e arrastam os cadáveres de ambas as partes. Forjou também uma leira macia, um campo fértil, vasto e ubérrimo. Nela, lavradores inúmeros fazem andar as suas juntas num e noutro sentido. E, quando dão a volta, ao chegar ao extremo do campo, acorre um homem a entregar-lhes nas mãos uma taça de vinho, doce como o mel. E eles dão a volta a cada sulco, dirigindo-os para a meta da leira profunda. Para trás deles fica a terra negra, semelhante à que é lavrada, apesar de ser de ouro. Tal foi o prodígio que ele executou! Forjou também uma quinta régia. Aí há ceifeiros a trabalhar, com fouces agudas nas mãos. Os molhos compactos tombam no solo em fileiras,

outros são atados por homens que os ligam em feixes.
Estão lá três homens para isso; por trás, crianças a enfeixar,
que trazem as paveias nos braços e as fornecem sem cessar.
No meio deles, de pé, em silêncio, sobre a leira,
o rei, com o seu ceptro, regozija-se em espírito.
Ao longe, os arautos preparam a comida debaixo de um carvalho,
imolam um boi enorme e arranjam-no. Entretanto, as mulheres
deitam muita farinha alva, para o jantar dos ceifeiros.
Forjou ainda uma vinha bem carregada de cachos,
formosa e dourada. Os bagos pendentes eram negros.
Segura-os de ponta a ponta com argênteos esteios.
Em volta estendeu um fosso escuro e uma sebe de estanho.
Uma só vereda conduzia até lá. Por ela seguiram
os vindimadores, quando iam colher as uvas.
Donzelas e rapazes de espírito inocente
transportam em cestos entretecidos o fruto doce como mel.
No meio deles um jovem tange à maravilha
uma cítara harmoniosa, cantando formosa endecha
com a sua voz aguda. Os outros pisam o solo a compasso,
com cantos e gritos, e acompanham-no saltando com os pés.
Fabricou também uma manada de vacas de chifres erguidos.
As vacas forjou-as de ouro e de estanho também.
Caminham, a mugir, do estábulo para a pastagem,
ao longo do rio murmurante e do canavial flexível.
Quatro boieiros de ouro movem seus passos junto das vacas,
e seguem-nas nove cães de patas velozes.
Mas dois terríveis leões, na primeira fila das vacas,
agarram um touro a berrar. Este muge muito alto,
mas eles arrebatam-no. Os cães e os moços vão atrás dele.
Os dois dilaceraram já a pele do touro ingente,
e devoram-lhe as entranhas e o negro sangue;
os boieiros perseguem-nos, açulando os cães velozes.
Mas estes livram-se de morder nos leões,
apenas se colocam mui perto, a ladrar, mas fugindo-lhes.
Forjou ainda o ínclito Anfigieu uma pastagem,
grande, num vale formoso, com ovelhas alvinitentes,
estábulo, tendas cobertas e parques.
Cinzelou ainda uma dança o ínclito Anfigieu
semelhante à que outrora, na imensa Cnossos,

Dédalo organizou para Ariadna de belas tranças.
 Aí dançavam, segurando a mão uns aos outros, pelo pulso,
 moços e moças tais que se oferecem por elas muitos bois.
 Elas usam vestes de pano fino, e eles enfiaram
 túnicas bem tecidas, que luzem brandamente,
 devido ao azeite. Elas trazem diademas formosos,
 eles espadas de ouro, pendentes de correias de prata.
 Ora correm depressa, com pés bem adestrados –
 como quando o oleiro, sentado, experimenta
 a roda afeiçoada pelas suas mãos, a ver se gira –
 ora correm em fila, uns atrás dos outros.
 Uma grande multidão assiste em volta,
 deleitada com a dança graciosa. [No meio deles, cantava o aedo
 divino, tangendo a lira.] Dois acrobatas
 andam no meio, a revoltear, ao som da música.
 Modelou ainda a grande força do rio Oceano,
 na cercadura extrema de escudo tão bem lavrado.

[XVIII, 478-608] trad. MHRP

O SONHO DE AQUILES

Entretanto, tomou-o o sono, dissipando os cuidados do seu ânimo
 e derramando-se docemente sobre ele. Muito haviam penado
 os seus membros ilustres, ao repelir Heitor ante a ventosa Ílion.
 Mas eis que surge a alma do miserando Pátroclo,
 em tudo semelhante a ele, na estatura, nos olhos formosos,
 e na voz, o corpo envolvido nas mesmas vestes.
 Pousa sobre a sua cabeça e dirige-lhe estas palavras:
 «Tu dormes, e segues o teu caminho, esquecido de mim, ó Aquiles!
 Não me descuravas em vida, mas depois que pereci.
 Sepulta-me o mais célere que possas, para eu passar as portas do Hades.
 Afastam-me para longe as almas, imagens dos defuntos,
 e não consentem que passe o rio para me juntar a elas.
 Ando errante pela mansão do Hades, de largos portões.
 Mas dá-me a mão, imploro-te, pois não tornarei a sair
 do Hades, quando me couberem em sorte as chamas da pira.»

[XXIII, 62-76] trad. MHRP

SOBREVIVÊNCIA NO HADES

Tendo assim falado, estendeu os braços, mas nada agarrou.
 Como o fumo, a alma partira para debaixo da terra,
 soltando um pequeno grito. Ergueu-se Aquiles de um salto,
 bateu com as mãos uma na outra, e proferiu estas lamentações:
 «Ah! É então verdade que existe na mansão do Hades
 uma alma e uma imagem, que não tem, contudo, espírito algum!
 Toda a noite a alma do miserando Pátroclo esteve comigo,
 a gemer e a lamentar-se e a fazer-me recomendações!
 Maravilha é a parecença que tinha com o próprio!»

[XXIII, 99-107] trad. MHRP

Recordando-se disto [da força viril e do valor de Pátroclo],
 derramava abundantes lágrimas
 ora deitando-se de lado, ora de costas,
 ora com o rosto para baixo; ou então, erguendo-se,
 ia e vinha, errando, junto às margens do mar. Nem a aurora
 lhe passava despercebida, quando surgia sobre o mar e as margens,
 mas depois de atrelar os velozes cavalos ao seu carro,
 e à parte de trás amarrar Heitor,
 três vezes o arrastava à volta do túmulo do filho morto de Menécio;
 então, vinha de novo repousar na tenda, e deixava-o
 jazendo no pó, com o rosto voltado para baixo.

[XXIV, 9-18] trad. JPS

«Lembra-te, Aquiles semelhante ao deus, do teu pai,
 Idoso como eu, no funesto limiar da velhice;
 Talvez, também a ele, os que habitam à sua volta
 o forcem, sem que haja alguém para afastar a ruína e a morte.

Respeita os deuses, Aquiles, e ao lembrares-te do teu pai,
 tem piedade de mim; sou ainda mais digno de piedade,
 pois suportei aquilo que nenhum outro mortal à face da terra suportou,
 levar aos meus lábios a mão do homem que assassinou o meu filho.»
 Assim falou e suscitou em Aquiles o desejo de lamentar o pai;
 colocando a mão sobre o ancião, afastou-o com doçura.
 Ambos se recordavam, um de Heitor, o assassino,

e chorava abundantemente, prosternado aos pés de Aquiles;
o outro, Aquiles, chorava ora o seu pai,
ora Pátroclo; e os gemidos elevavam-se pela casa.

[XXIV, 486-489; 503-512] trad. JPS

HOMERO. *Odisseia*, in *Hélade*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. [c. século VIII a.C.] 2003. Lisboa: Asa. 45-76.

Canta-me, ó Musa, o homem fértil em expedientes, que muito sofreu,
depois que destruiu a cidadela sagrada de Tróia,
que viu as cidades de muitos homens e conheceu o seu espírito,
que padeceu, sobre as ondas, muitas dores no seu coração,
em luta pela vida e pelo regresso dos seus companheiros.
Mas a estes não pôde salvá-los, a despeito dos seus esforços.
Esses pereceram pela sua própria insensatez
– loucos! Que foram devorar os bois consagrados a Hipérion,
o Sol! Por isso o deus os privou do dia do regresso.
Sobre estes feitos, ó deusa, filha de Zeus, fala-nos,
A nós também, principiando em qualquer altura.

[I, 1-10]

No meio cantava o ilustre aedo, e eles, em silêncio,
Escutavam sentados. Cantava o regresso funesto
Dos Aqueus, que, de Tróia, lhes outorgara Palas Atena.
Do andar de cima, ouviu o canto inspirado
A filha de Ícaro, a sensata Penélope.
Desceu pela escadaria do seu palácio,
Porém não sozinha; seguiam-na duas aias suas.
Quando a mais divina das mulheres se acercou
Dos pretendentes, deteve-se junto ao pilar do texto bem construído,
Com os véus brilhantes sobre as faces.
De cada lado, assistia-a uma aia dedicada.

[I, 325-335]

Depois que assim falou, Atena de olhos garços
para o Olimpo, onde se diz que fica dos deuses a eternal e segura
mansão: não a abalam os ventos, nem a humedece a chuva:
não se acerca dela a neve, mas um céu brilhante

se abre sem nuvens. Uma luz alvinitente se derrama por cima.
Aí se deleitam todo o tempo os deuses bem-aventurados.
Para lá se retirou Atena, depois de falar à donzela.
Logo surgiu a Aurora do trono magnífico, que veio acordar
Nausicaa, a dos peplos formosos. Admirada com o sonho que tivera,
atravessa o palácio, para ir contá-lo aos seus progenitores,
ao pai querido e à mãe. Encontrou-os a ambos dentro de casa
— a mãe sentada junto ao lar, com suas aias,
a fiar a lã cor da púrpura marinha, ao pai, encontrou-o
quando ia a sair a porta, juntamente com os ínclitos reis,
a caminho do conselho, ao qual o convocavam os ilustres Feaces.
Parando junto dele, dirigiu-se ao pai amado:
«Papá querido, e se tu me mandasses aparelhar um carro,
alto e de belas rodas, para eu levar a roupa
ao rio, para a lavar? Está para aí tudo sujo.
E a ti também não te agrada, quando vais para o conselho,
com os primeiros do reino, senão roupa imaculada.
Cinco filhos te nasceram no palácio,
dois já casados, e três jovens florescentes
Esses querem sempre ter roupa lavada,
para levarem para a dança. Tudo isso está a meu cargo.»
Assim falou. Pejava-se de aludir às núpcias juvenis
diante do pai querido. Este percebeu tudo e respondeu:
«Não te recuso as mulas, filha, nem qualquer outra coisa.
Vai. Os servos vão já aparelhar-te um carro
Alto e de belas rodas, bem equipado por cima.»
Depois de assim falar, chamou os escravos, que logo obedeceram.
prepararam cá fora um carro de mulas, com belas rodas,
trouxeram os animais e atrelaram-nos ao veículo.
A donzela trouxe dos seus aposentos as vestes brilhantes
e colocou-as em cima do carro lavrado.
A mãe pôs-lhe numa cesta a comida aprazível
e variada, manjares e vinho deitado num odre
de pele de cabra. Já a donzela subira para o carro
e ela ainda lhe entregou num lécito de ouro o húmido azeite,
para com ele se ungir, bem como as mulheres, suas aias.
Nausícaa pegou no chicote e nas rédeas brilhantes,
E deu uma chicotada, para fazer andar as mulas. Ouviu-se um tropel
E lá seguiram sem detença, levando-a, à roupa e a ela

– mas não só, que a acompanhavam também suas aias.
Quando chegaram à corrente límpida do rio,
lá estavam os tanques cheios, com a bela água a jorros,
para lavar a roupa, por mais suja que ela fosse.
Desatrelaram então as mulas do seu carro
e levaram-nas ao longo do torvelinho do rio,
para pastarem a grama doce como mel. As mulheres, por suas mãos,
tiraram as vestes do carro, atiram-nas à água sombria,
batem-nas sobre os buracos com presteza e à compita.
Assim que elas lavaram e limparam todo o sujo,
estenderam a roupa ao longo da praia, onde o mar
vinha amiúde à terra firme molhar os seixinhos.
Banharam-se e com óleo se ungiram. Depois,
comeram a merenda junto das margens do rio,
deixando a roupa a secar ao sol que brilhava.
Assim que a donzela e as aias fruíram da refeição,
retiraram os seus véus, puseram-se a jogar a bola.
Comandava a melodia Nausícaa de alvos braços.
Tal como Ártemis lançadora do dardo desce pelas montanhas,
pelo extenso Taigeto ou pelo Erimanto,
encantada com os javalis e as corças velozes,
e com ela brincam as ninfas campestres, filhas
de Zeus detentor da égide, para deleite de Latona,
mas, acima de todas, a deusa ergue a cabeça e o rosto
fácil de reconhecer, entre tanta formosura...
– assim se distinguia entre as aias a virgem indómita.
Mas quando chegou a hora de voltar para casa,
depois de atrelar as mulas e dobraras lindas roupas,
outra coisa resolveu Atena de olhos garços,
para Ulisses despertar e ver a donzela graciosa,
que o guiaria à cidade dos varões da Feácia.
Logo a princesa atirou a bola para uma aia,
a aia não a apanhou, e caiu na corrente profunda.
Soltaram um grande grito. Acorda o divino Ulisses,
Senta-se e hesita no seu coração e espírito:
«Coitado de mim, a que paragens dos mortais eu abordei?
Serão eles insolentes, selvagens e sem justiça,
ou serão hospitaleiros e de espírito temente aos deuses?
Como chegam até mim vozes frescas de donzelas,

De ninfas, que habitam das montanhas as alturas
Ou as nascentes dos rios, e os prados verdejantes?
Ou estarei eu já perto dos homens dotados de fala?
Vou investigar e saber do que se trata.»
Depois de assim falar, saiu do mato o divino Ulisses,
e com a mão robusta cortou na espessa floresta
um ramo com folhagem, para encobrir a sua virilidade.
Avança, tal o leão das montanhas, fiado na sua força,
que caminha, fustigado pela chuva e pelo vento.
Lampejaram-lhe os olhos, ao perseguir bois e ovelhas
ou corças selvagens: o ventre o impele
até atacar carneiros e entrar em casa cerrada.
–Assim Ulisses intentava juntar-se às donzelas
de belas tranças, apesar de estar nu. A necessidadeurgia.
Mostrou-se-lhes todo sujo e maltratado pelo mar.
Atemorizadas, fugiram cada uma para seu lado, até às margens
altaneiras. Sozinha ficou a filha de Alcínoo. Atena insuflara coragem
no seu espírito, e extirpara o medo dos seus membros.
Ficou parada em frente dele. Hesitou Ulisses,
Se havia de abraçar os joelhos da donzela graciosa,
ou se de longe implorá-la com palavras doces como mel,
que lhe ensinasse o caminho da cidade e desse que vestir.
Com estes pensamentos, pareceu-lhe ser melhor
implorá-la de longe com palavras doces como mel,
não fosse a donzela irar-se, se lhe abraçasse os joelhos.
E logo proferiu estas palavras, doces e cativantes:
«Eu te suplico, princesa: és deusa ou és mortal?
Se tu fores alguma deusa, das que habitam o vasto céu,
a Ártemis te comparo, à filha do grande Zeus,
pelo aspecto, a estatura e a forma!
Se acaso és mortal, das que habitam sobre a terra,
felizes mil vezes são teu pai e tua mãe venerável,
felizes mil vezes os teus irmãos! Por tua causa o coração
se lhes inunda sempre de júbilo,
quando vêem entrar na dança este formoso rebento.
Mas feliz, mais que todos, em seu coração, aquele que vencer os demais
pela riqueza de seus dons, e te levar para sua casa!
Jamais pus os olhos num mortal como tu,
fosse ele homem ou mulher! A tua vista infunde-me veneração.

Conheci outrora em Delos, junto do altar de Apolo, uma beleza assim:
um rebento de palmeira que se erguia nos ares.
Pois também já lá estive. Seguiam-me muitos homens
pelo caminho, que havia de ser a minha perdição.
Assim como alegrei o meu coração ao contemplá-lo
por longo tempo, pois nunca lenho tão formoso saíra do solo,
assim eu te admiro, mulher, e me deslumbro; mas forte é o meu temor
de tocar nos teus joelhos. Grande é a aflição que me invade!
Só ontem escapei do mar cor de vinho, passados vinte dias.
Tal foi o tempo que as ondas e procelas violentas me arrastaram
para longe da ilha de Ogígia. E agora uma divindade me atirou para aqui
para eu sofrer mais alguma desgraça. Pois não creio
que ela cesse. E quantas ainda me destinam os deuses!
Amerceia-te de mim, princesa! Depois de muito sofrer,
a ti vim primeiro! Não conheço nenhum dos outros homens,
que habitam este país e esta terra.
Ensina-me onde é a cidade, dá-me uns farrapos para eu vestir,
se tens por aí o pano com que se fez a trouxa, ao vir para aqui.
Que os deuses te concedam quanto o teu coração deseja,
um marido e um lar, e uma bela concórdia!
Não há nada de melhor nem mais excelente
do que haver um lar onde marido e mulher
têm os mesmos pensamentos! É o desgosto dos inimigos,
a felicidade dos amigos, e deles mais que ninguém.»
Por sua vez replicou-lhe Nausícaa de alvos braços:
«Estrangeiro, tu que não pareces mau nem insensato,
bem sabes que Zeus Olímpico reparte a felicidade entre os homens
bons e maus, dando a cada um o que lhe apraz.
A ti deu-te essa desgraça: força é que a suportes.
E agora que chegaste à nossa cidade e à nossa terra,
não carecerás de roupa nem de mais coisa nenhuma,
que deve dar-se ao pobre suplicante que nos encontra.
Eu te indicarei a cidade, e te direi o nome do povo.
São os Feaces que possuem esta cidade e esta terra.
Eu sou a filha do magnânimo Alcínoo,
que detém o poder e a força entre os Feaces.»
Dito isto, deu ordens às aias de belas tranças:
«Parem, raparigas! Para onde ides, só porque vistes um homem?
Supondes que será um dos nossos inimigos?

Não há, nem haverá mortal tão temeroso
que consiga aportar à terra dos Feaces,
para lhes trazer a ruína! Prezam-nos muito os imortais!
Vivemos muito longe, no mar varrido pelas ondas,
a tal distância que nenhum dos mortais convive conosco.
O homem que aqui está é um infeliz que andou errante, no mar,
de que agora devemos cuidar, pois são todos mandados por Zeus,
hóspedes ou mendigos. A dádiva é pequena, mas estimada.
Vamos, raparigas! Dai de comer e de beber a este estrangeiro,
E banhai-o no rio, onde é mais abrigado do vento.»
Assim falou. As aias detiveram-se. Umas às outras
se exortaram e instalaram Ulisses ao abrigo do vento,
conforme mandara Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo.
Perto dele pousaram um manto e uma túnica, ara se vestir,
e deram-lhe o líquido óleo num lécito de ouro.
Levaram-no para o banho nas águas correntes do rio.
Então disse para as aias o divino Ulisses:
«Raparigas, fiquem bem longe! Eu sozinho
lavarei a salsugem dos meus ombros e me ungirei com óleo.
Há muito que o meu corpo não sabe o que é ungir-se!
Diante de vós não quero banhar-me. Tenho vergonha
de ficar nu, diante de raparigas de belas tranças.»
Assim disse. Elas retiraram-se, e foram contar à donzela.
O divino Ulisses lavou com água do rio a salsugem do mar,
que se lhe agarrara ao dorso e aos ombros largos,
limpou a cabeça da espuma do pélagos estéril.
Depois de se banhar todo e de se ungir com o óleo,
Enfiou as vestes que lhe dera a virgem indómita.
Então Ateneia, filha de Zeus, fê-lo parecer
mais alto e mais forte e fez pender da sua fronte
cabelos encaracolados, como as flores do jacinto.
Como um homem habilidoso, ensinado por Hefestos
e Palas Atena com toda a sua arte,
deita o ouro na prata e faz uma obra formosa,
assim ela lhe derramou a beleza pela cabeça e pelos ombros.
Voltou então, para se sentar à distância, na orla do mar;
Resplandecia de beleza e de encanto. A donzela contemplava-o.
E então disse às aias de tranças formosas:
«Escutai, aias de alvos braços, o que eu quero dizer-vos:

não é contra a vontade unânime dos deuses, habitantes do Olimpo, que este homem veio ter com os divinos Feaces.
Há bem pouco tempo ainda que parecia um miserável.
Agora assemelha-se aos deuses, senhores do vasto céu.
Quem dera que a um homem assim eu chamasse meu esposo, se ele habitasse aqui, e lhe aproovesse ficar!
Dêem de comer e de beber a este estrangeiro, raparigas!»
Assim falou. Elas escutaram-na, obedientes, e pousaram junto de Ulisses comida e bebida.
Então o divino Ulisses que muito sofrera comeu e bebeu com avidez. Há muito que estava privado de alimento.
Mas Nausícaa de alvos braços teve outro desígnio.
Dobrou-se a roupa, colocou-se no belo carro, atrelaram-se as mulas de cascos fortes, e subiu lá para cima.
Incitou então Ulisses, dirigindo-se-lhe com estas palavras: «Levanta-te agora, estrangeiro, para ires à cidade, a fim de eu te conduzir ao palácio do meu valoroso pai.
Aí te prometo que verás os mais valentes de todos os Feaces. Mas faz como eu te digo. Não pareces insensato!
Enquanto passarmos pelos campos e pelos sítios lavrados, Seguirás com presteza as minhas aias, atrás do carro de mulas. E eu mostro-te o caminho.
Quando chegarmos à cidade, cercada de altas muralhas, há, de cada um dos lados, um belo porto, com uma entrada estreita: os navios recurvos estão em seco, ao longo do caminho; cada um tem seu abrigo.
Aí é a praça pública em volta do belo templo de Poséidon, feita com pedras arrancadas da pedreira, meio-enterradas no solo. Aí também se preparam os aprestos das negras naus, amarras e cordagens, e tratam de polir os remos.
Os Feaces não se importam com arcos nem com aljavas, mas com mastros e remos e com navios seguros, com que percorrem, felizes, o mar pardacento.
Ora eu tenho de evitar os seus ditos cruéis, não vá alguém ficar para trás a murmurar – e muitos são os insolentes neste povo – e então algum malicioso, que nos encontrasse, diria assim: – «Quem será aquele estranho alto e formoso, que acompanha Nausícaa? Onde é que ela o achou? Será seu futuro esposo? Ou tanto pediu a um deus, que ele desceu do céu

para aqui e será dele para sempre?

Melhor será, se encontrou noutro lugar marido,
em suas andanças, já que despreza os Feaces do país,
que a solicitam. E esses são muitos e nobres!»

– Assim dirão. E eu cobrir-me-ia de vergonha.

Eu mesma censuraria outra que assim fizesse:

contra as ordens do pai e da mãe querida,
correr atrás dos homens, antes de celebrar o casamento.

Estrangeiro, tu compreendes as minhas palavras. Assim
obterás mais depressa de meu pai uma escolta que te leve a casa.

Encontraremos um bosque esplendoroso de choupos, junto do caminho.

É o bosque de Atena. Aí corre uma fonte. Em volta estende-se um prado.

Fica à distância da cidade de se ouvir a voz.

Senta-te aí, e aguarda o tempo de nós atravessarmos

A cidade e chegarmos à morada de meu pai.

Quando tiveres calculado que chegamos ao palácio,

então vai à cidade dos Feaces e pergunta

pelos paços de meu pai, o magnânimo Alcínoo.

É fácil dar com eles, ainda que fosse teu guia

uma criança pequena, pois não há entre os Feaces

moradia construída como o palácio do herói Alcínoo.

Assim que estiveres oculto no pátio do palácio,

atravessa depressa o mégaron, para encontrares minha mãe.

Estará sentada à lareira, à claridade do lume,

fiando em sua roca cor de púrpura marinha – maravilha

de se ver – encostada a uma coluna. As servas sentam-se atrás.

Aí fica também o trono de meu pai, voltado para o clarão.

Aí sentado é que ele bebe o seu vinho, como se fora um imortal.

Passa adiante dele, e lança os teus braços

aos joelhos de minha mãe, se queres ver o dia do regresso,

regozijando-te em breve, ainda que sejas de longe.

[Se ela te quiser bem em seu coração,

podes esperar que voltas a ver teus amigos

e tornarás à bem construída casa, e à terra ancestral.]»

Depois de assim falar, fustigou as mulas

com o luzidio chicote. E elas deixaram depressa

a corrente do rio. Umas vezes a correr outras estugando o passo,

Nausícaa conduzia bem, para que pudessem segui-la

as aias e Ulisses, que iam a pé; e reduzia as chicotadas.

O sol se pôs, quando chegaram ao glorioso bosque sagrado de Atena. Aí se sentou o divino Ulisses.
 Então dirigiu esta prece à filha do grande Zeus:
 «Atende-me, filha de Zeus detentor da égide, Atritona!
 Escuta-me agora ao menos, já que antes não me ouviste quando eu naufraguei, perseguido pelo ínclito deus que abala a terra. Concede-me que os Feaces sejam amigos e compassivos!»
 Tal foi a sua prece, e ouviu-o Palas Atena, mas sem se lhe mostrar; pois que receava ainda o irmão de seu pai, violentamente enfurecido com o divino Ulisses, até que ele chegasse à pátria.

[VI, 1-320]

Quando se saciaram de bebida e de comida, a Musa inspirou o aedo a cantar a glória dos heróis; a fama daquela gesta chegava já ao vasto céu: a contenda entre Ulisses e Aquiles Pelida, quando um dia discutiram no festim opulento dos deuses, com palavras terríficas. Alegrava-se em seu espírito Agamémnon, príncipe dos homens, porque se injuriavam Os melhores dentre os Aqueus. Assim rezava uma profecia de Febo Apolo, em Delfos divina, quando transpuseram a pétrea soleira, para consultar o oráculo. Então, por desígnio do grande Zeus, começara a rolar a desgraça entre Gregos e Troianos. Assim cantou o ilustre aedo. E Ulisses, Levantando com as mãos robustas o grande manto de púrpura, puxou-o para cima da cabeça, ocultando o belo rosto. Envergonhava-se de deixar deslizar lágrimas dos olhos, em presença dos Feaces.
 Mas, quando o divino aedo cessava de cantar, enxugava as lágrimas, retirava o manto da cabeça e, pegando na taça de duas asas, erguia-a, numa libação aos deuses. Logo que ele recomeçava, porque a isso o incitavam os mais nobres dentre os Feaces, que se deleitavam com os seus versos, Ulisses ocultava a cabeça e suspirava.
 A todos os outros passou despercebido o seu choro. Apenas Alcínoo, como estava sentado perto dele, escutou e percebeu, quando o ouviu gemer profundamente. Em breve se dirigiu aos Feaces, apreciadores da navegação:

«Escutai, chefes e dirigentes dos Feaces!
 Assaz deleitámos já o nosso espírito com o festim
 e a lira, companheira dos banquetes lautos.
 Agora vamos sair, para experimentarmos todos os concursos desportivos
 a fim de que o nosso hóspede possa contar aos amigos,
 quando regressar a casa, como não há quem nos bata
 no pugilismo, na luta, no salto, e na corrida.»

[VIII, 72-103]

«Mas, assim que chegámos à região, que ficava perto,
 aí vemos, na ponta, uma gruta elevada, perto do mar,
 ensombrada pelos loureiros. Aí pernoitavam
 numerosos rebanhos de ovelhas e cabras. Em volta havia
 um pátio elevado, construído com pedras meio-enterradas,
 com grandes pinheiros e carvalhos de latas francas.
 Era aí que habitava o homem monstruoso, que sozinho
 Apascentava os rebanhos, longe dos outros; não andava
 Com os mais: vivia longe deles, sem conhecer as leis.
 Era um monstro espantoso, que não se parecia
 com os homens que comem pão, mas com um pico arborizado
 do alto das montanhas, que se visse isolado dos outros.»

[IX, 181-192]

«Assim falou. E eles puseram-se todos a chamar.
 Ela acorreu logo, abriu as portas fulgentes
 e convidou-os. E os néscios vão todos atrás dela!
 ficou apenas Euríloco, que suspeitava do dolo.
 Levou-os para dentro, sentou-os em leitos e cadeiras de espaldar.
 Para eles mexeu queijo, farinha e o fulvo mel
 com vinho de Pramnos; misturou com esta massa
 lívidos venenos, para que de todo esquecessem o pátrio solo.
 Assim que lhes deu as taças e eles beberam até ao fim,
 bateu-lhes com a vara e foi fechá-los no curral.
 Tinham já cabeça e voz, cerdas e corpo de porcos,
 mas conservavam o espírito tal como dantes.

.....
 Assim falei. Circe atravessa o mégaron, de vara na mão,
 e vai abrir as portas do curral. Empurra para fora os meus homens,
 semelhantes a pingues porcos de nove primaveras...

Eles puseram-se de pé, voltados para ela, que os percorre esfregando um por um com uma droga diversa.
 Caem-lhe dos membros as cerdas, que antes criara o veneno funesto, que lhes propinara a augusta Circe.
 Tornam-se de novo homens, mais jovens do que antes, e muito mais belos e maiores de aspecto.
 Reconheceram-me, e cada um me aperta a mão.
 A ânsia de soluçar invade-os a todos; ecoa pela casa um clamor espantoso. A própria deusa se compadece.
 Aproxima-se de mim e exclama a divina entre as deusas:
 «Ilustre filho de Laertes, Ulisses dos mil artifícios!
 Vai já à nau veloz, na costa marítima.
 Puxa antes de tudo o navio para a terra firme, leva para as grutas os teus bens e as armas todas.
 Depois volta depressa e traz os teus valentes companheiros.»

[X, 229-240, 388-405]

..... “Não houve, ó Aquiles, nem haverá jamais, homem mais feliz do que tu!
 Em vida, os Argivos te honravam à medida dos deuses!
 E agora que aqui estás, és senhor dos defuntos!
 Nem a morte te molesta, ó Aquiles!”
 Assim falei, e ele logo me respondeu:
 “Não me elogies a morte, ó glorioso Ulisses!
 Antes queria ser um servo da gleba, em casa
 De um homem pobre, que não tivesse recursos,
 Do que ser agora rei de quantos mortos pereceram.”

[XI, 482-491]

“Disse tudo, para prevenir os meus companheiros.
 Até que em breve o sólido navio chegou perto da ilha das Sereias. Cessou a brisa favorável,
 E logo parou o vento. Reinava uma serena calma.
 Uma divindade adormecera as ondas.
 Os meus companheiros erguem-se e amainam as velas,
 que recolhem na cavidade da nau; sentam-se nas bancadas e tornam a água branca com o bater dos remos polidos.
 E então eu cortei com o meu bronze aguçado um grande bloco de cera.
 Com as mãos potentes, esmago-a em bocadinhos.

A cera em breve derrete, com a grande força que a molda,
e os raios do Sol, o príncipe filho de Hipérion.
Um a um, tapo com cera os ouvidos dos meus homens todos.
Por sua vez, eles ligam-me de pernas e braços
e amarram-me, de pé, ao mastro central.
Depois, sentados, batem com os remos o mar pardacento.
Porém, quando se afastou até à distância de se ouvir a voz,
nós corríamos velozes, mas não lhes passa despercebida
a rápida nau, que oscila perto, e entoam um canto melodioso;
“Vem cá, Ulisses celebrado, dos Aqueus glória suprema!
Detém o navio, para escutares a nossa voz.
Jamais alguém passou ao largo com a negra nau,
sem que ouvisse o doce canto que sai da nossa boca.
Depois regressa deliciado, com mais amplo saber.
Nós sabemos quantos males, pela vontade dos deuses,
penaram Gregos e Troianos na extensão da Tróade.
E sabemos quanto ocorre na terra que cria os homens.”
Assim disseram, elevando a voz formosa. O meu coração
deseja logo ouvir, e, carregando as sobranceiras,
fiz sinal aos meus que me soltassem. Eles remavam
inclinados. E logo se puseram de pé Perímedes e Euríloco,
que me apertaram bem, com mais amarras ainda.
Depois que passámos ao largo e não se ouvia já
a voz das Sereias nem o seu canto,
os meus fiéis companheiros tiraram logo a cera,
com que lhes tapara os ouvidos, e soltaram-me as cordas.”

[XII, 165-200]

Em seguida respondeu-lhe a sensata Penélope:
“Estrangeiro, a minha valia, beleza e porte
levaram-me os imortais, quando embarcaram para Ílion
os Argivos, entre os quais seguia Ulisses, meu marido.
Ainda se ele viesse, para olhar para a minha vida,
a minha glória seria assim maior e mais bela.
Agora a dor oprime-me, tantos os males que a divindade me envia.
Quantos chefes dominam nas ilhas,
Dulíquio, Samos e Zacinto cheia de florestas,
e quantos administram Ítaca que se avista de longe,
esses me fazem a corte contra vontade, e me arruínam a casa.

Assim já nem cuido de hóspedes ou de suplicantes
Ou de arautos, servidores do povo.
Mas a saudade de Ulisses me consome o coração.
E eles querem apressar os esponsais, mas eu tramo artifícios.
Uma divindade me inspirou primeiro a colocar
um grande tear no palácio, para tecer uma teia
fina e excelsa. Então dizia-lhes:
“Jovens meus pretendentes, já que morreu o divino Ulisses,
apesar da pressa que tendes, dilatai os meus esponsais, para eu acabar
esta teia, e não se me estragarem os fios leves como o vento.
É uma mortalha para o herói Laertes, para quando o dominar
a Moira funesta da morte que deita por terra.
É para que nenhuma das mulheres aqueias me censure entre o povo,
se viesse a fazer sem sudário quem possuía tantos bens.”
Assim falei; e o seu espírito arrogante obedecia.
À noite, punha archotes ao pé e desfazia tudo.
Deste modo rodaram três anos insuspeitos; os Aqueus acreditavam.
Mas quando chegou o quarto e vieram as estações,
[à medida que murchavam os meses e se cumpriam os dias,]
devido às minhas criadas, perras a quem nada importunava,
apanham-me em flagrante e acabrunham-me com palavras.
Assim tive de acabar, não por querer, mas forçada.
Agora já não posso fugir ao casamento, nem descubro
Mais nenhum ardil. Os meus pais incitam-me
a casar; o meu filho irrita-se ao saber
que lhe devoram os bens. Já é um homem,
capaz de olhar pela casa, e a quem Zeus pode dar riqueza

[XIX, 123-161]

HORÁCIO. «Ode XI», in *Odes Escolhidas*. Tradução de Ema Barcelos. [23-13 a.C.] 1975. Porto: Porto Editora. 29.

Não procures averiguar, ó Leucónoe (não é permitido sabê-lo),
que futuro os deuses determinaram para mim ou para ti,
nem sondes os cálculos babilónicos.
Como é melhor sofrer o que vier!
Quer Júpiter te tenha concedido muitos mais invernos,
quer seja o último este que agora quebra as ondas
do mar Tirreno contra os rochedos opostos,
sê inteligente, filtra os vinhos,
e, pois é breve o espaço da vida, não alimentes uma longa esperança!
Enquanto falamos já terá fugido o tempo cioso;
goza o dia de hoje, preocupando-te o menos possível com o que acontecerá
amanhã.

John KEATS. «Ode a uma urna grega», in *The Major Works*. Tradução inédita de Simão Valente. [1820] 2001. Oxford: Oxford University Press. 285-288.

Ó noiva virginal da quietude,
Criança do silêncio e da lentidão,
Historiadora rústica, que pode expressar assim
Um conto florido mais docemente que a nossa rima:
Que lenda ornada de folhas te cinge as curvas
De deuses ou mortais, ou ambos,
Em Tempe ou nos vales da Arcádia?
Que homens ou deuses são estes? Que donzelas relutantes?
Que louca perseguição? Que luta para escapar?
Que flautas e tamborins? Que selvagem êxtase?

São doces as melodias ouvidas, mas as silenciosas
São-no mais; assim, suaves flautas, toquem;
Não aos sentidos do ouvido, mas, mais preciosas,
toquem os espirituais vilancetes sem som:
Bela juventude, sob as árvores, não podes abandonar
Tua canção, nem jamais serão nuas essas árvores;
Impetuoso amante, nunca, nunca beijarás,
Por quanto estejas perto do objectivo, não lamentes;
Ela não desaparece, não terás tua felicidade,
Mas para sempre amarás, tua amada bela!

Ah, felizes, felizes ramos! Que não podem despir
Suas folhas, nem despedir-se da Primavera;
E, feliz músico, incansável,
Para sempre tocando músicas sempre novas;
Mais feliz amor! Mais feliz, feliz amor!
Para sempre feroso e incipiente,
Para sempre ofegante, para sempre jovem;
A paixão humana que respiram é superior

À que deixa um coração em mágoa, nauseado,
A testa a arder, a língua seca.

Quem são estes que vêm para o sacrifício?
A que verde altar, Ó misterioso sacerdote,
Diriges essa vitela que muge aos céus,
Seus sedosos flancos de grinaldas ornados?
Que pequena cidade ribeirinha ou marítima,
Ou em contrafortes serranos, pacífica cidadela,
É esvaziada desta gente, esta pia manhã?
Cidadezinha, tuas ruas para todo o sempre
Ficarão silenciosas; nem viva alma para contar
Porque estás desolada alguma vez voltará.

Ó desenho Ático! Com que beleza dispões
Em mármore homens e donzelas lavrados,
Com ramos silvestres e canas pisadas;
Tu, forma silenciosa, provocas, irracional
Como a eternidade: Fria Pastoral!
Quando a velhice consumir esta geração,
permanecerás, entre outra mágoa
que não a nossa, amiga do homem, a quem dizes,
«A beleza é a verdade, a verdade, beleza, — é tudo
o que sabes na terra, tudo o que precisas de saber.»

Jean de LA FONTAINE. «A raposa e as uvas», in *100 Fábulas de La Fontaine*. Tradução de Bocage. [1668] 2005. Porto: Campo das Letras. 72.

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: — Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia seu caminho,
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

Valéry LARBAUD. «*Carpe diem...*», in *Colóquio Letras 165: Vozes da poesia europeia — II*. Tradução de David Mourão-Ferreira. [1913] 2003. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 70-71.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Espúrio Tarpeio era o comandante da cidadela de Roma. A filha deste, uma jovem virgem, foi então subornada por Tácio com ouro, a fim de deixar entrar homens armados na cidadela. Pois, por uma circunstância fortuita, fora ela naquela ocasião buscar água fora das muralhas para umas cerimónias religiosas. Logo que lá entraram, mataram-na esmagando-a com as armas, quer para que a cidadela parecesse que tinha sido antes tomada pela força, quer para proporcionar um exemplo: que, em circunstância alguma, coisa alguma há de seguro para um traidor. A tradição acrescenta que, trazendo os Sabinos geralmente braceletes de ouro de grande peso no braço esquerdo e anéis com pedras preciosas de grande beleza, a jovem teria pedido no acordo «o que eles traziam nas mãos esquerdas». Por isso, arremessaram sobre ela os escudos em vez dos presentes de ouro. Há quem afirme que ela, segundo o que fora acordado de lhe entregarem, «o que trouxessem nas mãos esquerdas», pedira directamente as armas. E como lhes parecesse que ela os estava a trair, mataram-na com a sua própria recompensa.

Seja como for, os Sabinos apoderaram-se da cidadela. No dia seguinte, quando o exército romano, alinhado para o combate, encheu toda a superfície que se encontra entre o monte Palatino e o Capitólio, eles não desceram para terreno plano, até que os Romanos, com os corações aguilhoados pela cólera e o desejo de recuperar a cidadela, subiram para os atacar. De ambos os lados, os chefes incitavam ao combate, do lado dos Sabinos Métio Cúrcio, do dos Romanos Hóstio Hostílio. Este, numa posição desfavorável, defendia na primeira linha, com coragem e audácia, os interesses romanos. Quando Hóstio caiu, a formação de combate romana, de imediato, cede e, desordenada, precipita-se para junto da velha porta do Palatino. Rómulo, ele próprio arrastado pela multidão em fuga, erguendo as armas para o céu, «Júpiter», disse «foi seguindo as ordens das tuas aves que aqui, no Palatino, lancei os primeiros alicerces desta cidade. Já os Sabinos ocupam a cidadela, comprada por intermédio de um crime. Dali já atravessaram metade do vale e dirigem-se para aqui, de armas em punho. Mas tu, pai dos deuses e

dos homens, afasta, ao menos, os inimigos deste local. Liberta do pânico os Romanos e detém esta desonrosa fuga. Prometo-te neste local um templo dedicado a Júpiter Estator, que seja para os vindouros motivo de recordação de que, com o teu auxílio presente, esta cidade foi salva». Tendo implorado tais coisas e como que sentindo que as suas preces tinham sido escutadas, «É aqui», disse, «Romanos, que Júpiter Ótimo Máximo nos ordena que paremos e recomeçemos o combate». Como que por ordem de uma voz celeste, os Romanos detiveram-se; e Rómulo, em pessoa, voa para junto dos da primeira linha.

Do lado dos Sabinos, Métió Cúrcio fora o primeiro a descer a correr da cidadela e a expulsar os Romanos em debandada por toda a extensão do fórum. E já não estava longe da porta do Palatino, vociferando: «Vencemos os pérfidos hospedeiros, estes cobardes inimigos! Já sabem bem que uma coisa é raptar virgens, outra bem diferente é lutar com homens!» Enquanto este se vangloriava, Rómulo ataca-o com o grupo dos jovens mais belicosos. Por acaso, naquela ocasião, Métió lutava de cima do seu cavalo, e por isso foi mais fácil pô-lo em fuga. Ao fugir, os Romanos perseguem-no. E o resto do exército romano, incendiado pela audácia do seu rei, desbarata os Sabinos. Métió, com o cavalo aterrorizado pelo alarido dos perseguidores, lança-se num pântano. Este acontecimento desviou a atenção dos Sabinos pelo perigo que corria um tal homem. E aquele, com os sinais e chamamentos dos seus e com o espírito estimulado pelo apoio de tanta gente, conseguiu escapar. Romanos e Sabinos recomeçam o combate no meio do vale entre os dois montes. Porém, as forças romanas eram superiores.

Neste momento, as mulheres sabinas, por injúria às quais a guerra tinha tido origem, com os cabelos em desalinho e as vestes rasgadas, vencendo na presente desgraça o pânico próprio das mulheres, ousaram arrojarem-se entre os dardos que voavam de toda a parte e, lançando-se do flanco, separar as linhas inimigas, separar as cóleras. De um lado imploram aos pais, do outro aos maridos, que não se sujassem sacrilegamente com o sangue do sogro, com o sangue do genro, que não maculassem com o parricídio os seus rebentos, descendência deles, netos de uns, dos outros filhos. «Se vos desagrade o parentesco entre vós, se vos desagradam o nosso casamento, voltai a vossa cólera contra nós. Somos nós a causa da guerra, somos nós a causa dos ferimentos e da morte para os nossos maridos, para os nossos pais. Será para nós melhor morreremos do que vivermos, viúvas ou órfãs, sem um de vós». Estas palavras comovem não só a multidão, mas não menos os chefes. Fez-se silêncio e uma repentina calma. Então, os chefes avançam para celebrarem um pacto. E não se trata apenas de um tratado de paz, mas fazem uma

só comunidade de duas. Partilham a autoridade régia; todavia, todo o poder supremo é transferido para Roma. Duplicada desta forma a cidade, para que algo fosse concedido aos Sabinos, passam a denominar-se Quirites a partir da cidade de Cures. Como recordação desta batalha, ao primeiro local onde o cavalo, saindo do pântano profundo, depôs Cúrcio num vau, chamaram de lago Cúrcio.

Christopher MARLOWE. Excerto de «Cena 5», in *A História Trágica da Vida e Morte do Doutor Fausto*. Tradução de João Ferreira Duarte e Valdemar Azevedo Ferreira. [1604] 1987. Lisboa: Inquérito. 57-59.

FAUSTO Vê, Mefistófeles, como, por amor de ti,
Fausto golpeia o braço, e com o seu próprio sangue
Promete a alma ao grande Lúcifer,
Primeiro regente e senhor da noite eterna.
Olha este sangue que me corre do braço:
Que seja propício ao meu desejo!

MEFIST. Mas, Fausto,
Redige isso em forma de escritura.

FAUSTO Assim farei. Mas, Mefistófeles,
Congela-se-me o sangue, não posso escrever mais..

MEFIST. Vou buscar fogo para o dissolver já.

Sai.

FAUSTO Que presságio será este, o coagular do sangue?
Má vontade contra o redigir do documento?
Por que não se derrama ele, para que eu prossiga?
«Fausto dá-te a sua alma...» E parou aqui.
E por que não? Acaso não é tua a tua alma?
Então escreve outra vez: «Fausto dá-te a sua alma...»

Entra Mefistófeles com um braseiro.

MEFIST. Olha, Fausto, aqui está o lume. Chega-o bem..

FAUSTO Ah! Agora volta o sangue a ficar líquido;
Assim, vou terminar sem mais demoras.

MEFIST. (*À parte*) O que eu não farei para lhe obter a alma!

FAUSTO *Consummatum est*. Está pronto o documento.
Fausto doou a alma a Lúcifer.
Mas que inscrição é esta no meu braço?

Homo fuge. Mas para onde hei-de eu fugir?
 Para Deus, não, que me lança no Inferno.
 Enganam-se-me os sentidos: não está nada escrito!
 Oh, sim! Bem vejo, aqui está mesmo escrito.
Homo fuge. Fausto, porém, não fugirá.

MEFIST. Vou buscar algo que o distraia.

Sai.

*Entram diabos, que dão a Fausto coroas e ricas vestes.
 Dançam e retiram-se. Reentra Mefistófeles.*

FAUSTO Que vem a ser este teatro, Mefistófeles?

MEFIST. Nada, Fausto; é só para te alegrar a mente,
 E te mostrar do que a magia é capaz.

FAUSTO E posso invocar tais espíritos a meu bel-prazer?

MEFIST. Podes, Fausto, e fazer coisas bem grandiosas.

FAUSTO Toma, então, Mefistófeles, este pergaminho
 Como doação de meu corpo e minha alma,
 Na condição, porém, de que executes
 Todas as cláusulas e artigos que acordámos.

MEFIST. Pelo Inferno e por Lúcifer te juro, Fausto,
 Que hei-de cumprir todas as promessas.

FAUSTO - Ouve-me então, Mefistófeles; vou lê-los:

«Nos termos seguintes:

Primeiro, que Fausto possa ser um espírito em forma e substância;
 Segundo, que Mefistófeles o sirva e esteja às suas ordens;
 Terceiro, que Mefistófeles faça e lhe traga tudo o que ele quiser;
 Quarto, que permaneça invisível nos seus aposentos ou em sua casa;
 Último, que apareça ao dito João Fausto todas as vezes e sob todas
 as formas e aspectos que este desejar,

Eu, João Fausto, de Wittenberg, Doutor, dou pela presente,
 tanto o corpo, como a alma, a Lúcifer, Príncipe do Oriente, e a seu
 ministro Mefistófeles; e mais lhes concedo, expirado o prazo de
 vinte e quatro anos e mantidos sem violação os artigos acima indi-
 cados, plenos poderes para virem buscar e levar o dito João Fausto,
 corpo e alma, carne e sangue, para a sua habitação, onde quer que
 ela seja.

Eu, João Fausto.

Michel de MONTAIGNE. «Da amizade», in *Œuvres Complètes — Essais*. Tradução inédita de Helena Carvalhão Buescu. [1580] 1962. Paris: Gallimard. 189-191.

Eis a razão por que os legisladores, para honrar o casamento através de alguma semelhança imaginária com esta divina ligação [a amizade], proibem as doações entre marido e mulher, daí inferindo que tudo deve pertencer a cada um deles e que não existe nada que ambos possam pois dividir ou repartir. Se, na amizade de que falo, um pudesse dar ao outro, seria na verdade aquele que recebe o bem-fazer que faria um obséquo ao seu companheiro. Porque, procurando ambos, mais do que qualquer outra coisa, praticar o bem-fazer recíproco, aquele que para isso oferece matéria e ocasião é afinal o que assume o papel de generoso, por dar ao amigo o contentamento de realizar, em lugar de si mesmo, o que ele mais deseja. (c) Quando o filósofo Diógenes tinha falta de dinheiro, dizia pedir aos amigos que lho devolvessem, não que lho dessem. (a) E, para mostrar como isto se pratica na realidade, contarei um singular exemplo da Antiguidade.

O coríntio Eudâmidas tinha dois amigos, Carixeno de Sícion e Areteu de Corinto. Morrendo ele mesmo em pobreza, enquanto os seus dois amigos eram ricos, fez deste modo o seu testamento: «Lego a Areteu a responsabilidade de alimentar e tomar conta da minha mãe, durante a sua velhice; a Carixeno, a de tratar do casamento da minha filha e a dotar da forma mais generosa que lhe for possível; e, caso algum deles venha a desaparecer, delego no sobrevivente o cumprimento também dessa parte.» Os que em primeiro lugar viram este testamento escarneceram dele; mas os seus herdeiros, ao conhecerem os seus termos, aceitaram-no com um singular contentamento. Aconteceu que um deles, Carixeno, faleceu cinco dias mais tarde, sendo pois substituído por Areteu, que assumiu carinhosamente as responsabilidades para com a mãe e, dos cinco talentos que tinha entre os seus bens, deu dois e meio como dote de casamento à sua única filha, e os outros dois e meio à filha de Eudâmidas, tendo elas contraído casamento no mesmo dia.

Este caso é exemplar, exceptuando um único pormenor, o da pluralidade de amigos. Porque esta perfeita amizade, de que falo, é indivisível; cada um se dá de forma tão inteira ao seu amigo que nada lhe resta para par-

tilhar com outros; pelo contrário, lamenta-se de não ser ele mesmo duplo, triplo ou quádruplo, e de não possuir várias almas e várias vontades, para as conferir todas a esse único amigo. As amizades comuns, é possível partilhá-las; é possível apreciar neste a beleza, noutra a simplicidade dos costumes, naquele a generosidade, naqueloutro o sentimento paternal, noutra ainda o sentimento fraternal, e assim por diante; mas a amizade, que possui a alma e a rege de forma soberana, impossível é desdobrá-la. (c) Se dois amigos ao mesmo tempo pedissem o vosso socorro, a qual acorreríeis? Se eles vos pedissem intervenções contraditórias, que ordem seguiríeis? Se um vos confiasse em segredo algo que fosse útil ao outro saber, como resolveríeis a situação? A única e principal amizade desfaz todas as outras obrigações. O segredo, que jurei nunca comunicar a ninguém, posso, sem perjúrio, comunicar àquele amigo que não é um outro: ele sou eu. É um grande milagre desdobrar-se: e os que falam de se triplicar desconhecem a sua elevação. Nada pode ser supremo se houver algo que lhe seja semelhante: e se alguém supuser que, entre dois amigos, eu estou tão ligado a um como a outro, e que quer entre ambos quer entre eles e mim existe o mesmo sentimento, está a multiplicar em confraria a coisa mais una e unida, cuja existência é aliás o que de mais raro se pode encontrar no mundo.

(a) O remate desta história é totalmente adequado ao que eu disse previamente, porque Eudâmidas doa aos seus amigos, como mercê e favor, a possibilidade de eles o ajudarem no que precisa. Fá-los herdeiros da sua própria liberalidade, que consiste em colocar-lhes nas mãos os meios de lhe prodigarem o bem. E, sem dúvida, a força da amizade manifesta-se muito mais esplendorosamente no que ele fez do que no que fez Areteu. Em suma, trata-se de efeitos inimagináveis para quem nunca os saboreou (c), e que me fazem honrar com admiração a resposta daquele jovem soldado a Ciro, quando este lhe perguntou quanto queria ele pelo cavalo com o qual acabara de ganhar o prémio da corrida, e se queria trocá-lo por um reino: «Certamente que não, Senhor; no entanto sem qualquer reserva o daria para arranjar um amigo, se encontrasse um homem digno de tal aliança.» Na verdade, dizia com acerto: «se encontrasse»; porque é fácil encontrar homens apropriados a um conhecimento superficial. Mas naquela em que pomos à prova o verdadeiro âmago do nosso coração, e que nada pretende além disso, é bem verdade ser necessário que todos os impulsos sejam límpidos e de confiança.

Nas relações que nada liga senão um traço comum, apenas há que ter em conta as imperfeições que prejudicam esse mesmo traço. Pouco me deve importar qual a religião do meu médico ou do meu advogado. Esta consideração nada tem de comum com as manifestações de amizade que me

oferecem. E, no relacionamento doméstico que estabelecem comigo os meus servidores, procedo do mesmo modo. Não me preocupo com a castidade de um laçao, mas sim com o seu zelo. Não me assusta tanto um palafre-neiro viciado no jogo, como um que seja imbecil; de igual forma, prefiro um cozinheiro que pragueje a um que seja incompetente. Não me interessa dizer aos outros o que devem fazer no mundo: muitos o dizem já. Interessa-me sim dizer o que nele faço eu.

Entretanto, as impudicas Propétides ousam negar que Vénus seja deusa. Por isso se conta que, em razão da ira da deusa, foram elas as primeiras a prostituírem seus corpos e sua beleza. E quando o pudor desapareceu e o sangue se congelou na face, com pequena alteração, foram elas mudadas em dura pedra.

Pigmalião

Porque as havia visto levar a vida entregues ao crime, ofendido pelos vícios que a Natureza deu em abundância à alma feminina, Pigmalião vivia celibatário, sem esposa, e há muito não tinha companheira em seu leito. Esculpiu, então, talentosamente e com admirável arte, uma estátua de níveo marfim e emprestou-lhe uma beleza com que mulher alguma pode nascer. E enamorou-se da sua obra. O rosto é de autêntica donzela, que se poderia julgar que vive e, se o respeito se não constituísse em óbice, que quer mover-se, a tal ponto a arte se esconde na sua arte. Pigmalião olha-a com espanto e haure em seu peito as chamadas de um corpo fingido. Muitas vezes aproxima a mão para tocar sua obra, saber se aquilo é um corpo ou se é marfim, e não reconhece que ainda é marfim. Beija-a e julga que os beijos são retribuídos. Fala-lhe, agarra-a, e crê que os dedos se afundam nos membros que tocam, e receia que os membros agarrados se manchem de negro. Ora usa de carícias, ora lhe oferta presentes de que as donzelas gostam – conchas, pedrinhas polidas, pequeninas aves, flores de mil cores e lírios, esferas pintadas e lágrimas caídas da árvore das Heliades.

Também lhe recobre de vestidos o corpo. Adorna-lhe os dedos com jóias, enfeita-lhe o pescoço com longos colares, nas orelhas, elegantes pérolas, pendem-lhe do peito cordões. Tudo nela fica bem. E nua não parece menos bela. Deita-a num leito recoberto de púrpura, chama-lhe esposa e, inclinando-lhe o pescoço, reclinava em suaves penas, como se as sentisse. Havia chegado o dia das festividades de Vénus, o mais celebrado em toda a ilha de Chipre. Atingidas em sua nívea cerviz, haviam sido imoladas novilhas de recurvos chifres dourados, o incenso exalava-se no ar quando, tendo-se desempenhado do dever da oferenda, se deteve diante do altar e, timidamente – «Se tudo podeis conceder, ó deuses, desejo que seja minha esposa...» Não ousando dizer uma igual a donzela de marfim, Pigmalião disse – «... uma igual à de marfim.» Dado que a dourada Vénus assistia em pessoa às festividades em sua honra, percebeu o que pretendiam aqueles votos e, como presságio de divindade amiga, por três vezes se acendeu a chama e elevou às alturas a língua de fogo. Ao voltar, Pigmalião dirigiu-se à estátua da sua amada e, reclinando-se no leito, beijou-a. Pareceu-lhe estar quente. Aproxima outra vez a boca e, com as mãos, toca-lhe o peito também. Ao ser tocado, o marfim torna-se mole e, perdendo a dureza sob os dedos, cede-lhes, como a cera do Himeto amolece ao sol e, manuseada pelo polegar, se molda em formas diversas e se torna útil pelo mesmo uso. Enquanto fica espantado e se alegra de modo duvidoso e receia enganar-se, de novo enamorado, toca outra vez com a mão o seu desejo. Era um corpo. As veias palpitam sob o polegar. Então, o herói de Pafo pronunciou palavras plenas de eloquência com que deu graças a Vénus. Por fim, beijou com sua boca uma boca não fingida. A donzela sentiu os beijos que lhe eram dados e corou. E, erguendo seu tímido olhar para os olhos dele, de par com o céu viu o seu enamorado. A deusa assistiu à boda, que organizou. E depois de os cornos da Lua se unirem por nove vezes em círculo completo, aquela gerou Pafo, de quem a ilha tirou o nome.

Emilia PARDO BAZÁN. «A última ilusão de Don Juan», in *Cuentos de Amor*. Tradução inédita de Maria Graciete Silva. [1898] 1911. Madrid: Renacimiento. 32-37.

As pessoas superficiais, que nunca se deram ao trabalho de observar ao microscópio a complexa mecânica do coração, supõem ingenuamente que Don Juan, o libertino precoce, o burlador eterno, se contenta com a satisfação dos sentidos e da fantasia, que dispensa de bom grado o luxo inútil do sentimento e jamais abre a janela dourada a que o espírito assoma para olhar o céu quando o peso da terra o oprime. Pois em boa verdade vos digo que essas pessoas superficiais estão redondamente enganadas e são injustas com o pobre Don Juan, a quem só nós, os poetas, temos sido capazes de compreender, nós que temos a alma a transbordar de caridade e somos perspicazes... justamente porque, cândidos na aparência, cremos em muita coisa.

Para que a verdade se imponha, contar-vos-ei de que modo Don Juan alimentou e preservou a sua última ilusão... e como acabou por perdê-la.

*

Entre a numerosa parentela de Don Juan — que, diga-se de passagem, é fidalgo como o rei —, contam-se umas primitas provincianas muito elogiadas pela sua beleza. A mais jovem, Estrella, distinguia-se das irmãs pela doçura do carácter, pela exaltação da virtude e pelo fervor religioso, razão pela qual em casa lhe chamavam a *Beatita*.

O seu rosto angelical não desmentia as qualidades da alma: parecia-se com uma Virgem de Murillo, daquelas que respiram honestidade e pureza (porque algumas há que, como a morena do guardanapo, chamada *Refeitadeira*, só respiram juventude e vigor). Sempre que o génio vagabundo de Don Juan o impelia a dar uma volta pela região onde viviam as primas, ia vê-las, convivia com elas e mantinha com Estrella conversas intermináveis. Se me perguntardes que íman atraía o pecador para a santa e, mais espantosamente ainda, a santa para o pecador, dir-vos-ei que era talvez o contraste dos temperamentos... e, dito isto, ficaremos tão esclarecidos como antes.

Certo é que, enquanto Don Juan galanteava a oito todas as mulheres, com Estrella falava a sério, sem se permitir o mínimo atrevimento; e que, enquanto Estrella afastava todos os homens, com Don Juan era como pomba mansa que ela vinha comer-lhe à mão, confiante, segura de não manchar a sua plumagem branca. As conversas dos dois primos podia ouvi-las toda a gente; depois de horas de conversa inofensiva, sossegada e doce, ambos se levantavam tão seguros de si, tão tranquilos, tão felizes que Estrella voava até à cozinha ou à despensa para preparar cuidadosamente algum dos pratos que sabia serem do agrado de Don Juan. Mais do que as guloseimas, o que Don Juan saboreava era o mimo com que lhas ofereciam, a frescura do sangue e a anestesia dos sentidos faziam-lhe bem, à semelhança de um banho refrescante para quem caminhou durante muito tempo por areais escaldantes.

Quando Don Juan levantava voo, rumo às cidades grandes onde a vida é febre e loucura, Estrella escrevia-lhe longas cartas, a que ele respondia em poucas linhas, mas sem nunca faltar. Ao regressar a casa, pela madrugada, cambaleando, atordoado da orgia ou com os nervos ainda vibrantes das violentas emoções da cidade profana, ao fechar-se em casa para remoer, entre risadas irónicas, o fel de um desengano — porque também Don Juan colhe desenganos —, ao preparar-se para o duelo controlando a vontade para enfrentar impávido a morte, ao rir-se, ao blasfemar, ao esbanjar a mocidade e a saúde como insensato perdulário dos melhores bens que o Céu nos oferece, Don Juan reservava e apartava, como se põe de parte o dinheiro para uma oferenda a Nossa Senhora, dez minutos para os dedicar a Estrella. Na sua ânsia de carinho, aquela casta consagração de um ser tão delicado e nobre representava o gole de água que, bebido a meio do combate, restitui ao combatente as forças para continuar lutando. Traições, falsidades, perfídias e vilanias de outras mulheres bem podiam levar-se com paciência, enquanto num qualquer recanto do mundo perdurasse o afecto leal de Estrella, a *Beatita*. Sempre que recebia mais uma carta ingénua e encantadora, Don Juan sonhava o mesmo sonho: via-se a caminhar com dificuldade por entre trevas densíssimas, gélidas e quase palpáveis, que a luz sulfurosa do relâmpago e o serpentear do raio iluminavam por instantes; porém, lá longe, muito longe, onde o céu clareava um pouco, vislumbrava Don Juan uma branca figura velada, uma mulher de olhos baixos, trazendo na mão direita uma lamparina acesa, que protegia com a esquerda. Era uma luz que nunca se apagava.

De facto, os anos passavam, Don Juan despenhava-se pela encosta do delírio, e as cartas continuavam a chegar com a mesma regularidade, ternas e serenas como sempre. Eram-lhe tão gratas estas cartas que Don Juan tinha decidido nunca mais ver a prima, receoso de a encontrar decaída, de que o

tempo a tivesse mudado e que, perdido o encanto, ele não tivesse já entusiasmo bastante para manter a correspondência. Queria a todo o custo eternizar o sonho, ver sempre a Estrella com rosto *murillesco*, de santita virgem de vinte anos. É certo que as cartas de Don Juan exprimiam um vivo desejo de fazer uma visita à prima, de voltar à conversa saborosa; porém, como nada impedia Don Juan de realizar tal propósito, é de crer que, se o não fazia, era porque a vontade não era lá muita.

Tinham passado dois lustros, quando um dia, em vez da avantajada folha dobrada do costume, escrita nas quatro faces e depois ao atravessar, Don Juan recebeu um cartãozito sem nada de través, escrito num estilo grave e sóbrio, em que até a letra carecia do abandono característico do arrebatamento do espírito que guia a mão e a faz, por assim dizer, acariciar o papel. Ó mulher, ó água corrente, ó chama fugaz, ó sopro de ar! Estrella pedia a Don Juan que não ficasse surpreendido, nem se zangasse, e confessava-lhe que estava prestes a casar-se... Tinha aparecido um noivo mesmo a calhar, um cavalheiro excelente, rico, honrado, a quem o pai de Estrella devia atenções sem conta; e os conselhos e incentivos de «todos» tinham levado a santita a decidir-se; dizia ela que, com a ajuda de Deus, esperava ser feliz no seu novo estado e ganhar o céu.

Don Juan ficou pensativo por uns instantes; depois, amachucou o papel e lançou-o com desprezo para a lareira acesa. Pensar que, se alguém lhe tivesse dito duas horas antes que Estrella poderia casar-se, ele o teria tratado de velhaco caluniador! E participava-lho ela mesma, sem corar, como se fosse a coisa mais normal e lícita do mundo!

Desde aquele dia, Don Juan, o alegre libertino, perdeu a sua última ilusão; a sua alma vai peregrinando entre sombras, sem nunca mais ver o resplendorzito suave da lâmpada que uma virgem protege com a mão; e ele, que tinha ainda algo de humano, é agora só fera, com dentes para morder e garras para despedaçar sem misericórdia. A sua profissão de fé é uma gargalhada cínica; o seu amor, uma chicotada que queima e arranca a pele, fazendo brotar o sangue.

Dir-me-eis que a santita tinha direito a procurar felicidades reais e gozos sempre mais puros do que aqueles com que batalhava sem tréguas o seu desenfreado ídolo. E direis por certo muito bem, de acordo com o senso comum e a razãozinha anã da prática. Que essa razão medíocre vos faça bom proveito! No sentir dos poetas, pior do que ser escravo do vício é ser desertor do ideal! A santita pecou contra a poesia e contra os ideais do amor irrealizável. Don Juan, crendo na sua abnegação eterna, era, dos dois, o verdadeiro sonhador.

Maria PAWLIKOWSKA-JASNORZEWSKA. «Ofélia», in *Diálogos no Feminino: Antologia poética*. Tradução de Aleksandra Wilkos. [1932] 2007. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas, Faculdade de Letras. 82.

Ah, ficarei aqui ainda muito tempo
na água cristalina, na rede das algas finas
até que me dê conta finalmente
de que não fui amada, pura e simplesmente.

Ezra POUND. «Canto I», in *Os Cantos*. Tradução de José Lino Grünewald.
[1925] 2005. Lisboa: Assírio & Alvim. 19-26.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Giánnis RITSOS. «O desespero de Penélope», in *Antologia*. Tradução de Custódio Magueijo. [1968] 1993. Coimbra: Fora do Texto. 102.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Garci RODRÍGUEZ DE MONTALVO. Excerto de «Capítulo 48», in *Amadís de Gaula*, Volume I. Tradução inédita de Cristina Almeida Ribeiro a partir da edição de Juan Manuel Cacho Blecua. [1304] 1987. Madrid: Cátedra. 702-711.

Amadís acordou do seu pensar à hora a que o sol se queria pôr e, levantando-se, deu com o pé em Gandalín e disse:

— Dormes, ou que fazes?

— Não durmo — disse ele —, mas estou a pensar em duas coisas que vos dizem respeito e, se me quiserdes ouvir, dir-vo-las-ei; se não, deixar-me-ei disso.

Amadís disse-lhe:

— Vai, sela os cavalos e eu vou-me embora, porque não gostaria que me achassem os que me procuram.

— Senhor — disse Gandalín —, estais em lugar apartado e o vosso cavalo, de tão fraco e cansado, se lhe não derdes algum repouso, não vos poderá levar.

Amadís disse-lhe, chorando:

— Faz o que tiveres por bem, que nem folgando nem andando hei-de eu ter descanso.

Gandalín cuidou dos cavalos e tornou a ele e rogou-lhe que comesse de uma empada que trazia, mas não o quis fazer, e disse-lhe:

— Senhor, quereis que vos diga as duas coisas em que pensava?

— Diz o que quiseres — disse ele —, que eu já nada dou por coisa que se diga ou faça, nem queria mais viver no mundo desde que a confissão chegado fosse.

Gandalín disse:

— Ainda assim, senhor, rogo-vos que me ouçais.

Então disse:

— Pensei muito nesta carta que Oriana vos enviou e nas palavras que o cavaleiro com quem combatestes disse, e, como a firmeza de muitas mulheres é muito ligeira, mudando o seu querer de uns para outros, pode ser que Oriana vos tenha falhado e querido, antes que o soubésseis, fingir desgosto contra vós. E a outra coisa é que eu a tenho por tão boa e tão leal que não se

alteraria assim sem alguma coisa que falsamente lhe tenham dito de vós e que ela terá por verdadeira, sentindo pelo seu coração que tão firme vos ama que assim o vosso devia fazer por ela; e, pois vós sabeis que nunca com ela errastes e, se alguma coisa lhe foi dita, há-de saber-se a verdade e sereis sem culpa, por donde não só se arrependerá do que fez, mas com muita humildade vos pedirá perdão e tornareis com ela àqueles grandes deleites que vosso coração deseja, não é melhor que, esperando este remédio, comais e tomeis consolo tal com que a vida possa sustentar-se, que morrendo com tão pouca esperança e coração a percais a ela e percais a honra deste mundo e até o outro torneis incerto?

— Cala-te, por Deus — disse Amadís —, que tal loucura e mentira disseste que com ela se enfureceria toda a gente e tu dizes-mo para me confortar, o que não cuides que possa ser. Oriana, minha senhora, nunca errou em coisa nenhuma e se eu morrer é com razão, não porque o mereça, mas porque assim cumpro a sua vontade e mandado, e, se eu não entendesse que para me confortares o disseste, cortar-te-ia a cabeça; e fica sabendo que me causaste enorme desgosto e daqui em diante não te atrevas a dizer-me algo semelhante.

E, afastando-se dele, foi passeando ribeira abaixo, pensando tão fortemente que nenhum sentido em si mesmo tinha. Gandalín adormeceu, como quem havia dois dias e uma noite que não dormia, e tornando Amadís, arre-dado já do seu cuidado, e vendo como tão sossegadamente dormia, foi selar o seu cavalo e escondeu a sela e o freio de Gandalín entre umas espessas matas para que não pudesse ir atrás dele, e pegando nas suas armas meteu-se pela espessura da montanha, com grande sanha de Gandalín pelo que lhe dissera.

E assim andou toda a noite e o outro dia até à hora de vésperas. Então, entrou numa grande várzea, que ao pé de uma montanha estava e onde havia duas árvores altas que estavam sobre uma fonte e foi ali para dar água ao cavalo, que todo aquele dia andara sem achar água, e quando à fonte chegou, viu um homem de ordens, de cabeça e barbas brancas, que dava de beber a um asno e vestia um hábito muito pobre de lã de cabras. Amadís saudou-o e perguntou-lhe se era de missa; o homem bom disse-lhe que havia bem quarenta anos que o era.

— Graças a Deus — disse Amadís. — Rogo-vos agora que fiqueis aqui esta noite, por amor de Deus, e que me ouçais em confissão, de que muito necessitado estou.

— Em nome de Deus — disse o bom homem.

Amadís apeou-se e pôs as armas em terra, tirou a sela ao cavalo e deixou-o pascer a erva, despiu a armadura e ajoelhou-se diante do bom homem e

começou a beijar-lhe os pés. O homem bom tomou-o pela mão e, erguendo-o, fê-lo sentar-se junto de si e viu que era o mais formoso cavaleiro que vira na sua vida; mas viu-o pálido, as faces e o peito banhados nas lágrimas que derramava, e teve pena dele e disse:

— Cavaleiro, parece que haveis grande coita e se é por algum pecado que fizestes e essas lágrimas de arrependimento vos vêm, em boa hora nascestes, mas se vo-lo causam algumas coisas temporais, de que segundo vossa idade e formosura por razão não deveis andar muito apartado, lembrai-vos de Deus, e pedi-lhe a graça de vos trazer a seu serviço.

E ergueu a mão e abençoou-o e disse-lhe:

— Agora dizei todos os pecados de que vos lembrardes.

Amadís assim fez, dizendo-lhe toda a sua história, que nada faltou.

O homem bom disse-lhe:

— Segundo o vosso entendimento e a linhagem tão alta donde vindes, não vos deveríeis matar nem perder por coisa alguma que vos acontecesse, quanto mais por obra de mulheres que com ligeireza se ganha e perde, e aconselho-vos que não penseis em tal coisa e que vos deixeis de tal loucura, que o façais por amor de Deus a quem não prazem tais coisas, e também pela razão do mundo se deveria fazer, que não pode um homem, nem deve, amar quem o não ama.

— Bom senhor — disse Amadís —, cheguei a um ponto em que não posso viver senão muito pouco e por aquele Senhor poderoso cuja fé mantendes vos rogo que queirais levar-me convosco este pouco tempo que durar e terei convosco conselho de minha alma; pois já nem armas nem cavalo me fazem falta, deixá-lo-ei aqui e irei convosco a pé fazendo a penitência que me mandardes; e se isto não fizerdes faltareis a Deus porque andarei perdido por esta montanha sem achar quem me dê remédio.

O bom homem, que o viu tão decidido e com todo o coração para fazer o bem, disse-lhe:

— Decerto, senhor, não convém a um cavaleiro como vós ausentar-se assim como se todos lhe faltassem, e muito menos por causa de uma mulher, que o seu amor não é mais que quanto os seus olhos vêem e quando ouvem algumas palavras que lhes dizem e, passado aquilo, logo esquecem, especialmente naqueles falsos amores que contra o serviço do alto Senhor se tomam, pois aquele mesmo pecado que os engendra, fazendo-os no começo doces e saborosos, aquele os faz lançar com tão cruel e amargoso parto como agora tendes; mas vós, que sois tão bom e tendes senhorio e terra sobre muita gente, e sois leal advogado e guardador de quantos e quantas injustiças recebem, e tão defensor do direito, grande desventura seria, e grande dano e perda

para o mundo, se vós assim o fôsseis desamparando; e eu não sei quem é aquela que vos trouxe a tal estado, mas parece-me que, se numa única mulher houvesse toda a bondade e formosura que há em todas as outras, nem por ela um homem como vós deveria perder-se.

— Bom senhor — disse Amadís —, eu não vos peço conselho quanto a esta parte, que dele não hei mister, mas peço-vos conselho para a minha alma e que queirais levar-me convosco; e, se não o fizerdes, não terei outro remédio senão morrer nesta montanha.

E o homem bom começou a chorar com a compaixão que dele tinha, a ponto de as lágrimas lhe caírem pelas barbas, que eram longas e brancas, e disse-lhe:

— Meu filho, senhor, eu moro num lugar muito esquivo e difícil de viver, num ermitério metido no mar bem sete léguas, numa penha muito alta, e é tão estreita a penha que nenhum navio a ela pode chegar, a não ser em tempo de verão, e ali moro eu há trinta anos, e a quem ali morar convém deixar os vícios e prazeres do mundo, e o meu mantimento é de esmolas que os da terra me dão.

— Tudo isso — disse Amadís — é a meu gosto, e agrada-me passar convosco assim a vida, esta pouca que me resta, e rogo-vos, por amor de Deus, que mo outorgueis.

O homem bom outorgou-lho muito contra vontade, e Amadís disse-lhe:

— Agora mandai-me, padre, o que devo fazer, que em tudo vos serei obediente.

O homem bom deu-lhe a bênção e a seguir disse vésperas, e, tirando de um alforge pão e peixe, disse a Amadís que comesse, mas ele não o fazia, apesar de ter passado já três dias sem comer, e ele disse:

— Vós deveis-me obediência e mando-vos que comais, se não vossa alma estaria em grande perigo se assim morrêsseis.

Comeu então, mas muito pouco, que não podia afastar de si aquela grande angústia em que estava, e quando foi hora de dormir o bom homem deitou-se sobre o seu manto e Amadís a seus pés, que em todo o resto da noite não fez senão revolver-se com a grande coita e dar grandes suspiros e já cansado e vencido pelo sono adormeceu, e naquele dormir sonhava que estava fechado numa câmara escura que não tinha nenhuma vista e, não achando por onde sair, queixava-se-lhe o coração; e parecia-lhe que sua prima Mabilia e a Donzela da Dinamarca vinham ter com ele, e diante delas estava um raio de sol que tirava a escuridão e iluminava a câmara, e que elas o tomavam pelas mãos e diziam: «Senhor, saí para este grande palácio»; e parecia-lhe que havia grande gozo e, saindo, via a sua senhora Oriana, cercada a toda a volta

por uma grande chama de fogo, e ele próprio, que dava grandes gritos dizendo «Santa Maria, acudi-lhe» e passava pelo meio do fogo, porque não sentia nada, e tomando-a nos braços a punha numa horta, a mais verde e formosa que alguma vez vira. E aos grandes gritos que ele deu acordou o homem bom e pegou-lhe na mão, perguntando-lhe o que havia; ele disse:

— Meu senhor, tive agora, dormindo, tão grande coita que por pouco não morri.

— Bem pareceu pelos vossos gritos — disse ele —, mas é tempo de nos irmos embora.

E logo montou no seu burro e entrou no caminho. Amadís ia-se embora com ele a pé, mas o bom homem, coagindo-o, fê-lo montar no seu cavalo e assim partiram juntos, como ouvis. E Amadís pediu-lhe que lhe concedesse um dom no qual não arriscaria coisa alguma. Ele concedeu-lho de bom grado e Amadís pediu-lhe que enquanto morasse com ele não dissesse a ninguém quem era nem nada da sua vida, e que não o chamasse pelo seu nome, mas por outro que lhe quisesse dar, e que, assim que morresse, o fizesse saber aos seus irmãos, para que o levassem para a sua terra.

— A vossa morte e vida está em Deus — disse ele —, e não faleis mais nisso, que Ele vos dará remédio se o conhecerdes e amardes e servirdes como deveis; mas dizei-me: que nome gostaríeis de ter?

— O que tiverdes por bem — disse ele.

O homem bom ia observando como era formoso e elegante e a grande coita em que estava e disse:

— Quero pôr-vos um nome adequado à vossa pessoa e à angústia em que estais; porque sois mancebo e mui formoso e a vossa vida está em grande amargura e trevas, quero que vos chameis Beltenebros.

Aquele nome agradou a Amadís, que teve o bom homem por entendido por haver-lho posto com tão grande razão, e por este nome foi ele chamado enquanto com ele viveu e durante muito tempo depois, que não menos louvado foi por ele que pelo de Amadís, devido às grandes coisas que fez, como adiante se dirá.

Pois falando nisto e noutras coisas, chegaram ao mar sendo já noite cerrada e aí acharam uma barca na qual haviam de passar o homem bom para o seu ermitério; e Beltenebros deu o seu cavalo aos marinheiros e eles deram-lhe um pelote e um tabardo de grossa lã parda; e entraram na barca e partiram rumo à penha, e Beltenebros perguntou ao bom homem como se chamava aquela sua morada e qual era o nome dele.

— A morada — disse ele — chama-se a Penha Pobre, porque ali não pode morar ninguém senão em grande pobreza e o meu nome é Andalod, e fui

clérigo bastante entendido, e passei a juventude em muitas vanidades, mas Deus, por sua graça, fez-me pensar que os que o hão-de servir têm grandes inconvenientes e obstáculos no trato da gente, porque, segundo a nossa fraqueza, mais para o mal que para o bem somos inclinados, e por isso lembrei-me de me retirar para este lugar tão só, donde há mais de trinta anos nunca saí, senão agora, que vim ao enterro de uma irmã.

Muito se satisfazia Beltenebros com a solidão e aspereza daquele lugar e ao pensar em morrer ali recebia algum descanso. Assim foram navegando na sua barca até que à penha chegaram. O ermitão disse-lhes:

— Voltai.

E os marinheiros tornaram a terra com a sua barca, e Beltenebros, contemplando a austera e santa vida daquele homem bom, com muitas lágrimas e gemidos, não por devoção, mas por grande desespero, pensava suportar na companhia dele tudo o que vivesse, que no seu pensamento seria muito pouco.

Giórgos SEFÉRIS. «Micenas», in *Piímata*. Tradução inédita de Manuel Resende. [1935] 1985. Atenas: Ikaros. 77.

Texto sujeito a Direitos de Autor

George Bernard SHAW. «Acto I», in *Pigmalião*. Tradução de Mário César de Abreu. [1913] 1987. Mem Martins: Europa-América. 23-33.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Mary SHELLEY. «Capítulo IV», in *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*.
Tradução de Mário Martins de Carvalho. [1818] 2015. Porto: Civilização.
43-45.

Texto sujeito a Direitos de Autor

É pouco proveitoso que um rei ocioso,
junto a esta lareira amena, entre estes penhascos áridos,
acasalado com uma esposa envelhecida, meça e reparta
leis desiguais por uma raça selvagem
que açambarca, e dorme, e alimenta-se, e não me conhece.
Eu não posso descansar da viagem; eu beberei
a vida até às borras; todo o tempo eu fruí
grandemente, sofri grandemente, sempre com aqueles
que me amaram, e só, em terra, e quando
através de fortes rajadas as chuvosas Híades
vexaram o mar fosco: eu tornei-me num nome.
Por perambular sempre com um coração esfomeado
muito eu vi e conheci: cidades de homens,
e maneiras, climas, assembleias, governos,
eu próprio não menos, mas honrado por todos eles,
e o deleite ébrio da batalha com os meus pares
longe nas planícies retinentes da ventosa Tróia.
Eu sou uma parte de tudo o que encontrei;
porém, toda a experiência é um arco através do qual
cintila aquele mundo não viajado cuja margem se desbota
para sempre e para sempre quando eu me movo.
Como é enfadonho pausar, pôr um fim,
enferrujar não brunido, não brilhar em uso!
Como se respirar fosse viver! A vida empilhou-se de vida;
era tudo demasiado pequeno, e do que eu era
pouco resta; mas toda a hora é salva
daquele silêncio eterno, alguma coisa mais,
alguém que traz coisas novas; e vil seria eu
se durante três sóis armazenasse e açambarcasse.
Possa este espírito cinzento anelando em desejo
seguir o conhecimento como uma estrela que se afunda

para além do máximo confim do pensamento humano.
Este é o meu filho, meu próprio Télmaco,
a quem eu deixo o ceptro e a ilha.
Filho bem-amado, discernindo para realizar,
por prudência lenta, este labor de fazer ameno
um povo áspero, e através de graus macios
submetê-los para o útil e para o bem.
O mais sem culpa é ele, centrado na esfera
dos deveres comuns, decente se não falhar
em ofícios de ternura, e prestar
a devida adoração aos meus deuses familiares
quando eu me for. Ele trabalha o seu trabalho, eu o meu.
Ali está o porto; o navio enfuna a sua vela;
ali anuviam-se os escuros, amplos mares. Meus marinheiros,
almas que labutaram, e se cansaram, e pensaram comigo,
que sempre deram boas-vindas bem-dispostas
ao trovão e à luz do sol, e opuseram
corações livres, frentes livres... vocês e eu somos velhos;
mas a velhice ainda tem a sua honra e a sua labuta.
A morte fecha tudo; mas algo antes do fim,
algum trabalho de nobre nota pode ainda ser feito
por homens não destoantes que se esforçaram com os Deuses.
As luzes começam a piscar dos rochedos;
o longo dia mingua; a lenta lua sobe; as profundezas
gemem em volta com muitas vozes. Venham, meus amigos,
não é demasiado tarde para demandar um mundo mais novo.
Avancem e, sentados, um após outro batam
nos sulcos sonantes; porque mantém-se o meu propósito
de velejar para além do poente, e banhar-me
em todas as estrelas do Ocidente, até eu morrer.
Poderá ser que os golfos nos lavarão,
poderá ser que tocaremos as Ilhas Felizes
e veremos o grande Aquiles, que nós conhecemos.
Apesar de muito estar tomado, muito se aguentou; e apesar de
nós não sermos agora aquela força que em dias passados
moveu Terra e Céus, aquilo que somos, somos.
Um temperamento igual de corações heróicos
feito fraco pelo tempo e pelo destino, mas forte em vontade
de se esforçar, demandar, encontrar, e de não ceder.

TERESA DE ÁVILA. «Sobre aquelas palavras ‘Dilectus meus mihi’», in *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»*, Volume I. Tradução de José Bento. [século XVII] 1993. Lisboa: Assírio & Alvim. 125.

*Toda me entreguei, sem fim,
e de tal sorte hei trocado,
que é meu Amado para mim,
e eu sou para meu Amado.*

Quando o doce Caçador
me atirou, fiquei rendida,
entre os braços do amor
ficou minha alma caída.
E ganhando nova vida,
de tal maneira hei trocado,
*que é meu Amado para mim,
e eu sou para meu Amado.*

Atirou-me com uma seta
envenenada de amor,
e minha alma ficou feita
una com seu Criador.
Eu já não quero outro amor,
que a meu Deus me hei entregado,
*meu Amado é para mim,
e eu sou para meu Amado.*

J.R.R. TOLKIEN. *O Senhor dos Anéis: A irmandade do anel*. Tradução de
Fernanda Pinto Rodrigues. [1954] 2003. Mem Martins: Europa-América.
356-357.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Gonzalo TORRENTE BALLESTER. «Capítulo I», in *Don Juan*. Tradução de Cristina Rodrigues e Artur Guerra. [1963] 2005. Algés: Difel. 29-35.

Texto sujeito a Direitos de Autor

CANTO I

Exórdio

Canto as armas e o varão que nos primórdios veio das costas de Tróia para Itália e para as praias de Lavínio, fugitivo por força do destino, e muito padeceu na terra e no mar por violência dos deuses supernos, devido ao ressentimento da cruel Juno; muito sofreu também na guerra, até fundar uma cidade e introduzir os deuses no Lácio; daqui provêm a raça latina, os antepassados albanos e as muralhas da grandiosa Roma.

Musa, lembra-me as causas, por que razão ressentida, devido a que ofensa aos seus desígnios terá a rainha dos deuses forçado um varão notável pela sua piedade a sofrer tantas provações e a enfrentar tantas dificuldades. Tão grandes cóleras têm os espíritos supernos?

[15]

Tempestade

O Euro, o Noto e o tempestuoso Áfrico lançaram-se ao mesmo tempo sobre o mar, revolvem-no todo desde as mais recônditas profundezas, fazem rolar grandes vagas contra a costa.

Segue-se a gritaria dos homens, o estrépito do cordame. As nuvens subitamente fazem desaparecer o céu, escondem a luz dos olhos dos Teucros. Uma noite negra abate-se sobre o mar. Trovejaram os céus, e o éter refulge com relâmpagos constantes. Tudo se orienta para levar aos varões uma morte iminente.

De repente Eneas sente um arrepio por todo o corpo, geme e, estendendo aos astros as duas mãos em súplica, diz o seguinte:

— Ó três e quatro vezes felizes aqueles a quem coube em sorte tomar junto das altas muralhas de Tróia, diante do olhar dos seus progenitores! Ó filho de Tideu, o mais forte do povo dos Dánaos, não ter podido eu sucumbir nos plainos de Ílion, exalar o meu último suspiro por tua mão! Lá, onde jaz o fero Heitor, devido ao dardo do Eacida, onde jaz o grande Sarpédon, onde o Simoente faz rolar nas suas águas tantos escudos arrancados aos guerreiros, elmos e animosos corpos.

Ao que assim bradava, a estridente procela atinge-lhe frontalmente a vela com o Aquilão e ergue as ondas até aos astros. Quebram-se os remos, e então a proa perde a direcção e oferece o flanco às ondas. Sobrevém uma montanha de água, que rebenta violentamente lá do alto.

Uns estão suspensos na crista da vaga; a outros o mar, afastando-se, mostra o fundo por entre as ondas. A água fervilha em borbotões de areia. Três navios são desviados e arrastados pelo Noto contra os escolhos ocultos pelas águas. Os Ítalos chamam Aras a estes rochedos que se encontram no meio das ondas, dorso imane à superfície do mar. Outros três são empurrados pelo Euro do mar alto para os baixios e para golfos tempestuosos. Fá-los encalhar nos baixios e cerca-os com um montão de areia.

Diante dos seus próprios olhos, uma vaga enorme, que se precipita lá do alto, atinge na popa o navio que levava os Lícios e o fiel Orontes: o timoneiro é sacudido borda fora e, perdendo o equilíbrio, cai de cabeça; a onda faz o navio dar três voltas no mesmo sítio, fazendo-o rodopiar, e um violento remoinho afunda-o nas águas. Vêm-se raros sobreviventes a nadar na imensidão do abismo, as armas dos varões, pranchas e os tesouros de Tróia espalhados pelas ondas. A borrasca já levou de vencida o sólido navio de Ilioneu, o do forte Acates e aquele em que viajava Abante, aquele em que viajava o ancião Aletes. Desconjuntadas as juntas do casco, todos eles metem danosa água e abrem brechas.

Entretanto, Neptuno apercebeu-se de que o mar estava a ser perturbado, com grande fragor, que uma tempestade tinha sido desencadeada e que as profundezas eram revolvidas desde o leito do oceano. Gravemente encolerizado, ergueu a majestosa cabeça à superfície das águas, examinando atentamente a vastidão do pélagos. Vê a armada de Eneias espalhada pelo mar fora, os Troianos fustigados pelas ondas, o desabar do céu. As insídias de Juno não passaram despercebidas ao que era seu irmão, nem a sua cólera. Chama a si o Euro e o Zéfiro, e diz-lhes em seguida:

— Tão grande confiança na vossa estirpe se apoderou de vós? Já ousais, ó ventos, perturbar sem minha autorização céus e terra e erguer moles tamanhas? Olhai que eu... Mas em primeiro lugar devo fazer amainar as ondas agitadas. Depois me pagareis o que fizestes com um castigo maior do que esta reprimenda. Apressai-vos a fugir! E dizei o seguinte ao vosso rei: não foi a ele que coube em sorte o poder sobre o pélagos e o terrível tridente, mas a mim. Ele domina sobre grandes penhascos, vossas moradas, ó Euro; que Éolo se pavoneie nesse palácio e reine dentro dos limites do cárcere dos ventos!

Assim falou e, mais depressa do que demora dizê-lo, faz amainar a encafelada superfície do mar, põe em fuga as nuvens amontoadas, faz voltar o sol.

Cimótoe e Tritão, apoiando-se num cachopo, desencalham os navios, o próprio Neptuno os ergue com o tridente, abre passagem nos vastos montões de areia, acalma o mar e desliza à superfície das águas com leves rodas. E tal como quando por vezes, numa grande multidão, surge um motim e o povo comum se exalta, voam já archotes e pedras e a cólera providencia armas, então, se porventura a turba avista um homem respeitado pela sua piedade e méritos, todos fazem silêncio e prestam atenção: aquele orienta os ânimos com as suas palavras e abranda os corações. Assim também cessou todo o fragor do pélagos, depois que o Pai, olhando do alto as águas, deslocando-se pelo céu aberto, faz voltar os cavalos e voando solta as rédeas ao seu carro propício.

[18-20]

CANTO IV

Morte de Dido

Trémula e assustada com os seus monstruosos intentos, Dido, revirando os olhos raiados de sangue, de faces trementes cobertas de manchas, pálida por causa da sua morte iminente, irrompe para os recessos mais recônditos da casa e furiosa sobe os altos degraus e põe a descoberto a espada troiana, oferecida não destinada a estes fins, depois de ver as vestes troianas e o costumado tálamo, detendo-se aqui um pouco em lágrimas e pensamentos, deitou-se no leito, e disse as últimas palavras:

— Despojos outrora gratos, enquanto os Fados e os deuses o permitiam, recebi esta alma, libertai-me destes dissabores. Cheguei ao fim dos meus dias e levei ao cabo o percurso que a Fortuna me havia concedido. E agora uma majestosa sombra da minha pessoa descerá às profundezas da terra. Fundei uma cidade ilustre, vi as minhas próprias muralhas. Vingando a morte do meu esposo, castiguei um irmão inimigo. Feliz, oh, demasiado feliz, não houvessem nunca os navios dos Dárdanos tocado sequer as nossas praias!

Disse e, tendo mergulhado o rosto no leito, acrescentou:

— Morrerei sem vingança. Morra embora! Mesmo assim, mesmo assim me apraz descer ao reino das sombras! Que o cruel Troiano, lá do mar alto, ponha os olhos nestas chamas e consigo leve o agouro da minha morte.

Falara. E em meio a tais palavras vêem as servas que ela sobre o ferro deslizara, vêem a espada espumante de sangue, as mãos desfalecentes. Aos altos átrios sobem os clamores. Pela cidade combalida delira a Fama. Freme o palácio com os lamentos, o gemido e o ulular das mulheres; ressoa o ar com descomunais gemidos. É como se toda Cartago ou a antiga Tiro irrompesse

contra inimigos atacantes e chamas furibundas se enroscassem pelas moradas dos homens e dos deuses.

A irmã, meia morta, ouviu. E estarrecida, em trémula correria, dilacerando o rosto com as unhas, ferindo o peito com os punhos, precipita-se por entre a multidão e chama a moribunda pelo nome:

— Era então isto, irmã? Enganavas-me, a mim? Era isto que essa pira, era isto que os fogos e os altares me preparavam? Desamparada, de que me hei-de queixar primeiramente? Desprezaste, ao morrer, a companhia de tua irmã? Chamasses-me ao mesmo destino: a mesma agonia pela espada, a mesma hora teria levado as duas. Foi com estas mãos que eu ergui a pira, foi com a minha voz que invoquei os deuses de nossos pais, para cruel assim te faltar, a ti que nela jazes. Destruíste-te a ti e a mim, irmã, e o povo e os nobres de Sídón e a tua cidade! Permiti que com água lave a ferida e com meus lábios lhe recolha o último suspiro, se porventura, errante, ainda lhe resta algum alento.

Assim falando, transpusera já os altos degraus e, tendo abraçado a irmã, que expirava, acalentava-a ao peito, gemendo, e enxugava-lhe com o vestido as negras golfadas de sangue.

Ela, depois de ter tentado levantar os olhos, que lhe pesam, de novo desfalece. A ferida, tendo penetrado profundamente, rumoreja nos arcanos do peito.

Três vezes, arrimada ao cotovelo, forcejou por se erguer; três vezes tomou de novo no leito. Com olhos errantes procurou a luz do céu imenso. E gemeu ao encontrá-la.

Então a onipotente Juno, da longa dor compadecida e do custoso passamento, enviou Íris do Olimpo para libertar a alma em agonia dos membros que a aprisionavam. Como não percia de acordo com o seu destino nem tão-pouco de morte merecida, mas, infeliz!, antes da sua hora e incendiada de súbita loucura, Prosérpina não lhe havia ainda arrebatado da cabeça o louro cabelo nem consagrara aquela vida ao estígio Orco. Por isso Íris, húmida de orvalho, arrastando céus afora mil cores variegadas com suas asas de ouro, contra o sol, voando desce e adeja sobre a cabeça:

— A Dite eu consagro este cabelo e desse corpo te liberto.

Assim fala, cortando-lhe o cabelo com a dextra. E a um tempo se dissipa todo o calor e nos ventos se lhe vai a vida.

CANTO VI

Missão de Roma

Outros, estou certo, poderão modelar com mais gráceis linhas figuras de bronze que pareçam respirar, acredito até que serão capazes de arrancar ao mármore rostos que falem, pleitearão melhor as causas, descreverão com o ponteiro os caminhos do céu e predirão o nascimento das estrelas. A ti, Romano, não o esqueças, cabe-te governar os povos com o teu poder. Estas serão as tuas artes: ditar normas para a paz, ser clemente para com os vencidos e submeter os soberbos pela força.

[169-170]

CANTO VI

A Barca de Caronte

Daqui parte o caminho que conduz às ondas do tartáreo Aqueronte. Este rio, de grande fundura, turvo de lodo, fervilha e vomita toda a sua vaza no Cocito. Horrendo barqueiro, Caronte, de assustadora sordidez, guarda as águas deste rio. Tem no queixo uma desgrenhada e farta barba branca, o olhar fixo e chamejante. Cai-lhe dos ombros, preso por um nó, um manto imundo. Ele próprio impele a embarcação com uma vara, governa-a, com o velame e transporta os corpos na barca cor de ferro, já idoso, mas a sua velhice é fresca e viçosa, como convém a um deus.

Para aqui se precipitava em tropel a turbamulta, espalhando-se junto às margens, homens e mulheres, corpos defuntos de heróis de alma grande, meninos e donzelas por casar, depostos nas piras ainda jovens, sob o olhar dos seus progenitores, tantas quantas as folhas que soltando-se caem nas florestas com o primeiro frio do Outono, ou quantas as aves que se aglomeram ao dirigirem-se para terra vindas do alto mar, quando a estação fria as afugenta através do oceano e as empurra para terras onde brilha o sol.

Estavam imóveis, implorando para serem as primeiras a fazer a travessia, estendiam as mãos com a ânsia da outra margem. Mas o sombrio barqueiro ora aceita estes ora aqueles, mas a outros, tendo-os escorraçado da margem, mantém-nos longe dela. Eneias, naturalmente espantado e perturbado por aquela agitação, diz:

— Diz-me, ó virgem, que significa esta afluência junto do rio, que pedem as almas? Ou com que critério deixam estas a margem e aquelas sulcam com remos o rio escuro?

Assim lhe respondeu concisamente a velha sacerdotisa:

— Filho de Anquises, sem dúvida alguma progénie de deuses, estás a ver os profundos lagos do Cocito e o paul de Estige, pelo qual os deuses receiam jurar falso. Toda esta turba que contempas é a mísera multidão dos insepultos. Aquele barqueiro é Caronte; estes, que as águas levam, os sepultados. Não é permitido passar de uma margem a outra e atravessar as roucas correntes antes de os ossos repousarem na sua morada. Vagueiam durante cem anos e volitam em torno destas margens. Só então, finalmente admitidos na barca, podem voltar a ver as águas desejadas.

O filho de Anquises susteve o passo e estacou, para consigo tecendo muitas considerações e de coração compadecido pela sorte cruel. Avista aí, tristonhos e carecidos das honras da morte, Leucáspis e Orontes, chefe do navio da Lícia, que o Austro afundou na mesma ocasião, quando navegavam, vindos de Tróia, através dos mares fustigados pela ventania, envolvendo com água homens e navios.

[150-151]

Marguerite YOURCENAR. *Memórias de Adriano*. Tradução de Maria Lamas. [1951] 2008. Lisboa: Ulisseia. 101-104.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(2)
MEMÓRIA E VIDA

LIVRO I

Agostinho manifesta a intenção de louvar a Deus

I. 1. Senhor, tu és grande e digno de todo o louvor. Grande é a tua virtude e a tua sabedoria não tem limites. Quer o homem louvar-te, ele que é uma parte da tua criação, o homem que irradia a sua mortalidade, que irradia o testemunho do seu pecado e o testemunho de que tu resistes aos orgulhosos: e contudo quer louvar-te o homem que é uma parte da tua criação. És tu que fazes com que ele se delicie em louvar-te, porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti. Senhor, faz com que eu saiba e compreenda se devo invocar-te primeiro ou louvar-te, se primeiro devo conhecer-te ou invocar-te. Mas quem te invoca sem te conhecer?

[5]

LIVRO X

A procura de Deus nas suas criaturas

VII.8. Amo-te, Senhor, com uma consciência não vacilante, mas firme. Feriste o meu coração com a tua palavra, e eu amei-te. Mas eis que o céu, e a terra, e todas as coisas que neles existem me dizem a mim, por toda a parte, que te ame, e não cessam de o dizer a todos os homens, de tal modo que eles não têm desculpa. Tu, porém, compadecer-te-ás mais profundamente de quem te compadeceres, e concederás a tua misericórdia àquele para quem fores misericordioso: de outra forma, é para surdos que o céu e a terra entoam os teus louvores. Mas que amo eu, quando te amo? Não a beleza do corpo, nem a glória do tempo, nem esta claridade da luz, tão amável a meus olhos, não as doces melodias de todo o género de canções, não a fragrância das flores, e dos perfumes, e dos aromas, não o maná e o mel, não os membros agradáveis aos abraços da carne. Não é isto o que eu amo, quando amo o meu Deus, e, no entanto, amo uma certa luz, e uma certa voz, e um certo perfume, e um certo alimento, e um certo abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume, alimento, abraço do homem interior que há em mim, onde brilha para a minha alma o que não ocupa lugar, e onde ressoa o que o tempo

não rouba, e onde exala perfume o que o vento não dissipa, e onde dá sabor o que a sofreguidão não diminui, e onde se une o que a saciedade não separa. Isto é o que eu amo, quando amo o meu Deus.

9. E que é isto? Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus e ele respondeu-me: «Não sou eu, mas foi ele mesmo que me fez.» Interroguei a terra e ela disse: «Não sou eu»; e todas as coisas que nela existem responderam-me o mesmo. Interroguei o mar, e os abismos, e os seres vivos que rastejam, e eles responderam-me: «Não somos o teu Deus; procura acima de nós.» Interroguei as brisas que sopram, e o ar todo com os seus habitantes disse-me: «Anaxímenes está enganado; eu não sou Deus.» Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas, e dizem-me: «Nós também não somos o Deus que tu procuras.» E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: «Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito.» E elas exclamaram, com voz forte: «Foi ele que nos fez.» Contemplá-las era a minha pergunta e a resposta era a sua beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: «Tu quem és?» E respondi: «Um homem.» E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior. Qual destas coisas é aquela em que eu devia procurar o meu Deus, que eu já tinha procurado por meio do corpo, desde a terra até ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? Mas o interior é, sem dúvida, o melhor. Por isso a este, como presidente e juiz, é que todos os mensageiros do corpo faziam saber as respostas do céu, da terra, e de todas as coisas que neles existem, quando dizem: «Não somos Deus» e «Foi ele que nos fez». O homem interior conheceu estas coisas pelo ministério do exterior; eu, enquanto homem interior, conheci estas coisas, eu, eu enquanto espírito, por meio da capacidade de sentir do meu corpo. Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus, e ele respondeu-me: «Não sou eu, mas foi ele que me fez.»

[447-451]

Não é possível encontrar Deus com o poder dos sentidos

VII.II. O que é, então, que eu amo, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está sobre o vértice da minha alma? É por meio da minha alma que subirei até ele. Irei além da minha força, com a qual estou preso ao corpo e encho de vida o seu organismo. Nesta força não encontro o meu Deus: pois assim também o encontrariam *o cavalo e o muar, que não têm inteligência*, e é esta a mesma força com que vivem também os seus corpos. Há outra força com a qual não só vivifico, mas também sensifico a minha carne, que o Senhor

moldou para mim, ordenando aos olhos que não ouçam, aos ouvidos que não vejam, mas àqueles que eu veja por meio deles, a estes que eu ouça por meio deles, e a cada um dos restantes sentidos o que é próprio dos seus lugares e funções; funções que, apesar de diversas, eu, um só espírito, desempenho por meio deles. Irei também além desta minha força; pois também a possuem o cavalo e o muar: também eles a sentem por meio do corpo.

O poder da memória

VIII.12. Irei também além desta força da minha natureza, ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou. Quando aí estou, peço que me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas durante mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras, ainda, precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo: «Será que somos nós?» E eu afasto-as da face da minha lembrança, com a mão do coração, até que fique claro aquilo que eu quero e, dos seus escaninhos, compareça na minha presença. Outras coisas há que, com facilidade e em sucessão ordenada, se apresentam tal como são chamadas, e as que vêm antes cedem lugar às que vêm depois, e, cedendo-o, escondem-se, para reaparecerem de novo quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto alguma coisa de memória.

13. Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada, todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz; todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebe, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas. Contudo, não são as próprias coisas que entram, mas sim as imagens das coisas, percebidas pelos sentidos, que ali estão à disposição do pensamento que as recorda. Mas quem dirá o modo como foram formadas

estas imagens, ainda que seja visível por que sentidos foram captadas e escondidas no interior? Na verdade, quando estou às escuras ou em silêncio, trago à memória as cores, se quiser, e distingo o branco do negro, e outras cores, que eu quiser, umas das outras; e não se intrometem os sons nem perturbam aquilo que considero absorvido por meio dos olhos, embora estejam lá e estejam latentes, como que armazenados à parte. E, se me apetece, chamoo-os, e aparecem logo e, com a língua em repouso e a garganta em silêncio, canto quanto quiser, sem que aquelas imagens das cores que, no entanto, aí se encontram, se interponham nem interrompam, quando se volta a mexer no outro tesouro que entrou pelos ouvidos. Do mesmo modo recorde, consoante me agrada, as restantes coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos, e, sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do das violetas, e, sem nada provar nem tocar, mas apenas recordando, prefiro o mel ao arrobe e o macio ao áspero.

14. Realizo estas acções no meu interior, no imenso palácio da minha memória. Aí está à minha disposição o céu, e a terra, e o mar, com todas as coisas que neles pude perceber pelos sentidos, excepto aquelas de que me esqueci. Aí me encontro também comigo mesmo e recorde-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia. Aí estão todas as coisas de que eu me recorde, quer aquelas que experimentei quer aquelas em que acreditei. A partir dessa mesma abundância, com as coisas passadas, eu teço ainda umas e outras semelhanças das coisas, quer as que experimentei, quer aquelas em que acreditei a partir das que experimentei, e, a partir destas, congeminho as acções futuras, e os acontecimentos, e as esperanças, e todas estas coisas, mais uma vez, como se estivessem presentes. «Farei isto e aquilo» — digo comigo mesmo no recôndito imenso da minha alma, cheia de imagens de tantas e tão grandes coisas, e segue-se isto ou aquilo. «Oh se acontecesse isto ou aquilo!» «Deus não permita isto ou aquilo!» Digo isto comigo mesmo e, ao dizê-lo, estão diante de mim as imagens de tudo o que digo, vindas do mesmo tesouro da memória e, se elas faltassem, não diria absolutamente nada disso.

15. Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou. Logo, o espírito é estreito para se abarcar a si mesmo: então onde poderá estar o que de si mesmo ele não abarca? Acaso fora de si mesmo e não dentro de si? Como é que, então, o não abarca? Muita admiração me causa isto, a estupefacção apodera-se de mim. Deslocam-se os homens para admirar as alturas dos montes, e as ondas alterosas do mar, e os cursos lar-

guíssimos dos rios, e a imensidão do oceano, e as órbitas dos astros, e não prestam atenção a si mesmos nem se admiram de que, quando eu dizia todas essas coisas, não as via com os olhos, e todavia não as diria, se interiormente não visse na minha memória, em espaços tão vastos, como se os visse fora de mim, os montes, e as ondas, e os rios, e os astros que vi, e o oceano a que dei crédito. E, todavia, vendo essas coisas, não as absorvi, quando as vi com os olhos, e não são essas coisas que estão em mim, mas sim as suas imagens, e sei a partir de que sentido do corpo cada coisa foi impressa em mim.

[453-459]

ANÓNIMO. «Vagamundo», in *Homo Viator: Estudos em homenagem a Fernando Cristóvão*. Tradução de Júlia Dias Ferreira e João Almeida Flor. [s.d.] 2004. Lisboa: Colibri. 59-61.

Sobre o homem solitário é muita vez derramada
a compaixão do Senhor, apesar de, em sofrimento,
demorar enquanto cruza as tempestades do mar.
E os remos vão revolvendo as carreiras do exílio
por entre gélidas vagas, inabalável Destino!
Nas batalhas mais cruéis já seus parentes tombaram.
E em desgraça atribulado assim falou Vagamundo:
«Nos alvares da manhã carpia eu minha dor.
Nem ousou expor a ninguém o mal do meu coração.
Não há virtude mais nobre do que dor emudecida,
encarcerada no peito e amarrada ao pensamento.
De fadiga nem resiste ao Fado a alma cansada;
De pouco vale o vigor que na alma se contém.
Quem tem anseio de glória, deve manter quase sempre
silêncio de coração. Assim o trago, sozinho,
prisioneiro, dolorido, da minha terra apartado,
longe de nobres parentes e do meu senhor querido,
que já foi a enterrar e eu parti, sulcando as ondas.
Alongada era a mansão e a quem tesoiros me desse
procurei por toda a terra e a quem jurasse afeição,
alívio de minhas penas, fonte de mim jubilosa.
Quem pode saber bem sabe como é cruel na vida
ter a dor por companheira, ter a dor por confidente.
E em vez do oiro lavrado pesa então no pensamento
o desterro da viagem que enregela o coração.
Vive a saudade de outrora dos tesoiros repartidos
em banquetes e festins na mansão de meu senhor.
Nenhuma alegria resta. Por muitos anos se lembram
as palavras do senhor, quando o sono e a saudade
assaltam quem, pesaroso, em solidão se imagina

a beijar o seu senhor e a repousar as mãos ambas
em sua fronte ou regaço com os deleites antigos
quando o oiro lhe cabia. Quando, em solidão, desperta,
remira as ondas cavadas, e as gaivotas em queda,
e em mistura, tudo cai: geada, neve, granizo.
E fica a dor mais pungente do coração destroçado,
com penas do amor perdido. E renova-se a amargura
se a saudade dos parentes avassala o pensamento.
Um cântico lhes entoa e contempla os companheiros,
perdidos logo depois, em densa bruma esvaídos.
Na sombra de aves marinhas não há palavras de outrora.
E a dor cresce mais funda e exausto o coração
singra em ondas traiçoeiras. E cismo, errante no mundo,
negros pensamentos meus na vida de tantos nobres
tão de súbito arrancados ao convívio das moradas,
jovens guerreiros sem medo. E em cada hora do dia
a vida declina e cai. Ninguém se julgue sensato,
sem contar muitos invernos com tudo o que a terra tem.
Sensatez é paciência. Que ninguém seja fogoso,
nem impulsivo ao falar, nem soldado timorato,
nem impiedoso guerreiro, receoso nem afoito,
ávido de bens terrenos, nem fanfarrão entre os mais,
sem que possa presumir do mundo a sabedoria.
Sem a glória apregoar, guerreiro que for audaz
espera que seu coração lhe revele o rumo certo.
Guerreiro que for prudente sabe do tempo futuro,
quando a riqueza do mundo já ficar desperdiçada,
tal como por toda a terra acossados pelo vento
há muros quase desfeitos e mansões desmoronadas.
Jazem salões em ruínas. Morreram os poderosos,
em desespero maior; ceifados foram os homens
junto aos muros da morada. Uns arrebatou a guerra
e à vida lhes pôs fim; a uns levaram os corvos
que no mar alto esvoaçam; devorados pelo lobo
outros partiram daqui e à terra os devolveu
a mão dos seus companheiros, abatidos, pesarosos.
Assim nosso Criador devastou a terra inteira,
obra antiga de gigantes, que, privada de alegria,
esvaziada ficou. Quem sabiamente medita

sobre esta vida de trevas e tais massacres recorda,
 tais palavras pronuncia: «Onde param cavaleiros?
 Onde param os corcéis? E a partilha dos tesoiros?
 E a sala dos banquetes? E a mansão jubilosa?
 Pobre esplendor o das taças! Pobres guerreiros em arenas!
 Pobre é a glória dos reis! Lá longe, fugiu o tempo
 que todo o fulgor perdeu, envolto em manta da noite,
 como se nunca o tivera. E nesse lugar erguido
 ficou um muro altaneiro com figuras entalhadas
 e com friso de serpentes. Nobres guerreiros levados
 por força férrea das lanças na cobiça do massacre,
 (Fado que foi desditoso!) Varrem vendavais encostas,
 cai sobre a terra granizo e tumulto de invernias.
 E do norte chovem pedras, terror de todos os homens,
 em noites de dor e treva. E depois a escuridão.
 Este reino cá da terra só nos traz tribulações,
 e a vontade do Destino rege a mudança do mundo.
 Transitória é a riqueza, os amigos transitórios,
 parentes, vida também e as entranhas da terra
 ficarão, ao fim, vazias.» Assim falou e pensava,
 exilado, a meditar, a voz sábia de um mortal.
 Feliz quem conserva a Fé. E ninguém lastime a dor
 que traz em seu coração, sem antes prover remédio.
 Feliz quem Misericórdia ao Pai do Céu sempre implora,
 Que é fonte de Fortaleza, nosso refúgio e solaz.

Guillaume APOLLINAIRE. «A ponte de Mirabeau», in *Oiro de Vário Tempo e Lugar: De São Francisco de Assis a Louis Aragon*. Versões por A. Herculano de Carvalho. [1912] 2003. Porto: Asa. 23-24.

Pela ponte Mirabeau se escoo o Sena
E esses amores
Forçoso é que eu os lembre
Vinha a alegria após a mágoa sempre

A hora soa o dia finda
Os dias vão-se eu estou ainda

De mãos dadas fiquemos face a face
Enquanto sob
Os nossos braços passa
Dos eternos olhares a água tão lassa

A hora soa o dia finda
Os dias vão-se eu estou ainda

Vai-se o amor como esta água corrente
Vai-se o amor
Como esta vida é lenta
E como a Esperança é violenta

A hora soa o dia finda
Os dias vão-se eu estou ainda

Os dias e as semanas vão depressa
Nem o que foi regressa
Nem dos amores a pena
Pla ponte Mirabeau se escoo o Sena

A hora soa o dia finda
Os dias vão-se eu estou ainda

A rua ia gritando e eu ensurdecia.
Alta, magra, de tudo, dor tão majestosa,
Passou uma mulher que, com mãos sumptuosas,
Erguia e agitava a orla do vestido;

Nobre e ágil, com pernas iguais a uma estátua.
Crispado como um excêntrico, eu bebia, então,
Nos seus olhos, céu plúmbeo onde nasce o tufão,
A doçura que encanta e o prazer que mata.

Um raio... e depois noite! — Efémera beldade
Cujos olhos me fez renascer tão de súbito,
Só te verei de novo na eternidade?

Noutro lugar, bem longe! é tarde! talvez *nunca!*
Porque não sabes onde vou, nem eu onde ias,
Tu que eu teria amado, tu que bem sabias!

Samuel BECKETT. «Segundo acto», in *Dias Felizes*. Tradução de Jaime Salazar Sampaio. [1961] 1989. Lisboa: Estampa. 53-62.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Lucian BLAGA. «Sol ibérico», in *Nas Cortes da Saudade: Antologia poética*.
Tradução de Micaela Ghiteșcu. [1968] 1999. Coimbra: Minerva. 139.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Karen BLIXEN. «3 — O selvagem na casa da imigrante», in *África Minha*.
Tradução de Ana Falcão Bastos. [1937] 2001. Lisboa: Clube do Autor. 43-49.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Blaise CENDRARS. Excerto de «Prosa do transiberiano», in *Poesia em Viagem*. Tradução de Liberto Cruz. [1913] 2005. Lisboa: Assírio & Alvim. 91-95.

Texto sujeito a Direitos de Autor

«Se um raio me caísse aos pés não me teria causado mais terror que esta carta. Que segredo me esconderia Amélia? Quem a forçava tão de súbito a abraçar a vida religiosa? Ter-se-ia porventura reconciliado com a vida através do encanto da sua amizade apenas para me abandonar seguidamente? Oh, porque viera ela então dissuadir-me do meu propósito? Um impulso incontrolado de piedade tinha-a impelido para junto de mim, mas logo fatigada desse penoso dever apressara-se a deixar só um desgraçado que apenas a tinha a ela na terra. Julga-se ter tudo feito quando se impediu um infeliz de morrer! Tais eram as minhas lástimas. Depois fazia um esforço sobre mim próprio. ‘Ingrata Amélia’ — magicava — ‘se estivesses no meu lugar, se, como eu, te visses perdida na vacuidade dos teus dias, não terias sido abandonada por teu irmão.’

«Contudo, sempre que relia a carta encontrava nela um não-sei-quê de tão triste e tão terno que todo o meu coração se comovia. De súbito ocorreu-me uma ideia que me restituiu alguma esperança. Imaginei que Amélia teria talvez concebido por um homem um sentimento que não ousava confessar. Esta suposição parecia explicar a sua melancolia, aquela misteriosa correspondência e o tom apaixonado que a sua carta exalava. Escrevi-lhe imediatamente a suplicar-lhe que me abrisse o seu coração.

«Não tardou a responder-me, mas sem me revelar o seu segredo. Informava-me apenas de que havia obtido as dispensas do noviciado e que ia em breve pronunciar votos.

«Revoltei-me contra esta obstinação de Amélia, o mistério das suas palavras e a sua pouca ou nenhuma confiança na minha amizade.

«Após ter hesitado por momentos sobre o partido que me convinha tomar, decidi deslocar-me a B... para realizar um último esforço junto de minha irmã. A terra onde fora criado ficava-me em caminho. Quando avistei as matas onde passara os únicos instantes felizes da minha vida, não pude reter as lágrimas e foi-me impossível resistir à tentação de dar-lhe um último adeus.

«Meu irmão primogénito vendera a herança paterna e o novo proprietário não morava ali. Cheguei ao castelo pela comprida avenida de abetos. Atravessei os pátios desertos. Não perdi tempo a examinar as janelas cerradas e meio despedaçadas, os cardos que cresciam junto aos muros, as folhas que juncavam os limiares das portas e aquele patamar isolado onde vira tantas vezes meu pai e os meus fiéis servidores. A escadaria estava já coberta de musgo. O goiveiro amarelo medrava entre as pedras desconjuntadas e oscilantes. Um porteiro desconhecido abriu-me a porta com brusquidão. Hesitei em transpor o limiar. Esse homem exclamou: ‘Pois quê! Ides proceder como essa estrangeira que aqui veio há alguns dias? Quando ia a entrar desmaiou e vi-me obrigado a levá-la ao colo para a sua carruagem.’ Foi-me bem fácil identificar a ‘estrangeira’, que, tal como eu, viera procurar naqueles sítios lágrimas e recordações!

«Ocultando por momentos os olhos no lenço, entrei no lar dos meus ancestrais. Percorri os compartimentos rangentes, onde apenas se ouvia distintamente o ruído dos meus passos. Os quartos estavam só iluminados pelo débil clarão que penetrava através das persianas cerradas. Visitei aquele onde minha mãe perdera a vida ao deitar-me no mundo, aquele onde meu pai dormia, aquele onde eu também dormia no meu berço, aquele, enfim, onde a amizade tinha recebido os meus primeiros transportes no seio de uma irmã. Por todo o lado os salões se encontravam ao abandono, e as aranhas teciam as suas teias nos leitos vazios. Abandonei precipitadamente esses lugares e afastei-me deles a grandes passadas sem me atrever a voltar a cabeça. Como são doces, mas breves, os dias passados pelos irmãos e pelas irmãs durante as suas juventudes, reunidos sob a égide de seus velhos parentes! A família do homem dura apenas um dia. O sopro divino dispersa-a como fumo. Mal se chegam a conhecer, os filhos ao pai, o pai aos filhos, a irmã ao irmão, o irmão à irmã! O carvalho vê germinar as landes à sua volta, mas não acontece o mesmo aos filhos dos homens!

«Ao chegar a B... fiz-me conduzir ao convento e pedi para falar com minha irmã. Disseram-me que não recebia ninguém. Escrevi-lhe. Respondeu-me que, estando prestes a consagrar-se a Deus, não lhe era permitido voltar o pensamento para o mundo, e que se a amava deveria evitar amargurá-la com o espectáculo da minha dor. E acrescentava: ‘Contudo, se o teu propósito é estar presente ao altar no dia da minha profissão, dignar-te-ás ali servir-me de padrinho. Esse papel é o único digno da tua coragem, o único que convém à nossa amizade e ao meu sossego.’

«Esta gélida firmeza que se opunha ao ardor da minha afeição lançou-me em violento desespero. Ora estava prestes a regressar ao ponto de

partida, ora preferia ficar unicamente para ter ensejo de perturbar o sacrifício. O Inferno sugeriu-me até a ideia de me apunhalar em plena igreja e de misturar o meu último suspiro aos votos que me furtavam minha irmã. A superiora do convento mandou entretanto prevenir-me de que me tinham designado um lugar no santuário e convidava-me a assistir à cerimónia que iria ter lugar no dia imediato.»

Fiódor DOSTOIÉVSKI. Excerto de «A história de Nástenka», in *Noites Brancas*. Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra. [1848] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 52-59.

Texto sujeito a Direitos de Autor

T.S. ELIOT. «O enterramento dos mortos», in *A Terra sem Vida*. Tradução de Maria Amélia Neto. [1922] 1970. Lisboa: Ática. 21-25.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Dinu FLAMAND. [a janela entreaberta vende na rua], in *Sombras e Falésias*.
Tradução de Corneliu Popa. [2010] 2017. Lisboa: Guerra e Paz. 75.

a janela entreaberta vende na rua
a astúcia de um jogo secundário

a essa hora a luz começa a bater-se com as sombras
por todos os fios de erva

o poeta fará as suas gamas na voz do silêncio
e mais tarde acolherá as palavras

ninguém leva a sério as tentativas dessa
cor peluda que esboça um ritmo como
o fervilhar das pedras

o homem avança com a oferenda das suas mãos vazias
por tantos desastres apenas lidos pelos astros

o pensamento não entende o infinito mas pega nele mar incluído e embala-o
ao colo

Knut HAMSUN. *Fome*. Tradução de Liliete Martins. [1890] 2010. Lisboa:
Cavalo de Ferro. 83-86.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Seamus HEANEY. «A península», in *Antologia Poética*. Tradução de Vasco Graça-Moura. [1969] 1998. Porto: Campo das Letras. 27.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Heinrich HEINE. «Capítulo VI», in *Ideen: Das Buch le Grand*. Tradução inédita de Fernanda Mota Alves a partir de *Sämtliche Schriften*, Volume II, edição de Klaus Briegleb. [1826] 1976. Munique: Karl Hanser. 260-266.

Madame, foi lá que eu nasci, sim, e declaro-o expressamente para a eventualidade de, depois da minha morte, sete cidades — Schilda, Krähwinkel, Polkwitz, Bockum, Dülken, Göttingen e Schöppenstädt — virem a disputar entre si a honra de ser a minha cidade natal. Düsseldorf é uma cidade situada junto ao Reno, onde vivem 16 000 pessoas, a que crescem muitas centenas de milhares de pessoas que lá estão também sepultadas. E há algumas entre elas das quais a minha mãe diz que era melhor se ainda vivessem, por exemplo, o meu avô e o meu tio, o velho Senhor v. Geldern e o novo Senhor v. Geldern, que eram ambos doutores tão famosos e curaram tantas pessoas da morte, e, no entanto, também tiveram de morrer. E a devota Ursula, que me deu colo quando eu era menino, também lá está sepultada, e cresce uma roseira na sua campa — em vida, ela amava tanto o perfume das rosas, e o seu coração era todo ele perfume de rosa e bondade. Também o cônego, velho e sabido, lá está sepultado. Meu Deus, que aspecto lamentável ele tinha, da última vez que o vi! Ele era apenas feito de espírito e emplastros, e contudo estudava dia e noite, como se temesse que os vermes viessem a dar pela falta de algumas ideias na sua cabeça. Também lá está o pequeno Wilhelm, e a culpa é minha. Éramos colegas de escola no Convento dos Franciscanos e brincávamos ao lado deste, onde o Düssel corre entre muros de pedra, e eu disse: «Wilhelm! vai buscar o gatinho que caiu à água agora mesmo!» — e, alegremente, ele desceu para a tábua que se atravessava sobre o ribeiro, tirou o gatinho da água, mas caiu por sua vez lá dentro, e quando o retiraram estava molhado e morto. O gatinho ainda viveu muito tempo.

A cidade de Düsseldorf é muito bonita, e quando uma pessoa que por acaso lá nasceu pensa nela de um lugar distante, experimenta um sentimento estranho. Eu nasci lá, e sinto-me como se tivesse de ir já para casa. E quando digo ir para casa, estou a pensar na Rua Bolker e na casa em que nasci. Esta casa será um dia muito notável, e mandei dizer à velha que a possui que não a venda por nada deste mundo. Agora, ela receberia pela casa toda menos que a gorjeta que, um dia, as distintas inglesas de véu verde darão à criada se esta

lhes mostrar o quarto onde vi a luz do dia, e o galinheiro onde o meu pai costumava pôr-me de castigo quando eu ia às uvas, e também a porta castanha onde a mãe me ensinava a escrever as letras com giz — ah, meu Deus! Madame, se eu me tornar um escritor famoso, isso terá custado bastante esforço à minha pobre mãe.

Mas a minha glória dorme ainda nas pedreiras de mármore de Carrara, os louros tipográficos com que me enfeitaram a testa ainda não espalharam o seu perfume por todo o mundo, e se agora as distintas inglesas de véu verde vierem a Düsseldorf, hão-de deixar a famosa casa por visitar e irão direitas à Praça do Mercado para admirar a estátua equestre, negra e colossal, que se ergue no meio dela. Diz-se que essa representa o príncipe eleitor Jan Wilhelm. Ele usa uma couraça negra, uma cabeleira comprida e pendente. — Quando era rapaz ouvi a lenda de que o artista que fundiu esta estátua tinha notado com horror, ao verter o metal no molde, que aquele não era suficiente, e que então acorreram todos os habitantes da cidade trazendo-lhe as suas colheres de prata para acabar de encher o molde — e eu ficava horas em frente da estátua equestre, dando voltas ao juízo: quantas colheres de prata lá estariam metidas, e quantas tartezinhas de maçã se poderiam comprar com aquela prata toda? É que, naquele tempo, as tartezinhas de maçã eram a minha paixão — agora são o amor, a verdade, a liberdade e a sopa de caranguejos — e mesmo perto da estátua do príncipe, na esquina do teatro, costumava estar um sujeito esquisito, de pernas em arco, de avental branco e cesto preso por uma alça, cheio de tartezinhas de maçã deliciosamente fumegantes, que ele sabia apregoar com uma irresistível voz de soprano: «Tartes de maçã fresquinhas, acabadas de sair do forno, cheiram tão bem.» Na verdade, quando, nos meus anos maduros, o tentador me queria apanhar, falava-me com essa voz sedutora de soprano, e eu não teria ficado doze horas com a Signora Giulietta, se ela não tivesse entoadado aquele som doce e perfumado das tartezinhas de maçã. E, na verdade, as tartezinhas de maçã nunca me teriam atraído tanto, se o Hermann das pernas tortas não as tivesse coberto misteriosamente com o seu avental branco — e são os aventais que — mas eles estão a desviar-me do assunto, eu estava a falar da estátua equestre que tem tantas colheres de sopa no ventre em vez de sopa, e representa o príncipe Jan Wilhelm.

Parece que foi um senhor valente, e muito amante das artes, e ele próprio muito habilidoso. Fundou a galeria de pintura de Düsseldorf, e no observatório da cidade está ainda exposta uma taça em madeira de grande valor artístico que ele próprio talhou nas suas horas livres — ele tinha vinte e quatro por dia.

Nessa época, os príncipes não eram ainda pessoas atormentadas como agora, e a coroa estava-lhes implantada na cabeça, e, à noite, enfiavam-lhe o barrete de dormir por cima, e dormiam tranquilamente, e tranquilamente, a seus pés, dormiam os povos, e quando estes acordavam de manhã diziam: «Bom dia, pai!» — e aqueles respondiam: «Bom dia, queridos filhos!»

Mas, subitamente, as coisas mudaram; quando uma manhã, em Düsseldorf, acordámos e íamos a dizer «Bom dia, pai!», o pai tinha partido, e em toda a cidade havia apenas uma angústia surda, pairava por toda a parte uma espécie de atmosfera fúnebre e as pessoas esgueiravam-se em silêncio para a Praça do Mercado e liam o longo edital afixado na porta da Câmara. Estava um tempo turvo e, apesar disso, o magro alfaiate Kilian trazia o seu casaco de Nanquim, que ele só costumava usar por casa, e as meias de lã azul escorregavam-lhe, de modo que as pernas nuas espreitavam desoladamente, e os lábios finos tremiam-lhe enquanto ele murmurava, lendo o cartaz. Um velho inválido do Palatinado lia um pouco mais alto e, ao passar por algumas palavras, caía-lhe uma lágrima cristalina no bigode branco e honrado. Eu estava perto dele e chorava também, e perguntei-lhe: porque chorávamos nós?

E ele respondeu: «o Eleitor agradece.» E voltou a ler, e ao chegar às palavras: «pela fidelidade dos súbditos» «e liberta-vos dos vossos deveres», chorou ainda mais. — É estranho ver como um homem tão velho, de uniforme desbotado e com um rosto de soldado cheio de cicatrizes, desata a chorar daquela maneira. Enquanto líamos, foi retirado do edifício da Câmara o braço do Príncipe Eleitor, tudo se tornou tão assustadoramente deserto, era como se se esperasse um eclipse do sol, os senhores vereadores andavam por ali com gestos tão lentos e um ar tão demitido, até o todo-poderoso comissário da polícia parecia que não tinha mais ordens para dar e estava com um ar tão pacífico e indiferente, embora o doido Alouisius se pusesse de novo ao pé-coxinho enquanto papagueava com um esgar de bobo os nomes dos generais franceses, ao mesmo tempo que o Gumpertz bêbedo e aleijado se rebolava na valeta cantando *ça ira, ça ira!*

Mas eu fui para casa, e chorei e lamentei-me: «o príncipe agradece.» Foi o cabo dos trabalhos para a minha mãe, mas eu sabia o que sabia, e não me deixei convencer, fui a chorar para a cama, e, de noite, sonhei que o mundo tinha acabado — os belos jardins de flores e os prados verdes foram levantados do chão e enrolados como tapetes, o comissário da polícia subiu a uma escada alta e retirou o sol do céu, o alfaiate Kilian assistia a isto, dizendo com os seus botões: «Tenho de ir para casa vestir-me como deve ser, porque estou morto, e tenho de ser enterrado ainda hoje» — e escurecia cada vez mais, algumas

escassas estrelas luziam lá em cima, e até essas caíam como folhas amarelecidas no outono, as pessoas foram desaparecendo aos poucos, eu, pobre criança, vagueava por ali, cheio de medo, acabei por ir parar junto à pastagem de uma herdade abandonada, e aí encontrei um homem que revolia a terra com uma pá e, perto dele, uma mulher feia e malvada, que segurava no avental qualquer coisa parecida com uma cabeça humana degolada, e era a lua, e ela colocou-a com um cuidado temeroso na cova aberta — e atrás de mim estava o inválido do Palatinado, que soluçava soletrando: «o Eleitor agradece.»

Friedrich HÖLDERLIN. «A meio da vida», in *Sämtliche Werke und Briefe*,
Volume 1. Tradução inédita de João Barrento a partir da edição de Michael
Knaupp. [1804] 1992. Munique: Carl Hanser. 495.

Sob o peso das peras já maduras
Se inclina, e cheia de rosas bravas,
A terra sobre o lago.
Vós, graciosos cisnes,
Ébrios de beijos,
Mergulhais a cabeça
Na água santa, casta.

Pobre de mim, aonde irei buscar,
Quando for inverno, as flores? Aonde
A luz do sol,
E sombras da terra?
Mudos e frios, erguem-se
Os muros; na aragem
Rangem os cata-ventos.

Andarás por melhores caminhos, ó Licínio,
se não acometeres sempre o alto mar
nem costearas demasiado o litoral perigoso,
num receio prudente das tempestades.

Todo o que ama a áurea mediania
foge, providente, das imundícies duma velha casa
tal como foge, moderado, de um invejável palácio.

É que mais vezes é agitado pelos ventos o gigantesco pinheiro,
com maior estrondo se desmoronam as altas torres
e são feridos pelos raios os montes mais altos.

Um coração bem preparado tem esperança
na adversidade e receia na prosperidade.
Júpiter tão depressa traz os tristes invernos como os afasta.

O Infortúnio não é imutável:
nem sempre Apolo traz o arco retesado,
por vezes acorda com a sua lira a Musa silenciosa.

Mostra-te animoso e forte na adversidade
e colhe também prudentemente as velas
cheias de um vento demasiado favorável.

E os anos foram passando, um Natal se seguiu a outro, deixando o ar cheio do seu radiante fulgor festivo até bem depois do dia de Reis, vieram outras férias de Pentecostes sobre os prados da Primavera florida e exalantes e, idas umas, outras férias de Verão voltaram, festejaram a sua orgia de ar livre, o seu derrame de sol, sorveram o vinho estival das taças cheias, até que um dia, com um sol afundando-se no horizonte, se foram, deixando a sua recordação nos rostos queimados, nos olhos maravilhados e no sangue revolvente.

E os anos foram passando e o mundo deixou de ser aquele mundo de maravilha que antes era. Aqueles recantos sombrios por detrás dos sabugueiros pútridos, aqueles quartos misteriosos no sótão e aquela tenebrosa caixa de pedra por debaixo da estrada de Klastrup não albergavam já o terror que apelava à aventura. E aquela colina que, ao primeiro canto da calhandra, ocultava a erva sob as estrelas purpúreas das boninas e sob as campainhas amarelas das primaveras, o regato com os seus tesouros fabulosos de animais e plantas e as encostas selváticas da saibreira com as suas pedras negras e blocos de granito com um brilho de prata, tudo isso veio a ser simplesmente flores, simplesmente animais e simplesmente pedras. O ouro radioso das fadas voltou a ser apenas folhagem.

Pouco a pouco todo o brincar se foi tornando antiquado e absurdo, estúpido e aborrecido, como as imagens duma cartilha, e, contudo, novo havia sido, tão imperecivelmente novo. Por ali haviam andado a correr com o arco, ele, Niels e o Frithiof do pastor, e o arco era um barco que encalhava quando caía de lado, mas que, quando agarrado, lançava a âncora. A passagem estreita entre os telheiros, tão difícil de transpor, chamava-se Babel-mândebe ou as Portas da Morte, nas portas dos estábulos estava escrito a giz que era ali a Inglaterra e nas do celeiro a França. Os portões da quinta eram o Rio de Janeiro e a casa da forja o Brasil. Brincava-se também ao Holger, o Dinamarquês, e isso entre as grandes bardanas, para o fundo, por detrás do celeiro, mas lá para cima, nos campos do moleiro, havia umas cavernas que se chamavam Knakkerne e era aí que se havia instalado o próprio príncipe

Burmand com os seus ferozes sarracenos de turbantes vermelho-cinzentos e penachos amarelos nos elmos, isto é, bardanas e verbascos dos mais fortes que nesses campos cresciam. Era aí efectivamente a Mauritània. Pois aquela infinita luxúria de vegetação, aquela massa exuberante de mais vigorosa vida excitava à destruição, embriagava o espírito com a volúpia do aniquilamento, e as espadas de pau luziam, então, com o brilho do aço, o suco verde das plantas coloria as lâminas de vermelho-sanguíneo e os troncos abatidos eram pisados como cadáveres de turcos sob os cascos dos cavalos, com um som surdo de ossos quebrados dentro da carne.

Também haviam brincado lá em baixo no fiorde. Lançavam-se a flutuar conchas que eram naus, e que, quando sustidas pelas algas ou acostavam a um banco de areia, eram então para eles a armada de Colombo no mar dos Sargaços ou a descoberta da América. Portos tinham sido construídos bem como imponentes diques, o Nilo circulava num regueiro aberto na areia da praia, e uma vez edificaram um *Gurre* com pedrinhas; um peixinho morto numa concha de ostra era Tove morta e eles próprios o rei Valdemar, que ao seu lado se lamentava.

Tudo isso, porém, havia passado.

Miljenko JERGOVIĆ. «O túmulo», in *Marlboro Sarajevo*. Tradução de Arijana Medvedec. [1994] 2004. Lisboa: Cavalo de Ferro. 77-82.

Texto sujeito a Direitos de Autor

não isso não são modos ele não tem maneiras não nem refinamento nem nada na sua natureza dando-me uma palmada no cu só porque não lhe chamei Hugh esse ignorante que não distingue uma poesia de uma couve isso é o que se arranja por não os manter nos seus lugares a tirar os sapatos e as calças ali na cadeira diante de mim tão descarado sem sequer pedir licença e ficando assim tão vulgar da camisola que eles usam para que os admirem como a um padre ou a um carneiro ou esses velhos hipócritas dos tempos de Júlio César é claro que tem bastante razão a seu modo para passar o tempo na brincadeira é claro que era a mesma coisa se me metesse na cama com quê com um leão meu Deus estou certa que teria algo melhor a dizer dele próprio que é um velho Leão ah bom parece-me que é porque estavam tão cheias e tentadoras na minha saia interior curta que ele não podia resistir às vezes até me excitam a mim própria está certo para os homens a quantidade de prazer que tiram do corpo de uma mulher estamos tão redondas e tão brancas para eles sempre desejei ser minha para mim própria para variar só para experimentar com essa coisa que eles têm inchando para cima dentro de ti tão dura e ao mesmo tempo tão macia quando lhe tocas o meu tio João tem uma coisa muito comprida ouvi dizer àqueles rapazes da esquina de Marrowbone Lane e a tia Maria tem uma coisa cabeluda porque estava escuro e sabiam que passava uma rapariga não fiquei corada por que é que havia de ficar é apenas a natureza e ele mete a coisa comprida dentro da tia Maria etcetera e vem a ser pôr o cabo na vassoura os homens também podem procurar por todas as partes e eleger o que gostam uma casada ou uma viúva alegre ou uma rapariga para os seus diferentes prazeres como essas casas à esquina da Irish Street não mas nós temos de estar sempre acorrentadas a mim é que não me vão acorrentar não há medo nenhum uma vez que comece digo-o mesmo apesar dos ciúmes de um marido estúpido por que é que não podemos continuar a ser amigos em vez de discutir o marido descobriu o que é que faziam juntos bom naturalmente se o fez pode desfazê-lo ele é corno de qualquer modo faça o que fizer e então vai até ao outro extremo da loucura sobre a mulher

nas Belas Tiranias é claro o homem nunca pensa duas vezes sobre o marido ou sobre a esposa é a mulher que ele quer e consegue-a e para que outro fim é que nos deram esses desejos bem gostaria de o saber e não posso impedi-lo se ainda sou jovem milagre que não seja uma velha bruxa enrugada antes de tempo vivendo com ele tão frio sem nunca me abraçar excepto algumas vezes quando está a dormir ao contrário de mim sem dar por isso eu suponho quem é que tem um homem capaz de beijar o cu a uma mulher eu nada daria por ele depois disso ele é capaz de beijar qualquer coisa nada natural onde não temos nem 1 átomo de espécie alguma de expressão em nós todas o mesmo 2 montes de gordura jamais fizesse eu isso a um homem paf esses animais sujos só de pensá-lo chega beijo seus pés señorita isso tem um certo sentido não beijou ele a nossa porta de entrada sim que o fez o tarado ninguém entende as suas ideias loucas a não ser eu é claro no entanto é claro uma mulher necessita que a abracem 20 vezes ao dia quase para ter aspecto de jovem não importa quem contanto que esteja apaixonada ou seja amada por algum se o homem que ela necessita não está aí às vezes valha-me Deus às vezes pensava eu que iria aí pelos cais nalgum anoitecer escuro em que ninguém me conhecesse à procura de um marinheiro recém-desembarcado que estivesse quente para o fazer sem se importar quem eu era só para o fazer, num portão ou nalgum sítio ou um desses ciganos de cara selvagem de Rathfarnham que tinham o acampamento levantado próximo da lavandaria Bloomfield para tratar de roubar as nossas coisas se pudessem eu só mandei as minhas ali umas tantas vezes por causa do nome lavandaria modelo devolviam-me constantemente as meias velhas de alguma velha aquele tipo de cara de chulo com olhos tão bonitos a afiar um pau a atacar-me na obscuridade e pôr-se em mim contra um tabique sem dizer palavra ou um assassino qualquer que eles próprios o fazem os cavalheiros elegantes com cartola esse K.C. que vive por estes bairros saindo de Hardwicke Lane na noite em que nos ofereceu a ceia de peixe porque tinha ganho muito nesse combate de boxe é claro que foi por mim que ele a ofereceu reconheci-o pelas polainas e pelo andar e quando me virei um momento depois para ver havia uma mulher a sair dali alguma puta suja depois ele vai para casa ter com a mulher depois disso parece-me que metade desses marinheiros estão podres também de doenças eh afasta para lá essa enorme carcaça por amor de São Miguel deixa ouvir os ventos que para ti levam os meus suspiros ele sabe dormir e suspirar o grande Ilusionista Dom Poldo de la Flora assim soubesse como saiu nas cartas esta manhã teria alguma coisa por que suspirar um homem moreno em certa perplexidade entre 27s também na prisão pois só Deus sabe o que ele fez que eu não sei e eu devia ir lá para baixo para a cozinha arranjar o pequeno-almoço para sua senhoria

enquanto ele está embuçado como uma múmia sim se já alguma vez me viste correr gostaria eu de me ver a mim própria presta-lhes atenção e passam a tratar-te como lixo não quero saber do que digam mas seria muito melhor para o mundo ser governado por mulheres pelo menos não se veriam mulheres a matar-se umas às outras e fazendo carnificinas ou quando é que se viu mulheres por aí perdidas de bêbedas como eles ou jogando até ao último tostão que tenham e a perdê-lo nos cavalos sim porque uma mulher qualquer coisa que faça sabe bem onde é que há-de parar e é certo que nem estariam no mundo se não fosse por nós eles nem sabem o que é ser mulher e mãe como poderiam eles onde estariam todos eles se não tivessem uma mãe que cuidasse deles o que eu nunca tive é por isso que eu acho que ele anda por aí a correr como um louco agora de noite longe dos seus livros e dos seus estudos e sem viver em casa por causa das discussões de sempre em casa parece-me bem e é um triste caso que os que têm um filho tão bom como esse não estejam satisfeitos e eu não tenha nenhum ele não foi capaz de fazer um não foi culpa minha juntámo-nos quando eu estava a olhar para esses dois cães ele em cima dela por trás no meio da rua o que me desanimou de todo parece-me que não o deveria ter enterrado com aquele casaquinho de lã que lhe fiz a chorar como estava em vez de o dar a alguma criança pobre mas sabia muito bem que nunca teria outro também foi a nossa primeira morte nunca mais fomos os mesmos desde então ah não vou pôr-me triste por tanto pensar nisso nunca mais não sei por que é que não quereria ficar a passar a noite desde o princípio que percebi que era algum estranho que tinha trazido para casa em vez de vadiar pela cidade a encontrar sabe Deus que fulanas e ladrões a pobre mãe dele não gostaria disso se ainda estivesse viva e perder-se para toda a vida no entanto é uma hora deliciosa tão silenciosa em que eu gostava de voltar a casa depois dos bailes o ar da noite eles têm amigos com quem podem conversar nós não temos ninguém ou ele quer ter o que nós não vamos dar ou é alguma mulher disposta a dar-te uma punhalada isso chateia-me nas mulheres não admira que nos tratem como nos tratam somos um bando temível de cadelas parece-me que são os problemas que temos que nos põem tão nervosas eu não sou assim ele podia ter dormido facilmente aqui no sofá do outro quarto parece-me que era tímido como uma criança sendo tão jovem apenas 20 anos no quarto ao lado do meu podia ter-me ouvido no penico ora que mal tinha Dedalus não sei se é como esses nomes que tinham em Gibraltar Delapaz Delagracia raios de nomes mais estranhos ali o padre Vilaplana de Santa Maria que me deu o rosário Rosares y O Reilly na calle de las Siete Revueltas e Pisimbo e a Senhora Opisso em Governor Street ah que nome eu atirava-me à água do primeiro rio se me chamasse assim ah meu

Deus e todos aqueles pedacinhos de ruas Rampa do Paraíso e Rampa Bedlam e Rampa Rodgers e Rampa Crutchetts e a escada do passo do diabo bem a culpa não é toda minha se estou tarada que já sei que estou um pouco sabe Deus que não me sinto nem um dia mais velha do que então não sei se saberia soltar a língua com um tanto de espanhol *cómo está usted muy bien gracias y usted* não me esqueci de tudo julguei que sim excepto pela gramática um substantivo é o nome de uma pessoa lugar ou coisa é pena que nunca tenha tentado ler esse romance de Valera que me emprestou a rabugenta da senhora Rubio com os pontos de interrogação todos de pernas para o ar das duas maneiras eu sabia sempre que acabaríamos por nos irmos embora e eu posso dizer-lhe o espanhol e ele pode dizer-me o italiano e então verá que não sou tão ignorante é pena que não tenha ficado estou certa que o desgraçado estava morto de cansaço e fazia-lhe muita falta dormir bem eu podia ter-lhe levado o pequeno-almoço à cama com umas torradas desde que não usasse a faca traz má sorte ou se tivesse passado a que vende o agrião ou qualquer coisa boa ou saborosa há umas tantas azeitonas na cozinha talvez gostasse eu nunca pude nem vê-las em Abrines eu até poderia fazer de *criada* o quarto tem bom aspecto desde que o mudei da outra maneira estás a ver que houve qualquer coisa que esteve sempre a dizer-me que devia apresentar-me não me conhecendo ele nem por parte de Adão seria muito divertido sou a mulher dele ou fingir que estávamos em Espanha com ele meio adormecido sem ter a menor ideia de onde estava dos *buevos estrellados señor* Deus que loucuras que me ocorrem às vezes seria muito divertido supondo que ficasse connosco por que não o quarto de cima está vazio e a cama de Milly no quarto de trás podia fazer as suas escritas e estudos na mesa que há lá para ele escrevinhar e se quer ler na cama de manhã como eu já que ele faz o pequeno-almoço para 1 pode fazê-lo para 2 estou certa que não vou a tomar como hóspede o primeiro que chegar só para lhe dar prazer só porque ele alugou um quartel como este gostaria de ter uma longa conversa com uma pessoa inteligente e educada e gostaria de ter um bonito par de pantufas vermelhas como vendiam esses turcos do fez vermelho ou amarelas e um bonito roupão semitransparente que me está a fazer muita falta ou uma bata cor de pêssego como a de há tanto tempo em Walpole só por 8/6 ou 18/6 já lhe darei outra oportunidade madrugarei logo de manhã estou farta desta velha cama de Cohen em todo o caso podia ir ao mercado ver as verduras e couves e tomates e cenouras e toda a espécie de frutas esplêndidas que vêm todas frescas e deliciosas quem sabe quem seria o primeiro homem que eu encontraria saem por aí à procura logo de manhã costumava dizer Mamy Dillon e à noite também essa era a sua ida à missa o que eu gostaria era de uma pêra grande e

sumarenta agora que se me desfizesse na boca como quando eu andava de desejos depois ponho-lhe os ovos em cima e o chá na chávena para bigodes que ela lhe deu parece-me que para lhe fazer a boca ainda maior também gostaria do meu bom creme e já sei o que vou fazer vou dar voltas por aí bastante alegre não demasiadamente cantando alegre de vez em quando *mi fa pietà Masetto* e depois começarei a vestir-me para sair *presto non son più* forte porei a minha melhor combinação e cuecas para que ele dê uma boa olhadela para que se lhe ponha a coisa em pé e fá-lo-ei saber se isso era o que ele queria que a mulher dele se deixou foder sim e bem fodida quase até ao pescoço e não por ele 5 ou 6 vezes sem tirar aí está o sinal do esperma no lençol lavado nem sequer me incomodaria em tirá-lo com o ferro de engomar com isso teria de ficar convencido e se não acreditas toca-me nas tripas a não ser que o fizesse pôr-se aí de pé e a metê-lo dentro de mim e só me apetece contar-lhe tintim por tintim e fazê-lo fazer diante de mim e é bem feito é tudo culpa dele se sou uma adúltera como dizia esse da galeria ah quanto barulho se fosse esse todo o mal que fizéssemos neste vale de lágrimas sabe Deus que não é tanto assim que o faz toda a gente só é que escondem e parece-me que é para isso que imaginam que foi feita uma mulher ou então Ele não nos teria feito tal como nos fez tão atraentes para os homens então se me quer beijar o cu abro-lhe as cuecas e encaixo-lho na cara grande como tudo e já me pode meter a língua 7 milhas para cima pelo buraco onde tenho as partes mais escuras e depois digo-lhe que quero 1 libra ou talvez 30 xelins e dir-lhe-ei que me faz falta comprar roupa interior e então se ele me der isso não será tão mau eu não quero explorá-lo como fazem outras mulheres muitas vezes eu podia ter feito um lindo cheque e assiná-lo com o nome dele por um par de libras umas tantas vezes que se esqueceu de os fechar à chave além disso ele não o gasta deixarei que me vá por trás desde que não me suje as cuecas boas ah parece-me que não se pode evitar farei de indiferente 1 ou 2 perguntas saberei pelas respostas quando estiver assim ele não sabe esconder nada conheço-lhe todas as voltas apertarei bem o cu e deixarei escapar umas tantas palavras porcas cheira a cu ou lambe-me a merda ou a primeira coisa louca que me vier à cabeça e logo lhe insinuarei que sim ah espera agora toca-me a mim filhinho pôr-me-ei alegre e amável para a ocasião ah mas esquecia-me deste maldito assunto do sangue paf nem sei se havemos de rir ou de chorar somos uma mistura de ameixa e de maçã terei de pôr as coisas velhas tanto melhor assim estará mais insinuante e ele nunca saberá se ele fez ou não e para ti qualquer coisa velha estará melhor que bem e depois eu vou limpar-me como um assunto qualquer a sua omissão depois sairei e deixá-lo-ei a olhar para o tecto onde e que ela foi agora fazer com que ele me deseje esse é

o único processo um quarto depois de hora tão absurda suponho que estão agora a levantar-se na China a pentear os rabichos para o dia bom dentro em pouco teremos as freiras a tocar o *angelus* não têm ninguém que de noite lhes vá tirar o sono a não ser algum padre ou dois para o officio nocturno o despertador do lado ao primeiro cantar do galo a armar um chinfrim de enlouquecer vamos ver se posso adormecer 1 2 3 4 5 que espécie de flores são essas que inventaram como as estrelas o papel da parede em Lombard Street era muito mais bonito o avental que ele me deu era assim só que eu só o pus duas vezes o melhor é baixar esse candeeiro e tentar de novo para me poder levantar cedo irei a Lambe aí próximo de Findlater e fazer que me mandem umas flores para pôr por aí para o caso de que ele o traga amanhã hoje quero dizer não não a Sexta-feira é dia de azar primeiro quero arranjar a casa de qualquer forma creio que o pó cresce enquanto durmo então podemos ouvir música e fumar uns cigarros posso acompanhá-lo primeiro tenho de limpar as teclas do piano com leite o que é que eu vou pôr vou pôr uma rosa branca ou esses bolos de Lipton gosto do cheiro de uma loja grande e rica a 7 e ½ a libra ou outros com cerejas em cima e açúcar rosado a 11 xelins um par de libras é claro uma planta bonita no centro da mesa seria mais barato espera onde foi que as vi não há muito eu gosto de flores encantar-me-ia ter a casa a nadar em rosas Deus do céu não há nada como a natureza as montanhas selvagens e depois o mar e as ondas a enrolar-se e depois o campo tão bonito com os prados de aveia e trigo e toda a espécie de coisas e todo o bom gado que até faz desvanecer a alma só de vê-lo rios e lagos e flores de todas as espécies e formas e cheiros e cores saindo dos regos de água primaveras e violetas a natureza é assim e quanto a esses que dizem que não há Deus não dou um chavo por toda a sua sabedoria por que é que eles não vão criar alguma coisa muitas vezes perguntei-lhes a eles aos ateus ou como é que se chamam que primeiro vão tirar a gordura e depois pedem um padre aos gritos quando estão a morrer e por que é que têm tanto medo do inferno por culpa da sua má consciência ah sim conheço-os muito bem quem foi a primeira pessoa no universo antes de haver ninguém que fez tudo quem ah isso é que eles não sabem eu também não sei é assim seria o mesmo se tentassem parar o sol para que não se levantasse amanhã o sol brilha para ti disse ele no dia em que estávamos deitados entre os rododendros em Howth Head com o seu fato cinzento de *tweed* e o chapéu de palha o dia em que eu fiz que se me declarasse sim primeiro dei-lhe o pedacinho de bolo de anis tirando-mo da boca e era ano bissexto como agora sim agora faz 16 anos meu Deus depois desse beijo longo quase perdi o fôlego sim ele disse que eu era uma flor da montanha sim isso somos todas flores um corpo de mulher sim essa foi a única verdade que disse

em toda a vida e o sol hoje brilha para ti sim isso foi o que gostei mais porque vi que entendia ou sentia o que é uma mulher e eu sabia que sempre havia de fazer dele o que quisesse e dei-lhe todo o prazer que pude excitando-o até que me pediu para dizer sim ao princípio eu não quis responder só olhei o mar ao longe e o céu estava a pensar em tantas coisas que ele não sabia de Mulvey e do senhor Stanhope e Hester e do papá e do velho capitão Groves e os marinheiros a brincar aos papagaios e ao eixo e ao lava pratos como lhe chamavam no cais e a sentinela diante da casa do governador com a coisa à volta do capacete branco pobre diabo meio assado e as raparigas espanholas a rir-se com as mantilhas e os travessões altos e os pregões pela manhã os gregos e os judeus e os árabes e não sei quem demónios mais de todos os extremos da Europa e Duke Street e o mercado da criação tudo a cacarejar junto de Larby Sharon e os pobres burros a resvalar meios a dormir e os *vagos* enrolados nas mantas a dormir à sombra nos degraus das portas e as grandes rodas das carroças dos touros e o velho castelo com milhares de anos sim e aqueles mouros tão bonitos todos de branco e os turbantes como reis pedindo para nos sentarmos um momentinho nas lojecas e Ronda com as velhas janelas das *posadas* 2 olhos a espreitar numa gelosia para o amante beijar as grades e as tabernas meio abertas à noite e as castanholas e a noite em que perdemos o barco em Algeciras o guarda-nocturno a dar voltas por aí *sereno* com a sua lanterna e oh aquela tremenda profunda torrente oh e o mar o mar carmesim às vezes como fogo e os gloriosos poentes e as figueiras nos jardins da Alameda sim e todas as pequenas ruas estranhas e as casas vermelhas e azuis e amarelas e as roseiras e os jasmims e os gerânios e os cactos e Gibraltar como uma rapariga onde eu era uma Flor das montanhas sim quando pus a rosa nos meus cabelos como usavam as raparigas andaluzas ou talvez eu devesse pôr uma vermelha sim e como ele me beijou debaixo da muralha mourisca e eu pensei tanto faz ele como outro e depois pedi-lhe com os olhos para pedir outra vez sim e depois ele pediu-me se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro pus os braços à volta dele sim e puxei-o para baixo para mim para que pudesse sentir os meus seios todos perfume sim e o coração batia-lhe como louco e sim eu disse sim eu quero Sim.

Trieste-Zurich-Paris

1914-1921

Konstantinos KAVÁFIS. «Um velho», in *145 Poemas*. Tradução de Manuel Resende. [1897] 2017. [s.l.]: Flop. 327.

No meio do bulício dum café ruidoso,
com um jornal à frente, senta-se um idoso;
está sozinho ali, dobrado para a mesa.

No abandono da velhice entristecida,
medita como pouco aproveitou a vida
quando ainda tinha vigor, verbo e beleza.
Sabe que envelheceu muito; sente-o, vê-o.
Mas parece que a juventude aconteceu
ontem. Como passa o tempo, que coisa vã!

Como a Prudência o enganou — e não foi pouco —,
como se deixou ir no seu engodo, o louco!
«Tens tempo» — dizia. «Guarda para amanhã.»

Recorda ímpetos que conteve e o desejo
que sacrificou. E cada perdido ensejo
da sua tola cautela agora escarnece.

... Mas tanto pensar e tanta recordação
provocam no velho uma grande confusão
e, caído sobre a mesa, ele adormece.

Patrick KAVANAGH. «O hospital», in *Estradas Secundárias: Doze poetas irlandeses*. Tradução de Hugo Pinto Santos. [1995] 2013. Lisboa: Artefacto. 19.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Dói meu coração, e um mole entorpecimento afecta
Os meus sentidos, como se cicuta tivesse bebido,
Ou esvaziado qualquer torpe opiáceo até ao fim
Ainda agora, e no Letes me afundasse:
Não é por inveja da tua felicidade,
Mas de seres excessivamente feliz nela, —
Porque tu, dríade arbórea de asa ligeira
Em algum melodioso terreno
De verde-faia, e inumeráveis sombras,
Cantas do verão a voz plena.

Oh, quero um gole de vinho! Que tivesse
arrefecido longamente na terra profunda,
Sabendo a Flora e ao verde do campo,
Dança, cantiga provençal, alegria bronzeada!
Oh como quero uma taça cheia do quente Sul,
Cheia de verdadeira, rosada Hipocrene,
Contas de bolhas piscando-lhe na orla,
E a boca manchada de púrpura;
Queria beber, e deixar o mundo sem ser visto,
E contigo dissipar-me na escuridão silvestre:

Dissipado na lonjura, dissolvido, conseguir esquecer
O que tu entre as folhas nunca aprendeste,
O cansaço, a febre, e a preocupação
Daqui, onde homens sentados partilham queixumes;
Onde a doença faz cair as poucas, tristes, últimas cãs,
Onde a juventude empalidece, espectral, e morre;
Onde basta pensar para nos enchermos de mágoa
E desesperos de olhos plúmbeos,

Onde a Beleza não preserva o brilho nos olhos,
 Ou um novo amor se comove depois de amanhã.

Longe! Longe! Que para ti fugirei,
 Não nas carruagens de Baco e seus leopardos,
 Mas nas invisíveis asas da Poesia,
 Apesar do cérebro perdido em perplexidades:
 Já estou contigo! terna é a noite,
 E talvez a Rainha-Lua esteja em seu trono,
 Rodeada por suas estreladas fadas;
 Mas aqui não há luz,
 Salva o que do céu é soprado com as brisas
 Em trevas verdurosas e curvejantes veredas.

Não consigo ver que flores estão a meus pés,
 Nem que suave incenso se suspende nos ramos,
 Mas, no bálsamo da escuridão, adivinho cada doçura
 Que o mês da estação certa dá
 À relva, ao mato, e aos arbustos de fruta silvestre;
 Brancos espinheiros, pastorais rosas;
 Violetas efémeras cobertas de folhas;
 E a primogénita de Maio,
 A rosa-mosqueta, cheia de vinho orvalhado,
 O murmuroso refúgio de insectos nas noites estivais.

Ensombreado-me escuto; e, por muitas vezes
 Estive meio apaixonado pela Morte fácil,
 Chamei-a docemente em muitas e musadas rimas,
 Para juntar ao ar o meu calmo respiro;
 Agora mais que nunca parece-me bom morrer,
 Deixar de ser à meia-noite, sem dor,
 Enquanto derramas a tua alma em volta
 Em tal êxtase!
 Ainda assim cantarias, e eu teria ouvidos em vão —
 Ao teu alto requiem, insensível.

Não nasceste para a morte, Pássaro imortal!
 Nenhuma geração faminta te pesa;
 A voz que ouço esta noite finda foi ouvida

Jaan KROSS. *O Louco do Czar*. Tradução de Maria Antónia Vasconcelos.
[1978] 1993. Lisboa: Dom Quixote. 16-19.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Milan KUNDERA. «Capítulo 11», in *A Insustentável Leveza do Ser*. Tradução de Joana Varela. [1984] 2008. Lisboa: Dom Quixote. 64-65.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Cara me foi sempre esta erma colina
e esta sebe, que por diversos lados
o extremo do horizonte veda ao meu olhar.
Mas, sentado e olhando, intermináveis
espaços para além dela, e sobre-humanos
silêncios, e sossego profundíssimo
no pensamento imagino; então por pouco
O coração se não sobressalta. E, quando o vento
nas folhas ouço sussurrar, aquele
infinito silêncio a esta voz
vou comparando: e lembro-me do eterno,
e das mortas estações, e da que agora passa
e vive, do seu rumor. Assim no meio
desta imensidade o pensamento se me afoga:
E naufragar me é doce neste mar.

Mikhail LERMONTOV. *O Herói do Nosso Tempo*. Tradução de José Augusto. [1840] 1989. Moscovo: Raduga. 44-49.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Doris LESSING. «O filho do amor», in *As Avós e Outras Histórias*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. [2003] 2008. Lisboa: Presença. 269-274.

Texto sujeito a Direitos de Autor

LUCRÉCIO. «Canto I — vv. 136-634», in *De Rerum Natura*. Tradução inédita de Luís Cerqueira a partir da edição de Joseph Martin. [século I a.C.] 1969. Leipzig: Bibliotheca Teubneriana. 7-25.

Dou-me bem conta da dificuldade que é esclarecer em versos latinos as obscuras descobertas dos Gregos, sobretudo quando é necessário tratar de muitos assuntos com palavras novas, por causa da pobreza da língua e da novidade dos assuntos. Mas a tua virtude e o prazer que espero da tua suave amizade persuade-me a suportar qualquer cansa e levam-me a passar acordado noites tranquilas, procurando as palavras os versos com que possa finalmente espargir diante da tua mente uma luz clara, com a qual possas perscrutar coisas profundamente escondidas. Ora é preciso que afastem este temor e estas trevas do espírito não os raios de sol nem os luminosos dardos do dia, mas a contemplação da natureza e a sua compreensão.

O princípio a partir do qual partiremos é que nada nasce do nada, por obra divina. De facto, é assim que o terror subjuga todos os mortais, ao observarem que no céu e na terra têm lugar muitos fenómenos cujas causas não são capazes de perceber de maneira nenhuma, e julgam então que estes se dão por vontade dos deuses. Ora, se tivermos compreendido que do nada nada pode provir, então já perceberemos melhor o que é que procuramos: a partir de que é que cada coisa pode ser criada e de que forma ocorrem todos os fenómenos, sem intervenção divina.

Na verdade, se tudo surgisse do nada, qualquer coisa poderia nascer de qualquer coisa, nada precisaria de uma semente. Para começar, os homens poderiam surgir do mar, da terra poderiam surgir os peixes e do céu brotarem as aves, as manadas de bovinos e o gado miúdo. Todas as espécies de feras ocupariam, com nascimentos ao acaso, lugares cultivados e desertos, e os frutos também não permaneceriam sempre os mesmos nas árvores, mas mudariam,

e todas as árvores poderiam produzir tudo.

De facto, se não houvesse elementos criadores próprios de cada coisa como poderia haver uma mãe determinada para as coisas?

Mas, visto que tudo é criado a partir de elementos determinados, cada coisa nasce e vem à luz do dia no lugar onde se encontra a sua matéria, e os seus corpos primordiais, e por isso não é possível que tudo nasça de tudo, porque há uma propriedade distinta em cada coisa específica.

Aliás, porque é que vemos desabrochar a rosa ao apelo da Primavera, o trigo no Verão, as videiras no Outono, senão porque ao unirem-se no tempo próprio as sementes específicas das coisas, surge tudo aquilo que delas se cria, enquanto a estação é favorável e a terra, cheia de vida, traz sem perigo para as regiões da luz estes seres frágeis? É que, se surgissem do nada e não existissem corpos primordiais, nasceriam repentinamente, em tempo incerto e nas estações do ano que não lhes são próprias, pois não haveria primórdios que pudessem ser impedidos de se unir para a gestação por um tempo inoportuno.

Nem, além disso, para fazer crescer as coisas, seria necessário um tempo para a junção dos átomos, se pudessem crescer do nada, pois os bebés tornar-se-iam subitamente em jovens e árvores saltariam, brotando repentinamente da terra. É óbvio que nada disto sucede, porque todas as coisas crescem pouco a pouco, como é natural, com sementes determinadas, e ao crescer preservam a sua espécie, pelo que se pode ter a certeza de que cada coisa vai crescendo e ganhando corpo a partir da sua matéria específica. Acresce a isto que, sem chuvas em períodos fixos do ano, a terra não poderá produzir os seus agradáveis frutos nem os animais, privados de alimento, poderão propagar as suas espécies e garantir a sobrevivência. De forma que é preferível pensares que há muitos corpos comuns a muitas coisas, como vemos que acontece com as letras para as palavras, em vez de pensares que alguma coisa pode existir sem elementos primordiais.

Depois, porque é que a natureza não foi capaz de criar homens tão grandes que pudessem atravessar o mar a pé, e arrancar violentamente com as mãos grandes montes e superar vivendo muitas gerações de seres viventes, senão porque foi atribuída uma matéria específica para gerar as coisas e está determinado o que dela pode surgir? É, portanto necessário reconhecer que do nada nada pode provir,

porque é necessário que haja uma semente para as coisas, com a qual cada coisa criada possa erguer-se nas suaves brisas do ar.

Por fim, porque vemos que os lugares cultivados suplantam os que não têm cultivo, e com o trabalho das mãos produzem melhores frutos, é evidente que existem na terra primórdios das coisas que nós, ao revolver com o arado os fecundos torrões da gleba e amanhando a terra, fazemos eclodir. É que, se não houvesse nenhuma semente, ver-se-ia que tudo, sem o nosso trabalho e espontaneamente, se tornaria muito mais fértil.

Acresce a isto que a natureza dissolve novamente cada coisa nos seus átomos, mas não reduz as coisas ao nada. Na verdade, se existisse alguma coisa que fosse mortal em todas as suas partes, as coisas pereceriam repentinamente, desaparecendo de súbito diante dos nossos olhos. Não haveria, com efeito, necessidade de nenhuma força que pudesse causar a separação das suas partes e dissolver as suas juntas. A verdade, contudo, é que, porque todas as coisas são formadas de uma semente eterna, a natureza não permite que assistamos à destruição de nenhuma delas até que choque contra elas uma força que as desfaça com o seu golpe ou penetre no seu interior através dos vazios e a desagregue.

Além disso, se a passagem do tempo destrói completamente tudo aquilo que retira da nossa vista, devido à decrepitude, consumindo toda a matéria, de que matéria se serve Vénus para reconduzir o género animado, espécie por espécie, à luz da vida? Ou, uma vez devolvidos à vida, com que as alimenta a terra operosa e faz crescer, proporcionando a cada espécie o alimento adequado? Com que nutrem o mar as fontes que nele nascem e os rios que vêm de fora? Com que alimenta o éter os astros?* O tempo sem fim e os dias passados deveriam ter consumido tudo o que existe e tem um corpo mortal. Porque se naquele espaço e no tempo pretérito existiram estas coisas que constituem e renovam o universo, certamente são dotadas de uma natureza imortal, por conseguinte nenhuma delas pode regressar ao nada.

Depois, se uma matéria eterna, mais ou menos coesa por conexões entre si, o não impedisse, a mesma força

* Julgava-se que os astros precisavam de alimento, como os fogos terrestres precisam de combustível. Cf. V, 524. (N. do t.)

e causa destruiria indistintamente todas as coisas.

Na verdade o simples toque seria realmente causa suficiente para a destruição, porque não haveria nenhuns corpúsculos eternos, cuja urdidura tivesse de ser destruída por alguma força.

Ora, porque as conexões dos princípios entre si são diferentes e a matéria é eterna, as coisas perduram com um corpo incólume, até que surja uma força suficientemente violenta para destruir a sua textura.

Portanto nenhuma coisa regressa ao nada, mas todas regressam, por desagregação, aos átomos da matéria.

Por fim, perecem as chuvas, quando o pai éter as precipita no regaço da mãe terra, mas então surgem luzidias as searas, os ramos verdejam nas árvores, estas crescem e carregam-se de frutos.

Daqui se alimenta a nossa espécie e a dos animais, é graças a isto que vemos prósperas cidades florescer repletas de crianças, as florestas frondosas a ressoar com o chilreio das aves recém-nascidas, é graças a isto que os gados, pesados pela sua gordura, se recostam pelos pastos abundantes e o branco líquido do leite mana dos úberes cheios, é graças a isto que as novas crias, com as articulações ainda pouco firmes, folgam brincalhonas pela erva tenra, perturbadas as suas mentes novinhas com a embriaguês do leite puro.

Portanto não perece completamente tudo aquilo que parece morrer, porque a natureza forma de novo uma coisa a partir de outra, e não permite que nada seja gerado senão com a ajuda da morte de outra coisa.

Agoravá, uma vez que ensinei que as coisas não podem ser criadas do nada, nem, do mesmo modo, geradas do nada, ao nada serem reconduzidas, para não começares eventualmente a desconfiar do que te digo, porque os olhos não são capazes de ver os primórdios das coisas, aprende além disso que corpos é necessário que tu reconheças que existem nas coisas e não podem ser vistos.

Em primeiro lugar, a força desencadeada do vento fustiga as coisas, destrói grandes navios e dissipa as nuvens, e, percorrendo por vezes as planícies com violento turbilhão, cobre-as com grandes árvores, e flagela os cumes das montanhas com rajadas capazes de derrubar florestas, de tal maneira se enraivece com terrível rugido e causa estragos, quando se intensifica com ameaçador uivo.

Ora os ventos são, sem dúvida, corpos invisíveis que varrem o mar, as terras e, por fim, as nuvens do céu, desfazendo-as, arrebatando-as com repentino turbilhão

e não fluem ou propagam a destruição de forma diferente do que sucede quando a mole substância da água irrompe subitamente em caudalosa corrente, quando, devido a fortes chuvadas, uma grande quantidade de água desce, precipitando-se do alto dos montes, arrastando estilhas das florestas e troncos inteiros e as fortes pontes não conseguem aguentar a súbita violência das águas que descem: assim se precipita contra os diques o rio turbulento, quando chove muito, com uma força devastadora, destruindo-os com grande estrondo, e faz rolar sob as suas águas enormes pedras, derrubando tudo o que se lhe apresenta pela frente.

Ora é também assim que se devem mover as rajadas de vento, que, tal como um rio poderoso, para onde quer que se lancem, levam tudo à sua frente e tudo derrubam com repetidos embates ou então arrebatam as coisas com um revolto remoinho, e, violentos, levam-no com um turbilhão giratório.

Por isso, uma e outra vez o digo, os ventos são corpos invisíveis, pois podemos ver que rivalizam nos seus feitos e costumes com os grandes rios, que têm um corpo visível.

Além disso, apercebemo-nos dos variados cheiros das coisas, e, todavia, nunca os vemos vir ao encontro dos nossos narizes, nem vemos as baforadas de ar quente, nem podemos contemplar com os nossos olhos o frio, nem vemos os sons, coisas que, no entanto, é necessário que sejam formadas por uma natureza corpórea, pois nenhuma coisa pode tocar e ser tocada, se não tiver uma natureza corpórea.

Além disso, ficam húmidas as roupas penduradas junto ao litoral que quebra as ondas, e as mesmas secam com o calor do sol.

E não se viu como a humidade foi absorvida nem, por outro lado, como desapareceu com o calor.

E mais, o anel no dedo desgasta-se na parte interior com o uso, com o passar de muitas revoluções do Sol, a gota que cai escava a rocha, a curva relha de ferro do arado diminui insensivelmente nos campos; e vemos também as lajes de pedra das estradas desgastadas pelos pés do vulgo. Além disso, as estátuas de bronze junto das portas mostram que as suas mãos direitas se desgastam pelo toque continuado dos que as saúdam ao passarem diante delas.*

* Estátuas de divindades protectoras que costumavam estar à entrada das cidades, junto dos portões, sendo tocadas e beijadas por quem passava. Há muitos exemplos: Cícero, *In Verrem*, IV, 94; Varrão, *De lingua latina*, V, 58, etc. (N. do t.)

Vemos que todas estas coisas diminuem, porque são desgastadas, mas a natureza, ciosa, não permite que vejamos que corpos as deixam em cada momento.

Por fim, tudo aquilo que o tempo e a natureza fornecem pouco a pouco às coisas, fazendo-as crescer dentro de certos limites, não há nenhum olhar, por mais que se esforce, que o possa ver nem, por outro lado, aquilo que as coisas, por efeito do tempo e da degradação, perdem ao envelhecer; nem é possível perceber quanto os rochedos que se erguem sobre o mar vão perdendo em cada momento, corroídos pela voraz água salgada, pois a natureza opera com corpos invisíveis.

Mas as coisas não são todas mantidas unidas apoiadas por todos os lados por uma natureza corpórea: na verdade, existe o vazio entre as coisas.

Teres tido conhecimento disto ser-te-á de grande utilidade em muitas circunstâncias e impedirá que aquele que anda errante duvide e investigue constantemente sobre o universo e desconfie do que nós dizemos.

Há, pois, um espaço intacto, vazio e vago, sem o qual as coisas não se poderiam mover de maneira nenhuma. Na verdade, aquilo que é a função característica da matéria, chocar e oferecer resistência, isso estaria sempre presente para as coisas, em todo o momento, e não seria portanto possível que alguma coisa se movesse para diante, porque nenhuma coisa começaria a ceder. Ora bem, nós vemos diante dos nossos olhos que muitas coisas se movem, e de muitos modos, pelos mares, pelas terras e pelas alturas do céu. Se o vazio não existisse, estas não só não teriam este movimento incessante, mas nem sequer teriam sido geradas de todo, porque a matéria estaria compactada por todos os lados.

Além disso, embora se pense que as coisas são sólidas, poderás, contudo, perceber a partir do que vou dizer a seguir que têm um corpo ralo. Nas cavernas permana através das rochas o líquido humor das águas e tudo ressuma com um abundante gotejar.

A comida espalha-se por todo o corpo dos animais, as árvores crescem e produzem frutos a seu tempo, porque o alimento se difunde por elas inteiras, por todos os troncos e os ramos, desde as raízes mais profundas.

Os sons passam através dos tapumes e atravessam as paredes das casas, o rígido frio penetra até aos ossos, coisas que, se não existissem vazios

por onde todos estes corpos pudessem passar,
não verias acontecer de maneira nenhuma.

E depois, porque vemos que umas coisas são mais pesadas do que outras, não tendo um tamanho em nada maior? Na verdade, se há a mesma quantidade de matéria num novelo de lã e num pedaço de chumbo, é lógico que pesem o mesmo, porque é uma propriedade dos corpos fazer pressão de cima para baixo, enquanto a natureza do vazio permanece sem peso. Portanto aquilo que é igualmente grande e se mostra mais leve, patenteia sem dúvida que tem em si mais vazio; pelo contrário, aquilo que é mais pesado revela que tem mais matéria e muito menos vácuo no seu interior. Existe sem dúvida, por conseguinte, misturado nas coisas, aquilo que com sagaz raciocínio procurámos, e que chamamos vazio.

Para que, a este propósito, não te desorientes uma teoria que alguns imaginam, sou forçado a refutá-la de antemão. Dizem eles que as águas dão passagem aos peixes que as pressionam, e lhes abrem os líquidos caminhos, porque os peixes deixam atrás de si espaços para onde possam confluír as águas apartadas, e que é assim que também os outros corpos podem mover-se e trocar de lugar entre si, apesar de todo o espaço estar ocupado.* Sem dúvida que esta explicação resulta de um raciocínio completamente falso. De facto, afinal, para onde poderão os escamosos animais avançar, se as águas não lhes derem espaço? E para onde poderão então as águas refluir, se os peixes não puderem avançar? Então, ou será preciso privar de movimento todos os corpos ou é preciso admitir que existe um vazio misturado nas coisas, a partir do qual cada coisa pode começar a mover-se.

Por fim, se dois corpos planos chocarem e ressaltarem rapidamente cada um para seu lado, é seguramente necessário que o ar ocupe todo o vazio que se forme entre eles; mas o ar, ainda que conflua de toda a volta em céleres correntes, não poderá contudo preencher num só instante todo o espaço: de facto, é necessário que vá ocupando um lugar após o outro, até que todos fiquem preenchidos. Ora se alguém pensar que tal coisa acontece quando os corpos ressaltam,

* Uns corpos são substituídos por outros no espaço ocupado. Platão foi o primeiro a explicar deste modo o movimento dos corpos. *Timaeus*, 99b. (N. do t.)

porque nesse momento o ar se condensa, está enganado: na verdade, forma-se então um vazio que antes não existia, do mesmo modo que se enche aquilo que antes era vazio, e o ar não pode condensar-se desta maneira, e, ainda que pudesse, não poderia, sem o vazio, penso eu, contrair-se e concentrar todas as suas partes num único ponto.

Por isso, por muito que te alargues em longas discussões, é necessário, porém, admitir que o vazio existe nas coisas. E posso forçar-te a dares crédito às minhas palavras referindo-te muitos argumentos para além destes, mas para um espírito sagaz estes indícios são suficientes: através deles tu próprio poderás perceber o resto. De facto, tal como os cães encontram muitas vezes os covis, cobertos pela folhagem, da fera que vagueia pelos montes, uma vez que tenham apanhado o rasto certo, assim também tu próprio, por ti mesmo, neste assunto, poderás ir tirando umas coisas das outras e penetrar em todos os esconderijos ocultos e arrastar de lá para fora a verdade. Mas se fores indolente ou te afastares um pouco do assunto, isto te posso prometer pela certa, ó Mémio: a minha língua suave derramará tão abundante caudal, emanado das grandes fontes do meu dadivoso peito, que receio que a lenta velhice se nos insinue no corpo, e abra em nós as barreiras que contêm a vida, antes que recebas com os teus ouvidos toda a cópia de argumentos em verso que tenho acerca de uma só coisa que seja.

Mas, para voltar agora às considerações que começámos a tecer com o nosso arrazoado: toda a natureza, enquanto existe por si mesma, é formada de duas coisas: existem, com efeito, os corpos e o vazio, no qual estes se encontram e onde se movimentam nas várias direcções. Que os corpos existem por si mesmos, mostram-no, de facto, os sentidos, comuns a todos. Se a fé fundamentada nestes não valer como critério, não haverá, nas questões menos claras, nada que possamos tomar como ponto de partida para confirmarmos através do raciocínio da inteligência. Ora, se não existisse o lugar e o espaço a que chamamos vazio, os corpos não poderiam estar situados em nenhum lugar nem movimentar-se em direcção absolutamente nenhuma, coisa que já te mostrámos há pouco com os argumentos precedentes.

Para além destas duas, não existe nada que se possa dizer que existe separado de todo o corpo e diferente do vazio, que seja como que um terceiro modo de existir. Na verdade, o que quer que exista deverá ser algo em si mesmo, de tamanho maior ou menor, desde que o tenha, o qual, se for tangível, ainda que seja leve e exíguo, aumentará o número dos corpos e completará o seu total; se, por outro lado, for intangível, e não puder impedir por nenhuma parte que alguma coisa o acesse, passando através de si, é evidente que isso será aquilo a que chamamos vazio.

Além disso, tudo o que existe por si mesmo, ou fará alguma coisa ou deverá ele próprio sofrer a acção de outros corpos, ou será tal que nele possam existir e produzir-se outras coisas; mas nenhuma coisa pode sem corpo exercer ou sofrer uma acção nem proporcionar espaço se não for livre e vazio. Portanto, exceptuados o vazio e os corpos, não pode haver mais nenhuma terceira natureza no número das coisas, que alguma vez caia sob a alçada dos nossos sentidos ou que alguém seja capaz de apreender pelo raciocínio do intelecto. Na verdade, todas as coisas que têm um nome ou verás que são propriedades destas duas ou acidentes delas. Propriedade é aquilo que nunca pode ser separado ou segregado sem uma separação destrutiva, como o peso das pedras, o calor do fogo, a liquidez da água, o tacto de todos os corpos, a intangibilidade do vazio. Pelo contrário, a servidão, a pobreza e as riquezas, a liberdade, a guerra, a concórdia e as restantes coisas com a chegada e com a partida das quais a substância de um ser permanece incólume, costumamos chamar a estas coisas acidentes, como é razoável. Do mesmo modo, o tempo em si não existe, mas a sua percepção resulta das próprias coisas, aquilo que passou no tempo, depois que coisa está agora presente e ainda o que depois se seguirá. E é forçoso que cada um reconheça que não sente o tempo de per si, separado do movimento das coisas e em plácido repouso. Por fim, quando se diz que a filha de Tíndaro* foi raptada e as gentes de sangue troiano foram subjugadas, é preciso evitar

* Helena, filha de Tíndaro e de Leda, raptada por Páris durante a ausência de seu marido Menelau, foi a causa da Guerra de Tróia. (N. do t.)

que nos façam admitir eventualmente que estas coisas existiram por si mesmas, porque as gerações de homens, das quais estes acontecimentos foram acidentes, foram já consumidas pelo tempo pretérito que já não volta.

Na verdade, tudo o que sucedeu pode chamar-se acidente, seja nas terras seja nas próprias regiões do espaço. Aliás, se não existisse nenhuma matéria corpórea nem lugar ou espaço em que as coisas se produzissem, nunca o fogo aceso pelo amor da beleza da filha de Tíndaro, penetrando no coração do frígio Alexandre, teria acendido os gloriosos combates da guerra cruel, nem o cavalo de madeira, a ocultas dos troianos, teria incendiado Tróia com o seu nocturno parto de Gregos.

Para que possas perceber que absolutamente todos os feitos heróicos carecem de existência própria, como a que tem a matéria, nem «são» no mesmo sentido em que o vazio «é», mas antes deves designá-los correctamente por acidentes da matéria e do lugar em que as coisas se produzem.

Há então, por um lado, corpos que são os primórdios das coisas, e, por outro, corpos que são compostos pela reunião dos princípios. Mas aqueles que são os primórdios das coisas, esses nenhuma força os pode destruir. De facto, estes prevalecem realmente, graças ao seu corpo sólido, apesar de parecer difícil de acreditar que se possa encontrar nas coisas algo que tenha um corpo sólido.

Com efeito, o raio do céu passa através das paredes das casas, tal como um grito ou vozes; o ferro fica incandescente no fogo e as pedras estalam com o fero vapor fervente; não é só a rigidez do ouro que, afrouxando, derrete com o calor, mas também o bronze gelado, vencido pela chama, se liquefaz; o calor atravessa a prata, tal como o frio penetrante, pois sentimos ambas as coisas quando, ao segurarmos nas taças com a mão, como é usual, lhes é derramado de cima o líquido.

A tal ponto parece que nada de sólido existe nas coisas.

Mas porque a tal obriga o raciocínio correcto e a natureza das coisas, presta atenção, enquanto vou explicar em poucos versos que existem coisas que têm um corpo sólido e eterno, os átomos que ensinamos serem os primórdios das coisas, a partir dos quais é formada esta totalidade das coisas criadas.

Em primeiro lugar, porque se viu que a dupla natureza das duas coisas é muito diferente, a da matéria e a do espaço em que cada coisa se produz,

é necessário que uma e outra existam por si mesmas e sejam em si mesmas puras. Na verdade, onde quer que haja o espaço livre a que chamamos vazio, não há matéria; e, por outro lado, onde quer que haja matéria, de modo nenhum há o vazio inane.

Existem, portanto, corpos primordiais sólidos e sem vazio.

Além disso, porque o vazio existe nas coisas geradas, é necessário que haja em volta matéria sólida; e não pode ser aceite como verdade, com correcto raciocínio, que algo esconda e encerre vazio no interior do seu corpo se não admitires que é sólido aquilo que o contém. Ora isto não pode ser outra coisa senão um aglomerado de matéria, que é capaz de reter o vazio das coisas. Assim, a matéria que é formada de um corpo sólido pode ser eterna, enquanto as restantes coisas se decompõem.

Por outro lado, se não existisse aquilo a que chamamos vazio, tudo seria sólido; ao invés, se não existissem corpos concretos que preenchessem todos os lugares e os ocupassem, tudo o que existe seria espaço inane e vazio.

Sem dúvida, pois, que a matéria e o espaço se alternam, separados um do outro, porque o universo não é nem completamente cheio nem vazio de todo.

Há, por conseguinte, corpos determinados que podem distinguir o espaço vazio do cheio. Estes não podem ser desagregados nem ao serem atingidos por golpes vindos do exterior nem desfeitos ao serem penetrados profundamente, nem podem entrar em colapso ao serem postos à prova de qualquer outra maneira.

Coisa que já te demonstrei acima, um pouco antes.

Na verdade, parece que nada pode colidir sem o vazio nem ser quebrado ou rachado a meio, ou impregnar-se de humidade, nem ser penetrado pelo frio ou pelo fogo, que tudo destroem.

E quanto mais vazio cada coisa encerra dentro de si, tanto mais seriamente é posta à prova por estas coisas.

Portanto, se os corpos primordiais são sólidos e sem vazio, tal como ensinei, é necessário que sejam eternos.

Além disso, se a matéria não fosse eterna, já há muito tempo que todas as coisas teriam regressado completamente ao nada e do nada teria renascido tudo o que vemos.

Mas, porque ensinei acima que do nada nada pode ser criado, nem aquilo que foi gerado pode ser chamado de volta ao nada, têm de existir corpos primordiais com um corpo imortal,

nos quais todas as coisas possam ser dissolvidas, na sua última hora, para que haja matéria que possa ser fornecida para renovar os corpos. Existem, pois, corpos primordiais sólidos e simples, e de outro modo não teriam podido, preservados ao longo do tempo, renovar as coisas já desde um tempo infinito.

Por fim, se a natureza não tivesse preparado nenhum termo à divisão das coisas, os corpos da matéria estariam já reduzidos a tal ponto pela acção destrutiva do tempo passado que nada a partir deles poderia, num tempo determinado, alcançar a plenitude da vida.

Na verdade, vemos que é mais rápido destruir qualquer coisa do que refazê-la, por isso aquilo que o longo tempo passado, sem fim, tivesse destruído até agora, dispersando-o e dissolvendo-o, nunca poderia ser reparado no tempo restante.

A verdade é que há um limite fixo estabelecido para a divisão da matéria, pois vemos que todas as coisas se renovam e que, ao mesmo tempo, há um tempo finito fixado para que cada coisa possa alcançar a flor da idade, de acordo com cada espécie de seres.

A isto acresce que, embora os átomos sejam formados de uma matéria solidíssima, pode contudo dar-se uma explicação sobre o modo como são formados todos os corpos moles, o ar, a água, a terra, o fogo, e através de que força, uma vez que se aceite que o vazio está misturado nas coisas.

Mas, por outro lado, se fossem moles os primórdios das coisas, não seria possível explicar a origem a partir da qual poderiam ser formadas as duras rochas e o ferro; na verdade, toda a natureza careceria completamente do princípio do seu fundamento.

Os átomos, portanto, são fortes pela sua sólida simplicidade e, ao combinarem-se entre si em ligações mais densas, os corpos podem ficar mais concentrados e patentear grande robustez.

Por outro lado, se não houvesse nenhum limite estabelecido para a divisão dos corpos, seria necessário admitir que, desde a eternidade até agora,

[sobreviveram alguns

elementos das coisas que ainda não foram postos à prova por nenhum perigo. Mas, porque são formados de uma substância frágil, não se poderia explicar que tivessem podido permanecer ao longo de um tempo eterno, sendo maltratados por incontáveis choques.

Depois, é claro, por outro lado, porque foi imposto às coisas um limite de crescimento e uma duração de vida, conforme cada espécie, e porque está determinado pelas leis da natureza o que cada coisa

pode e não pode, e nada se altera, pelo contrário, tudo é sempre do mesmo modo, ao ponto de todas as aves variegadas mostrarem ter no corpo, de geração em geração as mesmas manchas características da sua espécie, sem dúvida que também devem ter um corpo de matéria imutável. Na verdade, se os primórdios das coisas pudessem alterar-se, forçados por alguma causa, seria certamente incerto o que poderia surgir e o que não poderia*, e por que leis, por fim, seria delimitado o seu poder e os seus limites fortemente fixados. E as gerações também não poderiam reproduzir tantas vezes em cada espécie a natureza, os hábitos, o tipo de alimentação e os movimentos dos progenitores.

Por outro lado, porque existe um qualquer extremo derradeiro daquele corpo que os nossos sentidos já não são capazes de perceber, este, sem dúvida, existe sem partes, e é de uma natureza extremamente pequena e nunca existiu isoladamente, por si mesmo, nem poderá nunca existir no futuro, porque ele próprio é parte e unidade basilar de outro e depois outras e outras partes semelhantes se sucedem ordenadamente**, em fileiras cerradas para constituírem a substância do corpo, as quais, porque não podem existir por si mesmas, é necessário que se unam entre si numa massa de onde de modo nenhum podem ser arrancadas. Os átomos, por conseguinte, são sólidos e simples, formando um todo coerente de partes mínimas, estreitamente ligadas, não resultando da combinação destas partes, mas antes fortes devido à sua eterna simplicidade, de onde a natureza não permite que nada seja arrancado ou diminuído, preservando-os como sementes das coisas.

Aliás, se não existisse um mínimo, todos os corpos, até os muito pequenos, seriam formados de partes infinitas, pois cada metade teria sempre uma outra metade e nada poderia estabelecer de antemão um limite a isto. Ora então que diferença haveria entre uma coisa enorme e uma coisa pequeníssima? Não haveria diferença nenhuma, pois, embora seja realmente infinita a totalidade do universo, as coisas muitíssimo pequenas, porém, seriam de igual modo

* A divisão indefinida dos átomos provocaria uma mudança indefinida das suas propriedades; a persistência das características através das gerações demonstra a existência de uma matéria inalterável. (N. do t.)

** Houve quem quisesse ver aqui uma premonição da teoria dos electrões, mas será talvez forçado. (N. do t.)

formadas de partes sem fim.

Mas, porque um raciocínio correcto protesta contra tal ideia
e não permite que o espírito possa acreditar nisto,
é necessário reconhecer, vencido pelos argumentos,
que existem corpos que já não são dotados de nenhuma partes
e têm uma natureza o mais pequena que é possível.
E, porque estes corpos existem de facto,
também é preciso admitir que são sólidos e eternos.

Portanto, se a natureza criadora das coisas
tivesse forçado tudo a desfazer-se nas suas partes mínimas,
ela mesma já não poderia reconstruir nada a partir delas,
porque aquilo que não é formado por nenhuma partes,
não pode ter as qualidades necessárias à matéria criadora:
a capacidade de se combinar de forma variada, pesos, choques,
encontros, movimentos, pelos quais todas as coisas são geradas.

Artur LUNDKVIST. Excerto de «Afo(li)rismos», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Ana Hatherly. [1968] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1472-1473.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Sándor MÁRAI. *A Herança de Eszter*. Tradução de Ernesto Rodrigues.
[1939] 2006. Lisboa: Dom Quixote. 7-13.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Guy de MAUPASSANT. «Aparição», in *Contos Escolhidos*. Tradução de Pedro Tamen. [1883] 2011. Lisboa: Dom Quixote. 237-42.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ian MCEWAN. Excerto de «Capítulo I», in *Expição*. Tradução de Maria do Carmo Figueira. [2001] 2008. Lisboa: Gradiva. 11-17.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Czesław MIŁOSZ. «Campo di Fiori», in *Versos Polacos*. Tradução de Maria Teresa Bação, Filipa Menezes, Maria Clara Correia, Carlos Santos Pereira e Henryk Siewierski. [1943] 1985. Lisboa: Faculdade de Letras. 11-15.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Patrick MODIANO. *Dora Bruder*. Tradução de G. Cascais Franco. [1997]
2015. Porto: Porto Editora. 35-38.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Eugenio MONTALE. «Não cortes, tesoura, aquele vulto», in *Poesia*.
Tradução de José Manuel de Vasconcelos. [1937] 2004. Lisboa: Assírio &
Alvim. 173.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Tahir MUJIČIĆ. Excerto de «Os velhos sentaram-se», in *Luna Lusitana*.
Tradução de Tanja Tarbuk. 2010. Zagrebe: Litteris. 84-87.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Iris MURDOCH. Excerto de «Capítulo VII», in *Os Olhos da Aranha*.
Tradução de Daniel Gonçalves. [1956] 1986. Lisboa: Difel. 80-84.

Texto sujeito a Direitos de Autor

P. MUSTAPÄÄ. «Recordação», in *Poesía Nórdica*. Tradução inédita de Francisco C. Marques a partir da versão em castelhano de Francisco J. Ruiz. [1952] 2017. Madrid: Libros del Innombrable. 62.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Martinus NIJHOFF. «Eu e o menino», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Fernando Venâncio. [1934] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1341.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Pier Paolo PASOLINI. «Balada das Mães», in *Tutte le Poesie*, Volume I.
Tradução inédita de Simão Valente. [1964] 2003. Milão: Mondadori. 1083-
-1084.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Alexander POPE. Excerto de «Elegia à memória de uma dama desventurada», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Cecília Rego Pinheiro. [1717] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 969.

Que fantasma acenando, seguindo a sombra do luar,
Convida os meus passos e aponta para a longínqua clareira?
É ela! — mas porque coagulou aquele peito que sangrava,
Porque brilha obscuramente a espada visionária?
Ó eternamente bela, eternamente amiga! Dizei-me,
É, no céu, crime amar demasiadamente bem?
Ter um coração demasiado terno ou demasiado firme,
Desempenhar um papel de amante ou de romano?
Não haverá qualquer reversão brilhante no céu
Para aqueles que grandiosamente pensam ou que corajosamente
morrem?

[vv. 1-10]

olhava curioso ao espelho
e percebi de repente que estava a fazer a barba de outrem e então
perguntei-me
nesse preciso momento
porque faria eu a barba desse estranho envelhecido
com quem não tenho qualquer laço perceptível
mas não acabou aqui pelo contrário
vi o estranho todo nu no banho no meu lugar
a pressão da água de baixo para cima parecia
igual à quantidade de água desabitada pelo seu corpo
e esta por sua vez igual àquela que ontem
desabitava o meu próprio corpo
aquele com o qual me parecia estar habituado desde a infância
aquele com o qual se habituaram também algumas mulheres em tempos
não tinha nenhuma explicação para a maneira como ocorrera
essa substituição
e nem onde estava o outro
como tinha entrado na minha cama esse corpo estranho
como se me tinha metido por baixo da pele e na cama da minha própria mulher
porque lhe fiz a barba com tanto cuidado
bem merecia que lhe fizesse uns cortes
aqui e ali com a sua mão trémula
ainda o vesti com a minha roupa do meu armário
e mostrei-lhe os meus documentos de identidade
que tinham a foto dele
a polícia romena falsifica documentos
grita ele em meu nome

tenho ainda uma pergunta
mal ousou fazê-la

quem irão enterrar sem cerimónia
quando se souber que morri
será que estaremos os dois lá em baixo
e vamos passar
finalmente
um bom bocado
contando as nossas vidas
nas duas versões previsíveis

mas afinal
se pensar um pouco melhor
foi ele que escreveu na noite seguinte estes versos
não me admira nada que o grande editor mos rejeitou
bem feito para ele

Marcel PROUST. *À la Recherche du Temps Perdu — Du côté de chez Swann*.
Tradução inédita de Helena Carvalhão Buescu a partir da edição de Jean-
Yves Tadié. [1913] 1987. Paris: Gallimard. 687-693.

Durante longo tempo fui para a cama bem cedo. Por vezes, mal apagava a minha vela, os olhos fechavam-se-me tão depressa que nem tinha tempo de pensar: «Estou a adormecer». E, uma meia hora mais tarde, acordava com a ideia de que era necessário conciliar o sono; fazia intenção de poisar o volume que julgava ter ainda entre mãos e de soprar a chama da vela; dormindo, não tinha cessado de reflectir sobre o que acabara de ler, mas tais reflexões tinham tomado um aspecto algo especial; parecia-me que era de mim mesmo que a obra falava: uma igreja, um quarteto, a rivalidade entre Francisco I e Carlos V. Esta crença mantinha-se durante alguns segundos, ao despertar; ela não chocava a minha razão, mas pesava como escamas que estivessem sobre os meus olhos e os impedissem de perceber que a minha palmatória já não estava acesa. De seguida, começava a tornar-se ininteligível, tal como, após a metempsicose, os pensamentos de uma existência anterior; o assunto do livro destacava-se de mim, e eu ficava livre para me dedicar ou não a ele; logo depois recuperava a vista e ficava muito admirado por encontrar à minha volta uma obscuridade doce e repousante para os meus olhos, mas talvez ainda mais para o meu espírito, a quem surgia como coisa sem causa, incompreensível, como coisa verdadeiramente obscura. Perguntava-me que horas poderiam ser; ouvia o apitar dos comboios que, mais ou menos longínquo, como o canto de uma ave na floresta, e conforme as distâncias, me descrevia a extensão dos campos desertos em que o viajante se apressa para chegar à próxima estação; e o estreito caminho que ele segue permanecerá gravado na sua memória pela excitação que lhe causam lugares novos, actos inabituais, a conversa recente e as despedidas sob um candeeiro afastado que o seguem ainda no silêncio da noite, a doçura próxima do regresso.

Encostava com ternura as minhas faces às faces tão belas da almofada, que, cheias e frescas, são como as faces da nossa infância. Riscava um fósforo para olhar para o relógio. Em breve meia-noite. É o instante em que o doente, que foi obrigado a partir em viagem e a dormir num hotel desconhecido, despertado por uma crise, rejubila ao aperceber-se, sob a porta, de um raio

de luz. Que felicidade, já é de manhã! Dentro em pouco os criados estarão a pé, ele poderá tocar a campainha, e alguém virá socorrê-lo. A esperança de vir a ser aliviado dá-lhe a coragem de sofrer. Precisamente, pareceu-lhe ouvir passos; os passos aproximam-se, depois afastam-se. E o raio de luz sob a sua porta desapareceu. É meia-noite; acabam de apagar o gás; o último criado foi-se embora e será preciso ficar toda a noite a sofrer sem remédio.

Voltava a adormecer e, por vezes, a partir daí já não tinha senão curtos momentos despertados, apenas o tempo de ouvir os estalidos orgânicos da madeira, de abrir os olhos para fixar o caleidoscópio da obscuridade, de saborear, graças a um momentâneo fulgor da consciência, o sono em que estavam mergulhados os móveis, o quarto, o todo de que eu não era senão uma pequena parte e a cuja insensibilidade voltava rapidamente a unir-me. Ou então, dormindo, tinha regressado sem esforço a uma idade para sempre perdida da minha vida primitiva, e tinha reencontrado alguns dos meus terrores infantis, como aquele em que o meu tio-avô me puxava pelos cabelos encaracolados, tão-só dissipado no dia — para mim uma data de uma nova era — em que mos cortaram. Tinha esquecido esse acontecimento durante o sono, para recuperar a sua recordação assim que conseguira despertar para fugir às mãos do meu tio-avô, embora, por precaução, cobrisse completamente a cabeça com a almofada, antes de regressar ao mundo dos sonhos.

Por vezes, tal como Eva nasceu de uma costela de Adão, nascia-me uma mulher, durante o sono, de uma falsa posição da minha coxa. Formada pelo prazer que estava prestes a saborear, imaginava que era ela que mo oferecia. O meu corpo, que sentia no dela o meu próprio calor, queria juntar-se-lhe, e eu despertava. Os humanos restantes surgiam-me como muito distantes, se comparados àquela mulher que eu tinha deixado havia apenas alguns momentos; a minha face estava ainda quente do seu beijo, o meu corpo dorido do peso do seu corpo. Se, como acontecia por vezes, ela tinha os traços de alguma mulher que eu tinha conhecido na minha vida, entregava-me totalmente a este objectivo: reencontrá-la, como aqueles que partem em viagem para ver com os seus próprios olhos uma cidade desejada e imaginam que é possível saborear numa certa realidade o encantamento do sonho. Pouco a pouco a recordação dela desaparecia; tinha esquecido a rapariga do meu sonho.

Um homem que dorme tem em redor de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Consulta-os instintivamente ao despertar, e neles lê num único segundo o ponto da terra que ocupa, o tempo decorrido até ao seu acordar; mas as suas linhas podem misturar-se, romper-se. Se, na manhã seguinte a uma insónia, o sono tomar conta dele enquanto lê, numa posição

demasiado diferente daquela em que habitualmente adormece, basta que tenha o braço erguido, para tapar e fazer recuar o sol, e ao primeiro minuto do seu despertar ele não conseguirá saber as horas e julgará que acaba de se deitar. Se ele dormitar numa posição ainda mais deslocada e divergente, por exemplo num cadeirão, depois do jantar, então nessa altura a perturbação será completa nos mundos desorbitados, o cadeirão mágico fá-lo-á viajar a toda a velocidade no tempo e no espaço, e no momento de levantar as pálpebras ele julgará que dorme vários meses atrás, numa outra região. Mas era suficiente que, no meu próprio leito, o meu sono fosse profundo e me distendesse completamente o espírito; então, este distanciava-se do mapa do lugar em que tinha adormecido, e quando despertava a meio da noite, como ignorava onde estava, nem mesmo sabia, no primeiro instante, quem eu era; tinha apenas, na sua simplicidade primeira, o sentimento da existência que pode estremecer dentro de um animal; estava mais despojado do que o homem das cavernas; mas então a recordação — ainda não do lugar em que estava, mas de alguns outros em que tinha habitado e onde poderia apesar de tudo estar — vinha até mim como um socorro recebido do alto para me fazer evadir do nada donde eu não poderia escapar sozinho; sobrevoava num segundo séculos de civilização, e a imagem confusamente entrevista de candeeiros de petróleo e, depois, de camisas de colarinho revirado recompunha pouco a pouco os traços originais do meu eu.

Talvez a imobilidade das coisas à nossa volta lhes seja imposta pela nossa certeza de que se trata delas mesmas e não de outras, pela imobilidade do nosso pensamento face a elas. Em qualquer caso, quando acordava assim, com o meu espírito a agitar-se para procurar saber, sem o conseguir, onde estava, tudo girava à minha volta na obscuridade, as coisas, as regiões, os anos. O meu corpo, demasiado lasso para se mexer, procurava, segundo a forma da sua fadiga, determinar a posição dos seus membros para a partir dela entender a direcção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e dar nome à habitação em que se encontrava. A sua memória, a memória das suas costelas, dos seus joelhos, dos seus ombros, apresentava-lhe sucessivamente diversos quartos em que tinha dormido, enquanto em seu redor paredes invisíveis, mudando de lugar segundo a forma do compartimento imaginado, se agitavam nas trevas. E, antes mesmo que o meu pensamento, hesitando no limiar dos tempos e das formas, tivesse identificado o lugar aproximando as circunstâncias, ele — o meu corpo — recordava para cada um o tipo de leito, a posição das portas, o amanhecer através das janelas, a existência de um corredor, de acordo com a ideia com que aí tinha adormecido e que reencontrava ao despertar. O lado do meu corpo anquilosado, procurando

adivinhar a sua orientação, imaginava-se, por exemplo, voltado para a parede num grande leito de dossel, e eu imediatamente dizia a mim próprio: «Olha, acabei por adormecer, se bem que a mamã não tenha vindo desejar-me boa noite», estava eu no campo em casa do meu avô, morto havia largos anos; o meu corpo e o lado sobre o qual eu estava deitado, fiéis guardiães de um passado que o meu espírito não deveria jamais ter esquecido, recordavam-me a chama do velador em vidro da Boémia, em forma de urna, suspensa do tecto por pequenas correntes, a lareira em mármore de Siena, no quarto em que eu dormia em Combray, em casa dos meus avós, em dias distantes que naquele momento se me tornavam actuais sem que eu os representasse de forma precisa, e que voltaria a ver melhor assim que estivesse totalmente desperto.

De seguida nascia a recordação de uma nova atitude; a parede deslocava-se numa outra direcção: eu estava no meu quarto em casa de Mme de Saint-Loup, no campo; meu Deus! São pelo menos dez horas, já devem ter acabado de jantar! Devo ter prolongado em demasia a sesta que faço todos os fins de tarde, ao regressar do meu passeio com Mme de Saint-Loup, antes de me vestir para o jantar. Porque muitos anos passaram desde Combray, em que, nos nossos regressos mais tardios, eram os reflexos vermelhos do pôr-do-sol que eu via nos vidros da minha janela. É uma vida diferente, a que se vive em Tansonville, em casa de Mme de Saint-Loup, um outro tipo de prazer que sinto ao sair apenas à noite, a seguir, ao luar, pelos caminhos em que dantes brincava ao sol; e o quarto em que terei adormecido, em vez de me vestir para o jantar, vislumbro-o de longe, quando regressamos, atravessado pelos fulgores do candeeiro, único farol na noite.

Estas evocações, confusas e em rodopio, apenas duravam alguns segundos; com frequência, a minha breve incerteza do lugar em que me encontrava não distinguia mais claramente as diversas suposições de que se compunha, do que, observando um cavalo a correr, as posições sucessivas que nos mostra o cinescópio. Mas tinha revisto ora um ora outro dos quartos em que tinha habitado ao longo da minha vida, e acabava por me recordar de todos eles durante os longos devaneios que se seguiam ao meu despertar; quartos de Inverno onde, enquanto deitados, aconchegamos a cabeça num ninho tecido das coisas mais variadas: o canto da almofada, a dobra dos cobertores, uma parte de um xaile, a borda do leito e um número dos *Débats Roses*, que acabamos por sedimentar em conjunto segundo a técnica das aves, por neles nos apoiarmos indefinidamente; onde, aquando de um tempo glacial, o prazer que experimentamos provém de nos sentirmos separados do exterior (como a andorinha-do-mar, que faz o seu ninho no fundo de um subterrâneo, no calor da terra), e onde, com o fogo mantido toda a noite na chaminé,

dormimos dentro de um grande casaco de ar quente e fumoso, atravessado pelos clarões das brasas que se reacendem, espécie de impalpável alcova, de quente caverna cavada no seio do quarto ele mesmo, zona ardente e móvel nos seus contornos térmicos, arejada por alentos que nos refrescam o rosto e provêm de cantos, de zonas vizinhas das janelas ou afastadas da lareira — e que entretanto arrefeceram; — quartos de Verão em que gostamos de nos sentir unidos à noite morna, em que o luar, projectado nas portadas entreabertas, lança até aos pés da cama a sua escada encantada, onde dormimos quase ao ar livre, como o chapim-real oscilando com a brisa na ponta de um raio de luz; — por vezes o quarto de Luís XVI, tão alegre que nem mesmo na primeira noite lá passada eu me tinha sentido demasiado infeliz, e onde as colunetas que sustinham ligeiramente o tecto se afastavam de forma graciosa para mostrar e reservar o lugar da cama; de vez em quando, pelo contrário, aqueloutro, tão pequeno e de tecto tão alto, cavado em forma de pirâmide à altura de dois andares e parcialmente revestido de mogno, onde desde o primeiro momento eu tinha sido moralmente intoxicado pelo aroma desconhecido do vetiver, convencido da hostilidade das cortinas roxas e da insolente indiferença do pêndulo do relógio, que badalava alto, como se eu não estivesse lá; — onde um estranho e impiedoso espelho de pé, quadrangular, e barando obliquamente um dos cantos do compartimento, me atingia vivamente, na doce plenitude do meu campo visual habitual, com uma localização que não estava prevista; — onde o meu pensamento, esforçando-se durante várias horas por se desconjuntar, por se estirar em altura até alcançar exactamente a forma do quarto e conseguir encher até acima o seu gigantesco funil, tinha aguentado noites bem difíceis, enquanto eu estava estendido no meu leito, de olhos erguidos, ouvidos ansiosos, narinas insubmissas, e coração alarmado: até que o hábito tivesse podido mudar a cor das cortinas, fazer calar o pêndulo, ensinar a compaixão ao espelho oblíquo e cruel, dissimular, se não mesmo completamente extinguir, o aroma do vetiver, e diminuir de forma visível a altura aparente do tecto. O hábito! Adaptador hábil mas tão lento, que começa por fazer o nosso espírito sofrer durante semanas numa instalação provisória; mas que, afinal, o nosso espírito fica bem feliz de reencontrar, porque sem o hábito, e reduzido aos seus próprios meios, lhe seria impossível oferecer-nos uma casa habitável.

É claro que estava agora bem acordado, o meu corpo tinha-se virado uma última vez e o anjo bom da certeza tinha imobilizado tudo em meu redor, tinha-me deitado debaixo dos meus cobertores, no meu quarto, e tinha colocado aproximadamente nos seus respectivos lugares, na obscuridade, a minha cómoda, a minha secretária, a minha lareira, a janela sobre

a rua e as duas portas. No entanto, e apesar de saber que não me encontrava nas habitações das quais a ignorância do despertar me tinha por um instante, se não apresentado a imagem distinta, pelo menos feito acreditar na sua presença possível, o abalo atingia a minha memória; geralmente não procurava readormecer logo a seguir; passava a maior parte da noite a recordar a nossa vida de outrora, em Combray em casa da minha tia-avó, em Balbec, em Paris, em Doncières, em Veneza, em outras localidades ainda, a recordar os lugares, as pessoas que neles tinha conhecido, aquilo que delas tinha visto, o que sobre elas me tinham contado.

[3-9]

E foi assim que, por longo tempo, quando, acordado durante a noite, eu tornava a recordar-me de Combray, dela não revia senão aquela espécie de extensão luminosa, recortada no meio de indistintas trevas, semelhante às que a combustão de um fogo-de-artifício ou alguma projecção eléctrica iluminam e seccionam num edifício cujas outras partes ficam mergulhadas na noite: na base bastante larga, a sala de estar, a sala de jantar, o início da alameda escura por onde iria chegar M. Swann, autor inconsciente das minhas tristezas, o vestíbulo por onde eu me encaminhava para o primeiro degrau da escada, tão cruel de subir, que constituía, por si só, o tronco tão estreito daquela pirâmide irregular; e, no vértice, o meu quarto de dormir, com o pequeno corredor de porta envidraçada para a entrada da minha mãe; numa só palavra, sempre visto à mesma hora, isolado de tudo o que pudesse existir em torno dele, destacando-se sozinho na obscuridade, o cenário estritamente necessário (como o que vemos indicado à cabeça das peças antigas para representação na província) ao drama do meu despir; como se Combray nunca tivesse sido mais do que dois andares ligados por uma estreita escada, e como se nunca tivessem deixado de ser sete horas da noite. Na verdade, poderia ter respondido a quem me tivesse interrogado que Combray consistia ainda em outra coisa e existia a outras horas. Mas como aquilo de que me teria recordado me seria fornecido apenas pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como os esclarecimentos que ela dá sobre o passado nada conservam dele, eu nunca teria sentido vontade de pensar nesse resto de Combray. Tudo isso estava na realidade morto para mim.

Para sempre morto? Era possível.

Há muito de acaso em tudo isto, e um segundo acaso, o da nossa morte, muitas vezes não nos permite esperar durante muito tempo pelos favores do primeiro.

Julgo muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles que perdemos se encontram de algum modo cativas em um ser inferior, num animal, num vegetal, uma coisa inanimada, efectivamente perdidas para nós até ao dia, que para muitos nunca chega, em que acontece passarmos ao lado da árvore, entrarmos na posse do objecto que é a sua prisão. Nesse momento elas estremecem, chamam-nos, e logo que as reconhecemos, quebra-se o encantamento. Libertadas por nós, elas venceram a morte e regressam para viver connosco.

O mesmo acontece com o nosso passado. É tempo perdido procurarmos evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência são inúteis. Ele está escondido longe do seu domínio e do seu alcance, num qualquer objecto material (na sensação que nos daria esse objecto material) de que nunca sequer suspeitaríamos. Que possamos ou não encontrar esse objecto, antes de morrer, depende totalmente do acaso.

Havia já muitos anos que, de Combray, tudo quanto não fazia parte do teatro e do drama do meu deitar deixara de existir para mim, quando, num dia de Inverno, regressando a casa, a minha mãe, vendo que eu tinha frio, propôs que, contra o meu hábito, tomasse um chá. Comecei por recusar e depois, não sei porquê, mudei de ideias. Ela mandou buscar um daqueles bolos pequenos e fofos chamados «madalenas», que parecem ter sido enformados na concha estriada de uma vieira. E de imediato, maquinalmente, abatido pelo dia taciturno e pela perspectiva de um triste dia seguinte, levei à boca uma colher de chá em que tinha deixado amolecer um pedaço de madalena. Mas no preciso momento em que o gole com migalhas de bolo misturadas tocou o meu palato, estremeci, atento ao que de extraordinário se passava em mim. Tinha-me invadido um prazer delicioso, isolado, sem qualquer noção da sua causa. Ele tinha-me repentinamente tornado indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma que o amor opera, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, melhor, tal essência não estava em mim: era eu mesmo. Tinha deixado de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me poderia ter vindo essa poderosa alegria? Sentia que ela estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o suplantava infinitamente, não devendo ser dessa mesma natureza. De onde vinha ela? O que significava? Onde podia ser apreendida? Bebo um segundo gole, em que mais nada encontro do que no primeiro, e um terceiro que me traz um pouco menos do que o segundo. Talvez seja melhor interromper-me, a virtude da bebida parece diminuir. E é evidente que a verdade que procuro não está nela, mas em mim mesmo. Ela despertou-a, mas não a conhece, e não pode senão repetir indefinidamente, cada vez com menos força, aquele

mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero pelo menos tornar a pedir-lhe e reencontrar intacto, para um esclarecimento decisivo. Pouso a taça de chá e volto-me para o meu espírito. É ele que tem de encontrar a verdade. Mas como? Grave incerteza, cada vez que o espírito se sente suplantado por si mesmo; quando ele, o indagador, é todo ele a região obscura onde tem de indagar e onde toda a sua bagagem de nada lhe serve. Indagar? Não apenas: criar. Ele está face a qualquer coisa que não existe ainda e que só ele pode realizar, para depois fazer entrar na sua luz.

Eu volto a perguntar-me qual poderia afinal ser esse estado desconhecido, que não trazia consigo nenhuma prova lógica, mas sim a evidência da sua felicidade, da sua realidade, diante da qual as outras se desvaneciam. Quero tentar fazê-lo reaparecer. Retrocedo pelo pensamento até ao momento em que tomei a primeira colher de chá. Reencontro o mesmo estado, sem qualquer nova claridade. Peço ao meu espírito um esforço a mais, para trazer à tona uma vez mais a sensação que se esfuma. E, de modo a que nada quebre o impulso pelo qual vai tentar reagarrá-la, afasto qualquer obstáculo, qualquer ideia alheia, resguardo os meus ouvidos e a minha atenção contra os barulhos do compartimento ao lado. Mas, sentindo o meu espírito cansar-se sem o conseguir, forço-o, pelo contrário, a apoderar-se dessa distração que eu lhe recusava, a pensar em outra coisa, a ganhar forças antes de uma tentativa suprema. Depois, pela segunda vez, gero o vazio diante dele, coloco à sua frente o sabor ainda recente daquele primeiro gole, e sinto estremecer em mim alguma coisa que se desloca, que quereria elevar-se, qualquer coisa que teria largado âncora, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas seja o que for vem lentamente à superfície; sinto a resistência e escuto o rumor das distâncias atravessadas.

É certo que o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual que, ligada a este sabor, tenta segui-lo até mim. Mas debate-se demasiado longe, muito confusamente; mal me apercebo do reflexo neutro onde se confunde o inapreensível turbilhão das cores inquietadas; mas não posso distinguir a sua forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho do seu contemporâneo e inseparável companheiro, o sabor, pedir-lhe que me diga de que particular circunstância, de que época do passado se trata.

Poderá ela atingir a superfície da minha clara consciência, essa recordação, o instante antigo que a atracção de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, comover, reerguer do mais fundo de mim? Não sei. Agora não sinto mais nada, ela parou, talvez tenha voltado a descer; quem sabe se voltará a erguer-se da sua noite? Dez vezes precisei de recomençar,

de me debruçar sobre ela. E em cada uma das vezes a cobardia, que nos desviava de uma tarefa importante, de toda a obra importante, me aconselhou a renunciar, a beber o meu chá refletindo apenas sobre os meus aborrecimentos de hoje, os meus desejos de amanhã que se deixam ruminar sem dificuldade.

E de repente surgiu-me a recordação. Aquele gosto era o de um pedacinho de madalena que, ao domingo de manhã em Combray (porque nesse dia eu não saía antes da hora da missa), e depois de mergulhado numa infusão de chá ou de tília, me era oferecido pela minha tia Léonie, quando lhe ia dar os bons-dias ao quarto. A visão da pequena madalena não me tinha feito lembrar de nada antes de a ter saboreado; talvez porque, tendo-as visto muitas vezes depois disso, sem as comer, nas prateleiras das pastelarias, a imagem delas se tivesse distanciado de Combray, para se ligar a outras mais recentes; talvez porque, dessas lembranças abandonadas há tanto tempo fora da memória, nada tivesse sobrevivido, tudo se tivesse desagregado; as formas — assim como a da conchinha de pastelaria, tão gordurosamente sensual, sob o seu plissado severo e devoto — tinham sido abolidas, ou, ensonadas, tinham perdido a força de expansão que lhes teria permitido regressar à consciência. Mas, quando de um passado antigo nada subsiste, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas — sozinhos, mais frágeis mas mais vivazes, mais imateriais mas mais persistentes e fiéis, o cheiro e o sabor permanecem ainda durante muito tempo, como almas, a fazer-se lembrados, esperando, sobre a ruína de tudo o resto, o transporte sem vacilações, sobre a sua gotícula quase impalpável, do edifício imenso da memória.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena mergulhado na infusão de tília que a minha tia me dava (embora na altura não soubesse e devesse remeter para bem mais tarde a descoberta da razão por que tal recordação me fazia tão feliz), logo a velha casa cinzenta sobre a rua, sobre a qual dava o seu quarto, se ergueu como um cenário de teatro ligado ao pequeno pavilhão que dava sobre o jardim, construído para os meus pais nas traseiras (única superfície, truncada, que até então tinha tornado a ver); e, com a casa, a cidade desde manhã até à noite e em todas as estações, a Praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas onde eu ia às compras, os caminhos que se escolhiam quando fazia bom tempo. E, tal como naquele jogo em que os Japoneses se entretêm a molhar, numa tigela de porcelana cheia de água, pequenos pedaços de papel até então indistintos que, uma vez molhados, se estendem, ganham contornos, ficam coloridos, se diferenciam, tornando-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, do mesmo modo agora todas as flores do nosso jardim e as do parque

de M. Swann, e os nenúfares do Vivonne, e a boa gente da aldeia e as suas casinhas, e a igreja, e Combray inteira e os seus arredores, tudo isso que ganha forma e solidez saiu, cidade e jardins, da minha chávena de chá.

[43-47]

Estávamos estacionados na pequena cidade de N—. A vida de um oficial do exército é bem conhecida. De manhã, exercícios e escola de equitação; jantar com o coronel ou num restaurante judeu; à noite, ponche e jogo de cartas. Em N— não havia nem casa que recebesse, nem nenhuma rapariga casadoira. Costumávamos encontrar-nos nos quartos uns dos outros, onde a única coisa que víamos eram homens fardados.

Apenas um civil foi admitido na nossa sociedade. Tinha cerca de trinta e cinco anos de idade e por essa razão víamo-lo como uma pessoa mais velha. A sua experiência dava-lhe grande vantagem sobre nós, e a sua habitual taciturnidade, disposição austera e língua cáustica causavam uma profunda impressão nas nossas jovens mentes. A sua existência estava envolta num certo mistério, parecia ser russo apesar do seu nome ser estrangeiro. Tinha servido nos Hussardos com distinção. Ninguém sabia a razão que o tinha levado a deixar o serviço e a instalar-se numa vilazinha miserável, onde vivia pobremente e ao mesmo tempo de forma extravagante. Andava sempre a pé e usava sempre o mesmo sobretudo coçado, mas os oficiais do nosso regimento eram sempre bem-vindos à sua mesa. É verdade que os seus jantares nunca consistiam em mais do que dois ou três pratos preparados por um soldado reformado, mas o champanhe corria como água. Ninguém sabia quais eram as suas circunstâncias ou a quanto avultava o seu salário e ninguém se atrevia a perguntar-lho. Tinha uma colecção de livros, grande parte da qual eram obras sobre assuntos militares e alguns romances. Ele emprestava-no-los de boa vontade e nunca os pedia de volta; por outro lado nunca devolvia ao dono os livros que lhe cediam. O seu divertimento preferido era tiro ao alvo com pistola. As paredes do seu quarto estavam crivadas de balas e tão esburacadas que pareciam favos de mel. Uma valiosa colecção de pistolas era o único luxo na humilde cabana onde vivia. A perícia que adquirira com a sua arma de eleição era simplesmente incrível e se ele se tivesse oferecido para atirar contra uma pêra pousada em cima do bivaque de alguém, nenhum homem do nosso regimento teria hesitado em colocar a fruta sobre a sua cabeça.

Falávamos muitas vezes sobre duelos. Sílvio — chamá-lo-ei assim — nunca participava nestas conversas. Quando lhe perguntavam se alguma vez tinha participado num duelo, respondia secamente que sim, mas não entrava em pormenores e era evidente que não gostava de tais questões. Chegámos à conclusão de que tinha na sua consciência a memória de alguma vítima infeliz da sua terrível perícia. Além disso, nunca nos passou pela cabeça suspeitar que fosse covarde. Existem pessoas cuja aparência é suficiente para repelir tal suspeita. Mas teve lugar um acontecimento inesperado que nos surpreendeu a todos.

Um dia, cerca de dez dos nossos oficiais jantaram com Sílvio. Beberam como sempre, o que quer dizer muito. Depois do jantar pedimos ao nosso anfitrião para ficar com a banca num jogo de faraó. Recusou-se durante muito tempo, pois raramente jogava, mas acabou por pedir que trouxessem as cartas, colocou meia centena de ducados sobre a mesa e sentou-se para dar as cartas. Ocupámos os nossos lugares à volta dele e o jogo começou. Era costume de Sílvio ficar em completo silêncio enquanto jogava. Nunca argumentava e nunca entrava em explicações. Se o apostador errasse nos cálculos, ele pagava-lhe imediatamente a diferença ou anotava o excedente. Já conhecíamos este seu hábito e permitíamos sempre que fizesse as coisas à sua maneira, mas nesta ocasião estava entre nós um oficial que tinha sido transferido há pouco tempo para o nosso regimento. Durante o jogo este oficial marcou por distração um ponto a mais. Sílvio pegou no giz e corrigiu outra vez a contagem. O oficial, já quente do vinho, do jogo e do riso dos seus camaradas, achou-se grandemente ofendido e pegou enraivecido num castiçal de estanho da mesa e atirou-o a Sílvio, que o conseguiu evitar por pouco. Ficámos muito consternados. Sílvio levantou-se, vermelho de raiva, com os olhos a chispar, e disse:

— Meu caro senhor, tenha a bondade de se retirar e graças a Deus que isto aconteceu em minha casa.

Nenhum de nós albergava a mais pequena dúvida de qual seria o resultado e já víamos o nosso novo camarada como um homem morto. O oficial retirou-se, dizendo que estava preparado para responder pela sua ofensa da maneira que o banqueiro julgasse melhor. O jogo prolongou-se por mais alguns minutos, mas, sentindo que o nosso anfitrião já não estava interessado no jogo, retirámo-nos uns a seguir aos outros e dirigimo-nos para os nossos alojamentos, depois de termos trocado umas palavras sobre a hipótese de abrir em breve uma vaga no regimento.

No dia seguinte, na escola de equitação, já nos perguntávamos uns aos outros se o pobre tenente ainda estava vivo, quando o próprio apareceu entre nós. Colocámos-lhe a mesma questão e ele respondeu que ainda não

sabia nada de Sílvio. Isto deixou-nos boquiabertos. Fomos a casa de Sílvio e encontrámo-lo no pátio a disparar bala após bala sobre um ás colado ao portão. Recebeu-nos como sempre, mas não disse uma palavra sobre o acontecimento da noite anterior. Passaram-se três dias e o tenente ainda estava vivo. Perguntámo-nos uns aos outros com espanto:

— Será possível que Sílvio não se vá bater em duelo?

Sílvio não se bateu. Contentou-se com uma explicação muito débil e reconciliou-se com o seu atacante.

Isto fez com que descesse muito na consideração de todos os nossos jovens colegas. A falta de coragem é a última coisa que os jovens perdoam, pois vêem-na normalmente como a principal das virtudes humanas e a desculpa para todos os erros possíveis. Mas, aos poucos, tudo foi esquecido e Sílvio recuperou a sua influência.

Só eu não me conseguia dirigir a ele da mesma maneira. Dotado por natureza de uma imaginação romântica, tinha-me afeiçoado mais do que os outros ao homem cuja vida era um enigma e que me parecia ser o herói de algum drama misterioso. Ele gostava de mim. Pelo menos quando estava sozinho comigo, o seu costumeiro tom sarcástico desaparecia e conversava sobre variados temas de uma forma simples e anormalmente simpática. Mas depois daquela noite infeliz, a ideia de que a sua honra tinha sido manchada e que ele tinha permitido de boa vontade que a mancha permanecesse, estava sempre presente na minha mente e impedia que o tratasse como antes. Tinha vergonha de olhar para ele. Sílvio era demasiado inteligente e experiente para não reparar nisso e adivinhar o motivo. Isto parecia vexá-lo. Vi nele, pelo menos uma ou duas vezes, o desejo de se explicar, mas evitei tais oportunidades e Sílvio desistiu de tentar. A partir daí só estive com ele na presença dos meus camaradas e as nossas conversas confidenciais acabaram.

Os habitantes da capital, com as suas cabeças ocupadas pelos negócios e pelo prazer, não fazem ideia das muitas sensações tão familiares aos habitantes das vilas e pequenas cidades como, por exemplo, a espera pela chegada do correio. Às terças e sextas-feiras a secretaria do nosso regimento costumava estar repleta de oficiais: uns à espera de dinheiro, uns de cartas e outros de jornais. As encomendas eram normalmente abertas no local, as notícias corriam de boca em boca e a secretaria costumava ser um local muito animado. As cartas de Sílvio costumavam estar endereçadas ao nosso regimento e ele estava normalmente lá para as receber.

Um dia recebeu uma carta cujo lacre quebrou com alguma impaciência. Enquanto lia o seu conteúdo os seus olhos brilhavam. Os oficiais, cada um deles ocupado com as suas próprias cartas, não viram nada.

— Senhores — disse Sílvio —, as circunstâncias exigem que parta imediatamente. Partirei esta noite. Espero que não recusem o convite de jantarem comigo pela última vez. Espero que também vá — acrescentou, dirigindo-se a mim. — Espero vê-lo lá sem falta.

Com estas palavras partiu apressadamente, e nós, depois de combinarmos encontrarmo-nos em casa de Sílvio, dispersámos para os nossos alojamentos.

Cheguei a casa de Sílvio à hora combinada e encontrei lá grande parte do regimento. Já tinha as malas feitas, não deixava nada a não ser as paredes vazias cravadas de balas. Sentámo-nos à mesa. O nosso anfitrião estava muito bem-disposto e a sua alegria contagiou rapidamente os outros. Rolhas saltavam a cada momento, os copos transbordavam incessantemente e, com extremo carinho, desejámos ao nosso amigo que partia uma boa viagem e toda a felicidade do mundo. Quando nos levantámos da mesa já era tarde. Depois de se ter despedido de toda a gente, Sílvio agarrou-me pela mão e deteve-me por um momento quando estava para me ir embora:

— Quero falar consigo — disse em voz baixa.

Fiquei para trás.

Os convidados tinham partido e ficámos sozinhos. Sentados à frente um do outro, acendemos os nossos cachimbos em silêncio. Sílvio parecia muito perturbado, não havia vestígio da sua alegria convulsiva anterior. A palidez intensa do seu rosto, os olhos brilhantes e o fumo que saía da sua boca davam-lhe um aspecto verdadeiramente diabólico. Passaram-se vários minutos e depois Sílvio quebrou o silêncio.

— Talvez não nos vejamos mais — disse ele. — Antes de nos separarmos gostaria de lhe explicar. Pode ter reparado que a opinião dos outros pouco me interessa, mas gosto de si e acho que seria doloroso para mim deixá-lo com uma má impressão.

Fez uma pausa e começou a despejar as cinzas do seu cachimbo. Fiquei sentado a olhar em silêncio para o chão.

— Achou estranho — continuou — eu não ter exigido satisfações daquele idiota bêbado do R—. Admitirá, no entanto, que ao poder escolher as armas a sua vida estava nas minhas mãos, enquanto a minha não correria grande perigo. Poderia atribuir a minha tolerância somente à generosidade, mas não mentirei. Se pudesse ter castigado R— sem pôr a minha vida minimamente em risco, nunca o teria perdoado.

Olhei para Sílvio com espanto. Tal confissão deixava-me boquiaberto. Sílvio continuou:

— Exactamente: não tenho o direito de me expor à morte. Há seis anos atrás levei uma bofetada e o meu inimigo ainda está vivo.

A minha curiosidade foi aguçada.

— Não se bateu com ele? — perguntei. — Provavelmente foram separados pelas circunstâncias.

— Bati-me — respondeu Sílvio. — E aqui está uma lembrança desse duelo.

Sílvio levantou-se e tirou de uma caixa de cartão um boné vermelho com uma borla dourada e bordados (a que os franceses chamam *bonnet de police*). Colocou-o na cabeça. Uma bala tinha-o perfurado cerca de 3 centímetros acima da testa.

— Sabe — continuou Sílvio — que servi num dos regimentos dos Husardos. Conhece bem a minha personalidade: estou habituado a liderar. Desde jovem que esta é a minha paixão. No nosso tempo a devassidão estava na moda e eu era o homem mais excessivo no exército. Costumávamos vangloriar-nos das nossas bebedeiras, ganhei um concurso de bebida ao famoso Bourtsouff, sobre quem Denis Davidoff cantou. No nosso regimento estavam constantemente a acontecer duelos e em todos eles eu ficava em primeiro ou segundo lugar. Era adorado pelos meus camaradas enquanto os comandantes do regimento, que estavam constantemente a mudar, viam-me como um mal necessário.

Gozava calmamente da minha reputação quando um jovem vindo de uma família rica e distinta — não mencionarei o seu nome — se juntou ao nosso regimento. Nunca na minha vida conheci alguém com tanta sorte! Imagine juventude, inteligência, beleza, alegria sem precedentes, a coragem mais temerária, um nome famoso, uma riqueza incrível — imagine tudo isto e pode fazer uma ideia do efeito que teria sobre nós. A minha supremacia foi abalada. Encantado com a minha reputação, começou a procurar a minha amizade, mas eu recebi-o friamente e sem o mínimo arrependimento afastou-se de mim. Comecei a odiá-lo. O seu sucesso no regimento e na companhia das senhoras levou-me à beira do desespero. Comecei a procurar uma forma de entrar em discussão com ele. Aos meus epigramas ele respondia com epigramas que pareciam ser sempre mais espontâneos e incisivos do que os meus e eram decididamente mais divertidos, pois ele brincava enquanto eu me irritava. Por fim, num baile dado por um proprietário rural polaco, vendo-o objecto da atenção de todas as senhoras e especialmente da dona da casa, com quem me dava muito bem, sussurrei-lhe um comentário muito insultuoso ao ouvido. Enfureceu-se e deu-me uma bofetada. Desembainhámos as nossas espadas, as senhoras desfaleceram. Separaram-nos e nessa mesma noite propusemo-nos lutar. O dia estava a nascer. Estava no sítio combinado com as minhas três testemunhas. Esperei pelo meu oponente com uma impaciência inexplicável. O sol prima-

veril ergueu-se e já estava a aquecer. Vi-o a chegar ao longe. Vinha a pé, acompanhado por uma testemunha. Avançámos ao seu encontro. Aproximou-se, segurando no seu boné cheio de cerejas pretas. As testemunhas mediram os doze passos por nós. Tive de disparar primeiro, mas estava tão agitado que não podia depender da estabilidade da minha mão e para me dar tempo para acalmar, cedi-lhe o primeiro disparo. O meu adversário não concordava com isto. Decidimos tirar à sorte. O primeiro número calhou-lhe a ele, o filho preferido da fortuna. Fez pontaria e a sua bala perfurou o meu boné. Agora era a minha vez. A sua vida estava por fim nas minhas mãos. Olhei ardentemente para ele, tentando detectar pelo menos uma sombra ínfima de intranquilidade. Mas ele estava à frente da minha pistola, a escolher do seu boné as cerejas mais maduras e a cuspir os caroços, que chegavam quase aos meus pés. A sua indiferença irritava-me de forma solene. «De que serve», pensei eu, «tirar-lhe a vida quando ele não lhe dá qualquer valor?» Um pensamento malicioso atravessou-me a mente. Baixei a minha pistola.

«Neste momento não parece estar preparado para morrer», disse-lhe. «Quer tomar o pequeno-almoço e eu não o quero impedir».

«Não me está a impedir de forma alguma», respondeu. «Tenha a bondade de disparar ou como queira... o tiro ainda é seu. Estarei sempre pronto, à sua disposição».

Dirigi-me às testemunhas, informando-as de que não fazia intenção de disparar nesse dia e assim o duelo terminou. Despedi-me da minha comissão e retirei-me para este lugarzinho. Desde essa altura que não passa um dia em que não pense em vingança. Agora chegou a minha hora.

Sílvio tirou a carta que tinha recebido nessa manhã e deu-ma para ler. Alguém (que me parecia ser o seu agente de negócios) lhe escrevia de Moscovo a dizer que uma *certa pessoa* ia casar com uma jovem e bonita rapariga.

— Pode adivinhar — disse Sílvio — quem é a certa pessoa. Vou a Moscovo. Veremos se ele enfrenta a morte de frente com tanta indiferença agora, quando está prestes a casar, como fez outrora com as suas cerejas!

Com estas palavras, Sílvio levantou-se, atirou o boné ao chão e começou a andar de um lado para o outro como um tigre na jaula. Tinha-o ouvido em silêncio, estranhos sentimentos conflituosos digladiavam-se no meu espírito.

O criado entrou e anunciou que os cavalos estavam prontos. Sílvio agarrou a minha mão com força e abraçámo-nos. Sentou-se na sua telega, na qual estavam duas malas, uma com as suas pistolas e outra com os seus pertences. Despedimo-nos mais uma vez e os cavalos partiram a galope.

Costumam descer aos domingos das terras altas e das aldeias que estão na serra ou por detrás da serra: jovens, rapazes e raparigas; e é quando esta bela água se põe a brilhar por entre as vossas estacas e chama por vós, lá de baixo, por cima dos vossos muretes. Costumavam vir e alugar a Perrin um dos barcos por uma hora ou duas. Havia também os grandes barcos a vapor todos brancos com as suas bandeiras encarnadas, ou verdes e brancas, ou tricolores, com a grande roda de pás a bater, deixando ouvir o seu marulhar surdo bem antes que se vissem aparecer; ou então ainda se ouvia cantar. Vozes de rapazes e vozes de raparigas a cantar cantigas a dois tempos ou a três, e a duas vozes, e também não se sabia bem onde, porque a água leva o som e propaga-o por todo o lado. Pela porta toda aberta, entraram as vozes ao mesmo tempo que entrava o reflexo das pequenas ondas a dar no tecto recentemente pintado de branco.

Apanhava-se a luz por duas vezes, apanhava-se a luz de cima e de baixo enquanto a cafeteira brilhava em cima da mesa. Um novo barco a vapor de que se conseguia ler o nome (era o Rhône) ficou sem a parte de trás, e a da frente, durante um instante, entre as ombreiras da porta, enquanto o topo da chaminé tocava à justa no lintel. A cafeteira brilhava, as taças tinham vários reflexos, em vez de um só. Tinham acabado de comer naquele momento; ela apanhava os morangos com o dedo por cima da bela folha verde. De repente, o Rouge levanta-se. O barco a vapor tinha passado. O Décosterd ao empurrar o banco fê-lo ranger sobre o chão cimentado. Está um belo domingo. Vê-se o Rouge a sair, com as mãos nos bolsos, indo em direcção à água por hábito; o Décosterd, esse, tinha-se posto a levantar a mesa. Ela tinha querido ajudá-lo, ele não deixou: «Não, menina, isto é comigo».

Voltara então para o quarto e lá também, tudo brilhava como novo: a cama, as paredes, o tecto, o lajeado. Havia na janela cortinas brancas. E não havia no quarto só duas luzes, mas todo um entrecruzar de luzes, por causa do grande espelho fixado na parede. O dia dançou-lhe nos cabelos, movia-se-lhe pelos ombros. Foi diante do espelho, teve de fechar os olhos. Vai até

diante do espelho, enrolando entre os dedos, por cima da orelha, uma madeixa de cabelos; e está um dia tão belo; então por que é que, de repente?...

Era enquanto estava ali e que o Rouge estava na margem do lago, onde o ouviu a andar para cá e para lá.

Olha por entre as cortinas; vê que ele também não parece saber o que fazer, a passear de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos.

O que é que se passa? Não sabe. E todavia cantavam numa barca ao largo; pessoas que estavam a tomar banho no sopé da falésia chamavam umas pelas outras em estridente gritaria, com risadas que a água abafava; sai, tinha ido ter com o Rouge; nesse momento, os sinos tinham-se posto a tocar. Podia-se ver, por cima do bosque de pinheiros, aquela torre quadrada com o telhado de arestas em chapa enferrujada, encimado por um galo pintado de encarnado.

Tinha vindo para junto do Rouge; eis que ele lhe mostra o campanário. Depois mostra-lhe em redor dele as outras coisas, enquanto os peixes saltavam no ângulo do seu ombro e à frente da cara dele, no cair da água. É domingo, há festa por todo o lado. Fazem tocar os sinos, cantam na água dentro dos barcos; olhava para ela de soslaio. Ouvia-se um barulho de louça na cozinha onde o Décosterd estava a arrumar as coisas; e os dois sinos ainda se balançaram no ar, um com notas curtas e rápidas, o outro com prolongadas e surdas badaladas, espaçadamente.

De repente:

— Não acha que é um belo repicar? É que é domingo hoje. Tudo se tornou belo.

Recomeça:

— Só você existe.

Cala-se, ouvia-se o domingo. Ouviu-se ainda cantar no barco a remos, os que estavam a tomar banho gritar e rir interpelando-se ao fundo da falésia, os últimos melros; olha para ela. E, ela, olha para si mesma; vê o seu vestido preto, vê que está descalça dentro de velhas pantufas de couro.

— Oh! diz, eu não era capaz... Da outra vez, lembra-se, fui tão repreendida.

— Agora, penso eu, disse ele, já não seria repreendida.

— É que não é costume aqui, e não temos as mesmas maneiras, nós...

— Vocês?

— Sim, nós, lá.

E ele:

— Justamente.

— Oh! Se você quiser.

Ela riu, disse:

— Então, espere por mim um momento...

E é por isso que, lá no alto, ele não a reconhecera (o Maurice lá no alto debaixo do seu arbusto), muito mais tarde, quando ela tinha aparecido. Uma grande cor amarela envolvia-a agora por inteiro no sol em que ela sai, a seguir avançou no sol. Não a reconhecera logo: é preciso que ela avance ainda até à água; aí, ela volta-se como se falasse com alguém.

A frontaria da casa do Rouge apresentava-se ao Maurice um pouco de esquelha e estava encoberta pelo seu ângulo, de modo que ele não pôde ver com quem ela estava a falar; mas a ela, pelo menos, viu-a de frente, pôde ver que era mesmo ela e que um grande xaile amarelo às flores lhe caía ao longo do corpo até mais abaixo do que aos joelhos.

Vê tudo agora como nas lentes de uma luneta; vê que ela está ali, que se ergue, depois que se vira a rir por cima do ombro, que volta para trás lentamente; a seguir, o enviesado da parede tirou-a pouco a pouco da frente dos nossos olhos, o enviesado da parede ficou-nos com ela outra vez.

De debaixo do seu arbusto, o Maurice assiste a todas estas coisas: é assim que um momento depois esta jangada chegou. Trazia dois miúdos em cima; não conseguiam sentar-se, tinham de ficar em pé, com os pés dentro de água até aos tornozelos, a manobrar uma espécie de espadelas que eles próprios tinham fabricado e, a jangada também, tinham-na fabricado eles próprios com dois ou três bocados de tábuas pregadas numa travessa em cima de duas metades de uma pipa. Estavam despidos, já muito queimados, porque se tinha recommçado já há bastante tempo a poder tomar banho, só traziam um calçãozinho às riscas azuis e brancas à volta da barriga.

A jangada tinha acabado de aparecer à frente do bosque de pinheiros; ouviam-se a gritar e às bulhas; ouvia-se:

— Ernest, olha para o que estás a fazer, estás a fazer inclinar o engenho...

— Não, tu é que estás.

— Tu é que estás, estou-te a dizer!

E eles estavam ainda por detrás da grande barra de luz que atravessava o lago na oblíqua, indo desde debaixo do sol até à orla; tal e qual uma grande estrada daqui, com os mesmos altos e baixos, os mesmos nós (nós como num soalho gasto); depois eis que agora estão a ficar completamente negros por cima e o engenho todo negro.

Era naquela tarde de domingo. Em todo o lado se fala, em todo o lado cantigas, vozes, risos. O Maurice vê que há pessoas a passear na margem do lago, vê de debaixo do seu arbusto que ainda lá estão aqueles barcos a remos

a ir e vir, mais ao largo; os gritos dos miúdos chegam até ele, procura a jangada com os olhos, queimou a vista ao querer fixá-la em cima dela. Durante um longo momento, não distinguiu mais nada diante de si do que círculos grená, vermelhos, rosa, círculos que se vão alargando a partir do seu olhar até preencher inteiramente os dois buracos das suas órbitas. E, ela própria, quando reapareceu, não foi mais, ao princípio, no meio de um desses círculos amarelos, do que uma mancha do mesmo amarelo, como se a sua própria vista o estivesse a enganar ainda, e a criasse para ele em falso; mas aconteceu depois que a mancha amarela se mexeu, que ganha vida, se desloca; está a ficar negra, também, sobre o cintilar das águas...

— Ei, vocês aí, gritava o Rouge, que aprendizes me saíram!... Vejam se remam ao mesmo tempo...

O Rouge tinha vindo, o Rouge tinha ido ter com a Juliette, e depois o Décosterd, por sua vez, chegou; durante esse tempo, a jangada tinha reencontrado a bela água azul que faz com que os corpitos queimados voltem a ter a cor deles.

— Ernest, tu, tu remas para a direita... Tu, Louis, põe-te à esquerda. Mais à esquerda, Louis, toma atenção....

Foi então que ela se aproximou do Rouge. Vimo-la a falar com o Rouge; devia estar-lhe a pedir alguma coisa. Vemo-la a falar com ele, depois cala-se, inclinando a cabeça de lado, depois abana-a várias vezes como quando se insiste. Por fim o Rouge devia ter dito que sim. Pôs-se a bater palmas.

O Maurice vê o Décosterd vir a passos largos na sua direcção, como se o Décosterd o tivesse descoberto no seu esconderijo; mas este não levantava a cabeça, mantendo-a baixa, pelo contrário, com o pescoço esticado para a frente. Enfia-se pelos caniços.

O Maurice seguiu um instante o Décosterd com os olhos; volta-os outra vez para a margem: vê que de novo ela já lá não estava.

O Décosterd enquanto isso solta o barco que se tinha chamado *Coquette* e já não se chamava *Coquette*. O barco tinha sido inteiramente renovado; estava pintado de verde no exterior, de amarelo ocre no interior. O Décosterd tinha empunhado os remos. Rema primeiro entre os caniços, na água turva; vira sobre a direita, a água limpa recebe-o. Vira para o lado do Rouge; abordou em frente do Rouge, dando um último golpe de remos que faz entrar a quilha a ranger na areia. O Décosterd salta para a orla; espera, o Rouge espera. E o *Juliette* parece esperar também, enquanto se balança suavemente sobre o bojo, com os largos quadris subindo e descendo com um bater irregular por baixo dos remos deixados ao comprido; enquanto também se vêem ainda a brilhar muitos peixitos pequenos, vêem-se saltar fora da água como numa sertã.

Foi então que ela reaparecera; e houvera uma grande alegria nas montanhas. Avançou, avançava sob o xaile de seda; no movimento para a frente do andar, viam-se as longas franjas subir deslizando-lhe ao longo das pernas, depois irem para cada lado do seu tornear afastando-se. Pousou os seus belos pés nus sobre as pedras. E de repente o xaile amarelo abandonou-a, ao mesmo tempo o Décosterd empurra para a água o *Juliette*, ao mesmo tempo as montanhas brilhavam, os peixes saltavam fora da água, mas ela brilhava agora, ela também, brilhava nos seus braços despidos, brilhava nos seus ombros largos. Ouviram-se gritar as crianças na jangada; é que ela vinha direita a deles, numa brincadeira. Agarrara-se aos remos, dirigira sobre eles a ponta do *Juliette*: então eles tentaram primeiro escapar-lhe remando também, depois, vendo que não o conseguiam, deitam-se à água um e o outro...

Ele, lá no alto, continua a olhar. Viu que as montanhas nesse momento foram atingidas de lado pelo sol que baixava, ao mesmo tempo que a sua luz era menos branca; havia como que mel sobre as paredes de rocha. Mais abaixo, na encosta dos prados, era como pó de ouro; por cima dos bosques, uma cinza quente. Tudo estava a ficar belo, tudo estava a ficar ainda mais belo, como numa rivalidade. Todas as coisas que estão a ficar belas, cada vez mais belas, a água, a montanha, o céu, o que é líquido, o que é sólido, o que não é nem sólido, nem líquido, mas tudo se harmoniza; havia como um entendimento, um elo de continuidade e de partilha entre uma coisa e outra, e entre todas as coisas que existem. E à volta dela e por causa dela, como ele pensa e diz para si mesmo lá no alto. Há um lugar para a beleza...

Arthur RIMBAUD. «Manhã», in *Iluminações: Uma cerveja no inferno*.
Tradução de Mário Cesariny. [1873] 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 171.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Jean-Jacques ROUSSEAU. Excerto de «Livro primeiro», in *Confissões*.
Tradução de Fernando Lopes Graça. [1782] 1988. Lisboa: Portugália. 25-27.

Na gaveta de baixo da grande secretária, o meu pai guardava um belo mapa antigo da nossa cidade. Era todo um volume de pergaminhos in-fólio ligados por tiras de pano, e o seu conjunto fazia uma carta mural imensa que representava um panorama a voo de pássaro.

Pendurada na parede cobria-a quase por inteiro e mostrava todo o vale do Tysmienica (onde a sua fita clara e dourada serpenteava), o conjunto de grandes lagos e pântanos e os últimos contrafortes de montanhas com um enrugado a fugir em direcção ao Sul, primeiro raras e distantes, depois reunidas em cadeias cada vez mais numerosas, tabuleiro de damas feito por colinas redondas, progressivamente mais pequenas e claras, conforme se iam aproximando do horizonte dourado e cheio de névoas. Destas periferias baças e distantes se destacava a cidade que avançava em direcção à dianteira do mapa. Primeiro sob a forma de massas ainda indiferenciadas, blocos de casas compactos, cortados pelas ravinas fundas das ruas, mas divididos, mais perto, em imóveis distintos e desenhados com uma precisão de objectivos vistos a binóculo.

Era uma zona em que o gravador tinha sabido dar-nos a tumultuosa profusão de ruas e ruelas, a nitidez das cornijas, arquitraves, arquivoltas e pilstras que brilhavam no ouro escurecido de um fim de tarde que mergulhava nichos e recantos numa sombra cor de sépia. Estes prismas de obscuridade espalhavam-se como raios de mel nas artérias da cidade. Com a sua massa tépida e opulenta banhavam metade de uma rua aqui, um espaço entre duas casas ali, orquestrando no romantismo de um claro-escuro triste aquela polifonia arquitectónica.

Ora as imediações da Rua dos Crocodilos faziam, nesta carta desenhada com o estilo dos prospectos barrocos, uma nódoa branca parecida com aquela que assinala regiões polares, países incertos e inexplorados nas geografias. Poucas ruas indicava a traço negro e com o nome em letra corrente; noutros lados as inscrições distinguiam-se pela nobreza dos seus caracteres góticos. Era evidente que o cartógrafo se recusava a reconhecer essa zona

como parte legítima da cidade e manifestava, com um tratamento desenvolvido, a sua oposição.

Para lhe compreendermos a reserva há que realçar aqui a natureza singular deste bairro equívoco. Era uma zona comercial e industrial de bem vincado carácter utilitário. O espírito do tempo e os mecanismos económicos tinham-se enraizado na periferia, sem pouparem a nossa cidade, fazendo nascer aquele subúrbio parasita. Enquanto na cidade velha ainda prosperava um comércio nocturno semiclandestino e cerimonioso, ali, naquele bairro novo, tinham logo florescido sóbrios e modernos métodos de traficar. Enxertado no chão gasto, um exuberante pseudo-americanismo engendrara um estilo insípido e sem cor de uma vulgaridade cheia de pretensão. Ali se viam imóveis miseráveis com fachadas de caricatura e embiocados com monstruosos ornamentos de estuque que se esboroavam. Às velhas barracas de subúrbio tinham-se acrescentado à pressa frontispícios mal-amanhados que vistos de perto não passavam de pobre imitação do estilo da moda. As sujas e duvidosas montras que partiam em reflexos ondulados a imagem da rua, a madeira áspera dos frontispícios, a névoa parda daqueles interiores estéreis com estantes altas e paredes escoriadas e cobertas por teias de aranha e corcovas de poeira, davam às lojas o cunho de um novo Klondike. Uma atrás de outra estas lojas se alinhavam, ora barracas de alfaiate ou de costura, ora armazéns de louça, drogarias e barbeiros. De través ou em semicírculo nas grandes montras pardas havia dísticos em relevo com letras douradas: PASTELARIA, MANICURA, KING OF ENGLAND.

Os velhos habitantes da cidade mantinham-se afastados desta zona ocupada por uma população sem carácter nem espessura, verdadeira fancaria moral, inferior categoria do género humano que só meios torvos e efémeros desta espécie sabem gerar. Sucedia, no entanto, que em dias de derrota e horas de fraqueza este ou aquele cidadão se extraviava como por acaso na duvidosa esfera. Nem os melhores sabiam escapar sempre à tentação de degradar-se, apagar hierarquias, mergulhar naquele lamaçal de promiscuidade fácil. O bairro era um eldorado para os desertores que abdicam da sua própria dignidade. Ali tudo parecia suspeito e equívoco; através de discretas piscadelas de olho, gestos cínicos e olhadelas insistentes, tudo excitava concupiscências impuras, tudo tendia a soltar baixos instintos.

Era difícil que um transeunte desprevenido notasse a falta de cor daqueles lugares; singularidade estranha, como se o amontoado medíocre, que tinha crescido à força, não pudesse dar-se a semelhante luxo. Ali tudo era pardo como em fotografias a preto e branco ou em prospectos ilustrados, semelhança que ultrapassava a simples metáfora porque ao passearmos um

momento naquelas ruas tínhamos realmente a impressão de folhear prospectos insípidos onde se houvessem perdido por engano frases suspeitas, notas escabrosas, ilustrações parasitas; e esses passeios acabavam por revelar-se tão estéreis como os excessos da imaginação arrastada por estampas e colunas de uma revista pornográfica.

Por exemplo: entra-se num alfaiate para encomendar um fato com a elegância duvidosa, tão característica daqueles lugares, e vai dar-se a um local vasto e vazio, muito alto e sem cor. De cima a baixo se sobrepõem andares de prateleiras enormes. E este andaime de tábuas que nada armazenam levam-nos o olhar até ao tecto que também pode ser céu — o céu gasto e medíocre daquele bairro. Em contrapartida as outras salas que vemos pela porta aberta estão cheias até acima com caixas de madeira e cartão sobrepostas, ficheiro imenso que bem ao alto, sob o vago firmamento do tecto, vai dar a uma geometria do vazio, a uma estéril construção do nada. O esplendor diurno não entra pelas janelas pardas, compostas por muitas vidraças recortadas como folhas de papel de lustro, pois todo o espaço da loja está impregnado de uma luz macilenta e indiferente que não projecta sombra nem dá relevo a nada.

Imagine-se, então, que um esbelto e ágil rapaz espantosamente prestável surge disposto a satisfazer-nos todos os desejos e a submergir-nos com uma fácil eloquência de caixeiro. E enquanto fala e desdobra enormes peças de tecido, enquanto mede, ajusta pregas e espalha a infinita onda que lhe escorre das mãos para formar sobrecasacas ou calças imaginárias, todas as manipulações parecem não passar de aparência, comédia, máscara irónica assente sobre o verdadeiro sentido de tudo aquilo.

[75-77]

No entanto, o que mais surpreende na Rua dos Crocodilos é o sistema ferroviário.

Às vezes e a horas variáveis dos fins de semana pode ver-se a multidão à espera do comboio numa esquina. Nem a hora de chegada nem a paragem são certas, e sucede que as pessoas fazem duas bichas por não poderem entender-se no cais da estação. Formam um grupo sombrio e silencioso que espera muito tempo ao longo de vias que mal se vêem; de perfil parecem máscaras de papel que a expectativa recorta com um feitio fantástico. O comboio acaba por chegar. Surge em determinada ruela — minúsculo, de patas curtas, puxado por uma pequena e ofegante locomotiva. Entra no corredor escuro e a rua enegrece com o pó de carvão que as carruagens espalham. A sombria respiração da locomotiva, um sopro de estranha gravidade e cheio de tristeza, os encontrões e o nervosismo refreado por um

momento transforma a rua num átrio de estação ao rápido crepúsculo de um dia de Inverno.

Com a corrupção, o mercado-negro de bilhetes de comboio faz-se o flagelo da nossa cidade.

À última hora, com o comboio já na estação, há quem mostre uma actividade nervosa a regatear com os venais empregados da linha. E antes das negociações chegarem ao fim o comboio arranca, seguido por uma multidão desencantada e lenta que vai durante muito tempo atrás dele e acaba por se dispersar.

Reduzida por um instante àquela estação crepuscular, cheia de um hálito de vias distantes, a cidade volta a clarear e a ampliar-se deixando passar a indiferente e monótona multidão dos que fazem um murmúrio indeciso e vagueiam pelas montras, vidraças pardas e sujas a abarrotarem de fancaria, grandes manequins de cera e cabeças de cabeleireiro.

Passam prostitutas provocantes, com rendados vestidos de noite. Ao cabo e ao resto mulheres de cabeleireiro ou músico de café. Têm passo elástico de animal voraz, e no mau rosto degradado trazem uma pequena e destruidora tara, olhos negros de forte estrabismo, boca rasgada ou nariz sem ponta.

Os cidadãos orgulham-se deste vício que a Rua dos Crocodilos exala. «Nada temos que renegar», pensam satisfeitos; «podemos dar-nos ao luxo de uma verdadeira orgia». Acham que é mundana toda a mulher daquele bairro. E basta ver a primeira, realmente, para lhe notarmos um insistente e pegajoso olhar que nos enregela com voluptuosas certezas. Até as estudantes têm um modo muito especial de usar fitas, mexer as pernas esbeltas, e uma tara nos olhos onde já se inscreve a depravação futura.

Mas será... será mesmo preciso trair o último segredo do bairro, o mistério cuidadosamente oculto da Rua dos Crocodilos?

Ao fazermos este relatório várias vezes recorreremos a certas posições de defesa e discretamente expressámos as nossas reservas. Por isso a natureza do caso não espantará o leitor atento. Falámos do carácter imitativo que o bairro tem, mas a expressão assume agora um significado explícito de mais para transmitir a sua intermédia e indecisa essência.

A nossa língua não possui palavras que permitam dosear o grau de realidade, definir-lhe o peso. Digamo-lo sem nenhum véu: a fatalidade deste bairro é nada haver nele que se realize, é toda a gente açaimada ficar em suspenso, esgotar-se prematuramente sem conseguir ultrapassar certos limites. Tivemos ocasião de referir a exuberância e a prodigalidade das intenções, dos projectos e das antecipações. Não passavam de uma fermentação precoce, e portanto estéril, de desejos.

Numa atmosfera de facilidade excessiva vêm-se todos os caprichos formarem embrião e a mais passageira das excitações crescer e empolar-se em estéreis excrescências, ervas daninhas do pesadelo, desbotadas e febris papoilas. Por todo o bairro plana um cheiro de pecado dissoluto e preguiçoso: pessoas, casas e lojas às vezes parecem não ser mais do que arrepio no seu corpo febril, pele de galinha dos seus devaneios. Em nenhum lado nos sentimos tão ameaçados por hipóteses, perturbados com a proximidade da realização, pálidos e paralisados com a apreensão voluptuosa do que vai consumir-se. Mas tudo começa e termina aí.

Vencido certo degrau o fluxo pára e recua, a atmosfera embacia, as hipóteses caem até ao zero, as papoilas pardas e loucas da excitação desfazem-se em cinza.

Havemos sempre de lamentar o dia que já lá vai, em que abandonámos aquela loja de confecções equívoca. E nunca mais havemos de encontrá-la. Vamos arrastar-nos de tabuleta em tabuleta, sempre enganados. Vamos visitar dezenas de lojas iguais, andar entre muralhas de livros, folhear revistas, fazer confusos regateios com vendedeiras de pele excessivamente pigmentada e de uma beleza com tara, que nada entendem dos nossos desejos.

Vamos envolver-nos em confusões intermináveis até a nossa febre e a nossa emoção se esgotarem, gastas por esforços inúteis, por uma vã procura.

As nossas esperanças assentavam num mal-entendido; a ambiguidade do local e dos empregados não passava de aparência, a loja era realmente loja com um caixeiro isento de intenções ocultas. Quanto às mulheres da Rua dos Crocodilos tinham uma depravação das mais medíocres que sufocava debaixo de camadas espessas de preconceitos. Esta urbe de mediocridades não dá lugar a exuberantes instintos nem a paixões sombrias e insólitas.

A Rua dos Crocodilos é uma concessão que a nossa cidade faz ao progresso e à corrupção modernos. O que não podemos, evidentemente, é desejar mais do que uma imitação de pasta de papel, uma fotomontagem feita com recortes amarelos de velhos jornais.

Giórgos SEFÉRIS. «Uma fala sobre o Verão», in *Piímata*. Tradução inédita de Manuel Resende. 1985. Atenas: Icarus. 137.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Antonio TABUCCHI. *O Tempo Envelhece Depressa*. Tradução de Gaëtan Martins de Oliveira. [2009] 2010. Lisboa: Dom Quixote. 97-101.

Texto sujeito a Direitos de Autor

I

Do edificio é redonda a forma rica;
Do seu centro no mais mysterioso
Um jardim adornado e bello fica,
Superior a quanto ha mais famoso.
Galerias occultas multiplica
Em torno d'elle o inferno astucioso,
As quaes em confusão inexplicavel
Fazem com que se torne impenetravel.

II

A entrada principal do monumento,
Que conta cem, transpõem os enviados.
As altas portas de lavrado argento
Rangem nos quicios de oiro abrilhantados.
As figuras, que são de obra um portento,
E vencem na materia olham pasmados;
Vivem; só da palavra necessitam;
Mas que a teem, vendo-as, muitos acreditam,

III

Está alli da Meonia entre as donzellas,
À cinta a roca, Alcides conversando;
Se Orco e fado venceu, ora como ellas
Maneja o fuso; Amor se ri olhando;
E Iole co'as mãos tenras e bellas,
Por mofa, as armas fortes empunhando,
A pelle do leão aos hombros presa,
Muito pesada para tal fraqueza.

IV

Defronte acha-se um mar, que as alteradas
Ondas cobre de mantos espumantes;
E em meio, em ordem duplice postadas,
Naus e armas, que fulgem lampejantes;
Arde em guerra Leucáte; incendiadas
São as aguas, como oiro scintillantes.
De um lado Augusto e Roma; Antonio em frente
Co' o indio, o egypcio, o arabe, o Oriente.

V

Dirieis que, arrancadas por encanto,
Iam as ilhas Cyclades chocar-se;
É de uma e de outra parte o furor tanto
Dos torreados lenhos no encontrar-se.
Já vôam fachos, dardos, novo espanto!
De destroços parece o mar coalhar-se.
Eis, nem pendido ainda a lide tinha,
Fugindo vai a barbara rainha.

VI

E fuge Antonio, abandonando a esp'rança
Do governo do mundo, ao qual aspira.
Não teme, não, que o medo o não alcança,
Mas acompanha a amada que partira.
Imagináreis que bramidos lança,
Como o que tem vergonha, amor, e ira,
Ora a pugna indecisa e crua vendo,
Ora as velas em fuga já correndo.

VII

Após, no escuso Nilo recebido,
Entre os braços da amante espera a morte,
E n'um formoso gesto embevecido,
Menos sente do fado o agudo corte.
Das regias, grandes portas esculpido
Era o metal luzente d'esta sorte.
Mal d'ellas os guerreiros apartaram
A vista, o labyrintho logo entraram.

VIII

Qual o obliquo Meandro brinca incerto,
E com dubio correr ou sóbe ou de'ce,
Em diverso rodeio, o mar aberto
Já buscando, já as fontes onde cre'ce,
Assim e inextricaveis mais de certo
As vias; mas o livro as esclarece,
O livro dom do mago, e d'ellas trata
De modo que o nó prompto se desata.

IX

Deixados os caminhos tortuosos,
O jardim ledo e feiticeiro viam:
Aguas calmas, crystaes mil buliçosos,
Diversas plantas, flores que sorriam,
Collinas que ama o sol, valles umbrosos,
Selvas, grutas n'um todo descobriam,
E o que a belleza e o preço lhe dobrava,
A arte que fez tudo, e o disfarçava.

Anton TCHÉKHOV. «Primeiro acto», in *O Tio Vânia: Cenas da vida no campo*. Tradução de António Pescada. [1898] 2005. Porto: Campo das Letras. 11-13.

Jardim. Vê-se uma parte da casa com terraço. Na alameda, sob os velhos álamos, há uma mesa posta para o chá. Bancos, cadeiras; sobre um dos bancos está pousada uma guitarra. Perto da mesa há um baloiço. Passa das duas horas da tarde. O céu está nublado.

Marina (uma velha balofa e pesadona, sentada junto do samovar, faz croché) e Astrov (caminha ao pé dela).

MARINA

(Enchendo um copo.) Vem comer, meu querido.

ASTROV

(Aceita involuntariamente o copo.) Não tenho vontade.

MARINA

Bebes talvez uma pinga de vodca?

ASTROV

Não. Eu não bebo vodca todos os dias. Além disso o tempo está abafado.

Pausa.

Ama, há quanto tempo nos conhecemos?

MARINA

(Reflectindo) Quanto tempo? Queira Deus que eu me lembre... Tu vieste para cá, para esta região... quando foi?... Vera Petrovna, a mãe de Sónia, ainda era viva. No tempo dela vieste para cá dois invernos... Bem, quer dizer que passaram uns onze anos. *(Depois de pensar um pouco.)* Ou talvez mais...

ASTROV

Eu mudei muito desde esse tempo?

MARINA

Muito. Nesse tempo eras jovem, bonito, e agora estás velho. E a tua beleza já não é o que era. Ainda por cima bebes vodca.

ASTROV

Pois é... Em dez anos tornei-me outro homem. E qual é a razão? Trabalhei de mais, ama. Sempre a pé de manhã à noite, não tenho sossego. E à noite está uma pessoa debaixo do cobertor com receio de que o venham chamar para um doente. Em todo este tempo, desde que nos conhecemos, não tive um único dia livre. Como não envelhecer? E a vida é em si mesma aborrecida, estúpida, suja... Esta vida é opressiva. À nossa volta só vemos tipos esquisitos, só tipos esquisitos por todo o lado; um homem vive com eles dois ou três anos e pouco a pouco, sem dar por isso, torna-se também esquisito. Destino fatal. (*Torce o longo bigode.*) Ih, que grande bigode me cresceu... Bigode estúpido. Tornei-me esquisito, ama... Estúpido ainda não estou, graças a Deus, o cérebro continua no seu lugar, mas os sentidos estão como que embotados. Não quero nada, não preciso de nada, não gosto de ninguém... Se calhar só gosto de ti. (*Dá-lhe um beijo na cabeça.*) Em criança tinha uma ama assim, como tu.

MARINA

Não queres comer?

ASTROV

Não. Há duas semanas, durante a Quaresma, fui a Málitskoie por causa de uma epidemia... Tifo... As pessoas estão todas doentes nas isbas... Lama, fedor, fumo, os bezerros pelo chão junto com os doentes... Os porcos também por ali... Andei o dia inteiro ocupado, sem me sentar, sem comer nada, e chego a casa não me dão descanso — trouxeram-me um agulheiro do caminho de ferro; deitei-o na marquesa para o operar, e ele vai e morre-me com o clorofórmio. E quando não deviam, os meus sentidos despertaram e a consciência começou a apertar-me, como se eu o tivesse morto de propósito... Sentei-me, fechei os olhos — e fiquei a pensar: aqueles que viverem daqui por cem ou duzentos anos e para quem abrimos hoje o caminho, irão lembrar-se de nós com uma boa palavra? Não lembram, ama!

MARINA

As pessoas não se lembram, mas Deus lembra-se.

ASTROV

Pois obrigado. Dizes muito bem.

Georg TRAKL. «Élis» (3.^a versão), in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de João Barrento. [1913-14] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1280-1281.

1.

Perfeito é o silêncio deste dia dourado,
Sob velhos carvalhos
Apareces, Élis, imagem de paz com olhos redondos.

O seu azul espelha o sono dos amantes.
Na tua boca
Emudeceram os seus suspiros rosados.

À noitinha, o pescador puxou as pesadas redes,
Um bom pastor
Leva o rebanho pela orla da floresta.
Oh, que justos são, Élis, todos os teus dias!

Leve, desce
Por muros desolados o silêncio azul da oliveira,
Morre o sombrio canto de um ancião.

Uma barca de ouro
Baloíça, Élis, o teu coração na solidão do céu.

2.

Um suave toque de sinos ecoa no peito de Élis
À noitinha,
Quando a sua cabeça se afunda na almofada negra.

Um veado azul
Sangra baixinho no mato de espinhos.

Uma árvore castanha ergue-se solitária;
Caíram dela os seus frutos azuis,

Sinais e estrelas
Afundam-se de mansinho no lago da tarde.

Para lá da colina chegou o Inverno.

Pombas azuis
Bebem de noite o suor gelado
Que corre na frente cristalina de Élis.

Eternamente, ressoa
Nos muros negros o vento solitário de Deus.

Aldeia de Ovétchi Vódi, 20 de Março de 18..

O médico saiu daqui agora mesmo. Por fim consegui perceber alguma coisa. Por mais astúcias que ele usasse, não conseguiu deixar de manifestar-se por fim. Sim, vou morrer em breve, muito em breve. Os rios vão degelar e eu, provavelmente, vou desaparecer com a última neve... para onde? Sabe Deus! Também para o mar. Ora bem! Se tenho de morrer, que morra na Primavera. Mas não será ridículo iniciar um diário talvez duas semanas antes da morte? Que mal faz? E o que são catorze dias menos do que catorze anos, do que catorze séculos? Diz-se que, diante da eternidade, tudo são bagatelas, sim; mas neste caso a própria eternidade é uma bagatela. Parece-me que estou a cair na especulação: isso é mau sinal, não estarei com medo? É melhor que comece a contar alguma coisa. Lá fora está húmido, ventoso, estou proibido de sair. Mas contar o quê? Um homem decente não fala das suas doenças; escrever talvez uma novela — não é ocupação para mim; a discussão de temas elevados não está ao meu alcance; as descrições da existência que me rodeia nem sequer me interessam; mas nada fazer é enfadonho; para ler, tenho preguiça. Ah! Vou contar a mim próprio toda a minha vida. Magnífica ideia! Diante da morte isso é decente e não ofende ninguém. Começo.

Nasci há trinta anos, filho de proprietários rurais bastante ricos. O meu pai era um jogador apaixonado; a minha mãe era uma senhora de carácter... uma senhora muito virtuosa. Mas não conheci nenhuma mulher a quem a virtude proporcionasse menos satisfação. Oprimida sob o fardo das suas qualidades, atormentava toda a gente, a começar por si própria. Durante os cinquenta anos da sua vida nem uma única vez descansou, nunca cruzou os braços; andava sempre agitada e azafamada como uma formiga — e sem qualquer proveito, o que não se pode dizer das formigas. Um bichinho incansável consumia-a de dia e de noite. Só uma vez a vi completamente calma: no primeiro dia depois da sua morte, na urna. Ao olhar para ela pareceu-me na verdade que o seu rosto exprimia um ligeiro assombro; os lábios entreabertos, as faces descaídas e os olhos docilmente imóveis, pareciam tremular as palavras: «Que bom, uma pessoa não se mexer!» Sim, é bom, é bom livrar-se

por fim da consciência aflitiva da vida, do sentimento obsessivo e desconfortável da existência! Mas não é essa a questão.

Cresci mal e sem alegria. Os meus pais amavam-me; mas isso não me fazia sentir melhor. O meu pai não tinha qualquer poder na sua própria casa e nenhuma importância como homem, sem dúvida entregue a um vício vergonhoso e devastador; consciente da sua degradação e sem forças para se livrar da sua paixão preferida, procurava ao menos, com o seu ar constantemente terno e modesto, com a sua resignação evasiva, merecer a indulgência da sua esposa exemplar. Na verdade, minha mãezinha suportava a sua infelicidade com aquela grande e magnífica paciência em que há tanto de orgulhoso amor-próprio. Nunca censurava o meu pai por coisa alguma, dava-lhe em silêncio o seu último dinheiro e pagava as dívidas dele; ele enaltecia-a na sua presença e na sua ausência, mas não gostava de estar em casa e fazia-me festas furtivamente, como se receasse infectar-me com a sua presença. Mas as suas feições desfiguradas respiravam tanta bondade nesses momentos, o riso febril dos seus lábios era substituído por um sorriso tão tocante, os seus olhos castanhos cercados de tantas rugas finas brilhavam com tanto amor, que eu encostava de modo involuntário a minha face à dele, húmida e tépida das lágrimas. Eu limpava essas lágrimas com o meu lenço e elas voltavam a correr, sem esforço, como a água de um copo demasiado cheio. Punha-me também a chorar e ele consolava-me, passava-me a mão pelas costas, beijava-me na cara com os seus lábios trémulos. Ainda agora, pouco mais de vinte anos depois da sua morte, quando me lembro do meu pobre pai sobem-me à garganta uns soluços silenciosos e o meu coração bate, bate com tanto ardor e tanta mágoa, aflige-se com tão saudosa pena como se ainda lhe restasse muito tempo para pulsar e houvesse muito de que ter compaixão!

A minha mãe, pelo contrário, tratava-me sempre da mesma maneira, com carinho mas também com frieza. Nos livros infantis encontram-se muitas vezes mães assim, moralizadoras e justas. Ela amava-me, mas eu não a amava a ela. É verdade! Esquivava-me à minha virtuosa mãe e amava apaixonadamente o meu pai vicioso.

Mas por hoje chega. O início, já o temos, e quanto ao fim, seja qual for, não temos que nos preocupar com ele. É assunto da minha doença.

Paul VERLAINE. [Chora no meu coração], in *Poemas Saturnianos e Outros*.
Tradução de Fernando Pinto do Amaral. [1866] 1994. Lisboa: Assírio &
Alvim. 159.

Il pleut doucement sur la ville.

Arthur Rimbaud

Chora no meu coração
Como chove na cidade;
Que langor ou lassidão
Me penetra o coração?

Ó doce ruído da chuva
No chão e sobre os telhados!
Pra uma alma que se turva
Ah!, o cântico da chuva!

Cai o choro sem razão
No meu peito que esmorece.
O quê! Nenhuma traição?...
Meu luto não tem razão.

E a minha maior dor
É nunca saber porquê
Sem ódio e sem amor
Minha alma tem tanta dor!

Boris VIAN. [Não queria patear], in *Canções e Poemas*. Tradução de Irene Freire Nunes e Fernando Cabral Martins. [1962] 1997. Lisboa: Assírio & Alvim. 211-215.

Texto sujeito a Direitos de Autor

François VILLON. «Balada das damas do tempo antigo», in *Os Testamentos de François Villon e Algumas Baladas mais*. Tradução de Vasco Graça-Moura. [1489] 1997. Porto: Campo das Letras. 77-79.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Walther von der VOGELWEIDE. «Elegia», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de João Barrento. [1227] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 660-662.

Ai de mim, para onde foram os anos da minha idade?
Sonhei toda a minha vida, ou será realidade?
Era mesmo verdadeiro o que por vero tomei?
Se o era, andei a dormir, agora já nada sei.
Agora, que estou desperto, vejo que foi ilusão
o que antes eu conhecia como a palma desta mão.
A terra e as gentes que a mim de pequeno me criaram,
agora acho-as tão estranhas como se nunca existiram.
Os que comigo brincaram estão velhos e cansados.
Os baldios hoje são searas, os bosques estão cortados:
não corresse ainda a água como outrora corria,
e juro que o meu desgosto mui grande seria.
Hoje já mal me saúdam os meus amigos de antanho,
nunca pensei que i houvesse um desconsolo tamanho.
Quando nos dias felizes hoje me ponho a cismar
que deixei fugir assim como uma rede no mar,
digo: ai de mim, coitado!

Ai, que jeito triste este de a gente nova se dar,
dos que antes tão delicada tinham a maneira de ser!
Hoje só sabem rezingar: ai, por que serão assim?
Para onde quer que me vire, alegre não há nem um.
Dançar e rir e cantar vão-se, de tanto cuidado:
nunca até hoje ninguém viu bando tão acabrunhado.
Vejam só nossas mulheres se os toucados que trazem:
e os garbosos cavaleiros que trajos do campo usam.
Chegam de Roma inquietantes letras para nos obrigar
a andar sempre de luto e a nunca nos alegrar.
Era boa a nossa vida, e o que me dá raiva agora
é ter de trocar por pranto o nosso riso de outrora.

Até as aves dos campos estão mais tristes cada dia,
que admira então, se eu próprio perdi a minha alegria?
E assim vou falando, irado, buscando, pobre de mim,
as delícias deste mundo — as do outro já perdi!
E digo: ai de mim, coitado!

Ai! fomos envenenados com doenças a granel!
Já vejo o fel a boiar no meio do doce mel:
o mundo por fora é belo, branco, verde e encarnado,
mas por dentro é todo negro, e pela morte ensombrado.
Quem por ele se perdeu, que procure consolação:
com pequena penitência achará a salvação.
Atentai bem, cavaleiros, que esta causa é a vossa.
Vós, que usais elmos brilhantes, e essa armadura grossa,
e também escudos fortes e a espada consagrada.
Quisesse Deus que a mim tal bênção me fosse dada!
Então este pobre homem rica paga iria ter,
mas não de terras e ouro que isso é cousa de senhor:
se assim fosse, eternamente aquela coroa ia usar
que um soldado e sua lança já puderam conquistar.
Pudesse eu nessa viagem pelo mar ir embarcado,
ia cantar de alegria e não dizer: ai, coitado,
e não dizer: ai, coitado.

Mrs. Dalloway disse que ela mesma compraria as flores.

O serviço de Lucy já lhe fora atribuído. As portas iriam ser retiradas das dobradiças; os homens da pastelaria Rumpelmayer vinham a caminho. E, pensou Clarissa Dalloway, que manhã — tão fresca como se feita para crianças brincarem na praia.

Que delícia! Que mergulho! Era sempre assim que se sentia em Bourton, quando, com um leve chiar das dobradiças, semelhante ao que agora ouvia, escancarava as portadas das janelas e mergulhava no ar puro. Como era fresco, como era calmo, mais silencioso, muito mais do que ali, o ar ao início da manhã; era como o bater de uma onda, o beijo de uma onda; frio e cortante, e contudo (para a jovem de dezoito anos que era na época) solene, sentindo como sentia, virada para a janela aberta, que algo de maravilhoso estava prestes a acontecer; a olhar para as flores, para as árvores de onde a neblina se desprendia, para as galhas que se erguiam, que se deixavam cair; ali parada a olhar até Peter Walsh lhe dizer, «A cismar entre os vegetais?» — teria sido isso? — «Eu prefiro homens a couves-flor» — fora isso? Ele devia tê-lo dito numa manhã ao pequeno-almoço, quando ela saíra para o terraço — Peter Walsh. Regressava da Índia por estes dias, Junho ou Julho, já não se lembrava ao certo, pois as suas cartas eram terrivelmente aborrecidas; porém, recordava-se das coisas que ele dizia; os seus olhos, o seu canivete, o sorriso, a rabugice; e quando milhões de outras coisas tinham completamente desaparecido — que estranho que era! —, lembrava-se de algumas das coisas ditas, como aquilo acerca das couves.

Parou por instantes na berma, à espera que a carrinha de Durtnall passasse. Uma mulher encantadora, pensou Scrope Purvis (que a conhecia como se conhece alguém que vive na casa vizinha, em Westminster) ao vê-la; havia nela um toque de pássaro, de gaio, de um azul-esverdeado, leve, vivaz, apesar de ter mais de cinquenta anos, e se ter tornado muito pálida desde a sua doença. Ali estava ela parada, como se empoleirada, muito rígida, sem nunca o ver, à espera de atravessar.

Porque ao viver-se em Westminster — há quantos anos? Mais de vinte —, sentimos até no meio do trânsito, ou ao acordarmos de noite, pensou Clarissa, um silêncio especial, uma solenidade; uma pausa indescritível; uma interrupção (mas isso podia ser o seu coração que, tinham-lhe dito, ficara afectado pela gripe) antes de o Big Ben bater. Lá estava ele! Ressoava agora. Primeiro um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Os pesados círculos de som dissolviam-se no ar. Que tolos que somos, pensou, ao atravessar Victoria Street. Pois só Deus sabe porque amamos tanto isto, porque o concebemos assim, porque o erguemos, o construímos à nossa volta, o derrubamos, recriando-o de novo a cada momento; mas até as mais autênticas das pedintes, as maiores das desgraçadas sentadas nos portais (que bebem a sua ruína) fazem o mesmo; ela estava certa de que, devido a isso, era inútil salvá-las por decretos parlamentares: elas também amavam a vida. Nos olhos das pessoas, na azáfama, na pressa e lentidão; no bulício e tumulto; em carruagens, automóveis, autocarros, carrinhas, homens-sanduíche a arrastarem-se, cambaleantes; bandas de música; realejos; no triunfo, no tinido e na estranha melodia estridente de algum aeroplano, encontrava-se o que ela amava; a vida; Londres; aquele momento de Junho.

Pois estava-se em meados de Junho. A guerra terminara, excepto para pessoas como Mrs. Foxcroft, que na noite anterior, na embaixada, se entregara à tristeza porque aquele simpático rapaz fora morto, e agora o antigo solar de família iria parar às mãos de um primo; ou como, dizia-se, Lady Bexborough que, ao inaugurar uma quermesse, ainda apertava na mão o telegrama com a notícia de que John, o seu favorito, morrera. Mas, graças a Deus, terminara. Era Junho. O rei e a rainha estavam no palácio. E por toda a parte, embora ainda fosse muito cedo, havia um estrondear, um ressoar de pôneis a galope, o bater de tacos de críquete; Lords, Ascot, Ranelagh e todos os outros; todos envolvidos na malha suave do ar matinal de um cinzento-azulado, que, à medida que o dia se esgotava, os iria libertar, e assentar nos seus relvados e devolver às clareiras os pôneis frementes, cujas patas dianteiras batiam no solo e para o alto saltitavam, o remoinho de rapazes, e as raparigas às gargalhadas nas suas musselinas transparentes que, mesmo agora, depois de terem dançado durante toda a noite, levavam os seus cães absurdamente peludos para um passeio; e mesmo agora, àquela hora, velhas viúvas discretas saíam de automóvel, dirigindo-se para os seus afazeres misteriosos; e os lojistas atarefavam-se expondo nas montras diamantes e pedras falsas, os seus belos alfinetes de peito, antigos, verde-mar, em armações do século XVIII para tentarem os americanos (mas tinha de poupar, nada de se precipitar a fazer compras para Elizabeth), e ela que também amava aque-

las coisas com uma paixão absurda e fiel, fazendo parte daquilo, já que os membros da sua família tinham sido cortesãos no tempo dos Jorges, também ela iria naquela mesma noite iluminar e deslumbrar; iria dar a sua festa. Mas como era estranho, ao entrar no parque, o silêncio; a neblina; o zumbido; os patos felizes a nadarem lentamente; os pássaros papudos a bambolearem-se. E quem havia de se aproximar, de costas para os edifícios do Governo, e muito a propósito, carregando uma pasta com as armas reais, quem senão Hugh Whitbread; o seu velho amigo Hugh — o admirável Hugh!

— Bom dia, Clarissa! — disse Hugh, de modo bastante exuberante, pois conheciam-se desde crianças. — Onde vais?

— Adoro passear por Londres — disse Mrs. Dalloway. — Na verdade, até é melhor do que passear pelo campo.

Eles tinham acabado de chegar, infelizmente, para consultar médicos. Outras pessoas iam para ver quadros; para irem à ópera; para levarem as filhas a passear; os Whitbread iam para «consultar médicos». Foram inúmeras as vezes que Clarissa visitara Evelyn Whitbread em clínicas. Estaria Evelyn outra vez doente? Evelyn andava a sentir-se mal, disse Hugh, dando a entender por meio de uma expressão enfadada, que lhe fez inchar o corpo másculo, bem-posto, extremamente atraente, perfeitamente tratado (andava quase sempre demasiado bem vestido, mas talvez tivesse de andar, devido à sua posição de pouca importância na Corte), que a sua mulher tinha alguma maleita interna, nada de grave, algo que Clarissa Dalloway, como velha amiga, iria compreender sem que lhe fosse necessário entrar em pormenores. Ah sim, era óbvio que ela compreendia; que inconveniente; e sentiu-se muito compassiva e, ao mesmo tempo, estranhamente consciente do seu chapéu. Talvez aquele não fosse o chapéu certo para o início da manhã, seria por isso? Hugh fazia-a sempre sentir-se assim, enquanto continuava a falar, tirando-lhe o chapéu de um modo bastante exagerado e garantindo-lhe que ela continuava a parecer-se com uma jovem de dezoito anos; e é claro que ele ia naquela noite à sua festa, Evelyn fazia questão nisso, mas era possível que chegasse um pouco mais tarde, pois teria de levar um dos rapazes do Jim à recepção no palácio — ela sentia-se sempre um pouco embaraçada, junto de Hugh; como uma menina de escola; mas simpatizava com ele, em parte por o conhecer desde sempre, mas também por achar que ele era, à sua maneira, uma boa pessoa, apesar de quase enlouquecer Richard; e quanto a Peter Walsh, esse até hoje ainda não lhe perdoara por ela gostar dele.

Recordava cena atrás de cena dos seus tempos em Bourton — Peter furioso; claro que Hugh não se lhe comparava de maneira alguma, mas também não era um imbecil tão grande como Peter o fazia parecer; nem um mero

casmurro. Quando a sua velha mãe lhe pedia para não ir caçar ou que a levasse a Bath, ele obedecia-lhe, sem uma palavra de protesto; era verdadeiramente altruísta; e quanto a dizer-se, como Peter o fazia, que ele não tinha nem miolos nem coração, que tinha apenas as boas maneiras e a educação de um cavalheiro inglês, aquilo eram apenas coisas do seu querido Peter nos seus maus momentos; e ele podia ser intolerável; podia ser impossível; mas também uma pessoa adorável com quem se passear numa manhã como aquela.

(Junho fizera rebentar todas as folhas das árvores. As mães de Pimlico davam de mamar aos seus filhos. Trocavam-se mensagens entre a Armada e o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam aquecer o próprio ar do parque e fazer brotar ardente e luminosamente as suas folhas, em vagas daquela vitalidade divina que Clarissa adorava. Dançar, andar a cavalo, ela adorara tudo isso.)

Ela e Peter podiam estar separados, durante centenas de anos; nunca lhe escrevera uma carta, e as dele eram secas, insípidas; mas de repente ocorria-lhe, o que é que ele diria se estivesse aqui comigo? — certos dias, certos locais, traziam-lho de volta tranquilamente, sem a antiga amargura; era talvez essa a recompensa por ter amado as pessoas; elas regressavam a St. James's Park, a meio de uma bela manhã — regressavam sempre. Mas Peter — por mais belo que o dia estivesse, e as árvores e a relva, e aquela menina de cor-de-rosa —, Peter nunca via nada dessas coisas. Punha os óculos, se ela lho pedisse; e olhava. Era o estado do mundo que lhe interessava; Wagner, a poesia de Pope, o eterno carácter das pessoas, e os defeitos da alma de Clarissa. Como ele a repreendia! Como eles discutiam! Certa vez dissera-lhe que ela acabaria por se casar com um primeiro-ministro, e mostrar-se-ia do cimo de umas escadas; a anfitriã perfeita, foi como lhe chamara (Clarissa chorara no seu quarto por causa daquilo), ela possuía as características para ser uma anfitriã perfeita, dissera-lhe ele.

Vagueei solitário como uma nuvem
flutuando, alta, sobre monte e vale,
Quando de súbito vi uma multidão,
Uma hoste, de narcisos dourados
Junto ao rio, sob as árvores
Palpitando e dançando na brisa.

Contínuos como as estrelas brilhando
E piscando na via láctea
Prolongavam-se numa linha infinita
Junto à margem de uma baía:
Dez mil vi num relance
As cabeças agitando em elegante baile.

As ondas por perto dançavam; mas eles
Superavam as reluzentes ondas em alegria:
Um poeta só podia alegrar-se
Em tão jucunda companhia:
Olhei — e olhei — mas pouco pensei
Na riqueza que o espectáculo me dava:

Porque frequentemente, deitado no sofá
O meu espírito vago ou pensativo,
Eles brilham naquele olho da mente
Que é a bênção da solidão;
E aí o meu coração de alegria se enche
E dança com os narcisos.

Na planície rasa, sob a noite sem estrelas, de uma escuridão crassa de tinta, um homem seguia sozinho a estrada de Marchiennes a Montsou, dez quilómetros de caminho a direito, por entre campos de beterrabas. Adiante do nariz não via nem sequer o chão negro; e não tinha a sensação do imenso horizonte plano senão pelos bafos do vento de Março, rajadas largas como no mar alto, glaciais de terem varrido léguas e léguas de pântanos e de terras escavadas. Nem sombra de árvore manchava o céu; a estrada desenrolava-se com a prumada de um quebra-mar, em meio das trevas obcecantes.

O homem partira de Marchiennes por volta das duas. Caminhava a passo largo, tiritando sob o delgado algodão da jaqueta e das calças de veludinho. Incomodava-o muito uma trouxa, amarrada em lenço de quadrados; e apertava-a de encontro aos flancos, ora com um, ora com o outro cotovelo, para enfiar nos bolsos as mãos, muito enfrieiradas, que o flagelo do leste fazia sangrar. Uma só ideia ocupava a sua cabeça preocupada de operário sem trabalho e sem abrigo: a esperança de que o frio seria menos vivo depois de romper o dia. Havia hora e meia que assim caminhava, quando sobre a esquerda, a dois quilómetros de Montsou, avistou fogueiras vermelhas, três braseiros ardendo no ar, como que suspensos. Primeiro, hesitou, atemorizado; depois, não pôde resistir à dolorosa necessidade de aquecer um pouco as mãos.

Afundava-se naquela direcção uma canada. Sumiu-se tudo. O homem tinha à direita um tapume, muro de grossas tábuas resguardando uma via-férrea; enquanto um talude de erva se elevava à esquerda, encimado de telhados confusos, de uma visão de lugarejo com casarias baixas, irregulares. Andou pouco mais ou menos duzentos passos. Bruscamente, numa volta do caminho, as fogueiras tornaram a aparecer junto dele, mas ele continuou sem perceber como era que elas ardiam tão alto no céu mortiço, semelhante a luas fumosas. Entretanto, raso como o chão, outro espectáculo acaba de o fazer parar. Era uma pesada massa, um montão atarracado de construções, donde se erguia o risco de uma chaminé de fábrica: raros clarões saíam das janelas encardidas, cinco ou seis lampiões bruxuleantes estavam suspensos

cá fora, em travejamentos cujas madeiras enegrecidas alinhavam vagamente traçadas de gigantescos cavaletes; e daquela aparição fantástica, afogada em noite e em fumo, só uma voz se elevava, a respiração grossa e extensa de um jacto de vapor, que se não via.

Então, o homem reconheceu uma vala. Tornou-lhe a vergonha: — Para quê? Não haveria trabalho... Em vez de se dirigir para as construções, abalançou-se enfim a trepar para o aterro, onde as três fogueiras de hulha ardiam em golpelhas de fundição, para alumiar e aquecer os trabalhadores. Os operários do desaterro deviam ter trabalhado até tarde, porque ainda se estavam a tirar os desentulhos. Agora, ouvia ele os carregadores empurrarem os comboios sobre os cavaletes, e distinguiu sombras vivas virando os churriões, ao pé de cada fogueira.

— Bom dia — disse ele, aproximando-se de uma.

De costas para o braseiro, estava de pé o carroceiro, um velho, vestido de malha de lã roxa, com um barrete de pele de coelho na cabeça, enquanto o cavalo, um cavalório amarelo, esperava, numa imobilidade empedernida, que estivessem despejados os churriões puxados por ele. O trabalhador empregado no despejo, rapazola ruivo e anguloso, não se apressava, carregava mortificamente na alavanca. E no alto, o vento redobrava — uma aragem glacial, cujos grandes bafos regulares passavam como cortes de foice.

— Bom dia — respondeu o velho.

Fez-se uma pausa. O homem, que se sentia olhado com desconfiança, disse logo o seu nome:

— Eu chamo-me Estêvão Lantier, sou maquinista. Não haverá que fazer por aqui?

Alumiavam-no as chamas: devia ter vinte e um anos, era muito moreno, bonito homem, de vigoroso aspecto, apesar de miúdo de membros.

Tranquilizado, o carroceiro abanou a cabeça:

— Trabalho para maquinista, não há, não... Ainda ontem se apresentaram dois. Não há nada.

Cortou-lhes a palavra uma rajada. Depois, Estêvão perguntou, mostrando o montão sombrio das construções, ao pé das terras:

— Aquilo é uma vala, não é?

Daquela vez o velho não pôde responder. Engasgava-o violento ataque de tosse. For fim, esscarrou; e o seu escarro, no chão purpúreo, deixou uma nódoa preta.

— É uma vala, é o Voreux. Lá está o cortiço ao pé.

Por sua vez, com o braço estendido, mostrava no escuro a aldeia, cujos telhados o rapaz tinha adivinhado. Mas estavam despejados os seis chur-

riões, e ele seguiu-os sem bater com o chicote, de pernas inteiriçadas pelo reumatismo; enquanto o cavalório amarelo partia sozinho, puxando a custo por entre os carris, debaixo de uma nova rajada, que lhe arrepiava o pêlo.

O Voreux, agora, saía como de um sonho. Estêvão, que se ficara ao brazeiro a aquecer as suas pobres mãos gretadas, olhava, e observava cada parte da vala por sua vez, o telheiro alcatroado do crivo, o campanário do poço, a vasta casa da máquina de extracção, e o torreão quadrado da bomba de esgoto. Aquela vala agachada ao fundo de um rebaixo com as suas construções atarracadas de tijolo repontando com a sua chaminé como com algum corno ameaçador, parecia-lhe ter uma catadura má de animalejo voraz ali à coca para engolir gente. Examinando-a, pensava em si, na sua existência de vagabundo, durante os últimos oito dias em que andava procurando emprego; via-se na sua oficina do caminho-de-ferro, esbofeteando o mestre; expulso de Lille, expulso de toda a parte; no sábado, tinha chegado a Marchiennes, onde se dizia que havia que fazer, nas Forjas, e nada, nem nas Forjas nem no Sonnevillle — tivera de pernoitar entre as madeiras de uma estância, donde um sereno acabava de o pôr fora, às duas horas da madrugada. Nada, nem um *soldo* nem sequer uma côdea: que seria dele, assim pelos caminhos, sem destino, sem ao menos saber onde se abrigar do vento? Sim, era com efeito uma vala; os escassos lampiões alumiam o chão, uma porta bruscamente aberta permitia-lhe lobrigar as fornalhas das caldeiras, num clarão incandescente. Assim se explicava para ele o jacto da bomba, aquela respiração ofegante e extensa, resfolegando sem descanso, que era como um bufar indigesto do monstro.

O trabalhador do despejo, curvando o dorso, nem sequer tinha olhado para Estêvão; e este ia para apanhar o embrulhito do chão, quando um acesso de tosse anunciou a volta do carroceiro. Lentamente, viram-no sair do escuro, seguido do cavalo amarelo, que trazia mais seis churriões cheios.

— Em Montsou há fábricas? — perguntou o rapaz.

O velho escarrou preto, e depois respondeu, a favor do vento:

— É o que faltava, fábricas! Aqui há três ou quatro anos, é que era vê-las! Tudo roncava, não havia operários que chegassem, nunca se tinha ganho tanto... E um belo dia, toca a fazer cruzeiros na boca. Mesmo uma dor de alma, gente despedida, as oficinas a fecharem umas atrás das outras... Talvez a culpa não seja do Imperador, mas para que se vai ele bater na América? Não contando que os animais morrem de cólera, como a gente...

Então, em frases curtas, com a respiração tomada pelas rajadas, ambos continuaram a chorar-se. Estêvão contava os seus esforços inúteis durante a última semana: — Então havia de se morrer à fome? Não tardaria que as

estradas andassem cheias de mendigos... — Sim — dizia o velho —, aqui-lo vinha a dar um estoiro, porque não tinha jeito nenhum pôr assim tantas almas cristãs a apitar.

— Nem todos os dias se tem carne.

— Ainda se houvesse pão!

— É verdade; ainda se ao menos houvesse pão!

(3)
HUMOR, SÁTIRA E IRONIA

ANÓNIMO. «Capítulo V», in *A Vida de Lazarilbo de Tormes e das Suas Venturas e Adversidades*. Tradução de Armindo Rodrigues. [1554] 1967. Lisboa: Portugalíia. 127-136.

*De como Lázaro se ajustou com um proclamador
de bulas, e das coisas que com ele se passaram*

Quis a minha sorte que desse com o quinto, que era um proclamador de bulas, o mais expedito, desavergonhado e melhor negociante delas que jamais vi ou espero ver, nem penso que alguém tenha visto. Porque tinha formas e maneiras especiais de o fazer e inventava processos muito subtis.

Quando entrava nos lugares onde devia ser proclamada a bula, primeiro presenteava os clérigos ou curas com qualquer coisa, mas de pouco valor e importância: uma alface murciana; e se estava na sazão, um par de limas ou de laranjas, um pêsego, dois alperces, e, quando calhava, pêras verdes apanhadas pelos caminhos. Procurava assim fazer-lhes a boca doce, para lhe favorecerem o negócio e chamarem os seus paroquianos a tomar a bula.

No momento de lhes dar as graças, informava-se da sabedoria deles. Se diziam que sabiam latim, não pronunciava uma palavra nessa língua, para não dar calinada; mas servia-se de um gentil e bem torneado vernáculo, e de um desenvoltíssimo falar. E se percebia que os ditos clérigos eram daqueles reverendos que se ordenam mais com dinheiro do que com letras e reverendas, transformava-se perante eles num São Tomás e falava duas horas seguidas em latim. Pelo menos, parecia, embora não fosse.

Quando não lhe recebiam as bulas a bem, arranjava maneira de as receberem a mal. E para isso maçava o povo, e outras vezes usava de engenhosas artimanhas. E como levaria muito tempo a contar todas as que lhe vi fazer, direi uma cheia de espírito e graça, com que ficará bem provada a sua esperteza.

Num lugar da Sagra de Toledo tinha pregado dois ou três dias, fazendo as diligências do costume, e não tinham tomado a bula, nem, a meu ver, tinham intenção de a tomar. Dava por paus e por pedras com aquilo, e, pensando como havia de resolver o caso, decidi convidar o povo para no outro dia de manhã distribuir a bula.

E nessa noite, depois de cearem, ele e o aguazil puseram-se a jogar para ver quem pagaria a refeição. E por causa do jogo começaram a questionar e proferiram ofensas. Ele chamou ladrão ao aguazil, e o outro chamou-lhe falsário.

Posto isto, o senhor emissário, meu amo, pegou numa lança que estava à porta da casa onde jogavam, e o aguazil pôs a mão na espada que trazia à cintura.

Ao barulho e gritos que todos demos, acudiram os hóspedes e os vizinhos e meteram-se de permeio. E eles, muito enfurecidos, procuravam desembaraçar-se dos que estavam no meio, para se matarem um ao outro. Mas como ao grande barulho cada vez chegasse mais gente, e como a casa já estava à cunha, vendo que não podiam defrontar-se com as armas, diziam um ao outro palavras injuriosas. Entre elas o aguazil chamou falsário ao meu amo e disse que as bulas que proclamava eram tão falsas como ele.

Até que por fim, os do lugar, vendo que não conseguiam pô-los a bem, resolveram levar o aguazil da pousada para fora. E assim, o meu amo ficou ainda mais furioso. E depois dos hóspedes e vizinhos lhe pedirem muito que se acalmasse e fosse dormir, lá se foi, e assim nos deitámos todos.

Na manhã seguinte, o meu amo foi à igreja e mandou tocar à missa e ao sermão para distribuir a bula. E juntou-se muito povo, que andava murmurando das bulas, dizendo que eram falsas e que o próprio aguazil, durante uma zanga, o tinha revelado. De forma que, com a má vontade que já tinham de a tomar, depois disto nem queriam ouvir falar dela.

O senhor emissário subiu ao púlpito e começou o seu sermão, animando as pessoas a não perderem tantos bens e indulgências como os que a santa bula lhes trazia.

Quando estava no melhor do sermão, entrou pela porta da igreja o aguazil, e assim que acabou de rezar levantou-se, e com voz alta e pausada, cheio de compostura, começou a dizer:

— Boa gente: ouvi-me uma palavra, que depois ouvireis a quem quiserdes. Eu vim aqui com esse intrujão que está ali a pregar. E ele enganou-me dizendo para o ajudar neste negócio e que dividiríamos o lucro a meias. Mas agora, por ver o dano que faria à minha consciência e à vossa fazenda, estou arrependido do que fiz e declaro-vos alto e bom som que as bulas que apregoa são falsas, e que não acrediteis nele nem as tomeis, e que eu, nem directa nem indirectamente, não tenho nada que ver com o assunto, e que a partir deste momento deixo a minha vara e atiro-a ao chão. E se ele vier a ser castigado pela sua falsidade, peço-vos para serdes testemunhas de que não estou com ele nem o ajudo, pelo contrário vos desengano e revelo a sua maldade.

E terminou o seu discurso. Alguns homens honrados que ali estavam quiseram levantar-se e pôr o aguazil fora da igreja, para evitar o escândalo. Mas o meu amo impediu-os e ordenou a todos que, sob pena de excomunhão, não o estorvassem; mas que o deixassem dizer tudo o que quisesse.

E assim, também ele ficou em silêncio enquanto o aguazil disse tudo o que contei.

Quando ele se calou, o meu amo perguntou-lhe se queria dizer mais alguma coisa, que dissesse. E o aguazil respondeu:

— Há muito mais a dizer a vosso respeito e da vossa falsidade; mas por agora chega.

O senhor emissário pôs-se de joelhos no púlpito, e de mãos postas e olhos no céu, disse assim:

— Senhor Deus, a quem nenhuma coisa se pode esconder, antes todas são manifestas, e a quem nada é impossível, mas tudo possível: tu sabes a verdade e quão injustamente sou ofendido. Pela minha parte, perdoo-lhe, para que tu, Senhor, também me perdoes. Não dêes importância àquele que não sabe o que faz nem o que diz, mas a injúria feita ao Teu nome, suplico-Te e, em nome da justiça, peço-Te que não a desculpes. Porque alguns dos que aqui estão, que porventura pensaram tomar esta santa bula, dando crédito às falsas palavras daquele homem, deixarão de o fazer. E por ser tão grande o prejuízo do próximo, Te suplico, Senhor, que não o desculpes; mas revela-Te imediatamente aqui por meio de um milagre, e desta maneira: que se for verdade o que ele diz e que eu trago em mim o mal e a falsidade, que este púlpito caia comigo daqui abaixo e se meta sete léguas pela terra dentro, e nunca mais ninguém nos veja; mas se for verdade o que eu digo, e aquele homem, convencido pelo demónio para prejudicar e privar os presentes de tão grande benefício, diz falsidades, que seja também castigado e conhecida de todos a sua perfídia.

Mal tinha acabado a sua oração o meu devoto senhor, o malfadado aguazil caiu por terra e deu tão grande pancada no chão que ressoou por toda a igreja, e começou a berrar e a deitar espuma pela boca, a torcê-la e a fazer caretas, sacudindo os pés e as mãos, rebolando-se pelo chão de cá para lá.

Os gritos e alarido daquela gente eram tão grandes que já não se ouviam uns aos outros. Alguns estavam cheios de espanto e de medo.

Uns diziam: «O Senhor lhe acuda e lhe valha.»

Diziam outros: «Tem o que merece, por levantar falsos testemunhos.»

Até que, por fim, uns quantos que ali estavam, e pareceu-me que não sem grande temor, se aproximaram e lhe agarraram os braços, com que ele dava grandes punhadas aos que apanhava mais perto. Outros puxavam-lhe pelas pernas e seguravam-no com força, porque não havia mula ronhosa que tamanhos coices atirasse.

E assim o aguentaram um grande bocado. Porque estavam em cima dele mais de quinze homens e a todos distribuía socos com fatura, e quando menos esperavam, nos focinhos.

Durante tudo isto, o senhor meu amo estava no púlpito de joelhos, com as mãos e os olhos erguidos ao céu, transportado na essência divina, porque a choradeira, o barulho e os gritos que soavam na igreja não bastavam para arrancar da sua mística contemplação.

E os bons homens chegaram ao pé dele, e acordaram-no com gritos, suplicando-lhe que condescendesse em ajudar aquele desgraçado, que estava a morrer, e não olhasse às coisas passadas nem às suas más palavras, porque já estava bem castigado; mas se nalguma coisa o podia ajudar para o livrar do perigo e sofrimento em que se encontrava, pelo amor de Deus o fizesse, pois todos viam claramente a culpa do pecador e a sua bondade, já que a seu pedido e para sua vingança o Senhor não tardara em castigá-lo.

O senhor emissário, como quem acorda de um lindo sonho, olhou para eles e para o delinquente e para todos os que o rodeavam, e disse-lhes pausadamente:

— Bons homens: vós nunca devíeis pedir por um pecador em quem Deus tão claramente se revelou; mas, pois que Ele nos ordena que paguemos o mal com o bem e perdoemos as injúrias, podemos rogar-lhe confiadamente que cumpra o que nos manda fazer e que a Sua majestade perdoe a este, que o ofendeu pondo obstáculo à sua santa fé. Vamos todos suplicar-lhe.

E, assim, desceu do púlpito e recomendou ali que com a maior devoção suplicassem a Nosso Senhor houvesse por bem perdoar àquele pecador e torná-lo à sua saúde e são juízo, expulsando dele o demónio, já que a Sua majestade tinha permitido que pelo seu grande pecado nele entrasse.

Caíram todos de joelhos, e diante do altar, acompanhados pelos clérigos, começaram a cantar em voz baixa uma ladainha. E chegando com a cruz e a água benta, depois de ter cantado sobre ele, o senhor meu amo, erguidas para o céu as mãos e os olhos de que não se via senão um bocadinho do branco, começou uma oração tão comprida como devota, que arrancou lágrimas a toda a gente, como costuma acontecer nos sermões da Paixão, quando o pregador e o auditório são devotos, suplicando a Nosso Senhor, pois não queria a morte do pecador, mas a sua vida e arrependimento, que àquele desencaminhado pelo demónio e persuadido da morte e do pecado lhe quisesse perdoar e dar vida e saúde, para se arrepender e confessar as suas culpas.

E feito isto mandou trazer a bula e pôs-lha na cabeça. E logo o pecador do aguazil começou a melhorar a pouco e pouco, e a voltar a si. E quando ficou em seu inteiro juízo, lançou-se aos pés do senhor emissário e pediu-lhe perdão, e confessou ter dito aquilo pela boca e mando do demónio, primeiro, para lhe causar dano e se vingar da injúria; depois, e principalmente, pelo grande prejuízo que o demónio sofria pelo bem que ali se fizesse tomando a bula.

O senhor meu amo perdoou-lhe, e fizeram as pazes. E toda a gente teve tanta pressa em tomar a bula, que quase não houve alma viva no lugar que ficasse sem ela: tomaram-na marido e mulher, filhos e filhas, criados e criadas.

Espalhou-se a nova do sucedido pelas terras vizinhas, e quando lá chegávamos não era preciso fazer sermão nem ir à igreja, porque vinham tomar as bulas à estalagem como se fossem pêras dadas de graça. De forma que, em dez ou doze lugares daqueles arredores onde fomos, distribuiu o meu amo outras tantas mil bulas sem pregar um único sermão.

Quando ele representou aquela farsa, confesso o meu pecado, porque também eu julguei que era verdade, como tantos outros; mas ao ver depois a risota do meu amo e do aguazil e a troça que faziam do negócio, percebi como ele tinha sido industriado pelo industrioso e espertalhão do meu amo.

E apesar de ser ainda rapaz, achei muita graça, e disse para comigo:

«Quantas parecidas não devem fazer estes intrujões às pessoas ingénuas!»

Para terminar, estive com este meu quinto amo cerca de quatro meses, em que também passei grandes fadigas, embora me desse bem de comer, à custa dos curas e de outros clérigos onde ia pregar.

Passadas desta maneira poucas noites voluptuosamente, um dia vem Fótis ter comigo perturbada e com bastante susto, e diz-me que sua ama, que até então em nada tinha promovido os seus amores com outros artifícios, naquela noite se emplumaria em ave, e assim voaria ao seu dilecto, e que por isso cautelosamente me preparasse para a observação de tamanho caso. E, sendo quase perto da primeira vigília, ela me conduziu pé ante pé e sem fazer o menor ruído àquele quarto superior, e diz-me que por uma greta da porta espreite o que ali se faz. Primeiramente Panfila despe-se de todo o seu fato, e de uma arca fechada tira muitas bocetas, de uma das quais, abrindo-lhe a tampa, tira um unguento com o qual, depois de o esfregar por muito tempo nas palmas das mãos, se untou toda desde as últimas unhas até ao alto dos cabelos. E, falando muito com a candeia em segredo, sacudiu os membros com uma agitação trémula; e destes, ligeiramente flutuando, despontam moles plumas e crescem fortes asas; o nariz se curva e endurece, e as unhas se encurvam retorcidas. Panfila é feita bufo. Assim, soltando um sóido queixoso, fez primeiro ensaio de si, alando-se a pouco e pouco do chão e, depois levantada nos aros, voa estendendo as asas. E assim pela sua poderosa arte se transformou na forma que queria.

Eu, sem nenhum encantamento de versos mágicos, estava contudo ferido de espanto do presente facto, e parecia-me ser alguma outra coisa mais do que Lúcio, tão perturbado estava do ânimo e tão atónito de loucura que parecia sonhar, posto que acordado. Até que, esfregando por muito tempo os olhos, procurei assegurar-me se com efeito estava desperto. Contudo, voltei finalmente a meus sentidos e, tomando a mão de Fótis e levando-a aos meus olhos, lhe disse: . Consente, eu te peço, que enquanto a ocasião o permite, goze do fruto singular do teu afecto. Dá-me um pouco daquele unguento, por estas duas meninas de meus olhos, minha dulcíssima Fótis, e penhora para sempre o teu escravo, por um benefício que eu não poderia nunca remunerar. E faz já com que eu, Cupido alado, esteja junto de ti, minha Vénus. Ó meu amigo, assim tentas enganar-me e me incitas a que

eu, de própria vontade, quebre a enxó nas pernas? Como te guardaria das meretrizes da Tessália? Sendo ave, aonde te procuraria? Quando te veria? As potências celestes, lhe disse, afastem de mim tal crime, que, depois de obter a dignidade das asas, eu não voasse para o meu ninho, ainda que com os voos sublimes da águia penetrasse por todo o céu e fosse seguro mensageiro de Júpiter ou alegre portador do raio. Juro-te, por esta doce madeixa do teu cabelo com que prendeste o meu espírito, que eu a nenhuma outra quero senão à minha Fótis. Além de que também me ocorre ao pensamento que, uma vez ungido, eu me transforme em semelhante ave, devo evitar todas as casas, porque quão belo e gentil amante é um bufo para uma dama? Demais, estas aves nocturnas, quando penetram em alguma casa, procura-se com solicitude apanhá-las e as vemos pregadas nas portas, para expiarem por seu tormento as desgraças de que ameaçam as famílias com seus infaustos voos. Mas o que quase me esquecia de perguntar é o que é preciso que eu diga ou faça para despir segunda vez estas penas e voltar a ser o mesmo Lúcio. Está sem cuidado pelo que pertence a isso, me respondeu ela, porque minha ama me ensinou tudo o que pode restabelecer tais formas segunda vez em figura humana. E não julgues que ela o fizera por benevolência, mas para que na sua volta a pudesse socorrer com salutar remédio. Finalmente, vê com quão pequenas e quão fúteis ervas se consegue tamanha cousa. Dá-se para lavar e beber um pouco de endro misturado com folhas de louro e água da fonte.

Como asseverasse isto muitas vezes, entrou no quarto com grande temor e tirou da arca uma boceta. Eu, abraçando-a e beijando-a primeiro, lhe peço que me favoreça com propícios voos. E, tirando à pressa todos os meus vestidos, meto a mão avidamente nela, tiro bastante unguento e esfrego todos os membros do corpo. E logo, balançando os braços com alternados esforços, tentava mover-me à maneira das aves. Mas nenhuma penas, nenhuma asas me apareciam: os meus pêlos se engrossam em sedas, minha mimosa pele se endurece em coiro, na extremidade das mãos, cessando o número dos dedos todos eles se juntam, formando casco, e da extremidade do espinhaço me pende uma grande cauda. O meu rosto torna-se enorme, e a boca se rasga, as ventas se abrem, e a beíçada fica pendente; as orelhas, com descompensado aumento, estão hirtas de horrídos pêlos. Nem vejo da minha miserável transformação nada que me console, salvo que a natureza me crescia, quando já não desejava abraçar Fótis. E, enquanto sem esperança de salvação observo todas as partes do meu corpo e me vejo não ave mas burro, eu me queixo do feito de Fótis, mas, já privado tanto do gesto humano como da voz, a suplico do único modo que me era possível, olhando para ela obliquamente com os olhos húmidos e o beíço de baixo caído. Ela, logo que

me viu em tal figura, feriu as faces com mãos indignadas e exclamou: Estou perdida, desgraçada! A pressa e o temor me fizeram enganar; enganou-me a semelhança das bocetas. É uma fortuna, contudo, que o remédio para esta transformação facilmente se pode obter. Porque, apenas mastigares rosas, despirás a forma de burro e voltarás segunda vez a ser o meu Lúcio. E oxalá que esta tarde eu tivesse, segundo o costume, preparado algumas grinaldas, que então nem a demora terias de uma noite. Mas logo que amanheça, te trarei pronta o remédio. Desta maneira é que ela se lamentava. Contudo eu, posto que fosse perfeitamente burro, e um jumento em vez de Lúcio, conservava assim mesmo a inteligência humana.

Tudor ARGHEZI. «Epígrafe no grande espelho», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Doina Zugravescu. [1927] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1230-1231.

De todos escondido, já não te escondes, certo,
Do meu olhar profundo p'ra o horizonte aberto.
E assim me apareces sem recato e pudor:
Teatral espalhafato ou boçal traje menor.
Não há pouca-vergonha que não tenhas mostrado,
Sem pejo do meu calmo brilho, claro e gelado
Nadas por meus espaços, em albufeira pura
Eu dou-te luz, enquanto me dás caricatura;
Pois sabes o atributo do qual minha luz vem:
Inda que p'ra vós olhe, não vê mesmo ninguém.

Antonin ARTAUD. «Os sentimentos atrasam», in *Os Sentimentos Atrasam*.
Tradução de Ernesto Sampaio. [1948] 1993. Lisboa: Hiena. 21-27.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ao passar ao lado do banco onde se acolhiam o redactor e o poeta, o estrangeiro olhou-os de esquelha, parou e de repente sentou-se no banco vizinho, a dois passos.

«Alemão...», pensou Berlioz.

«Inglês...», pensou Bezdómni. «Como é que não tem calor de luvas?»

O estrangeiro, ao passar os olhos pelos prédios altos orlando o quadrilátero do lago, mostrava bem que via pela primeira vez o sítio e que este lhe despertava a curiosidade.

Parou o olhar nos andares superiores, onde se reflectiam e quebravam os raios ofuscantes do Sol que Mikhaíl Aleksândrovitch iria abandonar para sempre, depois desviou os olhos para baixo, onde os vidros começavam a tingir-se da penumbra vespéral, esboçou um sorriso condescendente, estreitou os olhos, apoiou as mãos no castão e o queixo nas mãos.

— Por exemplo, Ivan — estava a dizer Berlioz —, descreveste muito bem, e com veia satírica, o nascimento do Filho de Deus, mas o cerne da questão é que, ainda antes de Jesus, já tinham nascido uma série de filhos divinos, tais como, digamos, o Adónis fenício, o Átis frígio, o Mitras persa. Ora bem, para abreviar, digo-te que nenhum deles alguma vez nasceu ou existiu, incluindo Jesus, e é necessário que, em vez do suposto nascimento dele ou, digamos, da chegada dos Reis Magos, descrevas os boatos absurdos sobre essa chegada. Senão, do modo como apresentas as coisas, depreende-se que ele nasceu de facto!...

Entretanto, no mesmo momento em que Bezdómni retinha a respiração numa tentativa de parar os soluços aflitivos, o que o fazia soluçar ainda mais alto e com mais aflição, Berlioz interrompeu a lição porque o estrangeiro, de repente, se levantou e foi ter com os escritores.

Olharam-no com espanto.

— Peço imensa desculpa — disse o homem com sotaque estrangeiro, mas sem deturpar as palavras — por me permitir a liberdade sem ser apresentado... mas a matéria da vossa douda conversa é tão empolgante que...

Tirou de súbito a boina, num gesto educado, e os amigos não viram outra saída que não soerguerem-se e curvarem-se numa vénia.

«Não, é antes francês...», pensou Berlioz.

«Polaco?...», alvitrou Bezdómni.

Deve acrescentar-se que o estrangeiro, mal abriu a boca, causou no poeta uma impressão abominável; já quanto a Berlioz, quase gostou dele, ou seja, não tanto isso, mas... como direi... o estrangeiro despertou-lhe o interesse, ou algo do género.

— Não se importam que me sente aqui? — continuou polidamente o estrangeiro, e os companheiros, num impulso reflexo, abriram-lhe espaço entre eles; o estranho, com habilidade, acomodou-se e logo a seguir entrou na conversa.

— Se ouvi bem, o senhor teve a bondade de dizer que Jesus não existiu? — perguntou o estrangeiro, virando para Berlioz o seu olho esquerdo, o verde.

— Sim, ouviu bem — respondeu Berlioz com cortesia —, era exactamente isso que eu estava a dizer.

— Ah, mas que fascinante! — exclamou o outro.

«Mas que diabo quer o homem?», pensou Bezdómni e carregou o sobrolho.

— E o senhor está de acordo com ele? — quis saber o desconhecido, virando-se para Bezdómni, à sua direita.

— Cem por cem de acordo! — confirmou este, mostrando gosto pelas expressões rebuscadas e figuradas.

— É admirável! — exclamou o importuno interlocutor e, lançando para trás um olhar incompreensivelmente furtivo e abafando a sua voz de baixo, perguntou: — Desculpem a minha impertinência, mas, se bem compreendi, os senhores, além do mais, não acreditam em Deus? — Fez uns olhos assustados e acrescentou: — Juro que não o digo a ninguém.

— Sim, não acreditamos em Deus — respondeu Berlioz, sorrindo ligeiramente ao susto do turista forasteiro —, mas pode-se falar disso sem qualquer impedimento.

O estrangeiro recostou-se ao espaldar do banco e perguntou com tanta curiosidade que a voz lhe saiu guinchada:

— São ateus?!

— Sim, ateus — respondeu Berlioz, sorrindo, enquanto Bezdómni se arrenegava e considerava: «Mas que agarradiço, este bicho estrangeiro!»

— Ah, lindo! — gritou o esquisito alóctone e pôs-se a virar a cabeça, olhando ora para um, ora para o outro literato.

— No nosso país, o ateísmo não surpreende ninguém — disse Berlioz com polidez diplomática —, a maioria da nossa população, conscientemente, há muito que deixou de acreditar nas fantasias sobre Deus.

Ao ouvir isto, o estrangeiro executou então o seguinte: levantou-se e apertou a mão ao redactor aturdido, pronunciando estas palavras:

— Permita que lhe agradeça do fundo da alma!

— Está a agradecer-lhe porquê? — pestanejou Bezdómni.

— Pela informação tão valiosa que, sendo eu viajante, me interessa muitíssimo — esclareceu o excêntrico estrangeiro, levantando significativamente o dedo.

Pelos vistos, a informação valiosa causou no viajante uma impressão deveras forte porque os seus olhos assustados percorreram os prédios à volta como se temesse ver um ateu em cada janela.

«Não, não é inglês...», conjecturou Berlioz, enquanto Bezdómni pensou: «Onde aprendeu ele a falar um russo tão escorreito, isto é que é interessante!», e voltou a carregar o cenho.

— Mas permita que lhe pergunte — voltou a falar o turista após uma ansiosa reflexão —, o que se faz com as provas da existência de Deus, as cinco provas, como é sabido?

— Infelizmente — lamentou Berlioz —, nenhuma dessas provas é válida e há muito que a humanidade as mandou para o arquivo morto. Isto porque, tem de concordar, racionalmente não pode haver qualquer prova da existência de Deus.

— Bravo! — exclamou o estrangeiro. — Bravo! O senhor acaba de repetir letra por letra a ideia do velho e inquieto Immanuel. O curioso é que ele arrasou todas as cinco provas, é verdade, mas a seguir, como que a zombar de si próprio, concebeu a sexta prova, a dele!

— A prova de Kant — objectou o letrado redactor com um sorriso fino — também não é convincente. Não foi por acaso que Schiller considerou os raciocínios de Kant sobre esta matéria satisfatórios para os escravos apenas, enquanto Strauss, simplesmente se riu da dita prova.

Berlioz falava e, ao mesmo tempo, matutava: «Mas quem é, afinal, este sujeito? E porque fala um russo tão perfeito?»

— Por mim, agarrava nesse Kant e espetava com ele por três anos em Solovki! — disparou de súbito o poeta Ivan Nikoláevitch.

— Ivan! — sussurrou-lhe Berlioz, envergonhado.

Contudo, a proposta de deportar Kant para Solovki não espantou minimamente o estrangeiro, antes o entusiasmou.

— Exactamente, exactamente — gritou, e o seu olho verde, virado para

Berlioz, cintilou. — É o lugar ideal para ele! Eu bem lhe disse uma vez, ao pequeno-almoço: «Francamente, professor, inventou uma coisa destrambelhada! É capaz de ser espirituosa, mas saiu-lhe demasiado incompreensível. Olhe que vão gozar consigo.»

Berlioz esbugalhou os olhos. «Ao pequeno-almoço... disse ele ao Kant...? Mas o que é que ele está para aqui a disparatar?», pensou.

— Todavia — continuou o estrangeiro sem se embaraçar com o espanto de Berlioz e dirigindo-se ao poeta —, é impossível mandá-lo para Solovki pela simples razão de que, há já mais de cem anos, se encontra em paragens muito mais longínquas do que Solovki, e não há maneira de o tirar de lá, acredite em mim!

— Que pena! — retrucou o chibante poeta.

— Também o lamento — anuiu o desconhecido, a chispar do olho, e prosseguiu: — Mas preocupa-me uma questão: se Deus não existe, quem é que rege então a vida humana e, em geral, toda a ordem na terra?

— O próprio homem é que governa tudo — apressou-se Bezdómni a responder à pergunta, no fundo pouco perspícua.

— Peço desculpa, mas, seja como for — objectou com amenidade o desconhecido —, para governar é preciso haver um plano exacto a um prazo razoavelmente longo. Permita-me então a pergunta: como é que o homem pode governar se está privado da possibilidade não só de traçar um qualquer plano, mesmo a prazo ridiculamente curto, digamos de mil anos, mas também nem do seu próprio dia de amanhã pode ter a certeza? É verdade — aqui, o desconhecido virou-se para Berlioz —, imagine que o senhor, por exemplo, começa a governar, a mandar nos outros e em si próprio, começa a ganhar gosto ao mando, por assim dizer, mas de repente... *ghê... ghê... ghê...* aparece-lhe um sarcoma no pulmão... — O estrangeiro sorriu-se, deliciado, como se a ideia do sarcoma pulmonar lhe desse prazer. — Pois é, o sarcoma — repetiu a palavra sonora, semicerrando os olhos como um gato —, e é o fim da sua governação! A partir daí já não lhe interessa qualquer outro destino a não ser o seu próprio. Os familiares começam a mentir-lhe. Sente que há qualquer coisa que não está bem, corre aos médicos, depois aos charlatães, até vai à bruxa, também acontece. Mas é tudo inútil: a primeira coisa, a segunda, a terceira. É óbvio, não é? E a história acaba em tragédia: ao sujeito que ainda há tão pouco tempo supunha reger alguma coisa, os seus próximos dão por ele, inerte, numa caixa de madeira e, vendo que o indivíduo ali prostrado já não tem proveito algum, acham por bem queimá-lo no forno. Mas acontecem coisas piores: uma pessoa planeia uma viagem a Kislovodsk... — O estrangeiro fitou em Berlioz os olhos semicerrados. — Supostamente, nada mais

fácil; mas nem isso pode concretizar porque, sem razão aparente, escorrega de repente e cai sob as rodas de um eléctrico! Vai dizer-me que foi ele próprio que se regeu assim? Não será mais correcto pensar que foi um outro qualquer que o despachou? — E o desconhecido soltou um risinho muito impróprio.

Miguel de CERVANTES. Excerto de «Parte II, capítulo 3», in *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Miguel Serras Pereira. [1615] 2015. Lisboa: Dom Quixote. 338-341.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Charles DICKENS. «Capítulo II», in *Os Cadernos de Pickwick*. Tradução de Margarida Vale de Gato. [1836] 2009. Lisboa: Tinta-da-china. 39-45.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Denis DIDEROT. *Jacques, o Fatalista*. Tradução de Pedro Tamen. [1796]
2009. Lisboa: Tinta-da-china. 287-290.

Texto sujeito a Direitos de Autor

ESOPO. «Diógenes e o calvo», in *Esopo — Fábulas (antologia)*. Tradução de Custódio Magueijo. [c. 620-564 a.C.] 2002. Lisboa: Edição do autor-organizador. 152.

Diógenes, o filósofo cínico, ofendido por um certo [fulano] calvo, disse: «Eu, cá por mim, não ofendo [ninguém] (longe de mim tal ideia!), mas louvo os cabelos que se livraram de um crânio ruim.»

FEDRO. «O burro a um velho pastor», in *Fábulas*. Tradução de Nicolau Firmino. [século 1] 1992. Lisboa: Inquérito. 33.

O pobre muda de amo, mas não de condição.

Na mudança de governo muitas vezes os pobres nada mudam além do nome do seu senhor. Esta pequena fabulazinha indica ser isto verdadeiro.

Um velho tímido apascentava um burrinho num prado. Aquele, assustado com o clamor inesperado dos inimigos, aconselhava o burro a fugir, para que não pudessem ser apanhados. Mas este tranquilamente respondeu. — *Pergunto. Porventura julgas que o vencedor me há-de pôr duas albardas?* O velho disse que não. — *Portanto, que me importa a quem sirva, contanto que traga a minha albarda?*

Dario FO. «Como conseguir participar numa comédia grotesca, sem máscara», in *A Filha do Papa*. Tradução de Maria do Carmo Abreu. 2014. Alfragide: Dom Quixote. 204-206.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Nikolai GÓGOL. «O capote», in *Contos de São Petersburgo*. Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra. [1842] 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 259-269.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Carlo GOLDONI. *A Estalajadeira*. Tradução de Jorge Silva Melo. [1753]
1973. Lisboa: Estampa. 195-203.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Pela altura em que as florestas junto do Rio Ráb, na Galícia, viram os exércitos austríacos atravessar o rio em fuga desordenada, e mais abaixo, na Sérvia, as divisões austríacas, uma após a outra, estavam a sentir a roupa chegada ao pêlo como já havia muito o mereciam, o ministério austríaco dos assuntos militares lembrou-se até de Švejk para ajudar a livrar a monarquia de apuros.

Quando lhe trouxeram o ofício que o intimava a apresentar-se daí a uma semana na Ilha dos Atiradores, no Rio Vltava, para se submeter à inspeção militar, deram com Švejk deitado na cama, acometido de mais um surto de reumático.

A senhora Müllerová estava na cozinha a fazer-lhe café.

— Senhora Müllerová — fez-se ouvir do quarto, baixinho, a voz de Švejk —, senhora Müllerová, venha cá um bocadinho.

Quando a mulher-a-dias chegou junto da cama, Švejk voltou a dirigir-se-lhe com uma voz estranhamente contida:

— Sente-se, senhora Müllerová.

Na sua voz vibrava algo de misteriosamente solene.

Quando a senhora Müllerová se sentou, Švejk declarou, soerguendo-se na cama:

— Vou para a tropa!

— Minha Nossa Senhora — exclamou a senhora Müllerová —, o que vai vossemecê fazer para essas bandas?

— Combater — respondeu Švejk com voz de enterro. — A Áustria está em muito maus lençóis. Em cima já andam perto de Cracóvia, e em baixo já entraram na Hungria. Batem-nos como trigo na debulha para onde olharmos, e por isso estão a chamar-me para a tropa. Eu li-lhe ontem do jornal que a querida pátria ficou envolta numas nuvens quaisquer.

— Mas vossemecê nem se consegue mexer.

— Não faz mal, senhora Müllerová, vou para a tropa de cadeira de rodas. Conhece o pasteleiro ao virar da esquina? Ele tem uma cadeira dessas. Há

anos atrás, levava nela o malvado do seu avô para apanhar ar fresco. E vai ser a senhora Müllerová a levar-me para a tropa de carrinho.

A senhora Müllerová pôs-se a chorar:

— Vossemecê não quer que eu vá chamar um médico?

— Não vá a lado nenhum, senhora Müllerová. Tirando estas pernas, sou *kanonenfutter* absolutamente saudável, e num tempo em que as coisas estão feias para a Áustria qualquer aleijado tem de ocupar o seu lugar. Não faça caso e continue a preparar esse café.

E enquanto a senhora Müllerová, trémula e a chorar, coava o café, o bom soldado Švejk cantava para si na cama:

O general Windischgrätz e os chefes militares

ao nascer do sol a guerra começaram;

hop, hop, hop!

Começaram a guerra e logo exclamaram:

Que o Senhor Jesus Cristo mais a Virgem Maria nos venham ajudar,

hop, hop, hop!

A senhora Müllerová, horrorizada, sob a impressão do terrível cântico de guerra esqueceu o café e, tremendo que nem varas verdes, ficou a ouvir o bom soldado Švejk a prosseguir com o cântico na sua cama:

Com a Virgem Maria e essas quatro pontes,

edifica, ó Piemonte, praças mais fortes;

hop, hop, hop!

Houve uma batalha, houve, ali ao pé de Solferino,

O sangue foi derramado em barda, chegava até aos joelhos;

hop, hop, hop!

Sangue até aos joelhos e carne aos montes,

Pois ali se batia o décimo oitavo regimento;

hop, hop, hop!

Décimo oitavo regimento, não temas a penúria,

pois atrás de ti levam dinheiro em cima do carro,

hop, hop, hop!

— Peça a vossemecê, pelo amor de Deus — fez-se ouvir um apelo desesperado da cozinha —, mas Švejk já estava a terminar o seu cântico de guerra:

O dinheiro em cima do carro, as meninas no coche,
qual é o regimento que de tanto se pode gabar?
hop, hop, hop!

A senhora Müllerová saiu pela porta de rompante e foi a correr chamar um médico. Voltou ao fim de uma hora, tendo Švejk entretanto dormido uma soneca.

E assim ele foi acordado por um senhor anafado que, por alguns instantes, encostou a mão à sua testa e disse:

— Não tenha medo, sou o doutor Pávek, de Vinohrady. Dê cá a sua mão. Ponha este termómetro debaixo do braço... Bem... mostre cá a língua... mais ainda... mantenha-a quieta. De que morreram o senhor seu pai e a sua mãe?

E assim, numa época em que Viena desejava que todas as nações do império austro-húngaro dessem os mais excelentes exemplos de fidelidade e dedicação, o doutor Pávek receitou a Švejk bromo, contra a exaltação patriótica, e recomendou ao valente e bondoso soldado que nem pensasse em tropa alguma:

— Fique deitado direitinho e mantenha-se calmo, eu volto amanhã.

Quando chegou, no dia seguinte, inquiriu na cozinha a senhora Müllerová acerca da saúde do paciente.

— Está pior, senhor doutor — respondeu, francamente desolada. — À noite, quando ficava apanhado do reumático, andou a cantar, com a sua licença, o hino austríaco.

O doutor Pávek viu-se forçado a reagir a esta nova mostra de lealdade do paciente aumentando a dose de bromo.

No terceiro dia, a senhora Müllerová anunciou-lhe que Švejk ainda estava pior.

— Da parte da tarde, senhor doutor, mandou buscar uma planta do campo de batalha, e à noite andou a delirar que a Áustria havia de ganhar a guerra.

— E tem tomado os medicamentos seguindo à letra o receituário?

— Ainda nem sequer os mandou buscar, senhor doutor.

O doutor Pávek saiu depois de fazer abater sobre Švejk uma tempestade de recriminações e de assegurar que nunca mais iria tomar conta de uma pessoa que recusasse o seu auxílio médico com recurso ao bromo.

Já só faltavam dois dias para a data em que Švejk devia apresentar-se à junta de inspecção militar.

Entretanto, Švejk tomou as devidas providências. Antes de mais, mandou a senhora Müllerová comprar um barrete militar e, em segundo lugar, mandou-a pedir emprestada a cadeira de rodas ao pasteleiro ao virar da

esquina, que em tempos o pasteleiro usara para levar o seu malvado e paralítico avô para apanhar ar fresco. Depois, lembrou-se de que precisava de umas muletas. Felizmente, o pasteleiro também guardava um par de muletas, como recordação familiar do seu avô.

Ainda lhe faltava o ramalhete do recruta. Também este conseguiu arranjar a senhora Müllerová, que nesses dias emagreceu visivelmente e andou a chorar por onde passava.

E assim, nesse dia memorável, surgiu nas ruas de Praga um caso de lealdade comovente:

Uma senhora de idade a empurrar à sua frente uma cadeira de rodas em que estava sentado um homem com um boné militar engomado, de «chiquinho» lustroso em cima da cabeça e a agitar as muletas. E no reverso do casaco destacava-se o garrido ramalhete de recruta.

E esse homem, agitando as muletas uma e outra vez, gritava para as ruas de Praga:

— A Belgrado, a Belgrado!

Era seguido de uma enchente de pessoas que aumentava a cada passo a partir do pequeno ajuntamento que se tinha reunido diante do edifício de onde Švejk partiu para a guerra.

Švejk pôde constatar que alguns guardas policiais colocados em certos cruzamentos lhe fizeram continência.

Na Praça Venceslau, a enchente em torno da cadeira de rodas de Švejk engrossou para várias centenas de cabeças, e na esquina da Rua Krakovská deram porrada num estudante nacionalista alemão que, vestido a rigor, gritou para Švejk:

— Viva! Abaixo os sérvios!

Na esquina da Rua Vodičkova, a polícia montada carregou e dispersou a multidão.

Quando Švejk demonstrou ao inspetor distrital, preto no branco, que tinha de estar naquele dia perante a junta de inspecção militar, o inspetor distrital ficou um pouco desiludido e, para precaver os desacatos, mandou escoltar a cadeira de rodas que transportava Švejk por dois guardas montados até à Ilha dos Atiradores.

Sobre toda esta ocorrência, apareceu o seguinte artigo do *Jornal Oficial de Praga*:

O PATRIOTISMO DE UM ALEIJADO

Na manhã de ontem, os peões nas principais artérias de Praga foram testemunhas de uma cena que ilustra lindamente que neste tempo sério e mag-

nífico também os filhos da nossa nação podem dar o mais excelente dos exemplos de fidelidade e dedicação ao trono do vetusto monarca. Parece que regressámos aos tempos dos antigos gregos e romanos, quando Múcio Cévola se deixou levar para o campo de batalha sem olhar à sua mão queimada. Os sentimentos e interesses mais sagrados foram ontem demonstrados com beleza por um aleijado de muletas que era levado por uma velhinha em cima de um carrinho para doentes. Este filho da nação checa, voluntariamente, sem olhar à sua deficiência, veio apresentar-se para cumprir serviço militar, para dar a sua vida e os seus bens pelo seu imperador. E se a sua exclamação «A Belgrado!» teve um eco tão vivo nas ruas de Praga, isso apenas serve de testemunho do facto de os habitantes de Praga darem mostras exemplares de amor à pátria e à casa imperial.

No mesmo sentido escrevia também o *Diário de Praga*, que encerrou o seu artigo relatando que o aleijado voluntarista fora acompanhado por uma enchente de alemães que, com os seus corpos, o tinham protegido do linchamento pelos agentes checos alinhados.

O jornal *Bohémie* publicou esta notícia, pedindo que o aleijado-patriota fosse recompensado e fez saber que recebia presentes dos cidadãos alemães para o desconhecido na sede do jornal.

Se, de acordo com esses jornais, o reino da Boémia não podia ter produzido cidadão mais nobre, os senhores da junta de inspecção militar não partilhavam tal opinião.

Menos que todos, o médico militar superior Bautze. Era um homem impiedoso, que em tudo via uma tentativa fraudulenta de escapar ao serviço militar, à frente de combate, à bala e aos estilhaços. É famosa a frase: «Todo o povo checo é uma cambada de impostores.»

Em dez dias de actividade, tinha eliminado, de entre onze mil civis, dez mil novecentos e noventa e nove impostores, e também teria dado conta do onze milésimo, se o infeliz não tivesse sucumbido a um ataque cardíaco no preciso momento em que lhe berrou «Meia-volta, volver!»

— Levem-me daqui este impostor! — disse Bautze, quando verificou que o homem estava morto.

Zbigniew HERBERT. «Da mitologia», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Rui Knopfli. [1968] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1632.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Aldous HUXLEY. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Mário-Henrique Leiria. [1932] 2013. Lisboa: Antígona. 35-40.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Eugène IONESCO. «A lição», in *Teatro 1 — A Cantora Careca, A Lição, As Cadeiras*. Tradução de Luís de Lima. [1951] 1962. Lisboa: Minotauro. 74-86.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Eu estava em grandes apuros: tinha uma viagem urgente a fazer; um doente grave estava à minha espera numa aldeia a dez milhas; uma forte tempestade de neve cobria a vasta distância que nos separava; carro, tinha, um carro ligeiro, de rodas grandes, mesmo próprio para os nossos caminhos de aldeia; e, embrulhado na peliça, com a mala de médico na mão, já estava no pátio, pronto para a viagem; faltava-me era o cavalo, o cavalo. O meu extinguiu-se na véspera à noite, vítima do esforço demasiado que lhe exigira o Inverno glacial; a criada corria agora pela aldeia, à procura de um cavalo emprestado; eu sabia, porém, que o caso era desesperado e, cada vez mais enterrado na neve, cada vez mais paralisado, ali estava à toa. Surgiu a criada ao portão, sozinha, balançando a lanterna; é claro, quem iria emprestar o cavalo para uma viagem destas? Pus-me de novo a andar de um lado para o outro no pátio; não via qualquer hipótese; desorientado, atormentado, atirei o pé contra a porta decrépita da pocilga, que há anos não era usada. Abriu-se e pôs-se a bater nos gonzos. Soltou-se no ar um calor e um bafo como de cavalos. Uma lanterna mortiça oscilava lá dentro suspensa numa corda. Um homem acororado no pequeno cubículo apresentava-me o rosto franco de olhos azuis. «Quer que atrele?» perguntou, saindo a gatinhar cá para fora. Não sabia que dizer e limitei-me a debruçar-me para ver o que haveria ainda na pocilga. A criada estava a meu lado. «Uma pessoa nem imagina o que tem guardado em casa», disse ela, e desatámos ambos a rir. «Eh lá, irmão, eh lá, irmã!» gritou o cocheiro, e dois cavalos, poderosos animais de largos flancos, de pernas todas juntas ao corpo, inclinando as belas cabeças como camelos, apenas à força de tronco, arrastaram-se para fora da porta, cuja abertura ocupavam completamente. Mas logo se ergueram nas pernas altas, o corpo a fumar abundantemente. «Ajuda-o», disse eu, e a criada solícita apressou-se a chegar os arreios do carro ao cocheiro. Este, porém, mal ela se aproxima dele, agarra-a e atira-lhe a cara à cara dela. Ela grita e refugia-se junto a mim; tem as marcas de duas fiadas de dentes impressas a vermelho na bochecha. «Seu animal», grito furioso, «queres chicote?» mas logo, reconsiderando, me

lembro de que ele é um estranho, que não sei de onde vem, e que voluntariamente me ofereceu ajuda quando todos os outros se haviam escusado. Como percebendo os meus pensamentos, não leva a mal as minhas ameaças, antes se volta de novo para mim, continuando a tratar dos animais. «Suba», diz então e, na verdade, tudo está pronto. Dou-me conta de que nunca viajei com tão bela parelha e subo para o carro alegremente. «Mas eu é que conduzo, tu não sabes o caminho», afirmo. «Claro», responde, «eu não vou, fico aqui com a Rosa.» «Não», grita Rosa, e, com acertado pressentimento da inevitabilidade do seu destino, corre a refugiar-se em casa; ouço tinir a corrente da porta, quando ela a fecha; ouço saltar a fechadura; vejo, além disso, que apaga a luz do corredor e depois as dos quartos, para que não a consigam encontrar. «Tu vens comigo», digo ao cocheiro, «ou desisto da viagem, por mais urgente que seja. Não me passa pela cabeça pagar-te a viagem com a criada.» «Em frente, rápido!» diz ele, batendo as mãos; o carro é arrastado como madeira na torrente; ainda ouço a porta da casa estalar e estilhaçar-se sob o assalto do cocheiro e logo os meus olhos e ouvidos são inundados por um zumbido que penetra em todos os sentidos. Mas só por um instante, pois, como se a porta de minha casa desse directamente para o pátio do meu doente, já cheguei ao destino; os cavalos detêm-se calmamente; a neve deixou de cair; luar a toda a volta; os pais do doente saem a correr; a irmã vem atrás; quase me arrancam do carro; não percebo nada das palavras confusas que ouço; no quarto do doente o ar é quase irrespirável; a lareira abandonada fumeja; vou abrir a janela; primeiro, porém, quero ver o doente. Magro, sem febre, nem frio, nem quente, de olhos vazios, sem camisa, o rapaz soergue-se de sob a coberta, pendura-se-me ao pescoço e sussurra-me ao ouvido: «Doutor, deixa-me morrer.» Olho em volta; ninguém ouviu; os pais deixam-se estar mudos, curvados, esperando o meu veredicto; trazida pela irmã está aqui uma cadeira para a minha mala de médico. Abro a mala e rebusco os instrumentos; o rapaz, da cama, estende sem parar a mão para mim como para me recordar o seu pedido; agarro numa pinça, examino-a à luz e volto a pô-la no lugar. «Pois», penso, numa blasfémia, «em casos destes os deuses dão uma ajuda, enviam-nos o cavalo que nos falta, fornecem até outro para dar maior velocidade, e ainda por cima oferecem o cocheiro...» Agora, vem-me outra vez Rosa à lembrança; que hei-de fazer, como a salvar, como posso tirá-la de debaixo desse cocheiro, à distância de dez milhas, com cavalos incontroláveis a puxar o meu carro? Esses cavalos que agora, sabe-se lá como, se soltaram dos arreios; que, não sei como, empurram as portadas das janelas da parte de fora; que enfiam cada um a cabeça por sua janela e, sem se perturbarem com a gritaria da família, observam o doente. «Vou voltar já para casa»,

penso eu, como se os cavalos me instassem a pôr-me a caminho, mas vou deixando que a irmã, julgando-me tonto de calor, me dispa a peliça. Enchem-me um copo de rum, o velho bate-me no ombro, que a cedência do seu tesouro justifica a familiaridade. Sacudo a cabeça; no estreito círculo dos pensamentos do velho sentir-me-ia mal; só por essa razão recuso beber. A mãe está junto à cama e atrai-me para lá; vou e, enquanto um cavalo lança um forte relincho para o tecto, deponho a cabeça no peito do rapaz, que estremece ao contacto da minha barba molhada. Confirma-se o que sei: o rapaz está de saúde, talvez um pouco anémico, embebido em café pela solícita mãe, mas de saúde, e o melhor seria tirá-lo da cama a empurrão. Não sou nenhum reformador do Mundo e deixo-o ficar deitado. Sou contratado pelas autoridades do distrito e cumprio o meu dever até aos limites impostos, até um ponto quase excessivo. Mal pago, sou porém pródigo e disponível para com os pobres. Mas também tenho que me preocupar com a Rosa e, depois, se calhar o rapaz tem razão e também eu quero morrer. Que faço eu aqui neste Inverno sem fim?! O meu cavalo morreu, ninguém na aldeia me empresta outro. Vejo-me obrigado a tirar a minha parelha da pocilga; se por acaso não fossem cavalos, teria de atrelar porcos. Esta é a situação. E aceno com a cabeça à família. Não sabem de nada, e se soubessem não acreditariam. Passar receitas é fácil, difícil é, além disso, entendermo-nos com as pessoas. Pronto, a minha visita acabou, mais uma vez incomodaram-me para nada, já estou habituado, com ajuda da minha campanha nocturna todo o distrito me martiriza, mas, agora, também ter que ceder Rosa, essa bela rapariga que anos a fio, sem que eu quase notasse, viveu na minha casa — esse sacrifício é demais para mim e tenho, não sei como, à força de subtilezas, de me conformar com a ideia, para não me atirar a esta família que por muito boa vontade que tivesse não poderia restituir-me Rosa. Mas ao fechar a mala e quando peço a peliça com um gesto, perante a família toda ali, o pai a cheirar o copo de rum na mão, a mãe provavelmente desapontada comigo — claro, mas que quer esta gente? —, chorando e mordendo os lábios, e a irmã a brandir uma pesada toalha molhada, sinto-me de certa maneira pronto a conceder, sob reserva, que o rapaz talvez esteja doente. Dirijo-me a ele, ele sorri-me, como se lhe levasse talvez o mais tonificante dos caldos — ah, agora relinchan ambos os cavalos; o barulho deve ter sido ordenado de alto lugar para facilitar a auscultação — e agora vejo: sim, o rapaz está doente. No flanco direito, à altura da anca, tem uma ferida aberta do tamanho dum palmo. Cor-de-rosa, de muitos matizes, escura no centro, clareando para as bordas, de suave granulada, de sangue distribuído irregularmente, aberta como uma mina a céu aberto. Isto, à distância. De perto, surge algo pior.

Quem pode olhar para isto sem assobiar ao de leve? Vermes, do comprimento e largura do meu dedo mindinho, já de si rosados e ainda salpicados de sangue, retorcem-se, presos no interior da ferida, de cabeças brancas e muitas patinhas à luz. Pobre rapaz, nada te pode salvar. Descobri a tua grande ferida; desta flor no flanco vais perecer. A família está contente, vê-me atarefado; a irmã diz isso à mãe, a mãe ao pai, o pai a alguns visitantes que, em bicos de pés, baluçando os braços esticados, entram pela porta atravessando o luar. «Vais salvar-me?» sussurra soluçando o rapaz, completamente fascinado pela vida na sua ferida. São assim as pessoas na minha terra. Sempre a pedir o impossível ao médico. Perderam a antiga fé; o padre fica em casa a desfiar os paramentos, um atrás do outro; o médico, porém, tem de conseguir tudo com as suas suaves mãos cirúrgicas. Pronto, como queiram; não fui eu quem se ofereceu; se quiserem servir-se de mim para um sagrado desígnio, também não vou opor-me; que hei-de querer mais, eu, velho médico rural, a quem roubaram a criada? E eles aí vêm, a família e os anciãos da aldeia, e despem-me; um coro escolar, com o mestre à frente, posta-se diante da casa e canta uma melodia extremamente simples com esta letra:

Tirai-lhe a roupa, que ele cura,
E, não curando, então matai-o!
É um médico, um simples médico.

E depois despem-me e eu, de dedos enfiados na barba, a cabeça de lado, fito calmamente as pessoas. Estou totalmente senhor de mim e superior a todos e assim permaneço, embora não me sirva de nada, pois agora pegam-me pela cabeça e pelas pernas e levam-me para a cama. Deitam-me junto à parede, do lado da ferida. E depois saem do quarto; fecha-se a porta; cala-se o canto; passam nuvens diante da Lua; aquecem-me as cobertas; vacilam vagamente as cabeças dos cavalos na abertura das janelas. «Sabes», ouço dizer aos meus ouvidos, «a confiança que tenho em ti é muito pouca. É que também foste atirado para aqui de qualquer maneira, não vieste pelos teus pés. Em vez de me ajudar, ainda vens acanhar o meu leito de morte. O que eu queria era arrancar-te os olhos.» «Tens razão», digo eu, «é vergonhoso. Só que eu sou um simples médico. Que hei-de fazer? Acredita, para mim também não é fácil.» «Hei-de contentar-me com essa desculpa? Ah, que remédio. Tenho de me contentar, como sempre. Com uma bela ferida vim ao mundo; foi tudo quanto trouxe.» «Jovem amigo», digo eu, «o teu defeito é não veres a coisa à distância. Eu, que já estive em tudo quanto é quarto de doente das redondezas, digo-te: a tua ferida não é assim tão má. Feita em ângulo agudo com

duas machadadas afiadas. Muitos oferecem o flanco na floresta e mal ouvem o machado, já para não dizer que não o ouvem aproximar-se.» «Isso é mesmo verdade ou estás a iludir-me no meu delírio?» «É mesmo verdade, tens a palavra de honra de um delegado de saúde para levares contigo para o além.» E ele levou-a e ficou-se quieto. Agora, porém, era tempo de pensar em salvar-me. Os cavalos continuavam fiéis no seu posto. Recolhi rapidamente roupas, peleça e mala; não quis perder tempo a vestir-me; se os cavalos corressem tanto como à vinda, era como saltar desta cama para a minha. Docilmente, um dos cavalos arredou-se da janela; atirei a trouxa de roupa para o carro; a peleça voou longe demais e ficou presa por uma manga a um gancho. Tanto bastava. Pulei para cima do cavalo. Com os arreios a rastejar, os dois cavalos quase desligados um do outro, o carro seguindo ao acaso, a peleça no fim a arrastar na neve. «Em frente, rápido!» disse eu, mas qual rápido; devagar, como velhos, seguimos pelo deserto de neve; longamente soou nas nossas costas a nova, mas desafinada, canção das crianças:

Doentes, alegrai-vos,
Deitaram o doutor na vossa cama.

Nunca mais vou chegar a casa; o meu florescente consultório está perdido; um sucessor vai roubar-mo, mas de balde, pois nunca poderá substituir-me; em minha casa, o repugnante cocheiro dá largas ao seu desvário; Rosa é vítima dele; nem quero pensar nisso. Nu, exposto ao frio desta era infelicíssima, com um carro terreno e cavalos sobrenaturais, lá vou eu, um velho. A minha peleça está pendurada lá atrás do carro, mas não consigo chegar-lhe, e dos inconstantes canalhas dos meus doentes nenhum mexe um dedo. Enganado! Enganado! Mas uma vez que fui atrás do engodo da campainha nocturna — já não há remédio.

Gerrit KOMRIJ. «Antípoda», in *Contrabando: Uma antologia poética*.
Tradução de Fernando Venâncio. [1981] 2005. Lisboa: Assírio e Alvim. 37.

Texto sujeito a Direitos de Autor

É fama que estava o corvo
Sobre uma árvore pousado,
E que no sôfrego bico
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:

— Bons dias, meu lindo corvo;
És glória desta espessura;
És outra fénix, se acaso
Tens a voz como a figura!

A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,
E diz: — Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,
Tem destas para teu uso.
Rosna então consigo o corvo,
Envergonhado e confuso:

— Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me dela;
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela.

Javier MARÍAS. *O Teu Rosto Amanhã: 1. Febre e lança*. Tradução de J. Teixeira de Aguiar. [2002] 2004. Lisboa: Dom Quixote. 17-19.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Henri MICHAUX. «Mais mudanças», in *As Minhas Propriedades*. Tradução de José Carlos González. [1929] 1999. Lisboa: Fenda. 36-39.

Texto sujeito a Direitos de Autor

MOLIÈRE. «Cena IV», in *O Misanthropo*. Tradução de Vasco Graça-Moura. [1666] 2007. Lisboa: Bertrand. 17-29.

Jourdain e Professor de Filosofia.

PROFESSOR DE FILOSOFIA (reajustando o colarinho) — Bem, vamos à nossa lição.

JOURDAIN — Lamento, senhor, as pancadas que lhe deram.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Não tem importância. Um filósofo sabe aceitar as coisas como elas são e vou compor contra eles uma sátira no estilo de Juvenal, que os deixará destruídos. Esqueçamos isso. Que deseja aprender?

JOURDAIN — Tudo o que puder, porque tenho uma vontade imensa de ser sábio e lamento que os meus pais não me tenham mandado ensinar todas as ciências, quando era criança.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Razoável sentimento! «Nan sine doctrina vita es quasi mortis imago.» Certamente.

JOURDAIN — Sim, mas faça de conta que o não sei e explique-se.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Quer isto dizer que vida sem ciência é quase a imagem da morte.

JOURDAIN — Tinha razão esse latinório.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Tem alguns princípios ou noções das ciências?

JOURDAIN — Sim, sei ler e escrever.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Por onde quer que comecemos! Ensino-lhe lógica?

JOURDAIN — Que é lógica?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — A ciência que ensina as três operações do espírito.

JOURDAIN — E quais são as três operações do espírito?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — A primeira, a segunda e a terceira. A primeira consiste em conceber bem por meio dos universais. A segunda em julgar bem por meio das categorias. A terceira em tirar uma consequência por meio das figuras Barbara, Celarent, Daril, Ferio, Baralípton, etc.

JOURDAIN — Que palavras desagradáveis! Essa lógica não me agrada. Aprendamos outra coisa.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Quer aprender moral?

JOURDAIN — Moral?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Sim.

JOURDAIN — E que diz, a moral?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Trata da felicidade, ensina o homem a moderar as suas paixões e...

JOURDAIN — Não; deixemos isso. Sou bilioso como um diabo, não quero saber de moral nenhuma e quero encolerizar-me sempre que me apeteça.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Gostava de aprender física?

JOURDAIN — Para que serve a física?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Explica os princípios das coisas naturais e as propriedades dos corpos; trata da natureza dos elementos, dos metais, minerais, pedras, animais e plantas; e ensina-nos a causa de todos os meteoros, arco-íris, fogos-fátuos, cometas, raios, trovões, granizo, chuva, neve, relâmpagos, turbilhões e ventos.

JOURDAIN — Muito barulho e mistura há nisso.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Então que quer que lhe ensine?

JOURDAIN — Ensine-me ortografia.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Com muito gosto.

JOURDAIN — E depois o almanaque para saber quando há lua e não há.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Seja. Para seguir bem o seu pensamento e tratar filosoficamente esta matéria, tem de se começar, segundo a ordem filosófica das coisas, por um exacto conhecimento da natureza das letras e a diferente maneira de se pronunciarem. Primeiro dir-lhe-ei que as letras se dividem em vogais, assim chamadas porque exprimem a voz; e em consoantes, que marcam as diferentes articulações. As vogais — ou vozes — são cinco: A, E, I, O, U.

JOURDAIN — Isso percebo eu bem.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O A forma-se abrindo a boca: A.

JOURDAIN — A, A. Sim.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O E, aproximando o maxilar inferior do superior; A, E.

JOURDAIN — A, E. A, E. Sim. Que bonito isto é!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O I forma-se aproximando os maxilares ainda mais e separando as comissuras, chamadas assim porque ligam com as vogais e vão dos lábios até às orelhas: A, E, I.

JOURDAIN — A, E, I, I, I, I. É verdade. Viva a ciência!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O O forma-se abrindo os maxilares e aproximando entre si as comissuras dos lábios: O.

JOURDAIN — O, O. É isso mesmo! A, E, I, O, I, O. Admirável! I, O, I, O!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Precisamente, a abertura da boca tem o feitiço de um O.

JOURDAIN — O, O, O. Tem razão! Que lindo é saber alguma coisa!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O U forma-se aproximando os dentes sem os juntar de todo, esticando os lábios e aproximando-os sem, contudo, os unir por completo: U.

JOURDAIN — U, U. É indiscutível. U.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Os lábios põem-se para fora como quando se vai fazer uma careta a alguém; por isso, quando se faz uma careta e se deseja acompanhá-la de algum som, diz-se U.

JOURDAIN — U, U. Que pena não ter estudado antes para saber isto tudo!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Amanhã continuamos com as consoantes.

JOURDAIN — Há nelas também coisas curiosas?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Sem dúvida. O D, por exemplo, pronuncia-se batendo com a ponta da língua na parte interior dos dentes superiores: D.

JOURDAIN — D, D. Sim. Que lindas coisas! Que lindas coisas!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — O F apoiando os dentes superiores no lábio inferior: Efe.

JOURDAIN — Efe, Efe. É verdade. Ó meus pais que aborrecido estou convosco!

PROFESSOR DE FILOSOFIA — E o R chegando a ponta da língua ao céu da boca, de modo que, empurrada pelo ar que sai com força da garganta, volte sempre ao mesmo lugar com um certo tremor: Erre.

JOURDAIN — R, R, R, Erre, R, R, R, Erre. Certo. Oh! como o senhor é inteligente e quanto tempo perdi! R, R, Erre.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Explicar-lhe-ei a fundo todas as curiosidades!

JOURDAIN — Sim: suplico-lhe que o faça. E quero fazer-lhe uma confidência. Estou apaixonado por uma pessoa de alta categoria e agradecia-lhe que me ajudasse a escrever uma coisinha num bilheteinho que quero deixar-lhe cair aos pés.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Muito bem.

JOURDAIN — Uma coisa galante. Compreende?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Sem dúvida. Que quer escrever-lhe? Versos?

JOURDAIN — Versos, não.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Contenta-se com prosa?

JOURDAIN — Não quero nem prosa nem versos.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Tem de ser uma das duas coisas.

JOURDAIN — Porquê?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Pela razão, senhor, que para se exprimir só há prosa e verso.

JOURDAIN — Mais nada?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Não. Quando não é verso é prosa e quando não é prosa é verso.

JOURDAIN — E quando se fala, como se fala?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Em prosa.

JOURDAIN — Então quando digo: «Nicolasa, dá-me as sapatilhas e o gorro de dormir», falo em prosa?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Sim, senhor.

JOURDAIN — Pois, por minha fé, que há mais de quarenta anos que me expri-
mo em prosa sem o saber, e estou-lhe muito agradecido por mo ter ensi-
nado. Enfim, eu queria escrever uma nota que dissesse: «Bela marquesa,
os seus formosos olhos fazem-me morrer de amor», mas de uma manei-
ra mais gentil e galante.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Escreva que o esplendor dos olhos dela reduz
o seu coração a cinzas; que sofre noite e dia por ela, a violência de um...

JOURDAIN — Não, não, não. Não quero mais do que aquilo que disse: «Bela
marquesa, os seus olhos fazem-me morrer de amor.»

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Terá que aumentar um pouco isso.

JOURDAIN — Não, não quero mais que estas palavras, elegantemente dis-
postas, e à moda. Diga-me, para experimentar, as diferentes maneiras
em que se podem pôr.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Podem pôr-se como o senhor disse primeiro:
«Bela marquesa, os seus formosos olhos fazem-me morrer de amor.» Ou:
«De amor, morrer me fazem, bela marquesa, os seus formosos olhos.»
Ou ainda: «Os seus formosos olhos, de amor me fazem, bela marque-
sa, morrer.» Ou então: «Os seus formosos olhos fazem-me morrer, bela
marquesa, de amor.»

JOURDAIN — De todas essas maneiras qual é a melhor?

PROFESSOR DE FILOSOFIA — A que o senhor disse primeiro: «Bela marque-
sa, os seus formosos olhos fazem-me morrer de amor.»

JOURDAIN — Nunca estudei e, no entanto, fiz isso de uma tirada! Agradeço-
-lhe de toda a minha alma e peço-lhe que venha amanhã de manhã, bem
cedo.

PROFESSOR DE FILOSOFIA — Não faltarei.

JOURDAIN (*aos lacaios*) — Ainda não chegou o meu traje?

SEGUNDO LACAIO — Não, senhor.

JOURDAIN — Esse maldito alfaiate faz-me esperar num dia em que tanto tenho que fazer. Ó que raiva! Deviam dar as febres a esse verdugo. Que diabo de alfaiate! Se eu tivesse aqui esse manhoso, esse alfaiate traidor, esse...

Charles de MONTESQUIEU. «Carta XXX», in *Cartas Persas*. Tradução de Franco de Sousa. [1721] 1989. Lisboa: Estampa. 65-66.

Texto sujeito a Direitos de Autor

SE EXISTE UM SENTIDO DE REALIDADE, TEM DE EXISTIR TAMBÉM UM SENTIDO DE POSSIBILIDADE

Se quisermos passar sem problemas por portas abertas, é bom não esquecer que elas têm ombreiras sólidas; este princípio, segundo o qual o velho professor sempre tinha vivido, mais não é do que uma exigência do sentido de realidade. Ora, se existe um sentido de realidade — e ninguém duvidará de que ele tem direito à existência —, então também tem de haver qualquer coisa a que possamos chamar o sentido de possibilidade.

Aquele que o possui, não diz, por exemplo: isto ou aquilo aconteceu, vai acontecer, tem de acontecer aqui, mas inventará: isto ou aquilo poderia, deveria, teria de ter acontecido aqui. E quando lhe dizem que uma coisa é como é, ele pensa: provavelmente, também poderia ser diferente. Assim, poderia definir-se o sentido de possibilidade como aquela capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser e de não dar mais importância àquilo que é do que àquilo que não é. Como se vê, as consequências desta disposição criadora podem ser notáveis; infelizmente, não é raro que façam aparecer como falso aquilo que as pessoas admiram e como lícito aquilo que elas proíbem, ou então as duas coisas como sendo indiferentes. Esses homens do possível vivem, como se costuma dizer, numa trama mais subtil, numa teia de névoa, fantasia, sonhos e conjuntivos; se uma criança mostra tendências destas, acaba-se firmemente com elas, e diz-se-lhe que tais pessoas são visionários, sonhadores, fracos, gente que tudo julga saber melhor e em tudo põe defeito.

Quando se quer elogiar estes loucos, chama-se-lhes também idealistas, mas é claro que com isso só se alude à sua natureza débil, incapaz de compreender a realidade, ou que a evita por melancolia, uma natureza na qual a falta do sentido de realidade é um verdadeiro defeito. O possível, porém, não abarca apenas os sonhos dos neurasténicos, mas também os desígnios ainda adormecidos de Deus. Uma experiência possível ou uma verdade possível não são iguais a uma experiência real e uma verdade real menos o valor da sua realidade, mas têm, pelo menos do ponto de vista dos seus partidários, algo de muito divino, um fogo, um ímpeto, uma vontade de construir e um utopismo consciente que não teme a realidade, antes vê nela uma missão e

uma invenção. Ao fim e ao cabo, a Terra não é assim tão velha, e não se pode dizer que o seu estado alguma vez tenha sido verdadeiramente interessante. Se quisermos então distinguir de uma maneira fácil aqueles que se guiam pelo sentido do real dos que se guiam pelo sentido do possível, basta pensarmos numa determinada soma de dinheiro. Por exemplo: tudo aquilo que mil marcos contém, efectivamente, de possibilidades, está de facto neles, quer os possuamos, quer não; o facto de o senhor Eu ou o senhor Tu os possuírem não lhes acrescenta nada, como nada acrescentaria a uma rosa ou a uma mulher. Mas, dizem os do sentido de realidade, um louco faz com eles um pé de meia, enquanto um homem prático os põe a trabalhar para si; até à beleza de uma mulher aquele que a possui acrescenta ou retira alguma coisa. É a realidade que desperta a possibilidade, e nada seria mais errado do que negar isso. E no entanto, no cômputo global ou em média, as possibilidades serão sempre as mesmas até aparecer alguém para quem uma coisa real não é mais importante do que uma imaginária. É ele que dará às novas possibilidades o seu sentido e a sua finalidade, é ele que as desperta.

Mas um homem assim está longe de ser um caso transparente. Uma vez que as suas ideias, desde que não sejam meras fantasias ociosas, mais não são do que realidades ainda por nascer, também ele acaba por ter sentido de realidade; mas trata-se de um sentido da realidade possível, que alcança muito mais lentamente o seu objectivo do que o sentido, que a maior parte das pessoas detém, das suas reais possibilidades. É como se o primeiro quisesse a floresta, enquanto o outro quer as árvores; e floresta é uma entidade dificilmente exprimível, enquanto as árvores representam tantos e tantos metros cúbicos de uma determinada qualidade. Ou talvez se possa dizer isto melhor imaginando o homem com um sentido de realidade comum como sendo um peixe que quer abocanhar o anzol e não vê a linha, enquanto o homem com aquele sentido de realidade a que também se pode chamar sentido de possibilidade arrasta uma linha pela água sem fazer a mínima ideia sobre se ela traz isco na ponta. A esta extraordinária indiferença em relação à vida que vai morder a isca corresponde nele o perigo de fazer coisas absolutamente ditadas pelo devaneio. Um homem sem sentido prático — coisa que ele não só parece ser, mas de facto é — não merece confiança, é imprevisível nas suas relações com os outros. Cometerá actos que para ele têm um sentido totalmente diverso do que têm para os outros, mas para tudo encontrará justificação desde que possa reduzi-lo a uma ideia fora do comum. Além disso, hoje está ainda longe de ser consequente. É bem possível que um crime que cause danos a outro lhe pareça a ele apenas uma falha no sistema social, sendo por isso a responsabilidade, não do criminoso, mas da organização da sociedade.

Mais difícil é dizer se ele aceita uma bofetada como uma afronta que a sociedade lhe dirige, ou se a toma por tão impessoal como a mordedura de um cão; provavelmente retribuirá primeiro a bofetada, para depois chegar à conclusão de que não o deveria ter feito. Enfim, se lhe roubarem a amante, será difícil que ele consiga hoje abstrair da realidade desse facto, compensando-o com um novo e surpreendente sentimento. Por enquanto, esta evolução está ainda em marcha e constitui, para o indivíduo isolado, tanto uma fraqueza como uma força.

E como a posse de qualidades pressupõe uma certa alegria pela sua realidade, é legítimo prever que alguém a quem falte o sentido de realidade até em relação a si próprio possa um belo dia, sem saber como, encarar-se como um homem sem qualidades.

ULRICH

O homem sem qualidades cuja história aqui se narra chamava-se Ulrich. E Ulrich — não é muito agradável continuar a chamar pelo nome próprio a uma pessoa que ainda mal conhecemos, mas vamos omitir-lhe o apelido por consideração para com o seu pai — tinha já dado provas da sua maneira de ser no limite entre a infância e a adolescência, numa redacção cujo tema era a ideia de patriotismo. O patriotismo era na Áustria uma coisa muito especial. De facto, as crianças alemãs aprendiam simplesmente a desprezar as guerras das crianças austríacas, e dizia-se-lhes que os meninos franceses eram descendentes de uns libertinos medrosos que fugiam aos milhares à frente de um único soldado barbudo da infantaria alemã. E o mesmo aprendiam, com inversão de papéis e as mudanças convenientes, as crianças francesas, russas ou inglesas, também elas muitas vezes vencedoras. Ora, sabe-se que as crianças são fanfarronas, gostam de brincar aos polícias e ladrões e estão sempre prontas a considerar a família Y da Grande Rua X, se por acaso é a sua família, como a melhor do mundo. É, pois, fácil ganhá-las para a causa patriótica. Mas na Áustria as coisas eram um pouco mais complicadas. É que os Austríacos tinham também ganho todas as guerras da sua história, mas a maior parte delas havia-os obrigado a fazer sempre qualquer cedência. Isto pede reflexão, e Ulrich escreveu na sua redacção sobre o patriotismo que o autêntico patriota nunca devia pensar que o seu país era o melhor. E mais: num lampejo que lhe pareceu particularmente belo, embora a sua luz o tivesse ofuscado mais do que iluminado, juntou a esta frase suspeita uma segunda, em que afirmava que provavelmente também Deus preferia falar do mundo

que criou no *conjunctivus potentialis* (*hic dixerit quispiam*: «neste ponto poderia objectar-se que...»), pois Deus cria o mundo e, ao criá-lo, pensa que este poderia muito bem ser diferente do que é. Ulrich sentira-se muito orgulhoso com esta frase, mas talvez não se tivesse exprimido de modo suficientemente claro, porque a coisa provocou grande celeuma e ele esteve à beira de ser expulso da escola; mas não se chegou a esse ponto, uma vez que os responsáveis não se entenderam quanto à questão de saber se as suas ousadas observações eram um ultraje à pátria ou uma blasfémia. Nessa altura, ele frequentava o distinto liceu da Academia Theresiana, que fornecia os mais nobres pilares do Estado, e o pai, furioso com a vergonha por que este filho degenerado o fizera passar, mandou Ulrich para o estrangeiro, para um pequeno internato belga numa cidade desconhecida, o qual, administrado com um sagaz sentido comercial e a preços módicos, albergava um grande número de alunos transviados. Aí, Ulrich aprendeu a dar formato internacional ao seu desprezo pelos ideais dos outros.

Tinham passado desde então dezasseis ou dezassete anos, como as nuvens passam pelo céu. Ulrich não se arrependia nem se orgulhava deles; com os seus trinta e dois, limitava-se a olhar para esse tempo com surpresa. Entretanto, tinha andado pelo mundo, por vezes também, por curtos períodos de tempo, no seu país, fazendo coisas importantes, mas igualmente inúteis. Já demos a entender que era matemático, e mais não é preciso dizer sobre o assunto, pois em todas as profissões, quando não as exercemos por dinheiro, mas por amor, chega um momento em que o avançar dos anos nos parece levar a um vazio. Passado algum tempo nesta situação, Ulrich lembrou-se de que se costuma atribuir à pátria a misteriosa capacidade de dar raízes e chão ao pensamento, e veio instalar-se nela com os sentimentos de um viandante que se senta num banco para aí ficar eternamente, embora pressentindo que se vai levantar logo a seguir.

E ao pôr a casa em ordem, como diz a Bíblia, passou por uma experiência pela qual, aliás, já esperava. Encontrou-se na agradável situação de ter de remodelar de raiz e a seu gosto a sua pequena propriedade decrépita. Desde a reconstituição fiel de um estilo até à total liberdade, tinha à sua disposição todas as soluções, e acorriam-lhe ao espírito todos os estilos, dos Assírios ao Cubismo. Por qual devia optar? O homem moderno nasce na clínica e morre na clínica: que viva então como numa clínica! Tal imperativo acabava de ser formulado por um arquitecto da vanguarda, e um outro reformador da decoração de interiores exigia paredes amovíveis para as habitações, sob pretexto de que o homem, vivendo com outros, deveria aprender a confiar neles, em vez de se isolar com um espírito separatista. Estava-se no limiar de um tempo

novo (que é o que o tempo faz a cada instante), e um tempo novo precisa de um estilo novo. Para felicidade de Ulrich, o palacete, tal como o encontrara, possuía já três estilos sobrepostos, de modo que não era possível satisfazer tantas exigências; mas sentia-se profundamente abalado pela responsabilidade de poder instalar uma nova casa, e pairava sobre a sua cabeça a ameaça, que por mais de uma vez lera nas revistas de arte: «Diz-me como vives e dir-te-ei quem és.» Depois de ter estudado longamente tais revistas, chegou à conclusão de que o melhor era ser ele próprio a tomar em mãos o prolongamento da sua personalidade, e começou a desenhar os futuros móveis. Mas tão depressa concebia uma forma expressiva e cheia de força como dava por si a pensar que também a podia substituir por outra, tecnicamente eficaz e funcional; e quando concebia uma forma de betão armado consumida pela sua própria força, ocorriam-lhe as formas magras e primaveris de uma rapariga de treze anos, e começava a sonhar em vez de tomar decisões.

Tratava-se — numa questão que, vendo bem, não o tocava muito de perto — da conhecida desconexão das ideias, dessa dispersão sem centro, característica do momento presente e dessa sua estranha aritmética que quer abarcar tudo de fio a pavio sem encontrar uma unidade. Por fim, já só imaginava salas irrealizáveis, quartos giratórios, instalações caleidoscópicas, dispositivos para as mudanças do estado de alma, e as suas ideias iam ficando cada vez mais desprovidas de conteúdo. Por fim, chegou ao ponto para o qual se sentia atraído. O pai teria dito mais ou menos: «Se deixam alguém fazer aquilo que quer, em breve baterá com a cabeça nas paredes de tanta perplexidade.» Ou então assim: «Quem pode fazer tudo o que quer acaba por não saber o que mais desejar.» Ulrich divertia-se a repetir para si próprio estas frases. Esta sabedoria ancestral parecia-lhe um pensamento muito original. É preciso que o homem se sinta primeiro limitado nas suas possibilidades, nos seus planos e sentimentos pela acção dos preconceitos, das tradições, de dificuldades e constrangimentos, como um louco num colete de forças, para que aquilo que ele consegue realizar tenha algum valor, maturidade e solidez... De facto, é difícil avaliar o alcance desta ideia! Fosse como fosse, o homem sem qualidades, acabado de regressar ao seu país, deu também o segundo passo e deixou-se moldar a partir de fora, pelas circunstâncias da vida; e neste ponto das suas reflexões entregou o arranjo da casa aos fornecedores, certo de que com eles podia ficar absolutamente descansado quanto a tradições, preconceitos e estreiteza de vistas. Ele próprio limitou-se a acentuar as linhas antigas, as armações escuras de veado sob as abóbadas brancas do pequeno vestíbulo ou o tecto rígido do salão, e de resto acrescentou apenas o que lhe pareceu prático e confortável.

Quando tudo ficou pronto, também ele estava pronto para abanar a cabeça e perguntar a si mesmo: «Vai então ser esta a minha vida?» Era encantador, aquele seu palacete; não se podia fugir muito a esta designação, porque era exactamente aquilo que se esperava de uma dessas residências de bom gosto à medida dos seus nobres ocupantes, tal como são concebidas pelas melhores firmas de mobiliário, de tapetes e de decoração. Só faltava dar corda àquele encantador mecanismo, para se verem deslizar pela alameda as equipagens de grandes dignitários e damas ilustres, com os lacaios a saltar dos estribos e a perguntar a Ulrich «Onde está o teu amo, rapaz?»

Tinha acabado de chegar da Lua e voltara imediatamente a instalar-se na Lua.

12

Chegámos ao mercado mesmo ao fim do dia, e aí reparámos na grande quantidade de coisas à venda, que não eram de valor e cuja proveniência suspeita a pouca luz daquela hora facilmente disfarçava. Ora, como nós levávamos um manto roubado, começámos a tirar partido daquela ocasião oportuna e a agitar num canto da praça a aba da veste, esperando que o brilho do tecido atraísse eventualmente um comprador. Não tardou muito que um camponês, que me parecia familiar, se aproximasse, acompanhado por uma mulherzinha, e começasse a examinar o manto com cuidado. Ascilto, por seu lado, olhou de relance os ombros do comprador e empalideceu, ficando mudo de assombro. Eu próprio não fui capaz de olhar para o homem sem experimentar uma forte emoção, pois me pareceu ser o homem que tinha encontrado a minha túnica no sítio ermo. Era ele mesmo! Mas, como Ascilto hesitasse em acreditar nos seus próprios olhos e temesse fazer algo precipitado, aproximou-se como se fosse um comprador, tirando-lhe o pano do ombro e tacteando-o cuidadosamente.

13

Ó espantosa zombaria da Fortuna! O labrego ainda não tinha posto as mãos curiosas na costura e estava a vender a túnica enfastiado, como se fosse um farrapo de mendigo. Ascilto, ao ver que o tesouro escondido ainda não tinha sido descoberto e que o vendedor era um pobre diabo, chamou-me um pouco à parte e disse: «Estás a ver, irmão, que voltou para nós o tesouro que eu chorava? Aquela é a nossa túnica e ainda está, ao que parece, cheia de moedas de ouro! Que havemos de fazer? Em nome de que lei havemos de reclamar o que nos pertence?» Eu, contentíssimo, não só por reaver o meu dinheiro, mas também porque a Fortuna me libertava de uma vil suspeita, disse-lhe que não devíamos estar com rodeios e que o devíamos demandar claramente em Direito Civil, de forma que, se não quisesse devolver uma coisa alheia ao seu legítimo dono, incorresse num interdito de acordo com a lei.

14

Ascilto, por seu lado, receava as leis e disse: «Quem nos conhece neste lugar? Quem acreditará naquilo que dissermos? Eu antes prefiro comprar, embora seja nossa, a túnica que reconhecemos e recuperar o tesouro com pouco gasto, em vez de entrar num processo cujo resultado é incerto».

De que adiantam as leis onde só o dinheiro manda
Ou onde a pobreza nada pode vencer?
Os próprios Cínicos, que atravessam a vida carregando as suas sacolas,
Vendem por vezes verdades a troco de moedas.
É que o tribunal não é senão uma feira pública
E o Cavaleiro que a ele preside apenas aprova o suborno.

Mas, tirando uma moeda de dois asses que tínhamos destinado para comprar tremoços, não tínhamos mais dinheiro à mão. E assim, não fosse entrementes a presa escapulir-se, decidimos vender o manto por uma quantia irrisória, para que, em função de um maior lucro, a perda se tornasse mais leve. Mas, mal desdobrámos a mercadoria, a mulher que estava com o camponês, descobrindo a cabeça e tendo examinado os lavores que estavam bordados, agarrou a orla e começou a gritar a plenos pulmões «Agarra que é ladrão!»

Nós, perturbados, e para que não parecesse que não reagíamos, começámos por nosso lado a puxar a túnica suja e rota e a gritar, com igual força, que o que eles tinham era algo que nos tinha sido roubado. Mas a causa era completamente desigual e os adeleiros que acorreram à gritaria riam-se a bandeiras despregadas da nossa estupidez, pois os outros reclamavam uma veste de grande valor, enquanto nós reclamávamos um farrapo que nem para remendo serviria. Por fim Ascilto conseguiu que fossem cessando as risadas e disse, quando se fez silêncio:

15

«Está claro que cada um dá mais valor ao que lhe pertence: então eles que nos devolvam a nossa túnica e recebam o seu manto.» Embora a troca fosse do agrado do camponês e da mulher, a ronda nocturna, que tinham sido inoportunamente chamada e que queria ganhar dinheiro com o manto, exigia que fossem colocados em depósito nas suas mãos, dizendo que no dia seguinte a questão seria examinada por um juiz. É que, diziam eles, não se tratava apenas de um litígio sobre a propriedade dos objectos e que era clara, mas de algo muito diferente, do facto de recaírem suspeitas de furto sobre ambas as partes. Já a ideia do arresto dos bens ganhava força e eis que um de

entre os adeleiros, careca e com a cara cheia de verrugas, que de quando em vez costumava pleitear causas, se apoderava do manto e dava a sua palavra que o iria apresentar no dia seguinte. Ora o que se estava mesmo a ver era que o que ele pretendia era que a veste, uma vez deixada nas mãos daqueles patifes, nos fosse surripiada e nós não nos apresentássemos à sessão com medo de sermos condenados. Ora era precisamente isso mesmo que nós também queríamos. E assim a sorte favoreceu os desejos de ambas as partes. O labrego, indignado por estarmos a pedir a apresentação de um trapo, atirou a túnica à cara de Ascilto e exigiu que nós, agora sem motivo de protesto, deixássemos em depósito o manto, doravante único objecto de disputa. Nós, recuperado o tesouro, conforme julgávamos, afastámo-nos dali a toda a pressa para a nossa hospedaria e, fechadas as portas atrás de nós, começámos a rir da falta de esperteza tanto dos adeleiros como dos queixosos, por nos terem devolvido o dinheiro com a sua grande inteligência.

Não quero ter de imediato o que desejo,
Nem me agrada uma vitória preparada.

Luigi PIRANDELLO. «Primeiro acto», in *Seis Personagens à Procura de Autor*. Tradução de Gino Saviotti. [1921] 1962. Lisboa: Contraponto. 24-26.

De tarde, no palco de um teatro

A peça não tem actos nem cenas. O espectáculo é interrompido a primeira vez (sem o pano cair) quando o Encenador e o Pai saem, para combinar a «mise-en-scène», e os Actores deixam o palco; a segunda vez, quando o Carpinteiro de cena faz descer o pano, por engano.

PRIMEIRO ACTO

O público, ao ingressar na sala do teatro encontra o pano levantado e o palco como costuma estar durante o dia, sem bastidores nem pano de fundo, quase na obscuridade e vazio (para dar, desde o começo, a impressão de um espectáculo não preparado).

Duas escadinhas, uma à direita e outra à esquerda do palco, dão comunicação para a sala. Sobre o palco, à direita, uma pequena mesa e uma poltrona destinadas ao Encenador, de costas voltadas para o público. Mais duas mesas, uma maior e outra mais pequena, e cadeiras espalhadas; um piano, ao fundo, quase escondido, de lado.

Ao apagarem as luzes da sala, ver-se-á entrar um Carpinteiro, de fato de ganga azul. Procurará a um canto, do palco, ao fundo, umas ripas, e, depois de levá-las para a frente do mesmo, ajoelha-se e começa a juntá-las com pregos. Atraído pelo barulho, o Contra-Regra aparece à porta dos camarins.

CONTRA-REGRA. Olá! Que é que estás a fazer?

CARPINTEIRO. O que é que hei-de fazer? Não vê!

CONTRA-REGRA. A estas horas? (*Olha para o relógio*) Daqui a nada chega o senhor Director. Temos ensaio!

CARPINTEIRO. Eu preciso também de tempo, para trabalhar!

CONTRA-REGRA. Hás-de tê-lo, mas não agora.

CARPINTEIRO. Então, quando?

CONTRA-REGRA. Depois do ensaio. Vamos, leva para dentro tudo isso, e deixa-me dispor a cena para o segundo acto do «Jogo dos papéis» de Pirandello. (*O Carpinteiro, resmungando, apanha as ripas, as ferramentas, etc., e sai.*)

Entretanto, pela porta do palco começam a entrar os Actores da Companhia, homens e mulheres (nove ou dez) o Ponto e o Secretário; cumprimentam o Contra-Regra e falam uns com os outros, à vontade. Alguns dirigem-se aos camarins; outros, entre os quais o Ponto, ficam no palco, à espera do Encenador, para iniciar o ensaio; estes últimos (uns sentados, outros, de pé) trocam algumas palavras. Acendem cigarros; um começa a lamentar-se do papel que lhe é destinado na peça, outro lê em voz alta umas notícias teatrais, num jornal. Um dos Actores senta-se ao piano e toca uma música de baile; os mais novos dançam).

CONTRA-REGRA. Silêncio! Acabem com isso!... Vem aí o senhor Director. *(A música e a dança param de repente. Os Actores olham para a sala do teatro, à porta da qual aparece o Encenador, que atravessa a plateia e sobe por uma das escadinhas para o palco. O Secretário entrega-lhe o correio; tudo jornais, e um manuscrito num envelope.)*

DIRECTOR. Cartas?

SECRETÁRIO. Nenhuma. Está aqui todo o correio.

DIRECTOR. *(Dá-lhe o manuscrito)* Guarde isto no meu camarim. *(Olha à volta de si)* Não se vê nada. Mande acender mais luzes, faça favor.

CONTRA-REGRA. Vai já. *(Sai. Logo a seguir, o palco ilumina-se todo do lado direito, [onde se encontram os Actores] com uma luz branca, muito viva. Entretanto, o Ponto desce ao seu lugar, sem cúpula, acende o candeeiro e coloca o manuscrito da peça à sua frente.)*

ENCENADOR. *(Batendo as palmas)* Vamos começar. *(Ao Contra-Regra)* Não falta ninguém?

CONTRA-REGRA. Falta a primeira Actriz.

ENCENADOR. Como de costume: *(Olha para o relógio)* Já temos dez minutos de atraso. Tome nota, vamos. Talvez assim aprenda a chegar à hora.

1.^a ACTRIZ. *(Vem pela sala, a correr, vestida de branco, com um chapéu grande e excêntrico e um lindo cãozinho nos braços. Sobe à pressa uma das escadas, até chegar ao pé do Encenador.)*

ENCENADOR. A senhora tem empenho em nos fazer esperar sempre.

1.^a ACTRIZ. Desculpe! Procurei em toda a parte um táxi para chegar a tempo! Mas vejo que não começaram ainda, e eu não entro nas primeiras cenas... *(Chama o Contra-Regra a quem entrega o cão)* Feche-o no meu camarim, sim?

CONTRA-REGRA. *(Resmungo)* Já cá fazia falta o bicho, como se houvesse aqui poucos «animais».

ENCENADOR. Vamos, depressa, ao segundo acto do «Jogo dos papéis!» *(Senta-se na poltrona)* Atenção, meus senhores! Quem entra nesta cena? *(Os Actores deixam livre a frente do palco e sentam-se dos lados. Ficam os três*

que vão ensaiar e a 1.ª Actriz, que, sem atender ao pedido do Encenador, se senta ao pé de um dos Actores, à mesa na cena.)

(À 1.ª Actriz) Estou a ver que a senhora entra nesta cena!

1.ª ACTRIZ. Eu? Não.

ENCENADOR. (*Enfadado*). Então, vá-se embora, valha-me Deus! (*Ao Ponto*) Comece! Comece!

PONTO. (*Lê*) «Em casa de Leone Gala. Uma estranha sala de jantar e de estudo».

ENCENADOR. (*Ao Contra-Regra*) A mobília vermelha pode servir.

CONTRA-REGRA. (*Assenta num papel*) A vermelha. Está bem.

PONTO. «Mesa posta e secretária com livros e papéis. Estantes e vitrinas cheias de rica baixela. Porta ao fundo, pela qual se entra no quarto de Leone. À direita, porta da cozinha. A principal à esquerda».

ENCENADOR. (*Levanta-se e indica*) Portanto, vejam bem; aí a principal. Deste lado, a cozinha. (*Ao Actor que interpreta o papel de Sócrates*) Você entra e sai por esta porta (*Ao Contra-Regra*) Mande pôr o biombo e colocar as cortinas. (*Senta-se*).

CONTRA-REGRA. Está muito bem.

PONTO. «Primeira cena. Leone Gala, Guido Venanzi e Filippo, por alcunha Sócrates». (*Ao Encenador*) Devo ler a rubrica?

ENCENADOR. Pois claro! Já lho disse milhares de vezes!

PONTO. (*Lê*) «Ao levantar-se o pano, Leone Gala, de boné de cozinheiro e avental branco, está ocupado a bater, com uma colher de pau, um ovo dentro duma tigela. Filippo, também vestido de cozinheiro, bate outro ovo, Guido Venanzi, sentado, escuta».

1.º ACTOR. Peço desculpa, mas é absolutamente necessário que eu ponha na cabeça o boné?

ENCENADOR. Claro que sim! Não está escrito aí?

1.º ACTOR. Mas é ridículo!

ENCENADOR. (*Levantando-se, enfurecido*) «Ridículo! Ridículo!» (*com ironia*) O que é que o Senhor quer que lhe faça, se da França já não nos chega nem uma comédia que preste, e estamos reduzidos a representar as peças de Pirandello, que ninguém percebe, feitas de propósito para que nunca fiquem satisfeitos, nem o público, nem os ACTORES, nem a crítica? (*Os Actores riem. Então ele levanta-se e dirige-se ao 1.º Actor*) Sim senhor, o boné de cozinheiro! E bata os ovos! Julga o senhor que, por estar a bater os ovos, não terá mais nada a fazer? Então está servido! Tem que representar até a casca dos ovos que cozinha! (*Aos Actores*) Silêncio! E explico, estejam com atenção! (*Ao 1.º Actor*) Sim senhor, a casca: isto é

a «forma vazia da razão», sem o recheio do instinto, que é cego! «Você é a razão», e a sua mulher, o instinto: isto num jogo de papéis, destinados, no qual o senhor, que representa o seu papel, é propositadamente o fantoche de si próprio. Percebeu?

1.º ACTOR. Nada!

ENCENADOR. Nem eu! (*Voltando para o seu lugar*) Mas adiante, que vocês, no fim, ainda me hão-de louvar! (*Em tom de confidência*) e tome nota, coloque-se a três quartos, pois de contrário, entre as extravagâncias do diálogo e você, que não se deixará ouvir pelo público, vai tudo por água abaixo! (*A todos*) Atenção, atenção!

Fernando de ROJAS. Excerto de «Quarto acto», in *A Celestina*. Tradução de José Bento. [1499] 1988. Lisboa: Assírio & Alvim. 57-58.

CELESTINA — Donzela graciosa e de alta linhagem! Tua suave fala e alegre rosto, juntamente com a disposição de liberalidade que mostras a esta pobre velha, dão-me ousadia para to dizer. Eu deixo um doente a morrer, que só com uma palavra saída da tua nobre boca, que eu leve metida no meu seio, podes estar certa que ficará curado, pela muita devoção que tem pela tua gentileza.

MELIBEIA — Velha honrada, não te entendo, se não explicas melhor o teu pedido. Por uma parte irritas-me e fazes-me zangar; por outra, causas a minha compaixão. Não saberia dar-te uma resposta conveniente, pelo pouco que da tua fala compreendia. Fico satisfeita, se a minha palavra for necessária para a saúde de algum cristão. Porque fazer o bem é ser semelhante a Deus, e mais porque o que faz bem recebe-o quando o faz a alguém que o merece, e o que pode sarar o que padece, se não o fizer, mata-o. Assim, não cesses a tua petição por vergonha ou temor.

CELESTINA — Perdi o temor ao olhar a tua beleza, senhora. Que não posso crer que em vão pintasse Deus uns rostos mais perfeitos que outros, mais dotados de graças, mais formosas feições, senão para os fazer armazém de virtudes, de misericórdia, de compaixão, servidores de suas mercês e dádivas, como a ti. Embora todos sejamos humanos, nascidos para morrer, e seja certo que não se pode chamar nascido o que para si só nasceu. Porque seria semelhante aos animais irracionais, nos quais mesmo há alguns piedosos, como se diz do unicórnio, que se humilha a qualquer donzela, e do cão, que, com todo o seu ímpeto e ferocidade, quando vem para morder, se se deitam no chão, não faz mal; isto por piedade. E as aves? O galo não come nenhuma coisa que não reparta, chamando as galinhas para comer. O pelicano rasga o peito para dar de comer aos filhos as próprias entranhas. As cegonhas sustentam tanto tempo os pais velhos no ninho quanto eles as alimentaram quando eram pequeninas. E se tal entendimento deu a natureza aos animais

e às aves, porquê os homens temos de ser mais cruéis? Porque não damos parte dos nossos dons e pessoas ao nosso próximo, principalmente quando estão envoltos em secretas enfermidades, tais que onde está a mezinha saiu a causa da doença?

MELIBEIA — Por Deus, sem mais demora, diz-me quem é esse doente que padece de um mal tão complexo que o seu tormento e o seu remédio saem de uma mesma fonte.

CELESTINA — Já deverás ter ouvido falar, senhora, nesta cidade de um jovem cavalheiro, gentil homem de claro sangue, chamado Calisto.

MELIBEIA — Já, já, já! Boa velha, não me digas mais nada, não vás mais longe. Esse é o doente por quem fizeste tantos preâmbulos no teu pedido, por quem vieste buscar a tua morte, por quem deste passos tão perigosos, barbuda sem vergonha? De que sofre esse perdido, que com tanto interesse vens? O seu mal deve ser a loucura. Que te parece? Se me tivesses encontrado sem eu suspeitar já desse louco, com que palavras me convencias! Não é em vão que se diz que a parte mais nociva do homem ou da mulher perversos é a língua. Queimada sejas, alcoviteira falsa, feiticeira, inimiga da honestidade, causadora de secretos erros! Jesus, Jesus! Leva-ma daqui, Lucrecia, da minha frente, que eu morro, pois não deixou no meu corpo uma gota de sangue. Bem merece isto e mais ainda quem dá ouvidos a mulheres como esta. Por certo, se eu não olhasse à minha honestidade e a tornar público o descaramento desse atrevido, eu faria, malvada, que tua razão e tua vida acabassem num só momento.

Numa maravilhosa noite, o não menos maravilhoso amanuense Ivan Dmitritch Tcherviakov assistia, na segunda fila da plateia, à opereta «Os Sinos de Corneville». Olhava para o palco através de um binóculo e sentia-se o mais feliz dos homens. Mas, de repente... Este «mas, de repente...» aparece nas histórias com muita frequência. E não sem razão: a vida está cheia de surpresas!... Mas, de repente, contraiu o rosto mostrando o branco dos olhos e sustendo a respiração, afastou a mão com que segurava o binóculo, dobrou o corpo e... Atchim!!! É verdade, deu um espirro. Uma pessoa tem o direito de espirrar onde quer que esteja. Espirram os camponeses, os comissários da polícia e, por vezes, até os próprios conselheiros privados. Toda a gente espirra. Tcherviakov não se embarçou absolutamente nada com o caso. Limpou o rosto a um lenço e, como era um homem de boas maneiras, passeou os olhos em torno de si para ver se não teria incomodado alguém com o seu espirro. E então é que viu algo que o fez sentir-se embaraçado: um velho sentado na primeira fila, mesmo à frente dele, enxugava cuidadosamente a calva e o pescoço com uma luva, murmurando qualquer coisa entre dentes. Tcherviakov reconheceu no velho o general Brizjalov, alto funcionário do Ministério dos Transportes Ferroviários.

«Salpiquei-o! É certo que não sou subordinado dele, mas de qualquer forma foi uma indelicadeza. Tenho que pedir-lhe desculpa.»

Tcherviakov tossiu, inclinou-se mais para a frente e cochichou ao ouvido do general:

— Perdoe-me o descuido, Vosselência. Salpiquei-o... mas não foi de propósito...

— Não é nada, não é nada...

— Queira desculpar. Foi sem querer, acredite...

— Pronto, não se fala mais nisso. Deixe-me ouvir!

Confuso, Tcherviakov sorriu estupidamente e tornou a fixar o olhar no palco. Porém, já não gozava a felicidade de pouco antes. Começou a atormentá-lo um certo desassossego. No intervalo, acercou-se de Brizjalov, andou algum tempo à sua volta e, vencendo, por fim, a timidez, balbuciou:

— Há pouco salpiquei Vossa Excelência... Peço-lhe desculpa... É que não foi por...

— Ora, deixe-se disso! Já nem me lembrava da coisa e o senhor vem agora bater na mesma tecla! — replicou o general, fazendo um trejeito de impaciência com o lábio inferior.

«Ai que não se lembrava! Então porquê aquela malícia nos olhos? — interrogava-se Tcherviakov, espiando o general com desconfiança. — E nem quer falar, corta-me logo a palavra... Tenho que explicar-lhe que foi sem querer... por força de uma lei natural. Senão fica a pensar que lhe cuspi. Se esta ideia ainda não lhe ocorreu acabará por ocorrer-lhe mais tarde...»

Ao chegar a casa, Tcherviakov falou à mulher da grosseria que tinha praticado. Ela não se preocupou muito com o caso. A princípio, mostrou-se assustada, mas logo sossegou quando soube que Brizjalov era doutro ministério.

— Mas o melhor é ir pedir-lhe desculpa — opinou. — Para que não julgue que não sabes portar-te em público.

— Isso mesmo! Já tentei desculpar-me, mas ele... não sei... Não se expressou claramente. De resto, não havia tempo para conversas.

No dia seguinte, Tcherviakov vestiu uma nova casaca, cortou o cabelo e foi explicar-se... Quando entrou no gabinete do general, viu ali reunidas muitas pessoas, entre as quais estava o próprio Brizjalov. Este atendia já os requerentes. Depois de despachar alguns, levantou os olhos para Tcherviakov.

— Ontem, no «Arcádia», não sei se Vosselência se lembra — começou o amanuense —, dei um espirro e... salpiquei-o, por acaso... Des...

— Que tolice! O senhor tem cada uma! — O general voltou-se para outro requerente. — Em que lhe posso ser útil?

Tcherviakov empalideceu. «Nem me dás ouvidos! Decerto que estás agastado... — dizia para com os seus botões. — Não, as coisas não podem ficar neste pé. Tenho que fazer-lhe ver...»

Quando o general acabou de falar com o último requerente e se dirigiu para os aposentos interiores, Tcherviakov foi-lhe no encaço.

— Excelência! Se me atrevo a incomodar Vossa Excelência é unicamente por estar arrependido da minha falta. Saiba que não foi intencional.

De cara chorosa, o general fez com a mão um gesto de enfado. — O senhor está a fazer troça de mim! — lançou, desaparecendo atrás de uma porta.

«Qual troça, qual carapuça! Acaso pode haver troça da minha parte?! Muito me admira que, sendo um general, não compreenda isso. Bom, nesse caso não pedirei mais desculpas a este fanfarrão. Que vá para o diabo! Mando-lhe uma carta e pronto. Não volto mais a falar-lhe, palavra que não volto!»

Era nesses termos que Tcherviakov raciocinava a caminho de casa. Todavia, não chegou a escrever a prometida carta. Matutou muito tempo no assunto, mas não conseguiu redigi-la. No dia seguinte, resolveu ir explicar-se outra vez.

Ante o olhar interrogativo do general, tartamudeou:

— Já estive aqui ontem... mas creia que não foi para troçar, como Vossa Excelência se dignou dizer. Queria só pedir desculpa por tê-lo salpicado com um espirro... não foi minha intenção troçar do Senhor. Acaso uma pessoa como eu ousaria fazer uma coisa dessas? Se a gente andasse a troçar, não haveria nenhum respeito... às autoridades...

— Rua! — explodiu o general, começando de repente a tremer, com o rosto congestionado.

— Como? — perguntou Tcherviakov num sussurro, entorpecido de terror.

— Rua! — berrou outra vez o general, batendo com os pés no soalho.

Tcherviakov sentiu qualquer coisa dilacerar-se-lhe nas entranhas. Sem nada ver nem ouvir, recuou até à porta, saiu para a rua e lá foi arrastando os pés. Chegou maquinalmente a casa, deitou-se no sofá sem tirar o casaco e... morreu.

Julian TUWIM. «Os óculos», in *Tuwim*. Tradução de André de la Cruz e adaptação para português europeu de Teresa Fernandes Swiatkiewicz. [1925] 2013. Lisboa: Babel Studio. 43.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Na verdade, Herr von Kremer sabia agora exactamente o que pretendia fazer e estava certo de que alcançaria o seu objectivo. Em circunstância alguma voltaria atrás — disso tinha ele a certeza absoluta.

Para começar, ele teria provavelmente de encontrar um modo de agradar à rapariga. Mas quem são eles para se darem ares de selectivos, estes filhos e filhas da terra? Especialmente os lavradores que vivem nas cabanas, ali à borda do pântano, que pedem lenços e sapatos emprestados uns aos outros quando vão à missa ao domingo. Não, nesse aspecto não tinha com o que se preocupar.

Ainda assim havia algo que lhe toldava os planos e lhe ensombrou o objectivo. Por entre a ténue luz da aurora aparecia, aqui e ali, um dedo erguido num gesto de aviso, que parecia até ameaçador, por vezes.

De início, Kremer julgou que aquelas dúvidas e hesitações provinham das lições dos Dez Mandamentos, e dedicou-se a analisar os seus motivos. Contudo, a consciência em breve se apaziguou em relação a esse ponto. *Niti-mur in vetitum* era praticamente a única frase latina que recordava desde os tempos da escola. Não é humano desejar o fruto proibido? Se aqueles velhos sábios da Bíblia, que ele lia todas as noites e sabia praticamente de cor, se mesmo esses senhores veneráveis, de entre os poucos escolhidos pelo próprio Deus, eram apenas humanos e vacilavam por vezes — então, que se poderia esperar dos fracos, dos insignificantes como Ulrich von Kremer, de Mäeküla — que se pode esperar de um verme? Afinal de contas, qual é a utilidade da religião, para que serve a penitência? Ninguém fraqueja de propósito, ou peca por pura maldade! Se alguém se desse ao trabalho de olhar para a vida de Ulrich von Kremer no passado e de examinar cuidadosamente a longa história das suas provações, certamente acreditaria na verdade destes pensamentos. Mais, reconheceria certamente que Ulrich von Kremer não é nenhum fraco, que ele se esforçou e lutou sempre como um homem. Mas há limites para tudo neste mundo — chega sempre um dia em que sentimos ter chegado ao fim das nossas forças. Um ser humano tem de ser humilde, sim, mas não pode nunca largar da mão a sua âncora.

Não. O aviso alarmante que sentia não apontava nessa direcção. Bastava ler um ou dois excertos do Grande Livro, ponderar novamente na moral que ensinavam, e Kremer concluía que estas parábolas confirmavam sempre o seu ponto de vista. Como poderia ser de outra forma? Ele chegou até a reparar que certos versos que anteriormente interpretara de forma ligeiramente diferente pareciam agora apoiar as novas opiniões, bastava estudá-los mais de perto.

Mas então, de onde vinha aquele desconfortável aviso?

O cuco começou a chamar e, pouco a pouco, Ulrich chegou à solução.

Der Anstand! Der böbere anstand! Porque tu és Ulrich von Kremer. Não podes simplesmente seduzir a mulher de um pobre lavrador às escondidas do marido. Isso seria indigno da tua linhagem. Há quem o faça, claro, mas não homens como tu. Como pudeste esquecer-te disso! Ora, se até o Radeck, de Suurpalu, que não se pode gabar de possuir a mais alta moralidade — até ele prefere, no fim de contas, que a mulher fale a verdade. Não, Ulrich, tens de comportar-te como um homem honrado. Mesmo perante um pobre lavrador. E tens de agir como um cavalheiro *antes*, e não *depois*, como fez o Radeck. Bem, não há outra solução: tens simplesmente de entrar em acordo com Tônu — *jawohl!*

Ao cabo de uma longa busca, chegara finalmente à verdade, e foi um enorme peso que se lhe levantou dos ombros.

E deste modo, terá um ponto de vantagem sobre Radeck.

Sim, assim será melhor — melhor em todos os aspectos e para todos os envolvidos. Ela é uma jovem vivaça e de língua afiada. E quem sabe o que poderá acontecer? Alguma ninharia pode vir ao de cima, algo inesperado pode acontecer — os segredos nunca são absolutamente seguros, há sempre qualquer coisa só à espera de vir a descoberto. E depois há aquele marido... É difícil dizer que espécie de homem ele será. A julgar pelas aparências, parece ser manso e sensato mas, e se se irritar; e se a raiva lhe inflamar o peito? Sabe-se lá o que poderia fazer, talvez nem ele o saiba! E mais, ainda podem voar pedras para dentro de casa, quebrando os vidros... Aliás, já é uma sorte se ele não atirar chumbo ou pegar fogo à casa! Nunca se pode ter a certeza com estes campónios... Nunca se pode confiar completamente, a laia deles tem sempre um ressentimento qualquer contra a nossa classe. Mas se o acordo for feito numa base legal segura e tudo estiver correto aos olhos da lei... Então não haverá razão para ressentimentos de qualquer das partes, e o pequeno revólver prateado pode continuar descarregado na gaveta da mesinha de cabeceira.

Escusado será dizer, claro, que a outra parte também precisará de ser compensada. Também o marido terá de sentir que lucra com o acordo — tanto quanto ela. Se todos os interesses de ambos os lados forem levados em conta, então tudo será justo e claro e a paz estará garantida.

VOLTAIRE. «Capítulo sexto», in *Cândido, ou o Optimismo*. Tradução de Rui Tavares. [1759] 2006. Lisboa: Tinta-da-china. 31-32.

*Como se fez um belo Auto-da-fé para impedir os terremotos de terra,
& como Cândido foi açoitado.*

Depois do terremoto que destruíra três quartos de Lisboa, os sábios do país não acharam meio mais eficaz de prevenir uma ruína total do que oferecer ao povo um belo Auto-da-fé; foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espectáculo de algumas pessoas queimadas em fogo brando, numa grande cerimónia, é um segredo infalível para impedir a terra de tremer.

Pegou-se por consequência num Biscainho condenado por ter casado com a sua comadre, e dois Portugueses que ao comer um frango lhe tinham tirado a gordura: e vieram amarrar depois do jantar ao professor Pangloss e ao seu discípulo Cândido, um por ter falado, e o outro por o ter escutado com ar de aprovação: ambos foram levados separadamente para apartamentos de uma extrema frescura nos quais nunca se era incomodado pelo Sol: oito dias depois foram os dois vestidos com um sambenito, e ornamentadas as suas cabeças com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido tinham pintadas chamas ao contrário, e diabos sem caudas nem garras; mas os diabos de Pangloss levavam garras e caudas, e as suas chamas eram a direito. Foram em procissão assim vestidos, e escutaram um sermão muito patético, seguido de uma bela música a duas vozes. Cândido foi açoitado em cadência enquanto se cantava; o Biscainho e os dois homens que não tinham querido comer toucinho foram queimados, e Pangloss foi enforcado, embora não fosse este o costume. No mesmo dia, a terra voltou a tremer com uma barulheira pavorosa.

Cândido, horrorizado, interdito, desamparado, todo ensanguentado, todo ofegante, dizia para si mesmo: «Se é aqui o melhor dos Mundos possíveis, como serão então os outros? Ainda vá que me tenham açoitado, já o tinha sido pelos Búlgaros; mas, ó meu querido Pangloss! o maior dos Filósofos, porque teria eu de vos ver ser enforcado sem que se saiba porquê! Ó meu querido Anabaptista! o melhor dos homens, porque teríeis vós de vos afogardes no porto! ó menina Cunegundes! pérola das raparigas, porque teriam de vos esfaquear o ventre!»

Rebolava-se, com dificuldade se sustendo, sermoadado, açoitado, absolvido e benzido, quando uma velha o abordou e lhe disse: «Meu filho, ganhe coragem, siga-me.»

CENÁRIO — *Sala de entrada em casa de Sir Robert Chiltern, em Grosvenor Square.*

O compartimento acha-se brilhantemente iluminado e cheio de convidados.

Ao cimo das escadas vê-se Lady Chiltern, uma mulher dos seus vinte e sete anos, com um tipo de beleza grega. Vai recebendo os convidados à medida que estes vão chegando. Por cima da escadaria está suspenso um lustre muito grande com velas de cera, que ilumina uma tapeçaria francesa do século XVIII, representando o Triunfo do Amor, segundo um desenho de Boucher, e que cobre a parede da escada. À direita da entrada fica a sala de música. Ouve-se o som ténue de um quarteto de cordas. A entrada da esquerda conduz às outras salas de receção. Mrs. Marchmont e Lady Basildon, duas mulheres bonitas, estão ambas sentadas num sofá Luís XVI. O tipo de ambas é de uma fragilidade extrema. A afetação das suas maneiras de uma encantadora delicadeza. Watteau gostaria de tê-las por modelos.

MRS. MARCHMONT — Vais esta noite aos Hartlocks, Margaret?

LADY BASILDON — Tenciono ir. E tu?

MRS. MARCHMONT — Também. São umas reuniões atrozmente aborrecidas, não achas?

LADY BASILDON — Horríveis! Nem sei porque vou lá. Nunca sei a razão por que vou a qualquer parte.

MRS. MARCHMONT — Eu é para me cultivar.

LADY BASILDON — Ah! É coisa que detesto.

MRS. MARCHMONT — Também eu. Isso quase equivale a nivelar-nos com as burguesas, não te parece? Mas a nossa amiga Gertrude Chiltern está sempre a dizer-me que eu devia arranjar uma finalidade séria na vida; por isso, vim cá para ver se descubro alguma.

LADY BASILDON (*olhando em redor através do lornhão*) — Esta noite não vejo aqui ninguém a quem possa chamar uma finalidade séria. O meu parceiro ao jantar passou todo o tempo a falar-me da mulher.

MRS. MARCHMONT — Que falta de originalidade!

LADY BASILDON — Horrível! De que te falou o teu?

MRS. MARCHMONT – Da minha pessoa.

LADY BASILDON (languidamente) – E o assunto interessou-te?

MRS. MARCHMONT (*abanando a cabeça*) – Absolutamente nada.

LADY BASILDON – Somos umas mártires, minha cara Margaret!

MRS. MARCHMONT (*erguendo-se*) – E que bem nos assenta o papel, Olivia!

(Levantam-se e dirigem-se à sala de música. O visconde de Nanjac, um jovem adido, célebre pelas suas gravatas e pela sua anglomania, aproxima-se com uma profunda vénia e entra na conversa.)

MASON (*anunciando os convidados, do cimo das escadas*) – Mr. e Lady Barford.
Lord Caversham.

(Entram Lord Caversham, um velho de setenta anos que ostenta a fita e a estrela da Jarreteira. Belo tipo de Whig. Lembra um retrato de Lawrence.)

LORD CAVERSHAM – Boa noite, Lady Chiltern! Viu por cá o pateta do meu filho?

LADY CHILTERN (*sorrindo*) – Não me parece que Lord Goring já tenha chegado.

MABEL CHILTERN (*dirigindo-se a Lord Caversham*) – Porque chama pateta a Lord Goring?

(Mabel Chiltern é um perfeito modelo de beldade inglesa, tipo pétala de rosa. Possui toda a fragrância e liberdade de uma flor. No seu cabelo sucedem-se as ondas luminosas e a pequena boca de lábios entreabertos lembra a boca de uma criança. Faz alarde da tirania encantadora da juventude e mostra igualmente a coragem admirável da inocência. Às pessoas normais ela não sugere nenhuma obra de arte. Mas na realidade lembra uma estatueta de Tanagra e ficaria aborrecidíssima se alguém lho dissesse.)

LORD CAVERSHAM – Porque não faz nada na vida.

MABEL CHILTERN – Como pode dizer uma coisa dessas? Ele passeia a cavalo no Row às dez da manhã, vai à Ópera três vezes na semana, muda de fato pelo menos umas cinco vezes ao dia e janta fora todas as noites. Acha que isto é não fazer nada?

LORD CAVERSHAM (*fitando-a com olbos maliciosos*) – Está uma linda senhora!

MABEL CHILTERN – Como é amável, Lord Caversham! Deve vir cá mais vezes. Sabe que recebemos sempre às quartas-feiras, e a estrela fica-lhe tão bem!

LORD CAVERSHAM – Não vou a parte nenhuma. Estou farto da sociedade de Londres. Preferia que me apresentassem o meu alfaiate; esse vota sempre com acerto. Mas não consentiria em jantar com a modista de Lady Caversham. Nunca pude suportar os chapéus que ela faz à minha mulher.

MABEL CHILTERN – Oh, eu adoro a sociedade de Londres! Acho que tem progredido imenso. Presentemente compõe-se de belos idiotas e de malucos geniais. Exatamente como deve ser uma sociedade.

LORD CAVERSHAM – Hum! E o que é o Goring? Um belo idiota ou um maluco?

MABEL CHILTERN (*gravemente*) – Até à data, fui obrigada a colocar Lord Goring numa classe inteiramente à parte. Mas vai progredindo muito bem!

LORD CAVERSHAM – Em quê?

MABEL CHILTERN (*com uma ligeira vénia*) – Espero dar-lho a conhecer em breve, Lord Caversham!

MASON (*anunciando mais convidados*) – Lady Markby, Mrs. Cheveley.

(Entram Lady Markby e Mrs. Cheveley. Lady Markby é uma senhora simpática, amável, comunicativa, com cabelos grisalhos penteados à moda antiga e que ostenta rendas verdadeiras. Mrs. Cheveley, que a acompanha, é alta e um tanto magra. De lábios finos e muito pintados, a marcarem um traço escarlate no rosto pálido. Cabelo loiro veneziano, nariz aquilino e pescoço comprido. O vermelho das faces acentua a palidez natural da pele. Olhos cinzento-esverdeados sempre em movimento. O seu vestido é cor de heliotrópio e as joias são de brilhantes. Faz lembrar uma orquídea e desperta altamente a curiosidade. Todos os seus movimentos são extremamente graciosos. Uma obra de arte, no seu conjunto, mas que mostra a influência de demasiado número de escolas.)

LADY MARKBY – Boa noite, querida Gertrude! Foste muito amável em consentires que trouxesse a minha amiga Mrs. Cheveley. Duas mulheres tão encantadoras como as senhoras, não havia direito de não se conhecerem!

(4)
POESIA SOBRE POESIA

Rafael ALBERTI. «Tu fizeste aquela obra», in *Três Momentos da Poesia Europeia: De Safo e Píndaro a Ungaretti e Salinas*. Tradução de Albano Martins. [1970] 2012. Porto: Afrontamento. 165-166.

Texto sujeito a Direitos de Autor

1447 a — Falaremos da arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem; de como se devem estruturar os enredos, se se pretender que a composição poética seja bela; e ainda da natureza e do número das suas partes. E falaremos igualmente de tudo o mais que diga respeito a este estudo, abordando, naturalmente, em primeiro lugar, os princípios básicos.

A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações. Diferem entre si em três aspectos: ou porque imitam por meios diversos ou objectos diferentes ou de outro modo e não do mesmo. Assim como uns imitam muitas coisas, reproduzindo-as (por arte ou por experiência) através de cores e figuras e outros através da voz, assim também, nas artes mencionadas, todas realizam imitação por meio do ritmo, das palavras e da harmonia, separadamente ou combinadas. Se a música de flauta e de cítara e algumas outras artes similares, como a música de siringe, conseguem expressividade usando apenas a harmonia e o ritmo, a música dos dançarinos [imita], pelo ritmo em si, sem harmonia (pois os dançarinos, através de movimentos ritmados, imitam não só caracteres mas também emoções e acções).

[37-38]

1448 a — Uma vez que quem imita representa os homens em acção, é forçoso que estes sejam bons ou maus (os caracteres quase sempre se distribuem por estas categorias, isto é, todos distinguem os caracteres pelo vício e pela virtude) e melhores do que nós ou piores ou tal e qual somos, como fazem os pintores: Polignoto desenhava os homens mais belos, Páuson mais feios, e Dionísio tal e qual eram. É evidente que cada uma das espécies de imitação mencionadas terá estas variações e, assim, será diferenciada por imitar objectos diferentes. Na dança e na música de flauta e de cítara, podem realmente ocorrer estas diferenças e o mesmo se passa na prosa e na poesia sem acompanhamento musical. Assim, Homero representa os homens melhores

do que são e Cleofonte como são, enquanto Hegémon de Tasos, o primeiro que escreveu paródias, e Nicócares, o autor de *Deiliada*, os representam piores. Acontece o mesmo nos ditirambos e nos nomos: podem representar-se os Ciclopes à maneira de Timóteo ou de Filóxeno. Também a tragédia se distingue da comédia neste aspecto: esta quer representar os homens inferiores, aquela superiores aos da realidade.

[39-40]

1449 b — A comédia é, como dissemos, uma imitação de caracteres inferiores, não contudo em toda a sua vileza, mas apenas na parte do vício que é ridícula. O ridículo é um defeito e uma deformação nem dolorosa nem destruidora, tal como, por exemplo, a máscara cômica é feia e deformada mas não exprime dor. As transformações da tragédia e os autores dessas transformações não são desconhecidos, enquanto que a história da comédia nos escapa por esta não ter recebido, no princípio, muita atenção. Só muito tarde o arconte forneceu um coro de comediantes que, até aí, eram voluntários. Quando a comédia já tinha uma forma definida é que os chamados poetas cômicos são lembrados. Desconhece-se, porém, quem introduziu na comédia as máscaras, os prólogos, o número de actores e outras coisas deste género. Quanto a compor enredos, [como Epicarmo e Fórmis] esse costume veio, em primeiro lugar, da Sicília e, em Atenas, Crates foi o primeiro que, abandonando a forma iâmbica, tomou a iniciativa de compor histórias e enredos com um sentido geral.

A epopeia segue de perto a tragédia por ser também imitação, com palavras e ajuda de metro, de caracteres virtuosos. Todavia, difere desta por ter um metro uniforme e por ser uma narrativa. Diferem ainda quanto à extensão: uma esforça-se o mais possível por durar uma só revolução do sol ou demorar pouco mais, enquanto a epopeia, não tendo limite de tempo, é diferente neste aspecto. Contudo, primitivamente, procediam de igual modo nas tragédias e nas epopeias. No que respeita às partes constitutivas, umas são comuns, outras são específicas da tragédia; por isso, quem distingue uma boa de uma má tragédia sabe também fazê-lo nas epopeias. Os elementos que a epopeia contém encontram-se todos na tragédia, mas os elementos da tragédia não figuram todos na epopeia.

[45-47]

1449 b - 1450 a — Trataremos da arte de imitar em hexâmetros e da comédia mais tarde. Falemos, porém, da tragédia, retirando do que já foi dito a definição da sua essência. A tragédia é a imitação de uma acção elevada e completa,

dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões.

Por «linguagem embelezada» entendo a que tem ritmo, harmonia [e canto] e «por formas diferentes» haver algumas partes executadas apenas com metros, enquanto outras incluem o canto. Uma vez que a imitação é realizada por pessoas que actuam, a organização do espectáculo será necessariamente, em primeiro lugar, uma parte da tragédia; depois, a música e a elocução, pois é através destes elementos que realizam essa imitação. Considero elocução a própria combinação dos metros; e música tem um sentido absolutamente claro. Como a tragédia é a imitação de uma acção e é realizada pela actuação de algumas pessoas que, necessariamente, são diferentes no carácter e no pensamento (é através disto que classificamos as acções [são duas as causas das acções: o pensamento e o carácter] e é por causa destas acções que todos vencem ou fracassam), o enredo é a imitação da acção, entendendo aqui por enredo a estruturação dos acontecimentos, enquanto os caracteres são o que nos permite dizer que as pessoas que agem têm certas qualidades e o pensamento é quando elas, por meio da palavra, demonstram alguma coisa ou exprimem uma opinião.

É necessário, portanto, que toda a tragédia tenha seis partes pelas quais é definida. São elas: enredo, caracteres, elocução, pensamento, espectáculo e música. Duas partes constituem os meios de imitar; uma parte, o modo; três os objectos da imitação; e para além disto, nada mais existe. Foram muitos, sem dúvida, os que tiveram de escrever com estes elementos, pois tudo tem espectáculo, carácter, enredo e elocução, bem como canto e pensamento. Mas o mais importante de todos é a estruturação dos acontecimentos. É que a tragédia não é a imitação dos homens mas das acções e da vida [tanto a felicidade como a infelicidade estão na acção, e a sua finalidade é uma acção e não uma qualidade: os homens são classificados pelo seu carácter, mas é pelas suas acções que são infelizes ou o contrário]. Aliás, eles não actuam para imitar os caracteres mas os caracteres é que são abrangidos pelas acções. Assim, os acontecimentos e o enredo são o objectivo da tragédia e o objectivo é o mais importante de tudo. Além disso, não haveria tragédia sem acção, mas poderia haver sem caracteres. As tragédias da maior parte dos poetas modernos não têm caracteres e o mesmo acontece com muitos poetas de um modo geral e assim também, entre os pintores, com Zêuxis em oposição a Polignoto: é que Polignoto é um bom pintor de caracteres, enquanto que a pintura de Zêuxis não tem nenhum carácter. Além disso, se um poeta juntar palavras que exprimem carácter e que estão bem elaboradas quanto à elocução e ao

pensamento, não realizará a função da tragédia, uma vez que esta, mesmo sendo inferior nesses aspectos, consegue muito mais porque tem enredo e estruturação das acções. De todos estes elementos, aqueles em que a tragédia exerce maior atracção são as partes do enredo, isto é, as peripécias e os reconhecimentos. Mais uma prova disso é que os autores principiantes conseguem, em primeiro lugar, aperfeiçoar-se na elocução e nos caracteres e, só depois, estruturar as acções; e o mesmo acontece com quase todos os poetas antigos.

[47-50]

1450 b - 1451 a — Determinadas estas partes, vejamos então qual deve ser a estruturação dos acontecimentos, uma vez que este é o primeiro e mais importante elemento da tragédia. Já estabelecemos que a tragédia é a imitação de uma acção completa que forma um todo e tem uma certa extensão: na verdade, pode ser um todo e não ter extensão. Ser um todo é ter princípio, meio e fim. Princípio é aquilo que, em si mesmo, não sucede necessariamente a outra coisa, mas depois do qual aparece naturalmente algo que existe ou virá a existir. Pelo contrário, fim é aquilo que aparece depois de outra coisa, necessariamente ou na maior parte dos casos, e a que não se segue nada. Meio é aquilo que é antecedido por um e seguido pelo outro. Portanto, é necessário que os enredos bem estruturados não comecem nem acabem ao acaso, mas sim apliquem os princípios anteriormente expostos. Além disso, uma coisa bela — seja um animal seja toda uma acção —, sendo composta de algumas partes, precisará não somente de as ter ordenadas, mas também de ter uma dimensão que não seja ao acaso: a beleza reside na dimensão e na ordem e, por isso, um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo), nem demasiado grande (a vista não abrange tudo e, assim, escapa à observação de quem vê a unidade e a totalidade), como no caso de um animal que tivesse milhares de estádios de comprimento. E assim, tal como em relação aos corpos e aos animais é necessário que tenham uma dimensão que possa ser abrangida por só um olhar, também em relação aos enredos será necessária uma duração determinada, fácil de recordar. Os limites da extensão, de acordo com os concursos e a faculdade de percepção, não são do âmbito da arte, pois, se fosse preciso apresentar a concurso cem tragédias, competiriam perante as clepsidras como aconteceu algumas vezes, segundo dizem. Pela própria natureza da acção, em matéria de duração, o limite mais amplo, desde que se seja perfeitamente claro, é sempre o mais belo.

Para dar uma definição em termos genéricos, o limite conveniente da extensão é que esta seja tal que reúna, de acordo com o princípio da verosimilhança e da necessidade, a sequência dos acontecimentos.

Se houver uma só personagem, isso não implica, como pensam alguns, unidade de enredo. Com efeito, numa só pessoa concentra-se uma infinidade de acontecimentos, alguns dos quais não se podem reduzir a uma unidade; e também há muitas acções de uma só pessoa com as quais não se forma uma acção única. Por isso, parece terem errado todos os poetas que compuseram uma *Heracleida*, uma *Teseida* ou outros poemas do mesmo género. Pensam eles que, sendo Héracles um só homem, a sua história deveria ser também una. Mas Homero, assim como se distingue no mais, também parece que compreendeu isto bem, devido à sua arte ou ao seu talento: ao compor a *Odisseia*, não narrou tudo o que aconteceu a Ulisses como, por exemplo, que ele foi ferido no Parnaso e que fingiu estar louco na assembleia, acontecimentos entre os quais não existia qualquer ligação necessária ou aparente. Pelo contrário, compôs a *Odisseia* e igualmente a *Iliada* centradas numa acção una, como nós o entendemos.

Portanto, assim como nas outras artes imitativas a um só objecto corresponde uma só imitação, também o enredo, como imitação que é de uma acção, deve ser a imitação de uma acção una, que seja um todo, e que as partes dos acontecimentos se estructurem de tal modo que, ao deslocar-se ou suprimir-se uma parte, o todo fique alterado e desordenado. Realmente aquilo cuja presença ou ausência passa despercebida não é parte de um todo.

Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verosimilhança e da necessidade. O historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso (se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente nada o seu carácter de História). Diferem é pelo facto de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer. Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular.

[51-54]

1452 a — Uma vez que a imitação representa não só uma acção completa mas também factos que inspiram temor e compaixão, estes sentimentos são muito [mais] facilmente suscitados quando os factos se processam contra a nossa expectativa, por uma relação de causalidade entre si. Desta forma, a imitação será mais surpreendente do que se surgisse do acaso e da sorte,

pois os factos accidentais causam mais admiração quando parece que acontecem de propósito, como, por exemplo, a estátua de Mítis, em Argos, ter sido a causadora da morte de Mítis, quando ele assistia a um festival, caindo-lhe em cima. Tais factos parecem não acontecer por acaso; portanto, enredos deste género são necessariamente mais belos.

Há enredos simples e complexos, pois as acções que os enredos imitam, apresentam, pela sua própria natureza, uma distinção similar. Considero acção simples aquela que, como foi definido, é coerente e una e em que a mudança de fortuna se produz sem peripécias nem reconhecimento. Será complexa quando a mudança for acompanhada de reconhecimento ou peripécias ou ambas as coisas. E estas coisas devem surgir da própria estrutura do enredo, de forma a que resultem de acontecimentos anteriores e ocorram de acordo com o princípio da necessidade e da verosimilhança: é muito diferente uma coisa acontecer por causa de outra ou depois de outra.

Peripécia é, como foi dito, a mudança dos acontecimentos para o seu reverso, mas isto, como costumamos dizer, de acordo com o princípio da verosimilhança e da necessidade. Assim, no *Édipo*, o mensageiro que chega com a intenção de alegrar Édipo e de o libertar dos seus receios em relação à mãe, depois de revelar quem ele era, produziu o efeito contrário. E no *Linceu*, Linceu é levado como quem vai para a morte e Dânao segue-o como quem vai matá-lo, mas o desenrolar dos acontecimentos leva à morte deste e à salvação daquele.

[56-57]

1452 b - 1453 a — Portanto, estas são duas partes do enredo: peripécia e reconhecimento. A terceira é o sofrimento. Dentre elas, já se falou da primeira e da segunda; o sofrimento é um acto destruidor ou doloroso, tal como as mortes em cena, grandes dores e ferimentos e coisas deste género.

Falámos já das partes da tragédia que devem ser consideradas como seus elementos essenciais mas, quantitativamente, as partes em que se divide a tragédia são estas: prólogo, episódio, êxodo, parte coral e, dentro desta, o párodo e o estásimo, que são comuns a todas as tragédias, e ainda o que é cantado a partir da cena e as lamentações, que são próprias apenas de algumas tragédias. Prólogo é a parte completa da tragédia entre dois cantos completos do coro; êxodo é a parte completa da tragédia depois da qual não há canto do coro.

Na sequência do que foi dito, é necessário referir agora o que se deve visar e o que se deve evitar na composição dos enredos e ainda de que modo será cumprida a função da tragédia. Dado que a composição da tragédia

mais perfeita não deve ser simples, mas complexa, e que a mesma deve imitar factos que causem temor e compaixão (porquanto essa é a característica desta espécie de imitações), é evidente, em primeiro lugar, que se não devem representar os homens bons a passar da felicidade para a infelicidade, pois tal mudança suscita repulsa, mas não temor nem piedade; nem os maus a passar da infelicidade para a felicidade, porque uma tal situação é de todas a mais contrária ao trágico, visto não conter nenhum dos requisitos devidos, e não provocar benevolência, compaixão ou temor; nem tão-pouco os muito perversos a resvalar da fortuna para a desgraça. Uma tal composição poderia despertar simpatia mas não a compaixão nem o temor, pois aquela diz respeito ao homem que é infeliz sem o merecer, e este aos que se mostram semelhantes a nós; a compaixão tem por objecto quem não merece a desdita, e o temor visa os que se assemelham a nós; por conseguinte, o caso presente não causa compaixão nem temor. Restam-nos então aqueles que se situam entre uns e outros. Essas pessoas são tais que não se distinguem nem pela sua virtude nem pela justiça; tão-pouco caem no infortúnio devido à sua maldade ou perversidade, mas em consequência de um qualquer erro, integrando-se no número daqueles que gozam de grande fama e prosperidade, como Édipo e Tiestes, ou outros homens ilustres oriundos de famílias com esse mesmo estatuto. É, pois, forçoso que um enredo, para ser bem elaborado, seja simples de preferência a duplo, como pretendem alguns, e que a mudança se verifique, não da infelicidade para a ventura, mas, pelo contrário, da prosperidade para a desgraça, e não por efeito da perversidade, mas de um erro grave, cometido por alguém dotado das características que defini, ou de outras melhores, de preferência a piores.

[59-61]

1453 b — O temor e a compaixão podem, realmente, ser despertados pelo espectáculo e também pela própria estruturação dos acontecimentos, o que é preferível e próprio de um poeta superior. É necessário que o enredo seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu; isto precisamente sentirá quem ouvir o enredo do *Édipo*. Mas produzir este efeito através do espectáculo revela menos arte e está dependente da encenação. E os que, através do espectáculo, não produzem temor mas apenas terror, nada têm de comum com a tragédia: não se deve procurar na tragédia toda a espécie de prazer, mas a que lhe é peculiar.

[63]

1454 a-1454 b — Tanto nos caracteres como na estrutura dos acontecimentos, deve-se procurar sempre ou o necessário ou o verosímil de maneira que uma personagem diga ou faça o que é necessário ou verosímil e que uma coisa aconteça depois de outra, de acordo com a necessidade ou a verosimilhança. É claro que o desenlace dos enredos deve resultar do próprio enredo e não de uma intervenção *ex machina*, como na *Medeia* ou como na *Ilíada* na altura do embarque.

[68]

1455 b — Depois disto e dados os nomes às personagens, é preciso introduzir os episódios: deste modo, os episódios serão apropriados como, no caso de Orestes, a loucura devido à qual foi preso, e a salvação por causa de ser purificado. Na verdade, nos dramas, os episódios são curtos, enquanto que a epopeia é alongada por eles. Com efeito, o argumento da *Odisseia* não é longo: certo homem anda errante muitos anos fora do seu país, vigiado por Poséidon e sozinho, e, entretanto, em sua casa, os seus bens são desbaratados por pretendentes que conspiram também contra o seu filho. Então, chega ele, depois de sofrer uma tempestade e, dando-se a conhecer a alguns, ataca e salva-se, matando os seus inimigos. Isto é o enredo propriamente dito; tudo o mais são episódios.

[74]

1456 b — Diz respeito ao pensamento tudo o que tem de ser expresso pela palavra. Faz parte disto demonstrar, refutar, despertar emoções (como compaixão, temor, cólera e outras similares) e também engrandecer ou minimizar. É evidente que também nas acções se deve partir destes mesmos princípios quando for necessário conseguir efeitos de compaixão, temor, grandiosidade ou verosimilhança. A única diferença é que estes devem ser revelados sem explicação verbal, enquanto os outros são conseguidos, através de palavras, pelo seu emissor, e derivam dessas palavras. Qual seria, na verdade, o papel de quem fala, se o efeito pretendido já fosse evidente mesmo sem as palavras?

Do que respeita à elocução, um aspecto a considerar são as variantes da entoação, mas conhecê-las é próprio do actor e de quem é especialista neste assunto, como, por exemplo, o que é uma ordem, uma súplica, uma narração, uma ameaça, uma pergunta, uma resposta e outras coisas semelhantes. O conhecimento ou desconhecimento destas coisas não é motivo para que se faça uma séria censura à arte do poeta. Realmente, quem consideraria erro o que Protágoras censura a Homero, a saber, que, pensando fazer uma prece,

dá uma ordem ao dizer «canta, ó deusa, a cólera»? É que mandar fazer ou não alguma coisa, diz ele, é uma ordem.

Considere-se, pois, ser este estudo próprio de outra arte que não da arte poética.

[78-79]

Lucian BLAGA. «O versificador», in *Nas Cortes da Saudade: Antologia poética*.
Tradução de Micaela Ghiteșcu. [1976] 1999. Coimbra: Minerva. 140.

Texto sujeito a Direitos de Autor

William BLAKE. «O Tigre», in *Canções de Inocência e de Experiência Mostrando os dois Estados Contrários da Alma Humana*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. [1794] 2009. Lisboa: Assírio & Alvim. 88.

Tigre Tigre, brilho em brasa,
Que a floresta à noite abrasa:
Que olho eterno ou mão podia,
Traçar-te a fera simetria?

Em que longe lerna ou céus,
Arde o fogo de olhos teus?
Em que asas ousa ele ir?
Que mão ousa o fogo asir?

E qual ombro, & qual arte,
Pode os tendões do cor vergar-te?
Quando a bater teu cor se pôs,
Que atroz mão? que pé atroz?

Qual martelo? qual o grilho,
Foi teu cér'bro em que forninho?
Que bigorna? que atra garra,
Teu mortal terror amarra!

Quando estrelas dardejaram
E com seu pranto os céus molharam:
Sorriu vendo o feito o obreiro?
Quem fez a ti fez o Cordeiro?

Tigre Tigre brilho em brasa
Que a floresta à noite abrasa:
Que olho eterno ou não podia,
Ousar-te a fera simetria?

(Florença, 15—)

Podia ter pintado quadros como esse jovem
que tanto elogias. A minha alma exulta! Nada
me impediu — ao pensar nisto sinto tristeza e alívio!
Nunca o Destino me proibiu pelas estrelas
de irromper na tua noite em fogo
de inspiração divina; nem a minha carne recusaria
servir a alma de olhos erguidos
e abertos para o céu ou como súbito trovão mergulhar
no centro de um instante ou
mover-me em volta interrogativo e calmo, sondando
a amplitude e o limite, o espaço e as fronteiras
da verdade no homem manifesta.
É como esse jovem que tanto elogias, tudo o que eu via
podiam meus dedos ter lançado sobre a tela
em cada rosto cumprida a lei duma paixão e
cada paixão claramente proclamada sem voz.
A Esperança de repente em novo alento erguida
na ponta dos pés a receber as bênçãos dum abraço;
ou o Êxtase de olhos baixos enquanto a sua prole
tortura o coração da pomba ao ninho recolhida;
ou a Confiança de súbito iluminando a fronte
e cerrando bem a boca como fortaleza firme...
Ó rostos humanos, já transbordou a minha taça?
Deram-me alguma coisa que eu tivesse desperdiçado?
Não nego que sonhei (e tão nitidamente!)
partir em cada nova tela ao encontro
(fazendo pulsar mais corações em novos peitos)
do Papa ou do Kaiser para leste, oeste, sul ou norte
rumo ao grande País satisfeito e pacífico
ou ao pequeno burgo esperançoso e risonho.

Haviam de deitar flores sobre o carro onde iam meus quadros
por ruas antigas de novo nomeadas depois disso
até chegar à casa onde um sábio ancião saudaria
o meu rosto, e um jovem de destino ainda por traçar
ficaria a meus pés em estudo recolhido!
Oh viver assim o meu quadro e eu envoltos
em amor e glória até a vida terminar
e depois em vez do céu ficar aqui,
aqui na terra onde pertenco venerado pelos homens —
tal pensamento tornou-se assustador, tão caro e impulsivo!
Uma voz porém modificou-o. Cenas de tais visões
fizeram-me receio como festins espreitados pela porta
de qualquer templo pagão onde celebram rituais!
Este mundo já não parecia o que era dantes
e à mistura com os meus fiéis amigos, de roldão surgiram...
Quem invocou aqueles rostos de frieza que começaram
a assediar-me e a julgar-me? Embora eu recuasse
como uma freira fugindo à soldadesca
empurraram-me e forçaram-me... basta!
Aquela gente compra e vende os nossos quadros, tira e dá,
faz-lhes inventário como peças de recheio ou móveis caseiros
e onde eles vivem têm que viver os nossos quadros
cúmplices da diária futilidade dos seus rostos e vozes
e motivo de discussões — «Adoro este ou detesto aquele,
este agrada-me mais, aquele impressiona-me menos!»
Escolhi por isso o meu caminho. Às vezes
o meu coração desfalece enquanto pinto monótono
estes claustros sem fim e estas naves eternas
com a mesma sequência de Virgem, Menino e Santo
com o mesmo olhar tranquilo distante e lindo.
Ao menos não vivem em mim comércios nem negócios
e ao menos o santuário sombrio protege-me
das vozes a que meus quadros são alheios.
Só as preces violam o silêncio do santuário
onde escurecendo no fumo quotidiano dos círios
minhas obras apodrecem no calcário travertino das húmidas paredes
por entre os ecos imperturbados por suaves passos.
Acabai pois quadros meus! Acabai por certo de mansinho!
Ó mocidade que tantos elogiam! Acaso o teu valor assim perdura?

Conserva a trompa soprada em fúria o seu sublime grito?
Assim, misturada com terra, a água será doce?

Miguel de CERVANTES. «Parte I, capítulo 9», in *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Miguel Serras Pereira. [1605] 2015. Lisboa: Dom Quixote. 124-127.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Louis d'Espinay d'ESTELAN. «Soneto do espelho», in *Colóquio Letras 164: Vozes da Poesia Europeia — II*. Tradução de David Mourão-Ferreira. [século XVII] 2003. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 178.

Texto sujeito a Direitos de Autor

André GIDE. *Os Moedeiros Falsos*. Tradução de Isabel St. Aubyn. [1925]
1994. Lisboa: Círculo de Leitores. 173-180.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Rodeais-me de novo, aéreos vultos,
Que à turva vista outrora vos mostrastes.
Tentarei desta vez aqui reter-vos?
E a tal ilusão inda propenso
Será meu coração? Aproximais-vos!
Pois bem, reinai potentes, ressurgidos
Da vaporosa névoa do passado;
Mágico sopro que esvoaça em torno
De vós, memórias no meu peito acorda
Da juventude e seu sentir ardente.

Trazeis convosco de bem doces dias
A saudosa lembrança. Sombras caras
Ressurgem numerosas; qual remota
Tradição esquecida, vão volvendo
Primeiro amor, antigas amizades;
A memória cruel com dor recorda
A marcha errante que seguiu a vida,
E nobres peitos lembra, que, frustrados
Pela sorte de dias deleitosos,
Antes de mim a vida terminaram.

Meus derradeiros cantos não escutam
Aqueles para quem cantei primeiro;
Dispersa jaz essa falange amiga,
E mudos, ai, os ecos despertados
Nesse tempo feliz. Minhas endechas
Por entre turba incógnita ressoam,
De quem o louvor mesmo me entristece;
Espalhados, errantes são no mundo
Os que meu canto amavam — se inda vivem.

Saudade, a que já estava desafeito,
Daqueles nobres, plácidos espíritos,
De mim se apossa, e qual eólia lira
Só vagos cantos o meu estro entoa;
Estremeço, de lágrimas banhado
Comovido se sente o peito austero;
Como que foge o que possuo agora,
Em presente o passado eis se converte.

Witold GOMBROWICZ. «Sedução e continuação do encurralamento na juventude», in *Ferdydurke*. Tradução de Maja Marek e Júlio do Carmo Gomes. [1937] 2011. Lisboa: 7 Nós. 113-126.

Texto sujeito a Direitos de Autor

GUILLAUME DE POITIERS. [Farei uma canção nova], in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*. Tradução de Irene Freire Nunes. [século XII-XIII] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 617-618.

Farei uma canção nova
Antes que vente, gele ou chova
A minha dama põe-me à prova
para saber de que modo a amo
Mas por preito que contra mim mova
não me desligarei do seu laço.

Antes me rendo a ela e me entrego
pode inscrever-me no seu rol
E não me tenhais por ébrio
por amar a minha boa dama
pois sem ela não posso viver
tal fome ganhei do seu amor

É mais branca que o marfim
por isso outra não adoro
Se em breve não obtenho mercê
que a minha boa dama me ame
morro, pela cabeça de S. Gregório
se não me beija em câmara ou sob ramo

Que prol tendes, graciosa dama
se o vosso amor me alonga de vós?
Dizem que quereis fazer-vos monja!
Pois sabeí porque vos amo tanto
temo que a dor me destroce
se não reparais os danos de que vos acuso

Que prol tendes se eu me enclausurar
e não me guardais como vosso?
Todo o júbilo do mundo é nosso
dama, se ambos nos amarmos!
Lá ao meu amigo Daurostre
digo e mando que cante e não brade

Por ela estremeço e me alvoroço
pois a amo de tão nobre amor
que creio que nunca outra tal nasceu
que iguale o seu belo parecer
na longa linhagem de Adão.

Jorge GUILLÉN. «O pessoal», in *Três Momentos da Poesia Europeia: De Safo e Píndaro a Ungaretti e Salinas*. Tradução de Albano Martins. [1967] 2012. Porto: Afrontamento. 145.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Seamus HEANEY. «Os cortadores de sementes», in *Antologia Poética*.
Tradução de Vasco Graça-Moura. [1975] 1998. Porto: Campo das Letras.
49.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Friedrich HÖLDERLIN. «Às Parcas», in *Sämtliche Werke und Briefe*,
Volume I. Tradução inédita de João Barrento a partir da edição de Michael
Knaupp. [1799] 1992. Munique: Carl Hanser. 188.

Um Verão, um só, potestades, me concedei!
E um Outono para que amadureça meu canto,
Para que o coração, mais aberto, do doce
Jogo saciado, por fim me morra.

A alma, que em vida não gozou do divino
Direito, também lá em baixo no Orco não tem paz;
Mas se um dia o fogo sagrado que alimento
No coração, o poema, me nascer perfeito,

Bem-vindo seja então, silêncio do mundo das sombras!
Contente ficarei, ainda que os acordes da lira
Comigo não desçam às profundezas. Uma vez
Como os deuses terei vivido. E mais não é preciso.

Erigi um monumento mais duradouro que o bronze,
mais alto que a construção real das pirâmides,
que nem o Inverno voraz, nem o indomável Aquilão
ou a série inumerável dos anos e a fuga do tempo
poderão destruir.
Não morrerei completamente,
mas grande parte de mim mesmo escapará a Libitina.
Crescerei sempre na posteridade com uma glória renovada,
e serei cada vez mais celebrado
enquanto o pontífice subir ao Capitólio com a virgem silenciosa,
dir-se-á que eu, nascido na região
em que o violento Áufido ressoa,
nos campos, pobres de água, em que reinou Dauno,
tornado de pobre poderoso dominador de povos rudes,
dir-se-á que eu fui o primeiro a introduzir
a poesia eólica nos versos latinos.
Aceita o meu orgulho conquistado pelos meus próprios méritos,
ó Melpómene, e, propícia, cinge-me o cabelo com o louro de Delfos.

Há acções que se representam no palco, outras, só se relatam depois de cometidas. O que se transmitir pelo ouvido, comove mais debilmente os espíritos do que aquelas coisas que são oferecidas aos olhos, testemunhas fiéis, e as quais o espectador apreende por si próprio. Não faças, no entanto, representar na cena o que deva passar-se nos bastidores, retira muitas coisas da vista, essas que melhor descreve a facúndia de uma testemunha.

Que Medeia não trucidie os filhos diante do público, nem o nefando Atreu cozinhe publicamente entranhas humanas; tão pouco em ave Procne se transforme ou Cadmo em serpente. Detestarei tudo o que assim me mostrares, porque ficarei incrédulo.

Que a peça nunca tenha mais do que cinco actos nem menos do que esse número, se acaso desejar que voltem a pedi-la e tornar à cena depois de estreada.

Que na peça não intervenha um deus, a não ser que o desenlace seja digno de um vingador; nem tão-pouco se canse um quarto actor a falar na mesma cena.

Que o coro defenda a sua individualidade recitando o seu papel como um actor, e não cante, no meio dos actos, o que não se relacionar nem se adaptar intimamente ao argumento. Que ele seja propício aos bons e, com palavras amigas, os aconselhe, aos irados insuflando calma e, aos que temem pecar, concedendo amor. Que louve as iguarias da mesa frugal e assim também a justiça saneadora e as leis, tal como a paz que se goza de porta aberta.

Que não revele os segredos confiados e peça aos deuses e lhes suplique que a Fortuna volte aos desgraçados e abandone os soberbos.

Ted HUGHES. «A raposa-pensamento», in *O Fazer da Poesia*. Tradução de Helder Moura Pereira. [1957] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 20-21.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Que frívolo me chamem esses frívolos.
Nos assuntos mais graves sempre fui
bastante responsável. E insistirei
em que ninguém melhor que eu conhece
os Padres ou as Escrituras ou os Cânones.
A cada dúvida sua, a cada dificuldade
em questões da Igreja, Botaniates
a mim me consultava, a mim primeiro.
Mas desterrado aqui (na mesma se veja essa pérfida
Irene Dukena) e tremendamente aborrecido,
nada há de estranho em passar eu o meu tempo
a aprimorar sextilhas e oitavas,
entretendo-me com a mitologia
de Hermes, de Apolo e de Dioniso
ou dos heróis da Tessália e do Peloponeso,
ou a fazer iampos correctíssimos,
tais como — permiti-me que o diga — os eruditos
de Constantinopla são incapazes de fazer.
Talvez seja essa perfeição a causa das censuras.

Gerrit KOMRIJ. «Resíduo», in *Contrabando: Uma antologia poética*. Tradução de Fernando Venâncio. [1982] 2005. Lisboa: Assírio & Alvim. 61.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Dezső KOSZTOLÁNYI. «Que comovente, um mau poeta», in *Antologia da Poesia Húngara*. Tradução de Ernesto Rodrigues. [1924] 2002. Lisboa: Âncora. 156.

Que comovente, um mau poeta. Não falam dele
há muitos anos; depois, lentamente, esquecem-no.
Inspirado e branco, agora cambaleia, vacilam
os botões no sobretudo roto e assobia poemas inéditos
ao vento de Inverno.

Que orgulho e força. No seu rosto,
ódio e inveja semelham, de longe, algo como
tristeza etérea. A seu lado, os famosos,
que incensaram artigos pagos e celebram
plateias selvagens, mercadores, ou aventureiros.
Na calva, na fronte altiva de apóstolo, pôs-lhe a vida
coroa de lágrimas, divinizando
sonhos da mocidade, em que prefere acreditar.
Até a má alimentação e magreza que dá
a tísica é uma questão de estilo. Como nos seus livros.
Crítica, literatura — em vão falais.
Ele é o idealismo. Ele é o poeta verdadeiro.

1924

D.H. LAWRENCE. Excerto de «Capítulo XXIX: Continental», in *Women in Love*. [1920] 2002. Tradução inédita de Amândio Reis a partir da edição de Joslyn T. Pine. Nova Iorque: Dover Thrift. 361-364.

Era a estatueta de uma rapariga nua, pequena e muito bem feita, sentada num grande cavalo despido. A rapariga era jovem e delicada, como um botão de flor. Estava sentada de lado no cavalo, com as mãos na face como se sentisse vergonha ou pesar, e com algum abandono. O cabelo, que era curto e certamente loiro, caía-lhe para a frente, dividido, cobrindo-lhe parcialmente as mãos.

Os seus membros eram jovens e tenros. As pernas, ainda não completamente formadas — as pernas de uma donzela que passa agora mesmo à cruel condição de mulher —, pendiam infantilmente sobre o lado do poderoso cavalo; os pequenos pés dobravam-se um sobre o outro pateticamente, como que a esconder-se. Mas não havia maneira de esconder nada. Ali estava ela, exposta e nua no flanco nu do cavalo.

O cavalo estava paralisado, esticando-se numa espécie de impulso. Era um magnífico e sólido garanhão, endurecido da energia acumulada. O seu pescoço era arqueado e terrível, como uma foice, e os flancos contraíam-se para trás, rígidos de força.

Gudrun empalideceu e caiu-lhe sobre os olhos um negrume, como se sentisse vergonha. Ela olhou para cima com um tanto de súplica, quase parecendo uma escrava. Ele observou-a e sacudi um pouco a cabeça.

— Qual é o tamanho? — perguntou ela num tom inexpressivo, esforçando-se por parecer natural e impávida.

— O tamanho? — replicou ele, mirando-a outra vez. — Sem o pedestal, desta altura... — Mediu com a mão. — Com pedestal, desta...

Olhou-a fixamente. Houve um súbito e um tanto brusco desprezo por ela naquele movimento rápido. Ela encolheu-se ligeiramente.

— E de que é feito? — perguntou, atirando a cabeça para trás e encarando-o com uma frieza afectada.

Ele ainda a contemplava fixamente, e o seu poder sobre a situação não foi abalado.

— Bronze... Bronze verde.

— Bronze verde! — repetiu Gudrun, aceitando friamente o desafio. Ela pensava nos membros magros, imaturos e frágeis da rapariga, suaves e frios em bronze verde.

— Sim, é linda — murmurou, levantando os olhos para ele em certa homenagem obscurecida.

Ele fechou os olhos e voltou-se, triunfante.

— Porque — disse Ursula — fizeste o cavalo tão firme? É firme como um bloco.

— Firme? — repetiu ele, armando-se imediatamente.

— Sim. *Vê* quão sólido e estúpido e brutal ele é. Os cavalos são sensíveis, muito delicados e sensíveis, na verdade.

Ele levantou os ombros e estendeu as mãos num gesto de calma indiferença, de modo a informá-la de que ela era uma amadora e um zé-ninguém impertinente.

— *Wissen Sie* — disse ele, com condescendência e uma paciência insultante na voz —, esse cavalo é uma certa *forma*, é parte de uma forma completa. É parte de uma obra de arte, um pedaço de forma. Não é a imagem de um cavalo amigável ao qual se ofereceria um bocado de açúcar, percebe... É parte de uma obra de arte, e não está relacionado com mais nada fora dessa obra de arte.

Ursula, irada por ser tratada de maneira tão insultuosa, *de haut en bas*, das alturas da arte esotérica às profundezas do amorismo exotérico e geral, replicou acaloradamente, corando e levantando o sobrolho.

— Mas *é* a imagem de um cavalo, ainda assim.

Ele encolheu os ombros outra vez.

— Como queira... Não é a imagem de uma vaca, certamente.

Nesse momento Gudrun intrometeu-se, enrubescida e brilhante, ansiosa por evitar que aquilo continuasse e que continuasse a tola persistência de Ursula em entregar-se assim.

— O que queres dizer com «é a imagem de um cavalo?» — gritou à irmã.

— O que queres dizer com cavalo? Referes-te a uma ideia que tens na *tua* cabeça e que queres ver representada. Mas há toda uma outra ideia, uma outra ideia, de facto. Chama-lhe um cavalo, se quiseres, ou então diz que não é um cavalo. Eu tenho o mesmo direito de afirmar que o teu cavalo não é um cavalo, é uma falsidade concebida por ti.

Ursula vacilou, desorientada. Depois as suas palavras ouviram-se.

— Mas porque tem ele esta ideia de um cavalo — disse. — Eu sei que é a ideia dele. Eu sei que é uma imagem dele próprio, na verdade...

Loerke resfolegou de raiva.

— Uma imagem de mim próprio! — repetiu, derrisório. — *Wissen Sie, gnädige Frau*, aquilo é uma *Kunstwerk*, uma obra de arte. É uma obra de arte, e não é a imagem de nada, de absolutamente nada. Não tem que ver com mais nada senão com ela própria, não tem qualquer relação com o mundo de todos os dias, disto e daquilo, e não há ligação entre eles, absolutamente nenhuma ligação. São dois planos de existência diferentes e separados, e traduzir de um para o outro é pior do que uma tolice, é ignorar todo o aviso, lançar a confusão por toda a parte. Perceba que não pode confundir o mundo relativo da acção com o mundo absoluto da arte. Não pode fazer isso.

— Isso é bem verdade — exclamou Gudrun, soltando-se numa espécie de rapsódia. — As duas coisas estão totalmente e permanentemente separadas; não têm nada que ver uma com a outra. Eu e a minha arte não temos nada que ver uma com a outra. A minha arte tem lugar num outro mundo, e eu estou neste mundo.

A cara dela estava vermelha e transfigurada. Loerke, que estava sentado com a cabeça pendida, qual um animal encurralado, olhou para ela de relance, quase furtivamente, e murmurou:

— *Ja... So ist es, so ist es.*

Ursula ficou em silêncio depois daquela explosão. Estava furiosa. Queria abrir um buraco nos dois.

— Não há uma palavra de verdade em toda essa arengada que me fizeram — respondeu com secura. — O cavalo é uma imagem da sua própria pesada e estúpida brutalidade, e a rapariga é uma rapariga que você amou e torturou, e que depois passou a ignorar.

Ele encarou-a com um sorrisinho de desprezo nos olhos. Não se maçaria a responder a este último ataque.

Gudrun também estava silenciosa, sentindo um menosprezo exasperado. Ursula era uma intrusa *tão* insuportável, metendo-se por onde nem o mais ousado se atreveria a caminhar. Mas afinal... é preciso suportar os tolos, e até mesmo de bom grado.

Mas Ursula era igualmente persistente.

— Quanto ao teu mundo da arte e ao teu mundo da realidade — replicou ela —, tens de separar os dois porque não suportas saber o que és. Não suportarias aperceber-te da tua própria, pesada, firme e amordaçada brutalidade, e, portanto, dizes «esse é o mundo da arte». O mundo da arte é apenas a verdade acerca do mundo real, e é tudo... Mas tu já estás demasiado longe para ver isso.

Ela estava pálida e tremia, concentrada. Gudrun e Loerke continuavam sentados em dura antipatia. Gerald, que tinha subido no início do discurso, também a observava em total desaprovação e oposição. Sentia que ela era indigna. Ela tinha lançado uma espécie de vulgaridade sobre o esoterismo que conferia ao homem a sua última distinção. Ele juntou a sua força à dos outros dois. Queriam os três que ela se fosse embora. Mas ela sentou-se em silêncio, com a alma chorosa, soluçando violentamente, a torcer o lenço com os dedos.

LUCRÉCIO. «Canto I, vv. 1-79», in *De Rerum Natura*. Tradução inédita de Luís Cerqueira a partir da edição de Joseph Martin. [século 1 a.C.] 1969. Bibliotheca Teubneriana. 1-5

Benfazeja Vénus, mãe dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses,
tu que sob os deslizantes astros do céu
enches de vida o mar portador de navios,
enches de vida as terras de searas produtoras,
porque graças a ti são concebidos todos os seres vivos
e contemplam, quando nascem, a luz do sol,
diante de ti, ó deusa, fogem os ventos,
à tua chegada afastam-se as nuvens do céu,
para ti a terra operosa faz despontar suaves flores,
para ti sorriem as extensões do mar
e o céu pacificado brilha com luz radiosa.

Na verdade, assim que se revelou a face primaveril do dia
e a brisa do fecundo Favónio ganhou força, soltando-se,
logo as aves do ar, ó deusa, em primeiro lugar, te saúdam
e anunciam a tua chegada, tocadas no coração pelo teu poder.
Depois, feras e gados percorrem os abundantes pastos
e atravessam rios caudalosos: assim, tomados pelo teu encanto,
todos te seguem pressurosos, para onde quer que pretendas conduzi-los.
Por fim, infundindo no coração de todos o brando amor,
fazes que por mares, montanhas, rios impetuosos,
pelas frondosas moradas das aves, pelos campos verdejantes,
ardentemente propaguem as gerações, espécie por espécie,
porque tu és a única que governa a natureza das coisas
e sem ti nada surge nas luminosas regiões do dia,
nada se torna risonho nem amável.

Quero que acompanhes a escrita dos meus versos
que me esforço por entoar sobre a natureza das coisas,
para o nosso descendente de Mémio, que tu, ó deusa, quiseste
que se salientasse em todas as ocasiões, adornando-o com todos os atributos.
Por isso, ó deusa, tanto mais concede um eterno encanto ao que vou dizer,

faz que sosseguem entretanto os ferozes trabalhos bélicos,
repousem adormecidos por todos os mares e terras.

Na verdade, só tu podes ajudar os mortais
com tranquila paz, porque Marte, senhor das armas, que
governa os ferozes trabalhos da guerra
se abandona muitas vezes no teu regaço,
dominado pela ferida eterna do amor, e assim,
olhando para cima, com o pescoço bem torneado em abandono,
alimenta de amor os seus olhos ávidos, ansiando por ti, ó deusa,
estendido de costas e com a respiração suspensa da tua boca.
Inclina-te para ele, que descansa sobre o teu corpo sagrado,
e derrama, ó deusa, da tua boca palavras suaves,
pedindo, ó gloriosa, a paz para os Romanos.
Na verdade, nem eu sou capaz de realizar esta tarefa com espírito sereno
nesta era turbulenta para a pátria, nem a ilustre estirpe de Mémio
pode faltar à salvação comum numa situação destas.
É necessário, com efeito, que todo o ser divino
frua por si de uma vida eterna em excelsa tranquilidade,
afastado das nossas coisas e separado delas a grande distância.
Na verdade, isento de todo o sofrimento, isento de todos os perigos,
auto-suficiente, não precisando de nós para nada,
não é influenciado pelas nossas boas acções nem se deixa tocar pela cólera.
Ora agora presta ouvidos disponíveis e um espírito sagaz,
desprovido de preocupações, à doutrina verdadeira,
para não desperdiçares desdenhosamente
a dádiva que para ti preparei com amorosa dedicação.
Vou, de facto, começar a expor-te a derradeira explicação
do céu e dos deuses e revelarei os elementos primordiais da matéria
a partir dos quais a natureza forma todas as coisas, as faz crescer e as sustenta
e em que a natureza as dissolve quando as mesmas são destruídas,
a que nós costumamos chamar matéria e corpos geradores,
ao explicar a doutrina, e sementes das coisas, e também lhes damos
o nome de corpos primordiais, porque é a partir deles que tudo existe.
Como a vida humana jazesse vilmente prostrada
diante dos olhos de todos, esmagada sob o peso da religião,
que assomava à cabeça das regiões do céu,
ameaçando os mortais com um aspecto horrível,
este homem grego foi quem em primeiro lugar ousou erguer

contra ela os olhos mortais e quem primeiro ousou fazer-lhe frente.
E a este não o demoveram nem o que se dizia dos deuses nem os raios
nem o céu com o seu bramido ameaçador, mas antes mais estimularam
a enérgica coragem do seu espírito, a ponto de desejar ser o primeiro
a despedaçar os ferrolhos firmemente fechados das portas da natureza,
e assim a vívida força do seu espírito obteve um triunfo completo
e ultrapassou em muitos as muralhas flamejantes do nosso mundo,
percorreu com a sua inteligência e ardor o universo imenso,
de onde nos traz, vitorioso, o conhecimento do que pode
e não pode nascer, e por fim por que leis está limitado o poder
de cada coisa e os seus marcos fundamente fixados.
Por isso a religião é agora por sua vez espezinhada
sob os pés dos homens e a vitória eleva-nos aos céus.

Stéphane MALLARMÉ. «A sesta de um fauno: écogla», in *Poesias*. Tradução de José Augusto Seabra. [1876] 2005. Lisboa: Assírio & Alvim. 89-97.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ossip MANDELSTAM. [Vivemos sem sentir o país sob os pés], in *Guarda Minha Fala para sempre*. Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra. [1933] 1996. Lisboa: Assírio & Alvim. 189.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Czesław MIŁOSZ. «Leituras», in *Versos Polacos*. Tradução de Maria Teresa Bação, Filipa Menezes, Maria Clara Correia, Carlos Santos Pereira e Henryk Siewierski. [1969] 1985. Lisboa: Faculdade de Letras. 9.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Cees NOOTEBOOM. «Engodo», in *Poesia do Mundo*. Tradução de August Willemssen e Egito Gonçalves. [1982] 1998. Porto: Afrontamento. 47.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Saint-John PERSE. «Estreitos são os navios — fragmentos», in *Colóquio Letras 165: Vozes da poesia europeia III*. Tradução de David Mourão-Ferreira. [1957] 2003. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 85.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Francesco PETRARCA. «Soneto 1», in *As Rimas de Petrarca*. Tradução de Vasco Graça-Moura. [1470] 2003. Lisboa: Bertrand. 41.

Texto sujeito a Direitos de Autor

PLATÃO. Excertos de «Livro VI», «Livro VII» e «Livro X», in *República*.
Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. [381 a.C.] 1985. Lisboa:
Fundação Calouste Gulbenkian.

LIVRO VI

(509 d) — Imagina então — comecei eu — que, conforme dissemos, eles são dois e que reinam, um na espécie e no mundo inteligível, o outro no visível. Não digo «no céu», não vás tu julgar que eu estou a fazer etimologias com o nome. Compreendeste, pois, estas duas espécies, o visível e o inteligível?

— Compreendi.

— Supõe então uma nova linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível, segundo a sua claridade ou obscuridade relativa, uma secção, a das imagens. Chamo (e) imagens, em primeiro lugar, às sombras; seguidamente, aos reflexos nas águas, e àqueles que se formam em todos os (510a) corpos compactos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais que for do mesmo género, se estás a entender-me.

— Entendo, sim.

Supõe agora a outra secção, da qual esta era imagem, a que nos abrange a nós, seres vivos, e a todas as plantas e toda a espécie de artefactos.

— Suponho.

— Acaso consentirias em aceitar que o visível se divide no que é verdadeiro e no que não o é, e que, tal como a opinião está para o saber, assim está a imagem para o modelo?

— Aceito perfeitamente. (b)

— Examina agora de que maneira se deve cortar a secção do inteligível.

— Como?

— Na parte anterior, a alma, servindo-se como se fossem imagens dos objectos que então eram imitados, é forçada a investigar a partir de hipóteses, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão; ao passo que, na outra parte, a que conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com o auxílio das ideias.

— Não percebi bem o que estiveste a dizer.

— Vamos lá outra vez — disse eu — que compreenderás (c) melhor o que afirmei anteriormente. Suponho que sabes que aqueles que se ocupam da

geometria, da aritmética e ciências desse género, admitem o par e o ímpar, as figuras, três espécies de ângulos, e outras doutrinas irmãs destas, segundo o campo de cada um. Estas coisas dão-nas por sabidas, e, quando as usam como hipóteses, não acham que ainda seja necessário prestar contas disto a si mesmos nem aos outros, uma vez que são evidentes para todos. E, partindo (**d**) daí e analisando todas as fases, e tirando as consequências, atingem o ponto a cuja investigação se tinham abalançado.

— Isso, sei-o perfeitamente.

— Logo, sabes também que se servem de figuras visíveis e estabelecem acerca delas os seus raciocínios, sem contudo pensarem neles, mas naquilo com que se parecem; fazem os seus raciocínios por causa do quadrado em si ou da diagonal (**e**) em si, mas não daquela cuja imagem traçaram, e do mesmo modo quanto às restantes figuras. Aquilo que eles modelam ou desenharam, de que existem as sombras e os reflexos na água, servem-se disso como se fossem imagens, procurando (**στια**) ver o que não pode avistar-se, se não pelo pensamento.

— Falas verdade.

— Portanto, era isto que eu queria dizer com a classe do inteligível, que a alma é obrigada a servir-se de hipóteses ao procurar investigá-la, sem ir ao princípio, pois não pode elevar-se acima das hipóteses, mas utilizando como imagens os próprios originais dos quais eram feitas as imagens pelos objectos da secção inferior, pois esses também, em comparação com as sombras, eram considerados e apreciados como mais claros.

(**b**) — Compreendo que te referes ao que se passa na geometria e nas ciências afins dessa.

— Aprende então o que quero dizer com o outro segmento do inteligível, daquele que o raciocínio atinge pelo poder da dialéctica, fazendo das hipóteses não princípios, mas hipóteses de facto, uma espécie de degraus e de pontos de apoio, para ir até àquilo que não admite hipóteses, que é o princípio de tudo, atingido o qual desce, fixando-se em todas as consequências que daí decorrem, até chegar à conclusão, sem se servir em nada de qualquer dado sensível, mas (**c**) passando das ideias umas às outras, e terminando em ideias.

— Compreendo, mas não o bastante — pois me parece que é uma tarefa cerrada, essa de que falas — que queres determinar que é mais claro o conhecimento do ser e do inteligível adquirido pela ciência da dialéctica do que pelas chamadas ciências, cujos princípios são hipóteses; os que as estudam são forçados a fazê-lo, pelo pensamento, e não pelos sentidos; no entanto, pelo facto de as examinarem sem subir até ao princípio, mas a partir de hipó-

teses, parece-te **(d)** que não têm a inteligência desses factos, embora eles sejam inteligíveis com um primeiro princípio. Parece-me que chamas entendimento, e não inteligência, o modo de pensar dos geómetras e de outros cientistas, como se o entendimento fosse algo de intermédio entre a opinião e a inteligência.

— Apreendeste perfeitamente a questão — observei eu —. Pega agora nas quatro operações da alma e aplica-as aos quatro segmentos: no mais elevado, a inteligência, no **(e)** segundo, o entendimento; ao terceiro entrega a fé, e ao último a suposição, e coloca-os por ordem, atribuindo-lhes o mesmo grau de clareza que os respectivos objectos têm de verdade.

— Compreendo — disse ele —; concordo, e vou ordená-los como dizes.

LIVRO VII

(514a) — Depois disto prossegui eu — imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de **(b)** voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos «robertos» colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles.

— Estou a ver — disse ele.

— Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objectos, que o ultrapassam: **(c)** estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, **(515a)** de toda a espécie de labor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados.

— Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas — observou ele.

— Semelhantes a nós — continuei —. Em primeiro lugar pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmos e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna?

(b) — Como não — respondeu ele —, se são forçados a manter a cabeça imóvel toda a vida?

— E os objectos transportados? Não se passa o mesmo com eles?

— Sem dúvida.

— Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objectos reais, quando designavam o que viam?

— É forçoso.

— E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum dos transeuntes falasse, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava?

— Por Zeus, que sim!

(c) — De qualquer modo — afirmei — pessoas nessas condições não pensavam senão a sombra dos objectos.

— É absolutamente forçoso — disse ele.

— Considera pois — continuei — o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento (d) impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objectos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era?

Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam?

— Muito mais — afirmou.

(e) — Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram mais nítidos do que os que lhes mostravam?

— Seria assim — disse ele.

— E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se (516a) doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objectos?

— Não poderia de facto, pelo menos de repente.

— Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as

imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a **(b)** noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia.

— Pois não!

— Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas ele mesmo no seu lugar.

— Necessariamente.

— Depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo **(c)** visível, e que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.

— É evidente que depois chegaria a essas conclusões.

— E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros?

— Com certeza.

— E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si ou prémios para o que distinguisse com mais agudeza os objectos que passavam, e se lembrasse melhor quais os que costumavam passar em primeiro lugar e quais em último, **(d)** ou os que seguiam juntos, e àquele que dentre eles fosse mais hábil em predizer o que ia acontecer — parece-te que ele teria saudades ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles, ou que experimentara os mesmos sentimentos que em Homero, e seria seu intenso desejo «servir junto de um homem pobre, como servo da gleba», e antes sofrer tudo do que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo?

(e) — Suponho que seria assim — respondeu —, que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira.

— Imagina ainda o seguinte — prossegui eu —. Se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente da luz do Sol?

— Com certeza.

— E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a **(517a)** vista — e o tempo de se habituar não seria pouco —, acaso causaria o riso e não diriam dele ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?

— Matariam, sem dúvida — confirmou ele.

— Meu caro Gláucon, este quadro — prossegui eu — **(b)** deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, sendo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, **(c)** compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.

LIVRO X

(614b-621b)

(b) — Diz lá, que não há coisa que eu oiça com mais agrado.

— A verdade é que o que te vou narrar não é um conto de Alcínoo, mas de um homem valente, Er o Arménio, Panfílio de nascimento. Tendo ele morrido em combate, andavam a recolher, ao fim de dez dias, os mortos já putrefactos, quando o retiraram incorrupto. Levaram-no para casa para lhe dar sepultura, e, quando, ao décimo segundo dia, estava jazente sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no além. Contava ele que, depois que saíra do corpo, a sua alma fizera caminho com muitas, e haviam **(c)** chegado a um lugar divino, no qual havia, na terra, duas aberturas contíguas uma à outra, e no céu, lá em cima, outras em frente a estas. No espaço entre elas, estavam sentados juízes que, depois de pronunciarem a sua sentença, mandavam os justos avançar para o caminho à direita, que subia para o céu, depois de lhes terem atado à frente a nota do seu julgamento; ao passo que, aos injustos, prescreviam que tomassem à esquerda, e para baixo, levando também atrás a nota de tudo quanto haviam feito. Quando se aproximou, **(d)** disseram-lhe que ele devia ser o mensageiro, junto dos homens, das coisas do além, e ordenaram-lhe que ouvisse e observasse tudo o que havia naquele lugar. Ora ele viu que ali, por cada uma das aberturas do céu e da terra, saíam as almas, depois de terem sido submetidas ao julgamento, ao passo que pelas restantes, por uma subiam as **(e)** almas que vinham da terra, cheias de lixo e de pó, e por outra desciam as almas do céu, em estado de pureza. E as almas,

à medida que chegavam, pareciam vir de uma longa travessia e regozijavam-se por irem para o prado acampar, como se fosse uma panegíria; as que se conheciam, cumprimentavam-se mutuamente, e as que vinham da terra faziam perguntas às outras sobre o que se passava no além, e as que vinham do **(615a)** céu, sobre o que sucedia na terra. Umhas, a gemer e a chorar, recordavam quantos e quais sofrimentos haviam suportado e visto na sua viagem por baixo da terra, viagem essa que durava mil anos, ao passo que outras, as que vinham do céu, contavam as suas deliciosas experiências e visões de uma beleza indescritível. Referir todos os pormenores seria, ó Gláucon, tarefa para muito tempo. Mas o essencial dizia ele que era o que segue. Fossem quais fossem as injustiças cometidas e as pessoas prejudicadas, pagavam a pena de tudo isso sucessivamente, dez vezes por cada uma, quer dizer, **(b)** uma vez em cada cem anos, sendo esta a duração da vida humana — a fim de pagarem, decuplicando-a, a pena do crime; por exemplo, quem fosse culpado da morte de muita gente, por ter traído Estados ou exércitos e os ter lançado na escravatura, ou por ser responsável por qualquer outro malefício, por cada um desses crimes suportava padecimentos a decuplicar; e, inversamente, se tivesse praticado boas acções e tivesse sido justo e piedoso, recebia recompensas na mesma **(c)** proporção. Sobre os que morreram logo a seguir ao nascimento e os que viveram pouco tempo, dava outras informações que não vale a pena lembrar. Em relação à impiedade ou piedade para com os deuses e para com os pais, e crimes de homicídio, dizia que os salários eram ainda maiores.

Contava ele, com efeito, que estivera junto de alguém a quem perguntaram onde estava Ardieu o Grande. Este Ardieu tinha sido tirano numa cidade da Panfília, havia já então **(d)** mil anos; tinha assassinado o pai idoso e o irmão mais velho, e perpetrado muitas outras impiedades, segundo se dizia. E o interpelado respondera: «Não vem, nem poderá vir para aqui. Na verdade, um dos espectáculos terríveis que vimos foi o seguinte: depois de nos termos aproximado da abertura, preparados para subir, e quando já tínhamos expiado todos os sofrimentos, avistámos de repente Ardieu e outros, que eram tiranos, na sua quase totalidade; mas também havia alguns que eram particulares que tinham cometido grandes crimes — que, quando julgavam que já iam subir, a **(e)** abertura não os admitia, mas soltava um mugido cada vez que algum desses, assim incuráveis na sua maldade ou que não tinham expiado suficientemente a sua pena, tentava a ascensão. Estavam lá homens selvagens, que pareciam de fogo, e que, ao ouvirem o estrondo, agarravam alguns pelo meio e levavam-nos, mas, a Ardieu e outros, algemaram-lhes as mãos, pés e cabeça, derrubaram-nos e esfolaram-nos, **(616a)** arrastaram-nos

pelo caminho fora, cardando-os em espinhos, e declaravam a todos, à medida que vinham, por que os tratavam assim, e que os levavam para os precipitar no Tártaro». Então tinham tido terrores múltiplos e variados, mas o maior de todos era o de cada um deles ouvir o mugido, quando ia a subir, e foi com o maior gosto que cada um fez a ascensão ante o silêncio daquele. Eram mais ou menos estas as penas e castigos, e bem assim as vantagens que lhes **(b)** correspondiam. Depois de cada um deles ter passado sete dias no prado, tinham de se erguer dali, e partir ao oitavo dia, para chegar, ao fim de mais quatro dias, a um lugar de onde se avistava, estendendo-se desde o alto através de todo o céu e terra, uma luz, direita como uma coluna, muito semelhante ao arco-íris, mas mais brilhante e mais pura. Chegaram lá, depois de terem feito um dia de caminho, e aí **(c)** mesmo, viram, no meio da luz, pendentes do céu, as extremidades das suas cadeias (efectivamente essa luz é uma cadeia do céu, que, tal como as cordagens das trirremes, segura o firmamento na sua revolução); dessas extremidades pendia o fuso da Necessidade, por cuja acção giravam as esferas. A respectiva haste e gancho eram de aço; o contrapeso, de uma mistura desse produto e de outros. Quanto à **(d)** natureza do contrapeso, era como segue. A sua configuração era semelhante à dos daqui, mas, quanto à sua constituição, contava ele que devíamos imaginá-la da seguinte maneira: era como se, num grande contrapeso oco e completamente esvaziado, estivesse outro semelhante, maior, que coubesse exactamente dentro dele, como as caixas que se metem umas nas outras; do mesmo modo, um terceiro, um quarto, e mais quatro. Com efeito, eram oito ao todo, os contrapesos, encaixados uns nos outros, que, na parte superior, tinham **(e)** o rebordo visível com outros tantos círculos, formando um plano contínuo de um só fuso em volta da haste. Esta atravessava pelo meio, de lés a lés, o oitavo. Ora o primeiro contrapeso, o exterior, era o que tinha o círculo de rebordo mais largo; o segundo lugar cabia ao sexto, o terceiro ao quarto, o quarto ao oitavo, o quinto ao sétimo, o sexto ao quinto, o sétimo ao terceiro, o oitavo ao segundo. O círculo do maior era cintilante, o do sétimo era o mais brilhante, o **(617a)** do oitavo tinha a cor do sétimo, que o iluminava, o do segundo e do quinto eram muito semelhantes entre si; um pouco mais amarelados do que aqueles, o terceiro era o que tinha a cor mais branca, o quarto era avermelhado, o sexto era o segundo em brancura. O fuso inteiro girava sobre si na mesma direcção, mas, na rotação desse todo, os sete círculos interiores andavam à volta suavemente, em direcção oposta ao resto. Dentre estes, o que andava com maior velocidade **(b)** era o oitavo; seguiam-se, ao mesmo tempo, o sétimo, o sexto e o quinto; o quarto parecia-lhes ficar em terceiro lugar nesta revolução em sentido retrógrado, o terceiro em quarto, e o segundo em quinto.

O fuso girava nos joelhos da Necessidade. No cimo de cada um dos círculos, andava uma Sereia que com ele girava, e que emitia um único som, uma única nota musical; e de todas elas, que eram oito, resultava um acorde de uma **(c)** única escala. Mais três mulheres estavam sentadas em círculo, a distâncias iguais, cada uma em seu trono, que eram as filhas da Necessidade, as Parcas, vestidas de branco, com grinaldas na cabeça — Láquesis, Cloto e Átropos — as quais cantavam ao som da melodia das Sereias, Láquesis, o passado, Cloto, o presente, e Átropos o futuro. Cloto, tocando com a mão direita no fuso, ajudava a fazer girar o círculo exterior, de tempos a tempos; Átropos, com a mão esquerda, procedia do mesmo modo com os círculos interiores; e **(d)** Láquesis tocava sucessivamente nuns e noutros com cada uma das mãos. Ora eles, assim que chegaram, tiveram logo de ir junto de Láquesis. Primeiro, um profeta dispôs-os por ordem. Seguidamente, pegou em lotes e modelos de vidas que estavam no colo de Láquesis, subiu a um estrado elevado e disse:

«Declaração da virgem Láquesis, filha da Necessidade. Almas efémeras, vai começar outro período portador da **(e)** morte para a raça humana. Não é um génio que vos escolherá, mas vós que escolhereis o génio. O primeiro a quem a sorte couber, seja o primeiro a escolher uma vida a que ficará ligado pela necessidade. A virtude não tem senhor; cada um a terá em maior ou menor grau, conforme a honrar ou a desonrar. A responsabilidade é de quem escolhe. O deus é isento de culpa.»

Ditas estas palavras, atirou com os lotes para todos e cada um apanhou o que caiu perto de si, excepto Er, a quem isso não foi permitido. Ao apanhá-lo, tornara-se evidente **(618a)** para cada um a ordem que lhe cabia para escolher. Seguidamente, dispôs no solo, diante deles, os modelos de vidas, em número muito mais elevado do que o dos presentes. Havia-os de todas as espécies: vidas de todos os animais, e bem assim de todos os seres humanos. Entre elas, havia tiranias, umas duradouras, outras derrubadas a meio, e que acabavam na pobreza, na fuga, na mendicidade. Havia também vidas de homens ilustres, umas pela forma, beleza, força e **(b)** vigor, outras pela raça e virtudes dos antepassados; depois havia também as vidas obscuras, e do mesmo modo sucedia com as mulheres. Mas não continham as disposições do carácter, por ser forçoso que este mude, conforme a vida que escolhem. Tudo o mais estava misturado entre si, e com a riqueza e a indigência, a doença e a saúde, e bem assim o meio termo entre estes predicados. É aí que está, segundo parece, meu caro Gláucon, o grande perigo para o homem, e por esse motivo se deve ter o máximo cuidado em que **(c)** cada um de nós ponha de parte os outros estudos para investigar e se aplicar a este, a ver se é capaz de saber e

descobrir quem lhe dará a possibilidade e a ciência de distinguir uma vida honesta da que é má e de escolher sempre, em toda a parte, tanto quanto possível, a melhor. Tendo em conta tudo quanto há pouco dissemos, e o efeito que tem, relativamente à virtude na vida, o facto de juntar ou separar as qualidades, saberá o mal ou o bem que produzirá a beleza **(d)** misturada com a pobreza ou a riqueza, e com que disposição da alma, e o resultado da mistura, entre si, do nascimento elevado ou modesto, da vida particular e das magistraturas, da força e da fraqueza, da facilidade e da dificuldade em aprender, e todas as qualidades naturalmente existentes na alma, ou adquiridas. De modo que, em conclusão de tudo isto, será capaz de reflectir em todos estes aspectos e distinguir, tendo em conta a natureza da alma, a vida pior e a melhor, **(e)** chamando pior à que levaria a alma a tornar-se mais injusta, e melhor à que a leva a ser mais justa. A tudo o mais ela não atenderá. Vimos, efectivamente, que, quer em vida, quer para depois da morte, é essa a melhor das escolhas. **(619a)** Deve, pois, manter-se essa opinião adamantina até ir para o Hades, a fim de, lá também, se permanecer inabalável à riqueza e a outros males da mesma espécie, e não se cair na tirania e outras actividades semelhantes, originando males copiosos e sem remédio, dos quais os maiores seria o próprio que os sofreria; mas deve-se saber sempre escolher o modelo intermédio dessas tais vidas, evitando o excesso de ambos os lados, quer nesta vida, até onde for possível, quer **(b)** em todas as que vierem depois. É assim que o homem alcança a maior felicidade.

Ora, então, anunciou o mensageiro do além, o profeta falou deste modo: «Mesmo para quem vier em último lugar, se escolher com inteligência e viver honestamente, espera-o uma vida apetecível, e não uma desgraçada. Nem o primeiro deixe de escolher com prudência, nem o último com coragem.»

Ditas estas palavras, contava Er, aquele a quem coubera a primeira sorte logo se precipitou para escolher a tirania maior, e, por insensatez e cobiça, arrebatou-a, sem ter examinado capazmente todas as consequências, antes lhe passou **(c)** despercebido que o destino que lá estava fixado comportava comer os próprios filhos e outras desgraças. Mas, depois que a observou com vagar, batia no peito e lamentava a sua escolha, sem se ater às prescrições do profeta. Efectivamente, não era a si mesmo que se acusava da desgraça, mas à sorte e às divindades, e a tudo, mais do que a si mesmo. Ora esse era um dos que vinham do céu, e vivera, na encarnação anterior, num Estado bem governado; a sua participação na virtude devia-se ao hábito, não à filosofia. Pode-se **(d)** dizer que não eram menos numerosos os que, vindos do céu, se deixavam apanhar em tais situações, devido à sua falta de treino nos sofrimentos. Ao passo que os que vinham da terra, na sua maioria, como tinham

sofrido pessoalmente e visto os outros sofrer, não faziam a sua escolha à pressa. Por tal motivo, e também devido à sorte da escolha, o que mais acontecia às almas era fazerem a permuta entre males e bens. É que, se cada vez que uma pessoa chega a esta filosofasse **(e)** sadiamente, e não lhe coubesse em sorte escolher entre os últimos, teria probabilidades, segundo o que se conta das coisas do além, não só de ser feliz aqui, mas também de fazer um percurso daqui para lá, e novamente para aqui, não pela aspereza da terra, mas pela lisura do céu.

Era digno de se ver este espectáculo, contava ele, como **(620a)** cada uma das almas escolhia a sua vida. Era, realmente, merecedor de piedade, mas também ridículo e surpreendente. Com efeito, a maior parte fazia a sua opção de acordo com os hábitos da vida anterior.

Dizia ele que vira a alma que outrora pertencera a Orfeu escolher uma vida de cisne, por ódio à raça das mulheres, porque, devido a ter sofrido a morte às mãos delas, não queria nascer de uma mulher; vira a de Tamiras escolher uma vida de rouxinol; vira também um cisne preferir uma vida humana, e outros animais músicos procederem do mesmo modo. A alma a quem coubera **(b)** a vigésima vez, escolheu a vida de um leão: era a de Ajax Telamónio, que fugia de ser homem, lembrada do julgamento das armas. A seguir a esta, era a de Agamémnon. Também ela, por ódio à raça humana, devido ao que padecera, quis mudar para uma vida de águia. A alma de Atalanta, a quem a sorte colocara no meio, ao ver as grandes honrarias de um atleta, não pôde passá-las à frente, e **(c)** tomou-as para si. Depois dela, viu a alma de Epeio, filho de Panopeu, entrar na natureza de uma mulher perita em trabalhos de artesanato. E à distância, entre as últimas, avistou a alma do bufão Tersites a enfiar-se na forma de um macaco. Depois, a alma de Ulisses, a quem a sorte reservara ser a última de todas, avançou para escolher, mas, lembrada dos anteriores trabalhos, quis descansar da ambição, e andou em volta a procurar, durante muito tempo, a vida de um particular tranquilo; descobriu-a a custo, jazente em qualquer **(d)** canto, e desprezada pelos outros; ao vê-la, declarou que faria o mesmo se lhe tivesse cabido o primeiro lugar, e pegou-lhe alegremente. Os restantes animais procediam do mesmo modo, passando para seres humanos ou uns para outros; mudavam, os que eram injustos, para animais selvagens, os justos para domésticos, e faziam toda a espécie de misturas.

Assim que todas as almas escolheram as suas vidas, avançaram, pela ordem da sorte que lhes coubera, para junto de Láquesis. Esta mandava a cada uma o génio que preferira **(e)** para guardar a sua vida e fazer cumprir o que escolhera. O génio conduzia-a primeiro a Cloto, punha-a por baixo da mão dela e do turbilhão do fuso a girar, para ratificar o destino que, depois da

tiragem à sorte, escolhera. Depois de tocar no fuso, conduzia-a novamente à trama de Átropos que tornava irreversível o que fora fiado. Desse lugar, sem **(621a)** se poder voltar para trás, dirigia-se para o trono da Necessidade, passando para o outro lado. Quando as restantes passaram, todas se encaminharam para a planura do Letes através de um calor e uma sufocação terríveis.

De facto, ela era despida de árvores e de plantas. Quando já entardecia, acamparam junto do Rio Âmeles cuja água nenhum vaso pode conservar. Todas são forçadas a beber uma certa quantidade dessa água, mas aquelas a quem a reflexão não salvaguarda bebem mais do que a medida. **(b)** Enquanto se bebe, esquece-se tudo. Depois que se foram deitar e deu a meia-noite, houve um trovão e um tremor de terra. De repente, as almas partiram dali, cada uma para seu lado, para o alto, a fim de nascerem, cintilando como estrelas. Er, porém, foi impedido de beber. Não sabia, contudo, por que caminho nem de que maneira alcançara o corpo, mas, erguendo os olhos de súbito, viu, de manhã cedo, que jazia na pira.

Francis PONGE. «A sonhadora matéria», in *Nouveau Recueil*. Tradução inédita de Manuel Gusmão. [1967] 1980. Paris: Gallimard. 177.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ioan Es POP. [se não me tivessem forçado a falar], in *Unelte de Dormit*.
Tradução inédita de Corneliu Popa. [2011] 2017. Bucareste: Cartea
Româneasca. 53-54.

se não me tivessem forçado a falar,
nunca teria começado.
até aos seis anos não mo pediram
e passei muito bem, porque estava debaixo da fala
como debaixo dum sino em bronze perfeitamente hermético.

ali escondia uma ciência
que, aos seis anos, me forçaram a abandonar.
via o anjo não nos sonhos, mas de verdade,
em plena luz do dia,
quando a realidade é incontestável.

nunca lhes perdoei também por me terem mandado à escola,
onde tive de falar,
e mais tarde tive de me esforçar a ser
como os outros, que falavam pelos cotovelos
e gesticulavam com as mãos e os pés,
deixando-me zozno com a história da vida deles.

ainda hoje falo, mas a medo,
porque continuo a morar ali, debaixo do sino,
e falar faz-me mal.
nada tenho a dizer em fala humana,
onde tudo é acaso e confusão.

mas disfarço com alguma habilidade
que falo, e cá fora ouvem-se
sons quase humanos,
mas na garganta é só um rugido analfabeto e disforme,
que nada tem a ver com a fala.
o pior, no entanto, é que a ciência do meu silêncio se foi,
tal como o anjo que ficou

à minha cabeceira até aos seis anos,
foi-se também o homem que podia ser outro homem,
calando-se de tal modo que ao fim
de muitos anos de mutismo teria podido desvendar
a ciência mais implacável das ciências,

a única que tornaria a morte mais fácil de aguentar
e os carros mais tolerantes.

Nicolae PRELIPCEANU. «A biblioteca fatal», in *Binemuritorul*. Tradução inédita de Corneliu Popa. [1996] 2017. Bucureste: Vitruviu. 23.

abres um livro antigo
e nele lês
a tua biografia

já não há nada a fazer
ficas à espera
que o vento vire sozinho
a última folha

Arthur RIMBAUD. «Alquimia do verbo», in *Iluminações. Uma cerveja no inferno*. Tradução de Mário Cesariny. [1873] 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 147-161.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Pierre de RONSARD. [Quando fordes bem velha ao serão, à candela], in *Alguns Amores de Ronsard*. Tradução de Vasco Graça-Moura. [1578] 2003. Lisboa: Bertrand. 109.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Giórgos SEFÉRIS. «Santorini», in *Píimata*. Tradução inédita de Manuel Resende. [1935] 1985. Atenas: Ikaros. 75

Texto sujeito a Direitos de Autor

Percy Bysshe SHELLEY. «Hymn to intellectual beauty», in *Horas de Fuga*.
Tradução de Luiz Cardim. [1817] 2003. Porto: Asa. 56-58.

O frémito subtil duma oculta Presença
corre por entre nós no mundo multicolor,
como brisa estival que vai de flor em flor
e com asa inconstante o seu mimo dispensa.
Como o luar que transfigura a noite imensa,
também ela visita, por instantes,
os corações humanos, e semblantes;
semelha os tons da tarde, e harmonias;
nuvens dispersas pelo azul sidéreo;
memórias de longínquas melodias,
e tudo quanto, em graça e fogo etéreo,
nos enleva e atrai, senão mais pelo mistério.

Ó Beleza imortal, ó génio poderoso
que resplendes e vives em tudo que iluminas
de pensamento e forma, em comunhões divinas,
porque tão raramente, ao nosso apelo ansioso,
nos vens erguer do fundo abismo doloroso?
— Pergunta ao Sol porque, sobre a torrente,
não fulge um arco-íris permanente;
porque tudo o que nasce, desfalece;
donde nos vêm o sonho e o pavor;
donde a morte aos viventes aparece;
e como existe o ódio a par do amor,
e a par da viva fé, desânimo e terror.

Nunca nenhum clarão dum mundo mais sublime
a sábio ou a poeta afastou esses véus;

debalde eles invocam a Demónios e Céus:
 um Destino cruel os arrasta e oprime.
 Porque não há na nossa voz poder que intime
 o cego acaso, e a dúvida execrável,
 a deixarem de vez o mundo instável:
 só tu brandes a chama que nos guia;
 só tu varres a névoa da montanha;
 só tu és a silente melodia
 que pela noite as almas acompanha;
 só tu dás graça e luz à nossa vida estranha.

Esperanças, paixões, orgulhos, vêm e vão
 como as nuvens do ar, incertas e transientes;
 todos seriam imortais e onnipotentes
 se tu, secreta e firme, em cada coração
 fosses viver com tua corte de eleição!
 Ó tu que és mensageira dos cambiantes
 que perpassam nos olhos dos amantes:
 ó tu que és do espírito alimento
 qual o negrume para a débil flama,
 não mais te vás, não mais, dá-nos alento:
 — não seja a fria morte que nos chama
 tal como a vida: o mesmo horror, o mesmo drama.

Era ainda bem novo e já, noite calada,
 eu corria por montes, grutas, e ruínas,
 fiado em conseguir das almas peregrinas
 a certeza final duma nova morada...
 Em vão usei da bruxaria mais cerrada:
 por ninguém fui ouvido, ninguém vi;
 mas dentro de mim mesmo, então senti,
 — ao tempo em que, perturbador e grave,
 um sopro germinal passa no mundo
 e na flor se faz cor, canção na ave —
 então senti em mim teu dom jucundo,
 e com um grito ergui as mãos ao céu profundo.

Ali me consagrei, a partir de tal hora,
a servir-te, e aos teus: e não o tenho feito?
Bate-me o coração com mais força no peito
e a vista se me turba, ao evocar agora
duendes mil que fui criando vida fora.

E todos eles vêm quando eu os chamo,
e com eles estudo e folgo e amo.
E toda a nossa fé em ti repousa:
só as tuas cadências nos redimem:
só a tua Presença temerosa
destrói as servidões que nos oprimem:
só tu nos dás o que as palavras nunca exprimem.

A luz do dia é mais solene e mais serena
pelo cair da tarde; existe uma harmonia
no outono, e limpidez, no céu, que não havia
na crueza estival, e que nenhuma pena
sabe dizer, porque não deve ser terrena.

Assim a tua luz e fortitude
que sobre mim, na tenra juventude
baixaram, me concedam, vida fora,
íntima paz: a quem, doce deidade,
só rende culto às formas onde mora
a tua inspiração: e que sempre há-de
combater quanto é vil — e amar a humanidade!

Laurence STERNE. «Capítulos IV, V e VI», in *A Vida e Opiniões de Tristram Shandy*. Tradução de Manuel Portela. [1759-1767] 1998. Lisboa: Antígona. 63-67.

CAPÍTULO IV

Bem sei que há leitores no mundo, assim como muitas outras pessoas nele existentes que não são leitores, — que não se sentem à vontade, a menos que fiquem logo cientes do segredo, duma ponta à outra, de tudo aquilo que disser respeito a alguém. É apenas para satisfazer estes seus humores, e por um certo provincianismo da minha natureza em não querer desapontar ninguém, que já me meti em todos estes pormenores. Como é provável que a minha vida e opiniões venham a dar que falar no mundo, e, se conjecturo bem, irão atingir todas as ordens, profissões e congregações de homens, — e não serão menos lidas que o próprio *Pilgrim's Progress* — e, por fim, hão-de tornar-se naquilo que Montaigne mais temia que os seus ensaios se tornassem, isto é, num livro para enfeitar o parapeito da janela da sala de estar; — Cá por mim acho necessário ouvir toda a gente à vez, pelo menos durante um bocado; e por isso peço perdão por continuar assim ainda mais um bocado: é esse o motivo que me enche de satisfação por ter começado a história da minha pessoa desta forma; e me permite continuar a traçar tudo o que nela houver, como diz Horácio, *ab ovo*.

Horácio, bem sei, não recomenda nada esta forma de começar: mas este cavalheiro refere-se apenas a um poema épico ou a uma tragédia; — (já não me lembro qual) — além disso, se assim não fosse, pediria ao Senhor Horácio que me perdoasse; — pois ao escrever aquilo que me proponho, não me hei-de limitar às suas regras, nem às regras seja de quem for.

Para aqueles que, no entanto, não estejam dispostos a recuar tanto nestes assuntos, não posso dar melhor conselho do que dizer-lhes que saltem a parte restante deste capítulo; pois, antecipadamente o declaro, foi escrito apenas para os curiosos e indiscretos.

----- Fechai a porta -----

Eu fui concebido na noite entre o primeiro domingo e a primeira segunda-feira do mês de Março, no ano da Graça de Nosso Senhor de mil setecentos e dezoito. Disso estou eu absolutamente certo. — Como consegui chegar a um tal pormenor no relato de algo que aconteceu antes de eu ter nascido, é coisa que se deve a um outro pequeno episódio conhecido apenas

entre a nossa família, mas que agora torno público para que este ponto fique devidamente esclarecido.

O meu pai, devo dizer-vos, que fora mercador na Turquia, mas que havia deixado o negócio há alguns anos, a fim de se retirar, e morrer, na propriedade paterna, sita no condado de -----, era, creio eu, em tudo quanto fazia, fosse negócio ou diversão, um dos homens mais regulares do mundo. Como um espécime mínimo da sua extrema exactidão, da qual ele era um autêntico escravo, — tornou ele uma regra, durante muitos anos da sua vida, — que na noite do primeiro domingo de cada mês ao longo do ano inteiro, — tão certa como era chegar a própria noite de domingo, — com as suas próprias mãos havia de dar corda a um relógio grande de parede, que nós tínhamos pendurado no cimo das escadas de serviço: — E estando entre os cinquenta e os sessenta anos de idade, no período que tenho estado a referir, — tinha também gradualmente começado a tratar de outros pequenos assuntos de família na mesma ocasião, de forma a tirá-los do caminho dum só vez, como ele dizia muitas vezes ao meu tio Toby, e não voltar a aborrecer-se e a incomodar-se com isso durante o resto do mês.

Só que aconteceu um infortúnio, que, em grande medida, me coube a mim sofrer, e cujos efeitos, receio, hei-de carregar comigo até à cova; isto é, a partir de uma infeliz associação de ideias sem qualquer ligação na natureza, veio a suceder por fim que mal a minha pobre mãe ouvia a corda do dito relógio, — era logo assaltada inevitavelmente por outros pensamentos — & *vice versa*: — uma tão estranha combinação de ideias, que o sagaz Locke, que certamente entendia mais da natureza destas coisas que o mor dos homens, afirma ter produzido mais acções perversas que todas as outras fontes de preconceitos.

Mas tudo isto a propósito.

Ora, parece, por um memorando no livro de bolso do meu pai, que tenho agora sobre a mesa, «Que no Dia da Anunciação de Nossa Senhora, ocorrido a 25 do mesmo mês em que datei a minha concepção, — o meu pai saiu em viagem para Londres com o meu irmão mais velho, Bobby, para o inscrever na Escola de Westminster»; e, tal como consta na mesma fonte, «Não voltou a casa, ao seio da mulher e da família, até à segunda semana do mês de Maio seguinte», — pelo que a coisa é praticamente certa. Seja como for, o que se segue no início do próximo capítulo põe esta dita coisa fora de qualquer dúvida.

— Mas dizei-me, Senhor, o que o vosso pai esteve a fazer durante todo o mês de Dezembro, Janeiro e Fevereiro? — Ora, minha Senhora, — durante esse tempo todo esteve atacado de ciática.

CAPÍTULO V

Ao quinto dia do mês de Novembro de 1718, que, pelo calendário, se aproximava dos nove meses tanto quanto qualquer marido podia razoavelmente esperar — fui eu, Tristram Shandy, Fidalgo, trazido a este nosso mesquinho e desastroso mundo. — Quem me dera ter nascido na Lua, ou em qualquer outro planeta (com excepção de Júpiter ou Saturno, porque nunca suportei o clima frio), pois qualquer deles dificilmente poderia ter sido pior para mim (embora nada possa afiançar acerca de Vénus) do que este vil e sujo planeta nosso, — o qual, com certeza, e digo-o respeitosamente, deve ter sido feito com os frangalhos e as aparas dos restantes; — não é que o planeta não seja suficientemente bom, desde que um homem possa nele nascer para ficar com um grande título ou com uma grande propriedade; ou consiga pelo menos ser chamado a cargos públicos, ou outros empregos de poder e dignidade; — mas não é esse o meu caso; — e assim cada um diz da feira conforme o que lá vendeu; — razão pela qual afirmo e reafirmo que é um dos mais vis mundos que alguma vez se criou; — pois, desde a primeira vez que nele respirei, até agora, que já mal consigo respirar, por causa de uma asma que me atacou quando patinava contra o vento na Flandres, — bem posso dizer que tenha sido a chacota contínua daquilo a que o mundo chama fortuna; e embora não lhe faça a injustiça de dizer que Ela alguma vez me tenha feito sentir o fardo de qualquer grande e notório mal; — ainda assim direi, com a maior calma do mundo, que, a cada passo da minha vida, e em cada curva ou esquina onde me pôde apanhar, essa malvada Duquesa me arremessou tal saraivada de desgraçadas desventuras e contrários acidentes que pequeno HERÓI algum jamais sofreu.

CAPÍTULO VI

No princípio do último capítulo, informei-vos com exactidão de *quando* nasci; — mas ainda não vos disse *como*. Não senhor; esse particular estava inteiramente reservado para um capítulo próprio; — além disso, Cavalheiro, como vós e eu somos ainda de certo modo perfeitos desconhecidos um para o outro, não teria sido apropriado dar-vos a conhecer, todas de uma vez, demasiadas circunstâncias relacionadas com a minha pessoa. — Tereis de ter um pouco de paciência. Eu comprometi-me, como sabeis, a escrever não apenas a minha vida, mas também as minhas opiniões, na esperança e na expectativa de que o vosso conhecimento do meu carácter, e da espécie

de mortal que eu sou, pela primeira vez, vos ajudasse a saborear as segundas: conforme fordes comigo avançando, este conhecimento de vista que agora começa entre nós há-de tornar-se familiaridade; e daí, a não ser que algum de nós cometa uma falta grave, há-de acabar em amizade. — *O diem praeclarum!* — nessa altura nada do que me tenha atingido será considerado de natureza trivial, ou de aborrecida narração. Por isso, meu caro amigo e companheiro, se me considerais algo avaro de narrativa no começo, — sede indulgente, — e deixai-me prosseguir, contando a minha história à minha maneira: — ou, se acaso aqui e ali eu me puser com brincadeiras ao longo do caminho, — ou se por vezes, por um instante ou dois, enfiar o barrete de bobo com guizos nesta nossa caminhada, — não fujais, — mas antes, com cortesia, dai-me crédito por um pouco mais de siso do que aquele que por fora eu aparento; — e assim, enquanto vamos andando, ride-vos comigo, ou ride-vos de mim, ou fazei em suma qualquer outra coisa, — mas conservai a calma.

Torquato TASSO. «Em louvor do senhor Luís de Camões, que escreveu em língua hispânica da viagem de Vasco», in *Poesia de 26 Séculos: De Arquíloco a Nietzsche*. Tradução de Jorge de Sena. [1580] 1993. Porto: Asa. 142.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Dylan THOMAS. [Sobretudo no instante em que o vento de Outubro], in *A Mão ao Assinar Este Papel*. Tradução de Fernando Guimarães. [1934] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 25-26.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Marina TSVETÁEVA. [Ó musa das lágrimas, a mais bela das musas!], in
E Cantou como Canta a Tempestade. Tradução de António Mega Ferreira.
[1922] 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 17.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Tristan TZARA. «Atrocidades de Artur & trombeta & escafandrista», in *DADA: Antologia Bilingue de Textos Teóricos e Poemas*. Tradução de Teolinda Gersão. [1919] 1983. Lisboa: Dom Quixote. 93.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ao princípio será o Sono. Animal profundamente adormecido, morna e tranquila massa misteriosamente isolada, arca fechada e cheia de vida que transportas para o dia a minha história e o meu possível, ignoras-me, conservas-me, és a minha permanência inexprimível: o teu tesouro é o meu segredo. Silêncio, meu silêncio! Ausência, minha ausência, ó minha forma fechada, abduco de qualquer pensamento para te contemplar com todo o meu coração. Criaste uma ilha de tempo, és um tempo que se desligou do enorme Tempo onde a tua duração indefinida subsiste como um anel de fumo. Não há mais estranho, mais piedoso pensamento, não há maravilha mais próxima. O meu amor perante ti é inesgotável. Inclino-me sobre ti que és eu próprio, e não há troca alguma entre nós. Esperas-me sem me conheceres e faço-te falta para me desejar(es). Não tens defesas. Quanto mal me fazes com o barulho da tua respiração! Sinto-me, tão perto de ti, cativo da incerteza do teu suspiro. Por entre essa máscara abandonada exalas o murmúrio da existência estacionária. Escuto a minha fragilidade, e a minha estupidez está perante mim. Homem perdido nos teus próprios caminhos, desconhecido na tua própria casa, munido de alheias mãos que agrilhoam os teus gestos, estorvado por braços e pernas que te entram os movimentos, não conheces sequer o número dos teus membros e perdes-te longe deles. Os teus olhos teceram as suas próprias trevas onde trocam o nada pelo nada, e neles a noite. Ai! como cedes à tua substância e te conformas, cara Coisa viva, ao peso do que és! Que fraqueza te dispôs, quão ingenuamente me apresentas o meu rosto de menor resistência! Mas sou o acaso, a ruptura, o signo! Sou a tua emanção e o teu anjo. Há apenas um abismo entre nós, que não somos nada um sem o outro. O meu vigor em ti está disperso, mas em mim toda a esperança da esperança. Uma série de modulações insensíveis suscitará a minha presença da tua ausência, o meu ardor, dessa inércia, a minha vontade, dessa plenitude de equilíbrio e de abatimento. Aparecerei aos meus membros como um prodígio, expulsarei a impotência da minha terra, ocuparei o meu império até às unhas, as tuas extremidades obedecer-me-ão e entraremos audaciosamente no reino

dos nossos olhos... Mas ainda é cedo para renascer. Ó! repousa, repousa-me... Tenho medo de voltar aos pensamentos nefastos. Esperemos separados que o trabalho ingénuo e monótono das máquinas da vida desgaste ou destrua grão a grão a hora que nos divide ainda. Fui, és, serei... O que vier a ser deduz-se docemente do que já não é. Eis porque a minha ternura ansiosa paira sobre ti... Ora, essa Coisa agita-se e essa forma muda de forma, e os lábios que parece estender a si mesma desenham o acto de um discurso. Ninguém a ninguém o pronuncia, e há um apelo, um amor, um pedido suplicante, ou algum outro... Há ensaios de luz, desastrosos esforços de ressurreição. Vamos! Eis a *minha* fadiga, o milagre, os corpos sólidos, os meus desassossegos, os meus projectos e o Dia!

[18-19]

Mil vezes senti já o Único...

Mil vezes, mais de mil vezes, a ideia cuja essência é ser único...

— Sempre lhe consentes não te reconhecer!...

Há então, na substância de um homem, uma virtude de apagamento, sem a qual um dia apenas bastava para esgotar e consumir o fascínio do mundo. Poderia um só pensamento anular o espírito?

Mas uma sede de conhecer, uma alegria de sentir vir a si alguma próxima Ideia — de sentir iluminar-se pouco a pouco um reino de inteligência — renasce indefinidamente das cinzas secretas da alma. Cada aurora é primeira. A ideia que vem cria um homem novo.

Mas como é possível que me ignore e me anule de tal forma que a esperança renasça e doure de novo os altos frontões da pura Promessa, os graus infinitos do Conhecimento, e esses altares misteriosos onde a nossa vida se verte em fumo perante os ídolos do Intelecto, onde actos espirituais e preces extraordinárias transformam o nosso amor, o nosso sangue, o nosso tempo, em obras e pensamentos?

Não estou eu habituado a surpreender-me, e não é a novidade a sensação que melhor conheço?

Talvez seja uma lei do espírito que ele deva desconhecer a mais simples das suas leis. Exige que nunca ao desejo nada se tenha assemelhado. Pois o desejo é todo ele poder, mas a lembrança de um poder é impoder, e o poder não é senão a minha presença ao mais alto grau.

Mas, enquanto o próprio momento do espírito aspira ao que julga sem exemplo, e eu deposito a minha esperança em vivências singulares, cada batimento do meu coração diz de novo, cada sopro da minha boca volta a lembrar — que a *coisa mais importante é a que mais se repete*.

Vejam-me aqui, tal como sou, banhando no ar indispensável. Este ar parece tão puro e deliciosamente fresco que o sinto fazer-me viver, em vez de viver sem pensar nele, e que a palavra tão vazia de ALMA, que tão levemente pronunciamos, toma aqui e agora o seu valor pessoal e universal. Também não ignoro a presença da terra sobre a qual poiso, ando e posso deitar-me, se quiser. Tudo isto é admirável, como a luz que me envolve de coisas verdadeiras ainda que longínquas. Encanto-me com todas estas riquezas em que nunca pensamos. Sinto que sou feito de tudo o que preciso e que possuo com que dormir se precisar de sono.

É dado aos homens não verem estes dons que lhes não faltam, nem este equilíbrio banal de que apenas distinguem, pela dor ou pelo extremo prazer, as fortes variações. O simples e o natural são as aparências mais enganadoras. A perfeição dos artífices que nos fazem viver é tal que a consideramos um esforço menor.

Tudo o que é preciso para ser está tão escondido quanto possível. Seria necessário inventar indefinidamente para seguir este pensamento até à sua raiz. Vai e vem. Olha e boceja, como à própria árvore que forma um novo nó à medida que vai desabrochando, que a tua distração se fixe de repente e se endureça em nova ideia.

Minha dama, minha amiga, que proclamas que as tuas flores são belas, que me chamas a que venha respirá-las, pois não podes sozinha esgotar o prazer, o orgulho, a embriaguez que, em ti, derramam as tuas tantas rosas, dá-me tempo para chegar, dá-me tempo para pensar no que sobre elas te deva dizer. Deixa-me encontrar uma palavra que agrade ao teu gosto das flores... Que se me distraísse e apenas dissesse o que penso, pressinto que irritaria a vaidade que te dão... Que são para mim todos esses cálices de carne tenra, esses pequenos rostos inclinados? Não sei acarinhar maravilhas tão delicadas, tão sensíveis e tão frágeis... Gostas de flores, minha amiga, e eu gosto das árvores. Flores são coisas e as árvores são seres. Gosto mais do todo do que da parte. Vem adorar comigo essa grandiosa portadora de ramos e de folhas, esse grande ser isolado e completo. Nela, a estatura e o porte exaltam o meu olhar. Invoca, chama a árvore da vida que está em mim. É eixo de um mundo onde irradia a sua existência, e sinto-o por mim próprio quando aprofunda até ao granito a sua ideia fixa da vida... Não vês como sustenta em toda a sua glória o exemplo e a lei pura de se fazer igual no espaço a todo o poder imperativo do tempo? Como responde à sua duração, como se aumenta e se sucede na distância! Não subsiste senão crescendo, e o número das suas folhas canta em surdina o que se passa no mar.

Árvore, árvore minha, *Amor* seria o teu nome, se me fosse dado nomear-te, ó estátua de uma sede constante, o teu vigor eleva-se em ti como o óleo entre as fibras e não cessas de te construir pois vives apenas de crescer. Pelo corpo ardente dos céus, pela carne do ar fresco e fluido, pelo que arde também, no alto, és chamada à altitude. Amo-te, gostaria de amar como tu, ser amado como tu amas, estremecer, crescer, perecer...

[40-43]

Zénite.

No seio da profunda noite.

Uma hora e meia. Acordo e levanto-me e ando, e de casaco sobre os ombros abro a pequena janela quadrada, baixa. Todo o diadema/desastre/sistema Órion está em ascensão, culminará dentro de uma hora. Quem poderá decifrar?...

E no entanto é a hora, o despertar, o *desperta!* Onde deveria falar o que tem qualquer coisa a dizer...

Aqui está uma orelha, uma boca, um testemunho, um posto, uma escuta, com que traduzir. Uma inteligência em ordem de marcha, uma atenção, um silêncio e uma limpidez...

A água profunda do mundo a esta hora está tão calma, a água das coisas-Espírito tão transparente como espaço-tempo puro. Tão límpida que devia ser possível vislumbrar Aquele que sonha tudo isto.

Mas não há nada senão o que é e nada mais, nada senão o que é e escorre uniformemente.

Ó cintura — *Zona* — Que significam Tu e Eu?

[66-67]

Garcilaso de la VEGA. [Em minha alma é escrito vosso rosto], in *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»*, Volume 1. Tradução de José Bento. [século XVI] 1993. Lisboa: Assírio & Alvim. 67.

Em minha alma é escrito vosso rosto
e quanto eu escrever de vós anseio:
vós sozinha o escrevestes, eu o leio
tão só que nisto vos evito a gosto.

Nisto estou e estarei sempre disposto
que, não cabendo em mim o meu enleio,
desse bem o que não entendo creio,
tomando já a fé por pressuposto.

Eu não nasci senão para querer-vos;
minha alma à sua altura vos talhou;
para hábito de minha alma vos quero;
quanto possuo confesso já dever-vos;
por vós nasci, por vós na vida estou,
por vós morro, por vós morrer espero.

Lope de VEGA. [Um soneto me faz fazer Violante], in *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»*, Volume 2. Tradução de José Bento. [c. 1615] 1996. Lisboa: Assírio & Alvim. 183.

Um soneto me faz fazer Violante;
nunca na vida estive tão inquieto;
catorze versos dizem que é soneto,
brinca brincando vão os três diante.

Pensei que não achava consoante
e a metade estou deste quarteto;
mas se me vejo no primeiro terceto,
nada há nos dois quartetos que me espante.

Pelo primeiro terceto vou entrando,
e parece que entrei com pé direito,
pois fim com este verso lhe estou dando.

No segundo já vou, e até suspeito
que estou os treze versos acabando;
contai se são catorze, e já está feito.

Paul VERLAINE. «Arte poética», in *Poemas Saturnianos e Outros*. Tradução de Fernando Pinto do Amaral. [1866] 1994. Lisboa: Assírio & Alvim. 169-171.

A Charles Maurice

Música acima de qualquer coisa,
E para isso prefere o Ímpar
Mais grave e mais solúvel no ar limpo,
Sem que haja nele nenhum peso ou pose.

Nunca te esqueças de que é preciso
Escolher palavras, mas com desprezo:
Nada ultrapassa a canção cinzenta
Em que o Preciso ama o Indeciso.

São belos olhos atrás de véus,
É o dia claro, a tremer de luz,
E é, num tépido Outono, um céu
De astros brilhantes na poalha azul!

Porque nós queremos sempre as Cambiantes,
Nada de Cor, só cambiantes vagas!
Só as cambiantes unem, vibrantes,
O sonho ao sonho e a trompa à flauta!

Foge a correr do Chiste assassino,
Do Riso impuro e da cruel Mente
— Fazem chorar todo o Firmamento —,
De todo esse alho da má cozinha!

Torce o pescoço à eloquência!
Com energia, então, bem farás
Ao dar à Rima um pouco de senso.
Se não vigiares, até onde irá?

Oh, quem dirá os erros da Rima?
Que petiz surdo ou que preto louco
Pôde forjar essa jóia indigna
Que sob a lima nos soa a oco?

Música sempre, música ainda!
Que seja o verso a coisa que voa
E de uma alma foge, partindo
Pra outros céus e outros amores.

Que os versos sejam feliz augúrio
Espalhado ao vento frio da manhã,
Cheiro a tomilho e a hortelã...
E tudo o resto é só literatura.

(dantes e outrora)

William WORDSWORTH. «Tintern Abbey», in *Horas de Fuga*. Tradução de Luiz Cardim. [1798] 2003. Porto: Asa. 200-203.

Cinco anos já passaram, cinco Verões
e cinco Invernos longos! E outra vez
ouço estas águas que dos montes rolam
com tão doce murmúrio. Torno a ver
estas altas escarpas majestosas
que no isolado matagal imprimem
ideias de mais funda solidão.
E à paz do céu eu ligo esta paisagem.
O dia me voltou em que repouso
uma vez mais à sombra do sicómoro,
e vejo desenhados os cultivos,
e os tufos do pomar que ainda imaturo
nesta estação do ano é verde, e não
se distingue dos bosques, nem perturba
o verde da paisagem. Ainda outra vez
contemplo as sebes, indistintas já,
porque cresceram bravas; e as herdades
verdes até ao limiar das portas;
e entre o arvoredado os ascendentes fumos!
Alguns são tão incertos, como se
fossem de vagabundos pelos bosques
ou de caverna de eremita aonde
junto do fogo el' esteja.
Esta beleza,
na longa ausência, nunca foi pra mim
como paisagem na visão de um cego:
mas, amiúde, em quartos solitários,
ou nas cidades agitadas, eu,
em horas de amargura, lhes devi
no sangue e no meu peito sensações

que entram às vezes no mais puro de alma
num repousar tranquilo. E sentimentos
de prazer não-lembrado, quais, talvez,
poder não pouco é que hão-de ter naquela
parte melhor da vida do homem justo:
breves, sem nome, não-lembrados actos
de bondade ou de amor... Nem menos, creio,
ainda lhes devo mais sublime dádiva,
um estado de alma em bem-aventurança
em que a pesada carga do mistério,
em que a opressão, que nos esmaga e gasta,
do não-inteligível deste mundo,
se torna leve: esse sereno estado
em que os afectos nos conduzem suaves —
até que, o respirar em nosso corpo
e o movimento de correr o sangue
quase que suspendidos, dorme o corpo
e se transforma em palpitar de uma alma:
enquanto um olhar, aquietado pelo
fundo poder de alegres harmonias,
nos mostra a vida interior das coisas.
Se uma vã crença isto só for... mas quanto —
em trevas ou por entre as várias formas
de um triste dia, quando o anseio inútil
e a febre deste mundo mais pesaram
no coração que bate, oh quantas vezes,
em espírito, voltei às tuas margens,
silvestre rio!, que vagueias por
bosques tão verdes — quanto a ti voltei!
E ora, em relance de idear quase extinto,
num reconhecimento vago e frágil,
e algo também de uma tristeza ambígua,
a paisagem, do espírito renasce:
enquanto estou aqui, não só no senso
do presente prazer, mas na confiança
que neste instante o alimento e a vida
no futuro não faltam. O que ousou esperar,
sem dúvida diverso do que eu era
quando andei nestes montes, qual cabrito

saltava nas encostas, pelas margens
de fundos rios e torrentes frias,
por onde a Natureza me levasse:
mais como aquele que foge do que teme
que quem procura o que ama. A Natureza
(os mais rudes prazeres da juventude
e a alegria animal do movimento,
agora já perdidos) para mim
era tudo. Não posso descrever
o que por mim eu era. A catarata
de ecos me fascinava: e a escarpa abrupta,
as montanhas, e os bosques mais sombrios,
as suas cores e formas então eram
como um desejo: sentimento e amor
não precisando mais remoto encanto
que o pensamento empreste, ou outro interesse
mais que o do próprio olhar. Mas esse tempo
passado é já, com seu prazer que doía,
suas vertigens de êxtase. Não me cabe
chorar ou lamentar, pois outros gozos
vieram, para tal perda, quero crer,
compensação bastante. É que aprendi
a ver a Natureza, não qual via
com juvenil descuido; mas ouvindo
a triste música da humanidade,
nem áspera, nem dura, poderosa
para nos aquietar. Tenho sentido
uma presença a perturbar-me alegre
com mais altas ideias: um sublime
senso de algo mais fundamente infuso,
cuja morada é a luz dos sóis poentes,
do oceano a curva, o ar que nos rodeia,
o céu azul, e o pensamento humano:
um movimento, um espírito, que impele
tudo o que pensa, tudo o que é pensado,
e rola em quanto existe. Sou, portanto,
amante ainda de montanhas, prados,
e bosques, e de tudo quanto vemos
na verde terra, e também todo o mundo

que ver e ouvir em parte criam e é
o que apercebem: e de aceitar feliz,
na Natureza e na sensual linguagem,
uma âncora do puro pensamento,
guia do que o meu peito sente, e a alma
do meu inteiro ser moral.

W.B. YEATS. «Quando fores velha», in *Uma Antologia*. Tradução de José Agostinho Baptista. [1893] 1996. Lisboa: Assírio & Alvim. 15.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Zoran ŽIVKOVIĆ. Excerto de «A biblioteca nocturna», in *A Biblioteca*.
Tradução de Arijana Medvedec. [2002] 2010. Lisboa: Cavalo de Ferro. 45-46.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(5)
VIAGENS
E (DES)CONHECIMENTO
DO OUTRO

ANÓNIMO. «O marinheiro», in *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro*.
Tradução de Cecília Rego Pinheiro. 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 581-583.

Canto a canção da minha aventura no mar,
A tensão do perigo, o jugo da faina,
Que tantas vezes suportei com angústia no espírito
Durante horas fatigantes de doloroso pesar.
O meu barco foi arrastado pelos mares que se abriam;
Penosa foi a vigília na proa durante a noite
Quando podia já ouvir a voz dos rochedos.
Os meus pés entorpeceram com o frio tenaz,
A fome esgotou um espírito fatigado pelo mar
E o cuidado era um peso no meu coração.
Pouco sabe o marinheiro de água doce, a salvo em terra,
Do que padeci em mares gelados,
Desafortunado e gasto pelas tempestades de Inverno,
Coberto de pingentes de gelo, atormentado pelo granizo,
Só e sem amigos e longe de casa.
Nos meus ouvidos nenhum som, a não ser o rugido do mar,
As ondas geladas, o grito do cisne;
Em vez do vinho e das gargalhadas dos homens
A minha única canção era o pio da gaivota,
O grito do mergulhão, o guincho da andorinha-do-mar;
Por entre o lamento da ventania impetuosa batendo os penhascos
O choro agudo do petrel emplumado de gelo,
O gemido da águia ecoando, ensopado de tempestade.
Em toda a minha desgraça, cansado e só,
Não tinha o consolo de um companheiro ou de um parente.
Pouco, na verdade, pode ajuizar aquele, cuja vida na cidade
Agradavelmente passa em folguedo e alegria,
Resguardado do perigo, de toda a fatigante dor
Que tantas vezes padeci em mares longínquos.
As sombras da noite escureciam com a neve impelida

Pelo norte glacial e os grilhões de gelo
Aprisionavam firmemente o solo, enquanto o granizo,
A mais fria das sementes, se cravava na terra.
Contudo ainda, mesmo agora, o meu espírito dentro de mim
Leva-me em direcção ao mar, para transpor as profundezas,
Para percorrer a longa inchação das ondas salgadas.
Nunca um dia se passou sem que o desejo do meu coração
Me lançasse no longo caminho do mar,
Ansiando por portos distantes e costas longínquas.
Mas não há homem, tão altivo no seu ânimo,
Tão generoso na sua dádiva, tão ardente na sua juventude,
Tão audaz nas suas acções ou tão estimado pelo seu senhor,
Que esteja livre do medo na sua longa viagem no mar
Ou que não tema o propósito e o plano de Deus para o seu destino.
A cadência de uma harpa, a oferta de um tesouro,
O amor de uma mulher, a esperança terrena,
Nem qualquer outro interesse pode sustentar o seu coração,
A não ser apenas o ritmo das vagas ondulantes;
O seu coração está assombrado pelo amor ao mar.
As árvores florescem e as cidades são belas,
Os prados brilham e toda a vida desperta,
Todas as coisas apressam aquele que tem o coração impaciente,
Que se alegra com elas para viajar para longe,
Voltando-se para o mar e para terras distantes.
O cuco agita-o com um chamamento triste,
Mensageiro do Verso de pesaroso canto,
redizendo a mágoa que apunhala o coração.
Aquele que vive faustosamente pouco conhece
Da dor que os homens padecem na condenação do exílio.
Contudo ainda, mesmo agora, o meu desejo expande-se,
O meu espírito paira sobre extensões de mar,
Sobre a casa da baleia e a vastidão do mundo.
Ansioso, desejoso, o espírito solitário regressa;
Grita aos meus ouvidos e impele o meu coração
Para o caminho da baleia e para o mar profundo.

Michel BUTOR. «I», in *La Modification*. Tradução inédita de Eugénia Leal.
[1957] 1980. Paris: Minuit. 7-15.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Italo CALVINO. «As cidades e os olhos. 1», in *As Cidades Invisíveis*.
Tradução de José Colaço Barreiros. [1972] 1993. Lisboa: Teorema. 55-58.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Alice começava a ficar mais do que farta de estar para ali sentada ao lado da irmã, na margem do rio, sem ter nada que fazer. Por uma ou duas vezes deitara uma espreitadela ao livro que a irmã estava a ler, mas era um livro sem gravuras nem diálogo, «e para que serve um livro», pensou Alice, «onde não há gravuras nem diálogo?».

Estava, por conseguinte, a tentar decidir mentalmente (isto na medida do possível, porque o dia estava quente e o calor fazia-a sentir-se muito ensonada e obtusa) se o prazer de tecer uma grinalda de malmequeres valeria o trabalho de se levantar para apanhar os malmequeres, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou por ela a correr.

Não era coisa assim *muito* de espantar. E Alice também não achou que fosse *muito* fora do comum ouvir o Coelho dizer com os seus botões: «Ó céus! Ó céus! Vou chegar tarde de mais!» (Quando, mais tarde, voltou a pensar em tudo aquilo, ocorreu-lhe que devia ter ficado admirada, mas, na altura, tudo parecia perfeitamente natural.) Mas, quando se chegou ao ponto de o Coelho *tirar um relógio do bolso do colete*, olhar para ele e deitar de novo a correr, Alice pôs-se em pé de um salto porque se lembrou de repente que nunca antes tinha visto um coelho de colete, e muito menos com um relógio no bolso do mesmo. Ardendo de curiosidade, correu atrás do Coelho pelo campo fora e, felizmente para ela, mesmo a tempo de o ver enfiar por uma grande toca, debaixo da sebe.

No momento seguinte, a própria Alice se metia pela toca abaixo, atrás dele, sem pensar uma vez sequer em como poderia voltar a sair. A toca prosseguia a direito, como um túnel, por uma certa distância, para logo se inclinar subitamente para baixo, tão subitamente que Alice não teve um instante que fosse para pensar em travar, antes de se ver a cair por um poço muito fundo abaixo.

Isto é, ou o poço era muito fundo ou ela caía muito devagar, porque o certo é que teve imenso tempo para olhar em volta, enquanto descia, e tentar imaginar o que lhe iria suceder em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo

e ver onde iria parar, mas o poço era demasiado escuro para ver fosse o que fosse. Depois, olhou para as paredes do poço e notou que estavam cheias de armários e estantes; aqui e além, viu mapas e gravuras pendurados em escáfulas. De passagem, tirou um boião de um dos armários. Tinha um rótulo onde se lia «DOCE DE LARANJA», mas, para seu grande desapontamento, estava vazio. Não lhe agradando a ideia de deixar cair o boião, com medo de matar alguém, lá conseguiu metê-lo noutra armário, ao passar, sempre caindo, junto dele.

— Ora bem! — considerou Alice. — Depois de uma queda como esta, que importância posso eu dar a qualquer trambolhão por uma escada abaixo! E, lá em casa, que valente que eles me vão achar. Ora! Ainda que caísse do telhado, não diria nem ai nem ui! — (O que, muito provavelmente, até era verdade.)

E caía, caía, caía. Seria possível que aquela queda *nunca* chegasse ao fim?

— Só gostava de saber quantos quilómetros já caí até agora! — disse, em voz alta. — Devo estar a aproximar-me do centro da Terra ou coisa assim. Deixa cá ver! Hão-de ser uns seis mil quilómetros de profundidade, penso eu... — (É que, não sei se sabem, Alice tinha aprendido muitas coisas como esta na sala de aulas e, embora aquela não fosse uma ocasião lá *muito* boa para exhibir os seus conhecimentos, já que não havia ali ninguém para a ouvir, nem por isso deixava de ser um bom treino repeti-los.) — Sim, deve ser essa a distância certa... Só não sei é em que latitude ou longitude estarei! — (Alice não fazia a mínima ideia do que seriam latitude ou longitude, mas pensou que ficaria bem utilizar tão belas e importantes palavras.)

Daí a pouco, recomeçava: «Será que vou cair através da Terra *inteira*? Vai ser bem giro aparecer no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antípatias, creio...» (E, desta vez, bem satisfeita estava por não haver ninguém a ouvi-la, porque não lhe parecia que aquela fosse a palavra certa.) «Mas vou ter de lhes perguntar o nome da terra. Desculpe, minha senhora, isto aqui é a Nova Zelândia ou a Austrália?» (E, ao mesmo tempo que falava, tentou fazer uma vénia — imaginem o que seria fazer uma vénia durante uma queda! Acham que seriam capazes?) «Mas que ignorante ela vai pensar que eu sou, a fazer uma pergunta destas! Não, o melhor é não perguntar nada. Talvez veja o nome escrito nalgum lado!»

E caía, caía, caía. Como não havia mais nada que pudesse fazer, pouco tardou para que Alice recomeçasse a falar. «Pobre Diná! As saudades que vai ter de mim esta noite!» (Diná era a gata.) «Espero que se lembrem de lhe dar o pires de leite à hora da merenda. Minha querida Diná! Quem me dera que estivesse aqui em baixo, comigo! Não há ratos no ar, bem sei, mas podias

apanhar um morcego, que é um bicho muito parecido com um rato. Mas será que os gatos comem morcegos?» E, nesta altura, Alice começou a sentir-se cheia de sono e continuou a repetir para si própria, como num sonho, «Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?» e, por vezes, «Os morcegos comem gatos?» porque, não sei se estão a ver, como não sabia responder a nenhuma das perguntas, pouco interessava o modo como as fazia. Sentiu que estava mesmo, mesmo a adormecer e começara já a sonhar que passeava de mão dada com a gata Diná, dizendo-lhe com ar muito sério: «Diz-me lá a verdade, Diná. Alguma vez comeste um morcego?», quando, de repente — catrapumba! —, caiu em cima de um monte de paus e folhas secas. A queda chegara ao fim.

Alice não se magoara nem um bocadinho e, num instante, pôs-se em pé de um salto. Olhou para cima, mas, por sobre a sua cabeça, tudo era escurecido. À sua frente, estendia-se uma nova e longa passagem e, correndo por ela fora, avistava-se ainda o Coelho Branco. Não havia um segundo a perder. Rápida como o vento, Alice lançou-se atrás dele, mesmo a tempo de o ouvir dizer, ao voltar uma esquina: «Pelas minhas orelhas! Pelos meus bigodes! Está-se a fazer tão tarde!» Apesar de virar a esquina quase atrás do Coelho, Alice já não o avistou. Encontrou-se numa sala comprida e de tecto baixo, iluminada por uma fila de lâmpadas penduradas no tecto.

Em toda a volta da sala havia portas, mas todas essas portas estavam fechadas. E depois de percorrer do princípio ao fim um dos lados da sala, e logo do fim ao princípio o outro lado, experimentando todas as portas, caminhou tristemente pelo meio, sem saber como poderia alguma vez sair dali.

De súbito, deparou com uma pequena mesa de três pés, toda feita de vidro. Em cima dela, havia apenas uma minúscula chave dourada. Alice logo pensou que poderia ser a chave de uma das portas da sala. Mas, pobre dela!, ou as fechaduras eram demasiado grandes ou a chave era demasiado pequena, o certo é que não abria porta nenhuma. Contudo, ao dar uma segunda vez a volta à sala, deu com uma cortina que vinha até ao chão e em que não tinha reparado antes. Por detrás havia uma portinha com uns quarenta centímetros de altura e, experimentando a chave dourada na fechadura, Alice verificou, com grande satisfação, que servia.

Alice abriu a porta e descobriu que conduzia a um pequeno corredor, não muito maior que uma toca de rato. Ajoelhando-se, espreitou pelo corredor e, ao fim, avistou o jardim mais bonito que se possa imaginar. Como desejava ver-se fora daquela sala escura e passear por entre os canteiros de flores garridas e as frescas fontes do jardim! Mas não conseguiu sequer passar a cabeça por entre os batentes da portinha. «É mesmo que a minha cabeça

passasse», pensou a pobre Alice, «de pouco serviria sem os ombros. Ó quem me dera poder encolher como um telescópio! E tenho a impressão de que poderia... se ao menos soubesse como começar.» Isto porque, não sei se estão a ver, tinham sucedido tantas coisas fora do comum até ali que Alice começava a pensar que muito poucas seriam realmente impossíveis.

Como não lhe parecia que servisse de muito ficar ali à espera, Alice voltou para junto da mesa de vidro, na vaga esperança de ir encontrar outra chave ou talvez um livro de instruções que ensinasse as pessoas a encolherem como telescópios. Desta vez, havia uma garrafinha em cima da mesa («que, de certeza, não estava aqui há bocadinho», pensou Alice), e pendurado no gargalo havia um rótulo de papel, com a palavra «BEBE-ME» belamente impressa em grandes letras.

Era muito bonito dizer «Bebe-me», mas a pequena Alice, ajuizada como era, não ia fazer *tal coisa* assim do pé para a mão. «Nada disso», pensou. «Primeiro, tenho de ver se a garrafa diz ‘veneno’ ou não.» É que ela tinha lido várias e instrutivas histórias acerca de crianças totalmente queimadas, devoradas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo por não *serem capazes* de recordar as simples regras que as pessoas amigas lhes tinham ensinado, como, por exemplo, que um atizador em brasa nos queima se o segurarmos durante demasiado tempo e que, se cortarmos um dedo *muito* fundo com uma faca, ele geralmente sangra. E Alice não esquecera que, se bebermos muito de uma garrafa que diga «veneno», é quase certo acabarmos por nos sentir mal, mais tarde ou mais cedo.

Entretanto, como a garrafinha em questão *não* dizia «veneno», Alice atreveu-se a provar o conteúdo e, achando-o agradável (na verdade, o sabor era uma mistura de torta de cereja, leite-creme, ananás, peru assado, caramelo e torradas com manteiga), pouco tardou a bebê-lo todo.

Miguel de CERVANTES. Excerto de «Capítulo primeiro do terceiro livro», in *Os Trabalhos de Persiles e Sigismunda*. Tradução de José Bento. [1617] 2014. Lisboa: Documenta. 246-251.

Nisto iam as naves com um vento igual, por diferentes caminhos, que este é um dos que parecem mistérios na arte da navegação; iam rompendo, como digo, não cristais claros mas azuis; mostrava-se o mar acolchoado, porque o vento, tratando-o com respeito, não se atrevia a tocar senão a sua superfície, e a nave suavemente lhe beijava os lábios, e deixava-se resvalar sobre ele com tanta leveza que mal parecia que lhe tocava. Deste modo, e com a mesma tranquilidade e sossego, navegaram dezassete dias sem ser necessário subir nem descer, nem chegar a recolher as velas, cuja felicidade nos que navegavam, se não considerasse descontos o temor de futuras tormentas, não haveria prazer que o igualasse.

Após estes ou poucos mais dias, ao amanhecer de um, disse um grumete que do alto da gávea maior ia descobrindo a terra:

— Alvissaras, senhores, alvissaras peço e alvissaras mereço! Terra! Terra! Embora melhor eu deveria dizer: céu!, céu!, porque sem dúvida estamos no sítio da famosa Lisboa.

Cujas novas arrancaram dos olhos de todos ternas e alegres lágrimas, especialmente de Ricla, dos dois Antónios e de sua filha Constança, porque lhes pareceu que já tinham chegado à terra de promessa que tanto desejavam.

António lançou-lhe os braços ao pescoço, dizendo-lhe:

— Agora saberás, bárbara minha, do modo que hás-de servir a Deus, com outra relação mais abundante, embora não diferente, da que eu te fiz; agora verás os ricos templos em que é adorado; verás juntamente as cerimónias católicas com que se serve, e notarás como a caridade cristã está no seu máximo. Aqui, nesta cidade, verás como são carrascos da doença muitos hospitais que a destroem, e o que neles perde a vida, envolto na eficácia de infinitas indulgências, ganha a do céu. Aqui o amor e a honestidade dão as mãos, e passeiam juntos, a cortesia não deixa que dela se aproxime a arrogância, e a bravura não consente que se aproxime dela a cobardia. Todos os seus moradores são agradáveis, são cortesese, são generosos e são enamorados, porque

são inteligentes. A cidade é a maior da Europa e a de maiores negócios; nela se descarregam as riquezas do Oriente, que daí são repartidas pelo universo; o seu porto é espaçoso, não só de naves que se possam reduzir a um número, mas de selvas móveis de árvores que os das naves formam; a formosura das mulheres admira e enamora; a galhardia dos homens causa espanto, como eles dizem; finalmente, esta é a terra que dá ao céu um santo e abundantíssimo tributo.

— Não digas mais — disse nesta altura Periandro —, deixa, António, alguma coisa para os nossos olhos, que os elogios não hão-de dizer tudo: alguma coisa há-de ficar para a vista, para que com ela nos admiremos de novo, e assim, crescendo o gosto de um momento para o outro, virá a ser maior nos seus pontos mais elevados.

Contentíssima estava Auristela por ver que dela se aproximava a hora de pôr o pé em terra firme, sem andar de porto em porto e de ilha em ilha, sujeita à inconstância do mar e à vontade volúvel dos ventos; e mais quando soube que dali a Roma podia ir a pé enxuto, sem embarcar outra vez, se não quisesse.

Seria meio-dia quando chegaram ao forte de S. Julião, onde o navio foi inspeccionado, e onde o comandante e os que com ele entraram na nave se admiraram da formosura de Auristela, da galhardia de Periandro, do traje bárbaro dos dois Antónios, do bom aspecto de Ricla e da agradável beleza de Constança. Souberam que eram estrangeiros e que iam em peregrinação a Roma. Periandro pagou generosamente aos marinheiros que os tinham trazido, com o ouro que Ricla tirou da ilha bárbara, já tornado moeda corrente na ilha de Policarpo. Os marinheiros quiseram chegar a Lisboa para cambiá-lo por alguma mercadoria.

O comandante de S. Julião avisou o governador de Lisboa, que então era o arcebispo de Braga, por ausência do rei, que não estava na cidade, da nova vinda dos estrangeiros e da beleza sem-par de Auristela, acrescentando a de Constança que com as roupas de bárbara não somente não a encobria, mas realçava; exaltou-lhe também o galhardo porte de Periandro, e juntamente a inteligência de todos que pareciam não bárbaros mas cortesãos.

Chegou o navio à margem da cidade e na de Belém desembarcaram, porque Auristela, enamorada e devota da fama daquele santo mosteiro, quis visitá-lo primeiro e nele adorar o verdadeiro Deus livre e sem nenhum impedimento, sem as desviadas cerimónias da sua terra. Tinha saído para a margem infinita gente para ver os estrangeiros desembarcados em Belém; acorreram lá todos para ver a novidade, que sempre leva atrás de si os desejos e os olhos.

Já saía de Belém o novo esquadrão da nova formosura: Ricla medianamente formosa, mas belamente vestida à maneira bárbara; Constança, formosíssima e rodeada de peles; Antônio pai, com os braços e as pernas nus, mas com peles de lobo coberto o resto do corpo; Antônio filho ia do mesmo modo, mas com o arco na mão e a aljava das setas às costas; Periandro, com casaca de veludo verde e calções do mesmo tecido, como um marinheiro, com um gorro estreito e pontiagudo na cabeça, que não podia cobrir os anéis de ouro que seus cabelos formavam; Auristela trazia toda a gala do setentrão no vestido, a mais bizarra galhardia no corpo e a maior formosura do mundo no rosto. Com efeito, todos juntos e cada um por si, causavam assombro e maravilha a quem os olhava; mas sobre todos sobressaía a sem-par Auristela e o galhardo Periandro.

Chegaram por terra a Lisboa, rodeados por gente plebeia e cortesã; levaram-nos ao governador, que, depois de admirado de vê-los, não se cansava perguntar quem eram, donde vinham e para onde iam. Ao que respondeu Periandro, que já trazia estudada a resposta que havia de dar a semelhantes perguntas, vendo que haviam de fazer-lhas muitas vezes: quando queria ou lhe parecia que lhe convinha, relatava a sua história por alto, ocultando sempre seus pais, de modo que, satisfazendo os que lhe perguntavam, em breves palavras resumia, se não toda, pelo menos grande parte da sua história. Mandou-os o vice-rei alojar num dos melhores alojamentos da cidade, que calhou ser a casa de um magnífico cavalheiro português, onde era tanta a gente que lá ia para ver Auristela, de quem só soubera a fama do que havia de ver em todos, que Periandro foi de parecer que mudassem os trajos de bárbaros para os de peregrinos, porque a novidade dos trajos que traziam era a causa principal de serem seguidos, que até pareciam perseguidos pelo vulgo; além disso, para a viagem que eles levavam para Roma, nenhum era para eles mais apropriado. Assim se fez, e dali a dois dias viram-se peregrinamente peregrinos.

Aconteceu, pois, que ao sair um dia de casa, um português lançou-se aos pés de Periandro, chamando-o pelo seu nome, e abraçando-o pelas pernas, disse-lhe:

— Que ventura é esta, senhor Periandro, que a dês a esta terra com a tua presença? Não te admires ao ver que te chamo pelo teu nome, que sou um daqueles vinte que recuperaram a liberdade na queimada ilha bárbara, onde tu a tinhas perdida; estive presente na morte de Manuel de Sousa Coutinho, o cavalheiro português; separei-me de ti e dos teus na hospedaria onde chegaram Maurício e Ladislau em busca de Transila, esposa de um e filha do outro; trouxe-me a boa sorte à minha pátria; contei aqui a seus parentes

a enamorada morte; acreditaram nela, e embora eu não a contasse por tê-la visto, acreditaram nela, por considerar quase um costume morrer de amores os portugueses; um irmão dele, que herdou os seus bens, celebrou as suas exéquias e numa capela da sua família pôs-lhe numa pedra de mármore branco, como se debaixo dela estivesse enterrado, um epitáfio que quero que venhais todos ver, tal como estais, porque creio que vos há-de agradar por ser tão inteligente e donairoso.

Pelas palavras, bem conheceu Periandro que aquele homem falava verdade; porém, pelo rosto, não se recordava de tê-lo visto em toda a sua vida. Apesar disso, foram ao templo que dizia, e viram a capela e a pedra sobre a qual estava escrito em português este epitáfio, que leu quase em castelhano António pai, que dizia assim:

AQUI JAZ VIVA A MEMÓRIA DO JÁ MORTO
MANUEL DE SOUSA COUTINHO, CAVALHEIRO PORTUGUÊS,
QUE SE NÃO FOSSE PORTUGUÊS, AINDA SERIA VIVO.
NÃO MORREU ÀS MÃOS DE NENHUM CASTELHANO,
MAS ÀS DO AMOR, QUE TUDO PODE; PROCURA SABER A SUA VIDA
E INVEJARÁS A SUA MORTE, PASSAGEIRO.

Viu Periandro que tinha tido razão o português para louvar-lhe o epitáfio, no escrever dos quais tem grande primor a nação portuguesa. Auristela perguntou ao português que luto fizera a freira, dama do morto, pela morte do seu enamorado, o qual lhe respondeu que poucos dias depois de ter sabido dela, passou desta a melhor vida, quer pela austeridade que fazia sempre, quer pelo desgosto do inesperado acontecimento.

Dali foram a casa de um famoso pintor, onde Periandro ordenou que, numa grande tela, lhe pintasse os principais factos da sua história: num lado pintou a ilha bárbara a arder em chamas, e ali junto a ilha da prisão, e um pouco mais desviado a balsa ou jangada onde o achou Arnaldo quando o levou para o seu navio; noutra parte estava a ilha Nevada, onde o enamorado português perdeu a vida; depois a nave que soldados de Arnaldo furaram com um trado; ali junto pintou a separação do esquife e da barca; ali mostrava-se o desafio dos enamorados de Taurisa e a sua morte; aqui estavam a serrar pela quilha a nave que servira de sepultura a Auristela e aos que com ela vinham; acolá estava a agradável ilha onde em sonhos Periandro viu os dois esquadrões de virtudes e vícios; e ali, junto à nave, onde os peixes naufragos pescaram os dois marinheiros e deram-lhes sepultura no seu ventre. Não se esqueceu de pintar ver-se empedrados no mar gelado, o assalto e o combate do navio,

nem o entregar-se a Crátilo; pintou também a temerária corrida do poderoso cavalo, cujo susto o transformou de leão em cordeiro; que os tais com um susto se amansam; pintou, como num esboço e num estreito espaço, as festas de Policarpo, coroando-se a si mesmo como vencedor; com decisão, não ficou uma passagem importante que não concorresse para a sua história, que ali não pintasse, até pôr a cidade de Lisboa e o seu desembarque no mesmo traje em que tinham vindo; também se viu no mesmo quadro arder a ilha de Policarpo, Clódio traspassado com a seta de António e Cenótia pendurada num mastro; pintou-se também a ilha das Ermidas e Rutílio com aparências de santo. Este quadro compunha-se de uma recompilação que os livrava de contar a sua história em pormenor porque o jovem António explicava as pinturas e os acontecimentos quando insistiam com ele para que os dissesse. Mas, no que mais se distinguiu o pintor famoso foi no retrato de Auristela, em que diziam se mostrara saber pintar uma formosa figura, embora a deixasse prejudicada, pois a beleza de Auristela, se não fosse conduzido por um pensamento divino, não havia um pincel humano que a alcançasse.

Dez dias estiveram em Lisboa, gastando-os todos a visitar os templos e a encaminhar suas almas pela recta senda da sua salvação, ao cabo dos quais, com licença do vice-rei e com credenciais verdadeiras e firmes de quem eram e para onde iam, despediram-se do cavalheiro português, seu anfitrião, e do irmão do enamorado, Alberto, de quem receberam grandes atenções e benefícios, e puseram-se a caminho de Castela.

Samuel Taylor COLERIDGE. «Rima do Velho Marinheiro, Parte I», in *Lyrical Ballads*. Tradução de Gualter Cunha. [1828] 1998. Lisboa: Parque EXPO 98. 11-20.

ARGUMENTO

De como um barco, tendo passado o Equador, foi levado por tempestades para as Terras Frias, para os lados do Pólo Sul; e de como daí navegou para as Latitudes tropicais do Grande Oceano Pacífico; e das estranhas coisas que lhe aconteceram; e de que maneira o Velho Marinheiro regressou ao seu País.

Parte I

[Um velho Marinheiro encontra três Galantes a caminho de uma festa de Casamento e interrompe um deles.]

É um velho Marinheiro
E um dos três faz parar.
«Por tua barba grisalha
E por teu olhar brilhante,
Por que me fazes parar?»

Está aberta a casa do noivo,
Que é meu familiar;
Os convivas já cá estão,
Está preparada a função:
Ouve-os a celebrar.»

Com mão macilenta o pára,
«Houve um barco», diz-lhe então.
«Larga-me já, velho tonto!»
E retirou logo a mão.

[O Convidado do Casamento é enfeitado pelo olhar do velho homem do mar e constringido a ouvir a sua história.]

Prende-o com o brilho dos olhos —
E o Convidado quedou
Com atenção de criança:
O Marinheiro mandou.

Assentou-se o Convidado:
Só pode escolher ouvir;
E assim falou o ancião,
Com o olhar a reluzir.

«Houve saúdes ao barco
Quando deixámos o porto;
Saímos em alegria:
Ficava a igreja no alto,
No alto o farol se via.

[O Marinheiro conta como o barco navegou para sul com bons ventos e tempo bonançoso, até chegar ao Equador.]

Nascia o Sol pela esquerda,
No mar de onde saía!
Brilhava, e à direita
No mar de novo caía.

Cada vez ia mais alto,
Sobre o mastro ao meio-dia —
Pôs o outro a mão no peito,
Pois já o fagote se ouvia.

[O Convidado ouve a música nupcial; mas o Marinheiro continua a sua história.]

Vermelha como uma rosa
Entra a noiva no salão;
Vão os menestrelis à frente
A saudar a multidão.

O Convidado que vinha
À festa do Casamento

Bateu com a mão no peito;
Mas apesar do lamento
Só pode escolher ouvir;
E o ancião prosseguiu,
Com o olhar a reluzir.

[O barco é levado para o Pólo Sul por uma tempestade.]

«Veio então a TEMPESTADE
Que foi potente e cruel:
A golpes das suas asas
Empurrou-nos rumo ao sul.

Já com o mastro inclinado
E a proa a baixar para o mar,
Como quem segue seu fado
Sem força para protestar,
O barco ia sendo levado
Pelo temporal desfeito
Sempre para sul sem parar.

Vieram nevoeiro e neve,
E um frio de pasmar:
Alto que ao mastro chegava,
Verde, cor da esmeralda,
O gelo vinha a vogar.

[A terra do gelo e de sons medonhos, onde não se via nenhum ser vivo.]

E das montanhas de neve
Vinha um brilho tremendo:
Não se entrevia viva alma —
Só gelo pelo gelo adentro.

Gelo aqui, gelo acolá,
Tudo gelo em derredor:
A rebentar e a rugir,
A ribombar e a bramir,
Como em desmaio um fragor!

[Até que uma grande ave marinha, chamada Albatroz, veio pela bruma da neve e foi recebida com grande alegria e hospitalidade.]

Veio então um Albatroz,
Pelo meio da cerração;
E por Deus nós o saudamos,
Como à alma de um cristão.

Comeu o que nunca comera,
E em redor de nós voou.
Num trovão abriu-se o gelo,
E o timoneiro passou!

[E eis que o Albatroz mostra ser uma ave de bom augúrio e segue o barco no seu regresso para norte através da bruma e dos gelos flutuantes.]

Levantou-se um vento sul;
Seguia-nos o Albatroz,
Que por fome ou por folia
Dia após dia acorria
À chamada de um de nós!

Com nevoeiro ou com nuvens,
Fosse na enxárcia ou no mastro,
Por nove dias seguidos
Veio o Albatroz poisar:
À noite na névoa branca
Brilhava o branco luar.

[O velho Marinheiro quebra a hospitalidade e mata a ave benigna e de bom augúrio.]

«Deus te livre, Marinheiro!
Que demónio te apoquentá
De maneira tão feroz? —
Que tens tu?» — Com uma seta
Eu matei o ALBATROZ.

Joseph CONRAD. *Coração das Trevas*. Tradução de Bernardo de Brito e Cunha. [1899] 2008. Lisboa: Nova Vega. 43-52.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Daniel DEFOE. Excerto de *Robinson Crusoe*. Tradução de M. Henriques.
[1719] 2009. Lisboa: Dom Quixote. 203-208.

Texto sujeito a Direitos de Autor

E.M. FORSTER. Excerto de «Capítulo II», in *Passagem para a Índia*.
Tradução de Bernardette Pinto Leite. [1924] 1988. Lisboa: Europa-
-América. 42-46.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Roma, 1 de Novembro de 1786

É verdade, cheguei finalmente a esta capital do mundo! Se a tivesse visto há quinze anos em boa companhia, guiado por um homem sabedor, ter-me-ia dado por satisfeito. Mas como devia vê-la e visitá-la sozinho, foi bom esta alegria ter-me sido concedida mais tarde.

Passei a correr pelos montes do Tirol, Verona, Vicenza, Pádua, Veneza, vi-as bem, Ferrara, Cento, Bolonha de passagem, e de Florença quase nada. O desejo de chegar a Roma era tão grande, crescia tanto a cada momento que nem pensava em parar, e só permaneci três horas em Florença. Agora aqui estou, tranquilo e, ao que me parece, tranquilizado para toda a vida. Pois bem se pode dizer que começa uma nova vida quando vemos com os nossos olhos o todo que em parte conhecemos de cor e salteado. Vejo agora como os sonhos da minha juventude ganham vida: as primeiras gravuras em cobre de que me lembro (o meu pai tinha as vistas de Roma nas paredes de uma antessala), vejo-as agora em realidade, e tudo aquilo que eu já conhecia em quadros e desenhos, gravuras em cobre e madeira, em gesso e cortiça, está agora, tudo junto, à minha frente; para onde quer que vá encontro coisas conhecidas num novo mundo; é tudo como eu tinha imaginado, e tudo novo. E o mesmo posso dizer das minhas observações, das minhas ideias. Não tive ideias novas, não achei nada propriamente estranho, mas as antigas tornaram-se tão precisas, tão vivas, tão coesas que poderiam passar por novas.

Quando a Elisa de Pigmaleão, que ele tinha moldado a seu gosto e a quem tinha dado tanta autenticidade e vida própria quanto é possível a um artista, finalmente se lhe dirigiu e disse: «Aqui estou eu!», que diferente era a figura viva da pedra moldada!

Assim, é também para mim um correctivo moral viver entre um povo que é todo sentidos, e sobre o qual se falou e escreveu tanto que cada forasteiro julga pela bitola que traz consigo. Perdoe a todos os que o censuram e invectivam; eles estão muito longe de nós, e conviver com eles sendo forasteiro é penoso e exige grande dispêndio.

2 de Dezembro

Encontrei aqui por acaso a *Itália*, de Archenholz. Como um escrevinhador destes mirra nos próprios lugares que descreve, como se pússemos o livrinho sobre brasas, ele começasse a ficar castanho e preto, as folhas se enrolassem e desaparecessem no meio do fumo. Que ele viu as coisas, lá isso viu; mas faltam-lhe conhecimentos para poder impor aquele tom sobranceiro e sarcástico, e tropeça a cada momento, quando louva e quando critica.

Roma, 2 de Dezembro de 1786

O tempo bom, quente e calmo, apenas interrompido por alguns dias de chuva, é para mim uma novidade no fim de Novembro.

Passamos o bom tempo ao ar livre, o mau em casa, e encontramos em toda a parte qualquer coisa com que nos alegrar, que aprender e fazer.

No dia 28 de Novembro voltámos à Capela Sistina, pedimos para nos abrirem a galeria, de onde se vê melhor o tecto. As pessoas apertam-se, porque é muito estreita, movem-se com alguma dificuldade e algum perigo junto das grades de ferro, pelo que as que têm medo das alturas se afastam; mas a vista da grande obra-prima compensa tudo. E de momento estou tão obcecado por Miguel Ângelo, que nem sequer a natureza me sabe bem depois dele, porque não sou capaz de a ver com tão grandes olhos como ele. Ah, se houvesse maneira de fixar na alma imagens destas! Vou levar comigo tudo o que apanhar de gravuras e desenhos segundo as suas obras.

Daí fomos para as *Loggie* de Rafael, e mal me atrevo a dizer que nem podíamos olhar para elas. Os olhos estavam tão abertos e habituados às grandes formas e à divina perfeição de todas as partes, que não tínhamos disposição para os espirituosos jogos dos arabescos, e as histórias bíblicas, por belas que sejam, não se comparavam com as outras. Deve dar uma grande alegria o poder ver com frequência e alternadamente estas duas obras, e compará-las com mais tempo e sem preconceitos; pois a princípio todo o envolvimento só pode ser unilateral.

Esgueirámo-nos dali e fomos até à Villa Pamflli, onde há zonas de jardim muito belas, e aí ficámos até ao fim da tarde. Um grande prado orlado de carvalhos de folha perene e pinheiros altos estava todo salpicado de margaridas com as cabeças voltadas para o sol. E aí começaram as minhas especulações botânicas, que prossegui no dia seguinte durante um passeio ao Monte Mario, à Villa Melim e à Villa Madama. É interessante observar como se comporta uma vegetação cujo ciclo não é interrompido por baixas temperaturas; aqui não há botões, e tem de se começar por aprender o que é um botão. O medronheiro (*arbutus unedo*) floresce agora de novo, enquanto

os últimos frutos amadurecem, e também a laranjeira se mostra com flores, frutos meio verdes e já maduros (mas estas últimas árvores, desde que não se encontrem entre edifícios, são agora cobertas). Sobre o cipreste, a mais respeitável das árvores quando velha e de bom porte, muito haveria que pensar. Quero ver se faço em breve uma visita ao jardim Botânico, e espero descobrir aí muita coisa. É bem verdade que nada se compara à nova vida que a observação de uma terra estranha proporciona a um homem pensante. Embora continue a ser o mesmo, acho que se está a dar em mim uma transformação que me atinge até à medula.

Fico-me por aqui hoje, e a próxima página vou enchê-la de desgraças, mortes, terramotos e desastres, para que caia também um pouco de sombra nas minhas pinturas.

[172-174]

Werner HERZOG. «Quinta-feira, 28 de Novembro», in *Caminhar no Gelo*.
Tradução de Isabel Castro Silva. [1975] 2011. Lisboa: Tinta-da-china. 39-43.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Hermann HESSE. Excerto de «O filho de brâmane», in *Siddhartha. Um poema indiano*. Tradução de Pedro Miguel Dias. [1922] 2002. Porto: Público. 7-10.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Alexander Von HUMBOLDT. «Descrição da natureza. Sentimento da natureza de acordo com a diversidade de épocas e de povos», in *Pinturas da Natureza — Uma antologia*. Tradução de Gabriela Fragoso. [1808] 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 186-189.

A fidelidade individual à natureza, que tem a sua origem na contemplação de cada um de nós, adquire especial fulgor na grande epopeia nacional da literatura portuguesa. Há como que um aroma a flores da Índia pairando sobre todo aquele poema, escrito sob o céu dos trópicos (em Macau, numa gruta escavada na rocha, e nas Molucas). Não me compete a mim corroborar uma ousada afirmação de Friedrich Schlegel, segundo a qual *Os Lusíadas* de Camões «ultrapassam em muito o Ariosto quanto à cor e à riqueza de fantasia» mas, enquanto observador da natureza, é-me com certeza permitido acrescentar que nas sequências descritivas d'*Os Lusíadas* o entusiasmo do poeta, o ornamento retórico e os doces sons melancólicos nunca são obstáculo à exactidão posta na apresentação dos fenómenos do mundo físico. Pelo contrário, e como acontece sempre que a arte brota de fonte límpida, antes reforçam a vivacidade das impressões deixadas pela grandiosidade e pela veracidade das imagens da natureza. Em Camões são inimitáveis as descrições do eterno movimento entre atmosfera e mar, entre as camadas de nuvens de tão variadas formas, os seus processos meteorológicos e os diversos estados em que se apresenta a superfície dos oceanos. Esta, ora nos surge encrespada por suaves brisas, com pequenas vagas brilhando, cintilantes, no jogo dos raios de luz reflectidos, ora enquanto terrível procela por ocasião da luta de Coelho e Paulo da Gama contra a fúria desmedida dos elementos. Camões é um grande pintor dos mares na verdadeira acepção do termo. Enquanto soldado, lutou no sopé do Atlas, em terras marroquinas, no Mar Vermelho e no Golfo Pérsico; dobrou duas vezes o cabo e, imbuído de um profundo sentimento da natureza, escutou durante dezasseis anos todos os fenómenos marítimos nas costas da Índia e da China. Descreve o fogo eléctrico de Santelmo (Castor e Pólux dos navegadores da antiga Grécia), «o lume vivo que a marítima gente tem por Santo»; descreve a ameaçadora tromba-d'água na sua gradual evolução: «como o vapor, urdido a partir do seu próprio fumo rodopia sobre si próprio, deixando cair um delgado cano que chupa sequiosamente as águas; e como, depois de a nuvem espessa se

ter saciado, o pé que tem no mar é recolhido e voa, chovendo, para o céu, devolvendo às ondas, em forma de água doce, o que a tromba impetuosa lhes tirara». Os sábios na escritura, diz o poeta (e quase se poderia afirmar que está também a troçar da nossa época), que tentem «explicar os segredos deste mundo, já que, dirigidos apenas pelo intelecto e pela ciência, gostam de considerar errado o que se ouve contar da boca dos marinheiros que têm a experiência como único guia».

O talento posto por este poeta entusiasta nas descrições da natureza não se limita aos fenómenos individuais, pois também brilha quando abarca grandes complexos de uma só vez. O canto terceiro retrata em poucos traços a configuração da Europa, desde o Norte mais gélido até ao «reino lusitano e ao estreito em que Hércules cumpriu o seu último trabalho». Em todo o lado se alude aos costumes e ao estado cultural dos povos que habitam este multifacetado continente. Dos prussianos, dos moscovitas e das nações «que o Reno frio lava», Camões passa para os magníficos prados de Helas «que creastes os peitos eloquentes, e os juízos de alta fantasia». No canto décimo o olhar alonga-se: Tétis conduz o Gama a um alto cume para lhe revelar os segredos da constituição do mundo («machina do mundo») e a órbita dos planetas (de acordo com Ptolomeu). Trata-se de uma visão ao estilo de Dante; e como a terra é o centro de todo o movimento, assim a descrição do globo terrestre acaba por conduzir à apresentação do conhecimento que se tinha das terras então exploradas e dos respectivos produtos. Já não se trata aqui de fazer apenas uma descrição da Europa, como acontecia no canto terceiro; agora todos os continentes são examinados, mencionando-se até a própria terra de Vera Cruz (o Brasil) e as costas descobertas por Magalhães «no feito com verdade português, porém não na lealdade».

Se comecei por enaltecer Camões enquanto pintor dos mares, foi porque pretendi dar a entender que a vida na terra o atraiu muito menos. Já Sismondi refere, com razão, que o poema não contém o mínimo sinal de contemplação da natureza tropical e da constituição fisionómica. Só são assinalados os aromas e os produtos necessários às trocas comerciais. É verdade que o episódio da ilha dos amores oferece a mais encantadora pintura de uma paisagem, mas a cobertura vegetal é constituída — como seria de esperar de uma ilha de Vénus — por «mirtos, citrinos, limões aromáticos e romãs», tudo plantas características do Sul da Europa. No maior navegador de então, Cristóvão Colombo, encontramos um maior prazer nas florestas costeiras, mais atenção prestada às formas do reino vegetal; só que Colombo escreve um diário de viagem, nele assinalando todas as impressões que o marcaram a cada dia, enquanto que a epopeia de Camões glorifica os grandes feitos dos

portugueses. Ir buscar à língua dos nativos nomes de plantas e incluí-los na descrição de uma paisagem, na qual os protagonistas se movimentam como que sobre um pano de fundo, não seria de molde a aliciar um poeta habituado aos sons harmoniosos.

Claudio MAGRIS. «X. Entre os outros vienenses», in *Danúbio*. Tradução de Miguel Serras Pereira. [1986] 2010. Lisboa: Quetzal. 237-243.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Harry MARTINSON. Excerto de «Ventos alísios», in *Comboio Camuflado*.
Tradução de Silva Duarte. [1945] 1974. Lisboa: Dom Quixote. 63-65.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Michel de MONTAIGNE. «Dos canibais», in *Œuvres Complètes — Essais, Livre I*. Tradução inédita de Helena Carvalhão Buescu a partir da edição de Albert Thibaudet e Maurice Rat. [1580] 1962. Paris: Gallimard. 200-213.

Quando o rei Pirro chegou a Itália, e depois de se aperceber da organização do exército que os Romanos lhe opunham, disse: «Não sei que tipo de bárbaros sejam estes (porque os Gregos assim designavam todas as nações estrangeiras), mas a disposição do seu exército nada tem de bárbaro.» O mesmo disseram os Gregos do exército com que Flamínio entrou no país deles, tal como o disse Filipe, ao contemplar, a partir de uma colina, a ordem e a distribuição do acampamento romano feito no seu reino, sob as ordens de Públio Sulpício Galba. Eis pois como é prudente, ao ter em conta as opiniões comuns, submetê-las ao juízo da razão, e não ao da opinião corrente.

Tive comigo, ao longo de bastante tempo, um homem que tinha vivido durante dez ou doze anos nesse outro mundo, descoberto no nosso século, no sítio em que Villegagnon acostou, e a que ele chamou a França Antártica. Esta descoberta de um território sem fim parece dever ser considerada como de grande monta. Não sei se posso asseverar que no futuro não haverá nenhuma que se lhe compare, visto tantas personagens, maiores do que nós, se terem enganado nesta previsão. Receio que tenhamos os olhos maiores do que a barriga, e mais curiosidade do que capacidade. Tudo abraçamos, mas não estreitamos senão vento.

Platão apresenta Sólon narrando que ouviu dos sacerdotes da cidade de Saís, no Egipto, que, antigamente e antes do dilúvio, havia uma grande ilha, chamada Atlântida, em frente do estreito de Gibraltar, que era bem maior do que a África e a Ásia juntas, e que os reis dessa região, que não possuíam apenas essa ilha, mas se tinham estendido em largura por terra firme de tal modo que em África abarcavam até ao Egipto, e na Europa iam até à Toscana, decidiram avançar até à Ásia e subjugar todas as nações que vão da costa do Mar Mediterrâneo até ao golfo do Mar Maior ou Mar Negro; e, para esse fim, atravessaram as Espanhas, a Gália, a Itália, e foram até à Grécia, onde os Atenienses os conseguiram deter; no entanto, algum tempo mais tarde, quer os Atenienses quer eles quer a sua ilha foram todos engolidos pelo dilúvio. É bastante verosímil que esta extrema destruição pelas águas tenha produ-

zido estranhas alterações na habitação da terra, por isso defendendo alguns que o mar separou a Sicília da Itália,

*Haec loca, vi quondam et vasta convulsa ruina,
Dissiluisse ferunt, cum protinus autraque tellus
Una foret*

Chipre da Síria, a ilha de Negroponte da terra firme da Beócia; e que, por outro lado, uniu terras que até aí estavam separadas, enchendo de lodo e de areia os fossos que as separavam,

*sterilisque diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.*

Não há, no entanto grandes evidências de que esta ilha seja este Novo Mundo que temos vindo a descobrir; na verdade, ela quase tocava a Espanha, e seria um incrível efeito de inundação se ela tivesse recuado, como é o caso, mais de mil e duzentas léguas; acresce que as navegações dos modernos já quase estabeleceram que não se trata de uma ilha, mas de terra firme e continental, com as Índias orientais de um lado, e as terras que estão debaixo dos dois pólos do outro; ou, se ela estiver separada, tal acontece através de um tão pequeno estreito e intervalo que não merece, por essa razão, ser designada como ilha.

Parece haver movimentos, uns naturais, outros febris, nesses grandes corpos, como nos nossos. Quando considero a diferença que o meu rio da Dordonha faz, no meu tempo, do lado direito do seu curso, e como ele ganhou tanto corpo e consistência em vinte anos, destruindo as fundações de tantos edifícios, vejo bem que é uma agitação extraordinária; porque, se ela tivesse acontecido, ou viesse a acontecer no futuro, sempre deste modo, a forma do mundo viria a ser totalmente alterada. Mas os rios são também atingidos por grandes mudanças: tanto se espriam para um lado como para o outro, como até se contêm. Claro que não falo de inundações súbitas com cujas causas nós lidamos. No Médoc, ao longo da costa, o meu irmão, o Senhor de Arsac, vê um seu terreno soterrado debaixo das areias que o mar sobre ele vomita; o topo de alguns edifícios é ainda visível; mas os seus terrenos arrendados e as suas terras aráveis tornaram-se em magras pastagens. Os habitantes dizem que, desde há algum tempo, o mar se lança com tanta força sobre eles que já perderam quatro léguas de terra. Estas areias são o contramestre do mar; e é possível ver grandes montanhas de areias movediças que marcham uma meia légua à frente dele, submergindo terras.

O outro testemunho da Antiguidade, com o qual se quer relacionar esta descoberta, encontra-se em Aristóteles, pelo menos se o livrinho «Das inauditas maravilhas» tiver de facto sido escrito por ele. Aí se conta que alguns Cartagineses, ousando atravessar o mar Atlântico para lá do Estreito de Gibraltar, e depois de terem navegado durante muito tempo, acabaram por descobrir uma grande e fértil ilha, toda revestida de mato e atravessada por grandes e profundos rios, muito distante de qualquer terra firme; e que eles, e outros depois deles, atraídos pela generosidade e pela fertilidade das terras, aí desembarcaram com as suas mulheres e os seus filhos, e a essa ilha se adaptaram. Os senhores de Cartago, vendo que o seu país pouco a pouco ficava desabitado, expressamente proibiram, sob pena de morte, que mais alguém partisse para lá, e expulsaram da ilha esses novos habitantes, receando, segundo se diz, que com o correr do tempo eles se multiplicassem de tal forma que os viessem a suplantam a eles mesmos, Cartagineses, e assim viessem a arruinar o seu Estado. Esta narrativa de Aristóteles tão-pouco se adequa às nossas terras novas.

Aquele homem que me servia era um homem simples e rude, o que é uma condição apropriada a um testemunho verdadeiro; porque as pessoas requintadas reparam em mais coisas e de forma mais minuciosa, mas no fundo glosam-nas; e para fazerem valer a interpretação que apresentam e a tornarem persuasiva, não podem impedir-se de alterar um pouco a História; não vos representam jamais as coisas no seu estado puro, pelo contrário distorcendo-as e alterando-as segundo a aparência que mais lhes agradou; e, para dar crédito ao seu juízo e vo-lo fazer partilhar, tratam sem reбуço os assuntos dessa forma, alongando-os e amplificando-os. Em alternativa, é preciso um homem tão fiel na narração dos factos, ou tão simples, que não tenha possibilidade de construir e dar verosimilhança a falsas invenções, e que a nada se tenha ligado. O meu homem era assim; e, além disso, ele apresentou-me a diversos embarcados e mercadores que tinha conhecido na sua viagem. Desta forma, contento-me com essa informação, sem me preocupar com o que os cosmógrafos afirmam.

Fazem-nos falta topógrafos que nos fizessem uma descrição circunstanciada dos lugares onde estiveram. Mas, achando que têm sobre nós a vantagem de terem visto a Palestina, entendem que podem atribuir-se o privilégio de nos dar novas de todo o resto do mundo. Gostaria que cada um escrevesse sobre o que sabe, e apenas quanto sabe, não só no que a isto diz respeito, mas em todos os assuntos: porque um tal pode ter um conhecimento ou experiência particular da natureza de um rio ou de uma fonte, sem que sobre tudo o resto conheça mais do que qualquer outra pessoa pode saber. No entan-

to, acabará por tentar, para disseminar esse pequeno fragmento de saber, a redacção de um completo tratado de física. E deste vício nascem vários e grandes desacertos.

Ora, e para voltar ao assunto, parece-me que nada há de bárbaro ou de selvagem nesse povo, de acordo com o que dele me reportaram, senão que cada um chama barbárie àquilo que não lhe é habitual; na realidade, parece que não temos outro critério para estabelecer a verdade e a razão a não ser o exemplo e a ideia das opiniões e usos da região em que vivemos. É nela que está a perfeita religião, a perfeita forma de governar, o perfeito e completo uso de todas as coisas. Eles são selvagens da mesma forma que consideramos como selvagens os frutos que a natureza, por si mesma e pelo seu progresso normal, produziu: quando, na verdade, é àqueles que nós alterámos pela nossa intervenção, desviando-os da sua ordem natural, que deveríamos chamar selvagens. Naqueles mantêm-se vivas e vigorosas as mais úteis e naturais virtudes e propriedades que afinal abastardámos nos outros, acomodando-os simplesmente ao prazer do nosso gosto corrompido. No entanto, consideramos excelentes o próprio sabor e a delicadeza desses frutos provenientes de regiões sem cultura, ao compará-los com os nossos. Não há razão para que o engenho seja considerado superior à nossa grande e poderosa mãe natureza. Tanto sobrecarregámos a beleza e a riqueza das suas obras pelas nossas invenções que acabámos por a sufocar. Contudo, onde quer que a sua pureza reluza, ela admiravelmente envergonha as nossas vãs e frívolas tentativas.

Estes povos parecem-me bárbaros apenas no sentido em que foram bem pouco afectados pelo espírito humano, e se encontram muito próximos da sua autenticidade original. É às leis naturais, muito pouco abastardadas pelas nossas, que ainda obedecem; mas fazem-no num estado de pureza tal, que por vezes me sinto entristecido por não os termos conhecido mais cedo, no tempo em que havia homens que os pudessem melhor julgar do que nós. Contrista-me que Licurgo e Platão não os tenham conhecido; porque me parece que aquilo que nós vemos, por experiência, nesses povos ultrapassa não só todas as descrições pelas quais a poesia embelezou a Idade do Ouro e todas as suas invenções, para significar uma feliz condição humana, mas ainda tudo quanto a própria filosofia concebeu e desejou. Esses filósofos não puderam imaginar uma inocência tão pura e tão simples, tal como a que vemos por experiência; nem puderam acreditar que a nossa sociedade pudesse ser mantida com um grau tão ínfimo de artifício e de vínculos humanos. É um povo, diria eu a Platão, no qual não existe qualquer espécie de mercadoria; nenhum conhecimento das letras; nenhuma ciência dos números;

nenhum nome para magistrado, ou para qualquer tipo de superioridade política; nenhum uso de servidão, de riqueza ou de pobreza; nenhuns contratos; nenhuma sucessões; nenhuma partilhas; nenhuma ocupações que não as proporcionadas pelo ócio; nenhum respeito além daquele pela comunidade; nenhuma roupa; nenhuma agricultura; nenhum metal; nenhum consumo de vinho ou de trigo. As próprias palavras que denotam a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a maledicência, o perdão, são-lhe desconhecidas. Como sentiria Platão a república por ele imaginada tão distante desta perfeição: «*virī a diīs recentēs.*»

Hos natura modos primum dedit.

Além disso, vivem numa região muito aprazível e de clima ameno; de modo que, segundo o que me dizem as minhas testemunhas, é raro lá ver um homem doente; asseguraram-me ainda nunca lá terem visto alguém tremente, com ramelas, desdentado, ou curvado de velhice. Habitam ao longo da costa, separados do lado da terra por altas e grandes montanhas, com uma largura de cem léguas entre ambas. Têm uma grande abundância de peixe e de carne, sem qualquer semelhança aos nossos, e comem-nos sem mais nenhum artifício senão o de os grelharem. O primeiro homem que lá levou um cavalo, mesmo tendo com eles contactado várias vezes previamente, causou-lhes tanto terror nesses preparos que o mataram com armas de arremesso, antes de o poderem reconhecer. Os edifícios em que vivem são bastante compridos, podendo conter entre duzentas e trezentas pessoas, protegidos pela casca de grandes árvores, erguendo-se cravadas sobre um pequeno terreno e suportando-se e apoiando-se umas às outras pelas copas, como alguns dos nossos celeiros, cuja cobertura vai até ao chão e lhes serve de flanco. Dispõem de uma madeira tão dura que, depois de a cortarem, dela fazem as suas espadas e os espetos que usam para grelharem a carne. Os seus leitos são de tecido de algodão, suspensos do tecto, como os dos nossos navios, e cada um tem o seu, dormindo as mulheres separadas dos seus maridos. Levantam-se ao nascer do sol e comem, assim que se levantam, o suficiente para todo o dia, porque não fazem mais nenhuma refeição além daquela. Nesse momento não bebem, como conta Suidas a propósito de outros povos do Oriente, que bebem apenas fora das refeições; com efeito, bebem bastante, e várias vezes por dia. A sua beberagem é feita de uma raiz e tem a cor dos nossos vinhos claretos. Apenas a bebem morna, e conserva-se tão-só por dois ou três dias; tem um gosto algo picante, não é inebriante, é saudável para o estômago, e tem, para aqueles que não têm o hábito de a beber, um efeito laxante;

aqueles que se lhe habituam acham-na muito agradável. Em vez de pão, utilizam uma certa massa branca, como se fosse um preparado com coentros. Experimentei um pouco dela: tem um sabor doce e insosso. Todo o dia é passado a dançar. Os mais jovens vão à caça armados de arcos e flechas. Uma parte das mulheres entretém-se, entretanto, a amornar a beberagem, e é essa a sua principal ocupação. Todas as manhãs, antes da refeição, um dos anciãos prega a todos os da sua comunidade, andando de um lado para o outro do edifício e repetindo o mesmo preceito várias vezes, até ter acabado de dar a volta (porque os edifícios têm bem cem passos de comprimento). Apenas lhes recomenda duas coisas: a valentia contra os inimigos e a amizade para com as suas mulheres. E, como se fosse um refrão, nunca deixa de lhes observar que têm a obrigação de reconhecer que são elas que mantêm a sua bebida morna e bem temperada. É possível ver em diversos lugares, entre os quais em minha casa, a forma dos seus leitos, dos seus cordões, das suas espadas e das braceiras em madeira com que, em combate, cobrem os punhos, bem como as grandes canas, abertas numa das extremidades, com cujo som mantêm a cadência das suas danças. Rapam os pêlos de todo o corpo de um modo muito mais metuculoso do que nós, sem disporem de outro instrumento para lá da madeira ou da pedra. Acreditam nas almas eternas, e que aquelas que tiveram merecimento se encontram do lado do nascer do sol, enquanto as malditas se encontram a Ocidente.

Têm não sei bem que padres e profetas, que raramente se deixam ver pelo povo, e que moram nas montanhas. Aquando da sua chegada, celebra-se uma grande festa e assembleia solene de várias aldeias (cada granja, como eu descrevi, forma uma aldeia, cada uma distante da outra cerca de uma légua francesa). Esse profeta diz-lhes um discurso em público, exortando-os à virtude e ao dever; mas toda a sua ética se limita àqueles dois artigos mencionados, da resolução para a guerra e da amizade para com as mulheres. Ele profetiza-lhes coisas futuras e os acontecimentos que devem esperar como resultado do que empreenderam, orientando-os para a guerra ou desviando-os dela; mas tudo se passa de tal maneira que, se o que lhes aconteceu não correspondeu ao que lhes foi predito, então ele é cortado em mil pedaços caso o apanhem, e é condenado como falso profeta. Desta forma, aquele que uma vez se tenha desdido nunca mais é visto.

A adivinhação é um dom de Deus; é por esta razão que utilizá-la de forma indevida devia constituir uma impostura digna de punição. Entre os Citas, quando os adivinhos tinham falhado as suas previsões, deitavam-nos, acorrentados de pés e mãos, em carroças cheias de urze, puxadas por bois, nas quais os queimavam. Porque aqueles que se atêm às coisas dependentes

da humana suficiência podem ser perdoados por apenas fazerem aquilo que lhes é possível. Mas esses outros, que se nos vêm anunciar através de uma faculdade extraordinária que está para além do nosso conhecimento, não deverão eles ser punidos a fim de não poderem voltar a manter o efeito da sua promessa, nem a temeridade da sua impostura?

Estes povos guerreiam com outros que vivem para lá das montanhas, mais para o interior da terra firme, guerras para as quais vão todos nus, sem outras armas que não os arcos e as espadas em madeira, bem afiadas numa das extremidades, como os agulhões das nossas varas. A firmeza dos seus combates, que apenas terminam com a morte e a efusão de sangue, é coisa digna de se ver; porque de todo desconhecem fugas e medo. Cada um traz, como troféu pessoal, a cabeça do inimigo que matou, e pendura-a à entrada da sua habitação. Depois de, durante longo tempo, terem tratado muito bem os seus prisioneiros, com todas as comodidades que lhes tenham ocorrido, o senhor de cada cativo reúne uma grande assembleia dos seus conhecidos; amarra a um dos braços do prisioneiro uma corda, por cuja extremidade o segura, dele afastado por alguns passos, com receio de por ele ser tocado, e faz com que o mais querido dos seus amigos lhe segure o outro braço de idêntica forma; e ambos, em presença de toda a assembleia, o golpeiam com as espadas. Feito isto, assam-no e comem-no em comum, enviando ainda alguns pedaços àqueles de entre os seus amigos que não estiveram presentes. Tal não é feito, como alguns pensam, para se alimentarem, ao modo do que antigamente faziam os Citas; mas sim para representar uma extrema vingança. Para o comprovar, basta considerar que, tendo observado que os Portugueses, aliados dos seus adversários, utilizavam outras formas de punição mortal contra eles mesmos, quando os faziam prisioneiros, enterrando-os até à cintura e desferindo à parte descoberta dos seus corpos inúmeros golpes com armas de arremesso, para depois os enforcarem; entenderam que esses povos vindos deste outro mundo, que tinham disseminado o conhecimento de tantos vícios pelos espaços vizinhos, e que eram muito mais sabedores do que eles de toda a espécie de malvadezas, não escolhiam por acaso essa forma de vingança, devendo pois ela ser bem mais difícil de suportar do que a que eles mesmos infligiam; assim, começaram por essa razão a abandonar a sua costumeira para adoptar esta última. Em nada me aflige que nós consideremos o bárbaro horror das acções desse povo; aflige-me, isso sim, que sejamos tão bons juízes das faltas alheias e tão cegos para as nossas mesmas faltas. Penso que existe mais barbárie em comer um homem vivo do que um morto; em despedaçar, por meio de torturas e suplícios, um corpo ainda capaz de sentir, fazê-lo assar aos poucos, e o fazer abocanhar e trucidar por

cães e porcos (como pudemos ler não só entre inimigos da Antiguidade, mas até ver, com a memória bem fresca, entre nossos vizinhos e concidadãos e, o que mais grave é ainda, sob pretexto de devoção e religião), do que o assar e comer depois da sua morte.

Podemos pois chamar-lhes bárbaros à vista do que dizem as regras da razão, mas não à vista de nós mesmos, que os ultrapassamos em toda a sorte de barbárie. A guerra deles é toda ela nobre e generosa, e tem tanto de desculpa e de beleza quanto essa doença humana pode receber, visto entre eles não ter outro fundamento senão a ambição da virtude. Não se batem pela conquista de novas terras, porque gozam ainda daquela uberdade natural que lhes oferece, sem trabalho nem esforço, tudo aquilo de que necessitam, com uma abundância tal que não precisam de aumentar os limites do seu território. Encontram-se ainda naquela feliz situação de não desejarem senão aquilo que as suas necessidades naturais determinam; tudo o que está para além disso é para eles supérfluo. Os que têm a mesma idade chamam-se entre eles irmãos; crianças, aos que são menores; e os velhos consideram-se pais de todos os outros. Estes deixam aos seus herdeiros a plena posse em comum dos bens indivisos, sem qualquer outro título para além daquele, inteiramente puro, que a natureza dá às suas criaturas, quando as traz ao mundo. Se os seus vizinhos passam as montanhas com o objectivo de os vir assaltar, e que são eles os vencedores, a recompensa do vitorioso é a glória, bem como a vantagem de ter continuado a ser o mestre em valor e virtude; porque, de outro modo, não saberiam que fazer dos bens dos vencidos, e voltam para o seu território, onde na verdade não precisam de mais nada para além da felicidade de saber prezar a sua condição, e de com ela se contentar. Do mesmo modo procedem os deste lado das montanhas. Não pedem aos seus prisioneiros outro resgate senão a confissão e o reconhecimento de terem sido vencidos; e nunca se encontrou nenhum, ao longo de um século, que à morte tenha preferido a expressão da frouxidão, pelo rosto ou pelo discurso, da grandeza de uma coragem invencível; não se vê nenhum que não prefira ser morto e comido a pedir para o não ser. Tratam os seus prisioneiros de forma liberal, a fim de que a vida lhes seja ainda mais querida; e conversam frequentemente com eles a propósito das ameaças da sua futura morte, dos tormentos que terão de padecer, dos preparativos que fazem para esse fim, do despedaçar dos seus membros e do festim que preparam a suas expensas. Tudo isto é feito com o único objectivo de lhes arrancar uma qualquer palavra frouxa ou desalentada, ou de lhes fazer desejar a fuga, de modo a que sintam ter ganho a vantagem de os ter aterrorizado e de ter forçado a sua firmeza.

Para regressar à nossa história, não só os ditos prisioneiros não se rendem como, pelo contrário, e apesar de tudo o que lhes fazem, durante os dois ou três meses do seu cativeiro se apresentam sempre joviais; instigam os seus senhores a submetê-los à prova; desafiam-nos, insultam-nos, censurando-lhes a cobardia e o número de batalhas perdidas contra os seus compatriotas. Tenho uma canção feita por um prisioneiro, que tem este pormenor: que os carcereiros venham todos bem depressa, e se juntem para o comer; porque assim comerão eles também os seus próprios pais e antepassados, que serviram de repasto a si mesmo, prisioneiro. «Esta carne e estas veias, diz ele, estes músculos, todos eles são os vossos, pobres loucos que sois; não sois capazes de reconhecer que a substância dos membros dos vossos antepassados neles existe ainda: saboreai-os bem, porque neles encontrareis o gosto da vossa própria carne.» Trata-se de um pensamento que não pode propriamente considerar-se bárbaro. Aqueles que os descrevem no momento da morte, descrevem o prisioneiro escarrando na cara dos que o atacam e franzindo-lhes o cenho. Na verdade, não deixam, até ao último suspiro, de os espicaçar e desafiar, por palavras e gestos. Sem mentir, e por comparação connosco, eis aqui homens bem selvagens; porque é evidente que, por ser tão grande a distância entre o seu comportamento e o nosso, ou são eles os conscientemente selvagens ou então somo-lo nós mesmos.

Nessas paragens, os homens têm várias mulheres e, quanto maior for a sua reputação de valentia, maior é o número de mulheres que têm; é uma notável maravilha que, nos seus casamentos, o mesmo cuidado que as nossas mulheres têm em nos impedir de sermos amáveis e delicados com outras mulheres põem as deles em lhas granjear. Visto terem em maior conta a honra dos seus maridos do que qualquer outra coisa, elas tentam e procuram, com solicitude, obter o máximo de companheiras que puderem, visto ser esse um testemunho da virtude dos maridos.

Podem os nossos bradar que se trata de um milagre; mas não é assim; trata-se na verdade de uma virtude propriamente matrimonial, mas de mais alto grau. E, na Bíblia, Lia, Raquel, Sara e as mulheres de Jacob ofereceram as suas belas servas aos maridos, e Lívia apoiou, no seu próprio interesse, os apetites de Augusto; e a mulher do rei Dejótaro, Estratonice, não só ofereceu ao seu marido uma formosa criada de quarto que a servia, mas chegou até a educar-lhe os filhos e a ajudá-los a herdar os territórios do pai.

E, para que não se pense que tudo isto acontece por uma simples e servil obrigação que lhes fosse habitual ou por um mero exercício de autoridade dos seus antigos costumes, sem reflexão nem raciocínio, ou por terem um temperamento tão néscio que não podiam encontrar alternativa, necessá-

rio se torna demonstrar algumas características das suas reais capacidades. Além da história que acabei de narrar sobre uma das suas canções guerreiras, possuo uma outra, de teor amoroso, que começa da seguinte forma:

«Cobra, detém-te; detém-te, cobra, para que a minha irmã possa fixar, a partir do padrão das tuas cores, a forma e o feitio de um rico cordão que eu possa oferecer à minha amada: e para que, deste modo, sempre a tua beleza e a tua disposição sejam preferidas às de todas as outras serpentes.»

Esta primeira estrofe é o refrão da canção. Ora eu tenho suficiente conhecimento de poesia para poder afirmar que não só nada há de bárbaro nesta imagem, mas que ela é inteiramente anacreôntica. Aliás, a língua deles é doce e com uma sonoridade agradável, fazendo lembrar as terminações gregas.

Três de entre eles, desconhecedores de quanto um dia lhes custará, em paz e felicidade, o conhecimento das corrupções deste lado do mundo, e de como desse trato nascerá a sua ruína (e pressupondo eu que ela está já avançada, por os ver iludidos pelo desejo da novidade, e por terem deixado para trás a doçura do seu clima para virem ver o nosso), estiveram em Rouen, no tempo em que o falecido Rei Carlos IX lá residiu. O Rei falou-lhes durante muito tempo; explicaram-lhes os nossos modos, a nossa pompa, a forma de uma bela cidade. Depois disso, houve alguém que lhes perguntou o que achavam, e quis saber o que tinham considerado como mais admirável; eles responderam três coisas, e sinto-me entristecido por me ter esquecido da terceira; mas as outras duas conservo-as na memória. Disseram eles que em primeiro lugar achavam muito estranho que tantos homens adultos e de barba, tão fortes e armados, que rodeavam o Rei (certamente que se referiam à sua guarda suíça), se sujeitassem a obedecer a uma criança, e que não fosse um deles o escolhido para os comandar; em segundo lugar (e porque têm na sua linguagem uma forma de designar os homens como metades uns dos outros), que se tinham apercebido de que havia entre nós homens cheios e repletos de toda a sorte de comodidades, enquanto as suas metades eram mendigos às suas portas, descarnados de fome e de pobreza; e que julgavam estranha a forma como estas últimas metades, tão indigentes, aceitavam sofrer uma tal injustiça sem se atirarem às gargantas dos outros, ou sem lhes incendiarem as casas.

Falei com um deles durante muito tempo; no entanto, tinha um intérprete que me entendia tão mal e que se mostrava tão incapaz de seguir os meus pensamentos, pela sua própria inépcia, que acabei por não retirar desta conversa grande prazer. Quando lhe perguntei que regalia recebia da sua superioridade entre os seus (porque era um Capitão, e os nossos marinheiros lhe chamavam Rei), respondeu-me que era a de, em guerra, poder ser o primeiro a marchar à frente das suas tropas; perguntando-lhe eu quantos

homens o seguiam, mostrou-me o espaço de uma légua, para me significar que eram tantos os que aí pudessem estar reunidos, podendo ser quatro ou cinco mil homens; sobre se, em tempo de paz, toda a sua autoridade cessava, disse-me que dela lhe ficava o direito de, quando visitava aldeias que dele dependiam, caminhar por trilhos para ele feitos no meio dos arbustos, para que ele pudesse passar sem dificuldade.

Nada disto está demasiado mal: mas, bofé, não usam calções!

Thomas MORE. «A ilha», in *Utopia ou a Melhor Forma de Governo*. Tradução de Aires Augusto Nascimento. [1516] 2006. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 487-489.

A Ilha da Utopia tem de largura umas duzentas milhas, na sua parte central (onde atinge o máximo). Não é muito mais estreita ao longo do seu perímetro, mas para as extremidades adelgaça progressivamente de ambos os lados; aquelas encurvam e desenham um arco de círculo de quinhentas milhas de circunferência, dando à ilha, no seu todo, a configuração de uma lua em quarto crescente. As águas do mar correm de lado a lado, por entre as pontas do crescente que distam uma da outra mais ou menos umas onze milhas, espriam-se por um imenso golfo, resguardadas dos ventos por terra em todo o redor, remansosas e raramente agitadas, como se fossem um lago; formam um porto quase no seio daquela terra, e proporcionam grandes vantagens aos navios que os habitantes fazem circular para todas as partes. Há entradas que, seja pelos baixios, seja pelos escolhos, se tornam muito perigosas. Mais ou menos a meio da passagem fica um rochedo, mas, porque está à vista, por isso mesmo é inócuo; aí construíram uma torre e mantêm uma guarnição; os restantes estão escondidos e são traiçoeiros. Apenas os habitantes sabem deles e por isso não é sem perigo que algum estranho se aventura a entrar naquele golfo sem um guia utopiano, pois até para os próprios naturais é difícil o acesso se não houver sinaléticas a apontar o caminho a partir da praia. Se tais sinaléticas forem deslocadas, facilmente poderão eles destroçar qualquer frota inimiga, por mais portentosa que ela seja. Pelo resto da costa, os portos não são raros, mas por toda a parte o desembarque é por tal modo protegido por meios naturais ou por meios artificiais que até forças ingentes podem ser rechaçadas por poucos defensores.

Aliás, segundo se conta, e assim de facto a própria configuração do lugar o revela, aquela terra em tempos não era rodeada de mar. Foi Útopo (cujo nome, na sequência de uma vitória alcançada, foi posto à ilha, pois antes dessa data o nome dela era Abraxa) quem se empenhou em que um povo rude e selvagem chegasse a um grau de cultura e civilização que quase ultrapassa tudo aquilo que outros mortais constituíram. Foi ele quem, logo depois de

ter alcançado vitória fulminante a um primeiro e único ataque, tomou a peito rasgar um istmo, por onde a terra ficava ligada ao continente, e assim fez com que o mar circundasse o território. Para fazer tal obra requisitou não apenas indígenas, mas (para eles não considerarem que o trabalho era forma degradante) associou-lhes também todos os seus soldados e por isso, com a repartição do trabalho por tanta gente, a obra foi realizada com uma rapidez inacreditável; aos vizinhos (que no início se riam por considerarem que era desvario) cativou-os pela admiração e acabou com eles pelo terror.

A ilha tem cinquenta e quatro cidades, todas elas espaçosas e magníficas, com a mesma língua, costumes, instituições e leis idênticas, uma configuração absolutamente igual para todas, a mesma apresentação em toda a parte em que o local o permite. A distância entre umas e outras é de vinte e quatro milhas; mais que isso, nenhuma está tão isolada que não se possa ir de uma a outra no tempo de um único dia.

MULTATULI. «Capítulo primeiro», in *Max Havelaar*. Tradução inédita de Arie Pos e Patrícia Couto. [1860] 2000. Amesterdão: Em. Querido's Uitgeverij BV. 7-II; 246-247; 312.

Eu sou corretor de café, com residência no Lauriergracht n.º 37. Não é meu hábito escrever romances, ou algo do género, e foi por isso que levou muito tempo até eu decidir encomendar algumas resmas extra de papel, e dar início ao trabalho que você, caro leitor, acabou de tomar nas mãos e que deve ler, se for corretor de café, ou se tiver outra profissão. Não só nunca escrevi algo que se assemelhasse a um romance, como nem sequer gosto de ler nada do género porque sou um homem de negócios. Desde há anos pergunto-me para que servem e fico admirado com o descaramento com que um poeta ou um romancista se atreve a iludir o leitor com algo que nunca aconteceu e geralmente nem pode vir a acontecer. Quando na *minha* profissão — sou corretor de café, com residência no Lauriergracht n.º 37 — apresentasse uma proposta a um comitente — um comitente é alguém que encarrega um comissário de lhe vender café — onde figurasse apenas uma ínfima parte das inverdades que formam a essência de poemas e romances, ele mudaria-se imediatamente para Busselinck & Waterman, igualmente corretores de café, todavia não há necessidade para você ficar a saber o endereço. Portanto, tenho o cuidado de não escrever romances ou de apresentar outros relatórios falsos. Aliás, sempre notei que as pessoas que se ocupam com tais afazeres geralmente acabam mal. Tenho quarenta e três anos, frequento a Bolsa há vinte e posso apresentar-me quando necessitam de alguém com experiência. Já vi falir uma quantidade de casas. E geralmente, quando procurava as causas, eu estava em crer que estas tinham origem na orientação errada dada à maioria das pessoas durante a juventude.

O meu lema é: *verdade e senso comum*, e mantenho-o. Evidentemente abro uma excepção para as *Sagradas Escrituras*. O erro começa em Van Alphen, e logo no primeiro verso sobre os «*queridos petizes*». Mas que raio podia mover aquele velho cavalheiro a fazer-se passar por um admirador da minha irmã Truitje que tinha a vista fraca ou do meu irmão Gerrit que mexia sempre no nariz? E, no entanto, diz ele: «que cantava estas poesias, movido por *amor*». Quando eu era criança pensei muitas vezes: meu caro, gostava de conhecê-lo

um dia, e se me recusasse a oferecer os berlines de mármore que havia de pedir ou o meu nome por extenso — chamo-me *Batavus* — em massa folhada recheada com amêndoa, considerá-lo-ia um mentiroso. Mas nunca cheguei a ver Van Alphen. Creio que já tinha morrido quando nos contou que o meu pai era o meu melhor amigo — eu gostava mais de Pauweltje Winser que era nosso vizinho na Batavierstraat — e que o meu cãozinho estava muito grato... Nós não tínhamos cães por serem tão pouco asseados.

Tudo mentiras! E assim prossegue a educação. A nova irmãzita veio da vendedora de hortaliça dentro de uma grande couve. Todos os holandeses são corajosos e generosos. Os Romanos ficaram contentes por os Bátavos os deixarem vivos. Ao Bey de Túnis dava-lhe uma cólica quando ouvia a bandeira holandesa panejar ao vento. O Duque de Alba era uma besta. A maré baixa, creio que foi em 1672, demorou um pouco mais do que o normal, de propósito, para proteger os Países Baixos. Mentiras! Os Países Baixos continuaram os *Países Baixos* porque os nossos antepassados tratavam zelosamente dos seus negócios, e porque praticavam a verdadeira fé. Essa é que é a verdade!

E depois, seguem-se outras mentiras. Uma menina é um anjo. Quem descobriu isto, nunca teve irmãs. O amor é algo de maravilhoso. Foge-se com um objecto qualquer para o fim do mundo. O mundo não tem fim e o amor é também uma tolice. Ninguém me pode acusar de não viver bem com a minha esposa — ela é uma filha de Last & Cia., corretores de café —, ninguém pode apontar seja o que for ao nosso casamento. Sou sócio de *Artis*, ela possui um xaile indiano de noventa e dois florins, todavia entre nós nunca houve um amor tão tonto que nos levasse a querer ir viver para o fim do mundo. Quando casámos, demos um pequeno passeio até Haia — onde ela comprou a flanela para as camisolas interiores que ainda uso — e, de resto, o amor nunca nos fez correr mundo. Conclusão: são tudo disparates e mentiras.

E será o *meu* casamento agora menos feliz do que o das pessoas que por amor ficaram tísicas ou arrancaram os cabelos pela raiz? Ou pensa por acaso que o governo da minha casa é menos organizado do que seria, se há dezassete anos tivesse dito à minha namorada em *verso* que queria casar com ela? Disparate! Teria sido capaz de o fazer como qualquer outra pessoa, pois versejar é um ofício, com certeza menos difícil que tornear o marfim. Caso contrário, os *ulevellen*, rebuçados embrulhados em papéis com quadras impressas no invólucro, não podiam ser tão baratos. — Frits pronuncia: «*Uhlefeld*», não sei porquê — Mas experimenta perguntar pelo preço de um conjunto de bolas de bilhar!

Não tenho nada contra versos. Querem pôr as palavras ordenadas, pois bem! Mas não afirmem nada que não seja verdade. *São quatro horas e tu demoras*. Não tenho nada contra se na realidade forem *quatro horas e tu demoras*. Mas se

for um quarto para as quatro, eu, que não ordeno as palavras, posso dizer: *É um quarto para as quatro e tu demoras*. O fazedor de versos está preso pela *demora* à hora certa. Para ele têm que ser exactamente *duas, três* horas, etc. ou então tu não demoras. *Uma hora* ou *meio dia* estão fora de questão por razões de rima e de métrica. Então, ele começa a atamancar. Ou tu deixas de ser atrasado ou ele tem que mudar a hora. Quer dizer que uma das duas afirmações é mentira.

Não são apenas os versos que atraem a juventude para a inverdade. Um dia, vá ao teatro, para ouvir ali as mentiras que são pregadas. O herói da peça — Frits diz *protagonista principal* — é salvo de morrer afogado por uma pessoa à beira da falência. Em seguida, o herói oferece-lhe metade da sua fortuna. Não pode ser verdade. Quando, recentemente, no Prinsengracht, o meu chapéu voou para dentro do canal, dei ao homem, que mo devolveu, uma moeda de dez cêntimos e ele ficou satisfeito. Bem sei que teria que dar um pouco mais se me tivesse pescado a mim, mas de certo que não seria metade da minha fortuna. É evidente que desta forma basta cair duas vezes na água para ficar pobre como Job. O pior destas representações no palco é o público se habituar de tal maneira a todas essas inverdades que ele as acha bonitas e as aplaude. Às vezes, dava-me na gana de atirar com a plateia inteira para um canal para ver quem é que aplaudia com sinceridade. Eu, que amo a verdade, aviso todos que não desejo pagar um preço tão elevado para a recuperação da minha pessoa. Quem não ficar satisfeito com menos, pode deixar-me a boiar. Só ao Domingo daria um pouco mais, por usar o meu fio de ouro e uma outra jaqueta.

Sim, o teatro corrompe muitos, até mais do que os romances. É tão expressivo! Com um pouco de ouropel e renda feita de papel mofo, tudo parece tão atraente. Para crianças, quero dizer, e para pessoas que não têm negócios. Mesmo quando essa gente do teatro quer representar a miséria, a representação é sempre falsa. Uma rapariga cujo pai foi à bancarrota trabalha para sustentar a família. Muito bem. Lá está ela a cozer, a tricotar ou a bordar. Agora conta os pontos que ela faz durante todo o acto. Ela conversa, suspira, vai até à janela, mas trabalhar é que não. A família que consegue viver deste trabalho necessita de pouco. Uma rapariga assim é naturalmente a heroína. Correu com alguns pretendentes pelas escadas abaixo, exclama continuamente: «oh, minha mãe, oh, minha mãe!» e, portanto, representa a virtude. Mas que virtude é essa que precisa de um ano inteiro para fazer um par de meias de lã? Tudo isto não sugere uma ideia falsa da virtude e de «*trabalhar para ganhar a vida*»? São tudo disparates e mentiras!

Depois, o seu primeiro namorado — que outrora fora amanuense e tratava de fazer cópias das cartas no livro de registos, mas agora é podre de rico — regressa de repente e casa com ela. Outra vez mentira. Quem tem

dinheiro não casa com uma rapariga de uma empresa falida. E se julga que no palco isto pode passar como uma excepção, o meu reparo continua válido, na medida em que se dá cabo do amor à verdade do povo, que toma a excepção por regra, e que se corrompe a moral pública ao habituá-lo a aclamar algo no *palco* que qualquer corretor ou comerciante decente considera uma loucura ridícula na *vida real*. Quando me casei, éramos treze no escritório do meu sogro — Last & Cia. — e havia muito trabalho para fazer!

E há mais mentiras no teatro. Quando o herói abandona o palco com o seu passo de comédia forçado a fim de salvar a pátria oprimida, porque é que as portas duplas do fundo sempre se abrem automaticamente?

E mais, como é que uma pessoa que fala em verso pode prever o que o outro vai responder para lhe facilitar a rima? Quando o cabo-de-guerra diz à princesa: *Minha senhora, tarde demais, o inimigo içou a ponte levadiça*, como é que ele sabe de antemão que ela quer dizer: *Meu cabo, coragem, atacamos com a cavalaria*. E se ela, sabendo que o acesso se encontrava encerrado, respondesse que neste caso ia esperar até que se abrisse, ou que voltaria numa outra ocasião, o que aconteceria à métrica e à rima? Não é, então, uma pura mentira quando o cabo se dirige à princesa com olhar interrogante para saber o que ela pretende fazer depois de o inimigo ter içado a ponte levadiça? Repito, e se à mulher apetecesse ir dormir em vez de convocar a cavalaria? Só mentiras!

E depois, essa virtude recompensada! Ai, ai, ai! Há dezassete anos que sou corretor de café — Lauriergracht n.º 37 —, portanto já assisti a muito, mas fico sempre deveras incomodado quando vejo a verdade que me é tão querida ser distorcida de tal forma. Virtude recompensada? Não é antes uma maneira de transformar a virtude num artigo comercial? As coisas não *são* assim no mundo real e ainda *bem* que assim é. Pois, o que ia ser do mérito, se a virtude fosse recompensada? Porquê então fingir sempre estas infames mentiras?

Por exemplo, o Lucas, o nosso paquete no armazém, que já trabalhava para o pai de Last & Cia. — a firma então ainda se chamava Last & Meyer, mas os Meyers já saíram há muito —, esse é que era um homem virtuoso. Nunca faltava um grão sequer, ele ia sempre à igreja e não bebia. Quando o meu sogro estava em Driebergen, ele guardava a casa, a caixa, e tudo o resto. Uma vez recebeu dezassete florins a mais do banco e devolveu-os. Agora está velho e cheio de gota e não pode mais servir-nos. Presentemente não tem nada, porque temos muito trabalho para fazer e necessitamos de gente jovem. Ora bem, eu considero esse Lucas por muito virtuoso, mas será que ele é agora recompensado? Será que surge algum príncipe que lhe oferece diamantes, ou uma fada para lhe barrar o pão com manteiga? Com certeza que não! Ele é pobre e pobre será, e assim é que deve ser. *Eu* não posso ajudá-lo — porque necessitamos de gente jovem,

temos muito trabalho para fazer — mas mesmo que *pudesse*, o que seria o seu mérito, se agora na velhice pudesse levar uma vida confortável? Então todos os paquetes, e todas as pessoas, tornar-se-iam virtuosos, o que não pode ser intenção de Deus, porque, nesse caso, deixaria de existir uma recompensa especial no Além para os honestos. Mas no palco distorcem isso... tudo mentiras!

Também *eu* sou honesto, mas peço para ser recompensado por isso? Se os meus negócios correrem bem — e correm bem —, se a minha esposa e os meus filhos forem saudáveis, de modo a não ter que me maçar com o médico ou o farmacêutico... se ano após ano conseguir pôr de lado uma pequena quantia para o dia de amanhã... se Frits se tornar um homem escorreito, para mais tarde tomar o meu lugar quando eu for para Driebergen... oiça, então ficaria muito satisfeito. Mas tudo isto é a consequência natural das circunstâncias e porque olho pelos meus negócios. Não exijo nada pela minha virtude.

A minha virtude, porém, revela-se através do meu amor pela verdade. A seguir ao meu apego à Fé, essa é a minha principal característica. E gostaria muito de convencê-lo disso, leitor, porque ela é a minha justificação por escrever este livro.

Uma segunda característica, tão dominante como o meu amor pela verdade, é a paixão que sinto pela minha profissão. É que eu sou corretor de café, com residência no Lauriergracht n.º 37. Pois então, leitor, é ao meu amor incorruptível à verdade e ao meu zelo nos negócios que devo o facto de ter escrito estas páginas. Vou contar-lhe como aconteceu. Mas, uma vez que por agora tenho que me despedir de si — preciso de ir à Bolsa —, convido-o a um segundo capítulo mais logo. Por isso, até à vista!

Ah, se não se importa, guarda-o no bolso... não custa nada... pode dar jeito... aqui está: o meu cartão-de-visita! O Cia. sou eu, desde que os Meyers saíram... o velho Last é o meu sogro.

[7-11]

[No final Multatuli interrompe subitamente Stern e Droogstoppel a fim de dirigir as suas acusações directamente ao Rei dos Países Baixos:]

— Basta, meu caro Stern! Eu, Multatuli, tomo a pena na mão. Tu não foste chamado a escrever a história da vida de Havelaar. Eu é que te dei vida... fui eu que te mandei vir de Hamburgo... num curto espaço de tempo, ensinei-te a escrever holandês de forma razoável... eu é que te deixei beijar Louise Rosemeyer, que comercializa açúcar... chega, Stern, podes ir!

Esse Sjaalman e mulher...

— Alto! Miserável produto de reles cobiça e beatice blasfema! Eu criei-te... tornaste-te num monstro sob a minha pena... tenho nojo da minha pró-

pria criação: engasga-te em café e desaparece!

— Sim, eu, Multatuli, «que muito sofri», tomo a pena. Não peço desculpa pela forma do meu livro. A forma pareceu-me adequada para alcançar o meu objectivo.

O meu objectivo é duplo:

Em primeiro lugar, queria dar corpo a algo que pudesse ser guardado como uma herança sagrada pelo pequeno Max e sua irmãzinha quando os pais tiverem morrido de miséria.

Queria dar uma carta de fidalguia de minha autoria aos meus filhos.

Em segundo lugar: *quero ser lido!*

Sim, quero ser lido! Quero ser lido por políticos que são obrigados a reparar nos sinais dos tempos... pelos literatos que não podem deixar de dar uma vista de olhos ao livro de que falam tão mal... por comerciantes, que têm interesse nos leilões de café... por criadas a quem me emprestam por meia dúzia de tostões... por governadores-gerais retirados... por ministros no cumprimento de seus deveres*... pelos lacaios dessas excelências... por pregadores devotos, que hão-de papaguear os antepassados dizendo que ataco Deus Omnipotente, enquanto só me ergo contra o deusinho que eles criaram à sua semelhança... por milhares e dezenas de milhares de espécimes da raça droogstoppelariana que — enquanto continuam a defender os seus negociazinhos como nós sabemos — hão-de gritar mais alto como é bela a minha escrevinhice**... por membros do parlamento, que precisam de saber o que se passa no grande reino além-mar, que pertence ao Reino dos Países Baixos...

Sim, *serei* lido!

Quando eu atingir este objectivo, ficarei satisfeito. Porque não era a minha intenção escrever *bem*... queria escrever de maneira a ser ouvido. E, tal como alguém que grita: «pare o ladrão!» pouco se preocupa com o estilo do seu discurso improvisado para o público, também a mim é-me totalmente indiferente como irão julgar a maneira como gritei o *meu* «pare o ladrão!».

* Ministros no cumprimento de seus deveres. Entre eles se encontravam os que deviam a sua nomeação graças ao «arrepio» provocado pelo Havelaar. Pouco depois da publicação da obra, um pato-bravo das Índias Orientais foi nomeado Ministro das Colónias. Ele providenciaria que «histórias como a de Saïdjah nunca mais voltassem a acontecer!» O que ele fez para cumprir o seu desejo irreal não sei. E ninguém mais sabe. Em vez disso presenteou a nação com uma suave guerra no Norte de Samatra.

** Estas duas últimas frases foram acrescentadas posteriormente. Reconheço não ter previsto em 1859 que o povinho aqui referido me havia de aclamar. Mas podia tê-lo calculado. É da natureza dos malandros juntar-se ao coro e exclamar o mais alto quando alguém grita «pare o ladrão!» [312]

«O livro é variegado... não há progressão... procura criar sensação... o estilo é mau... o escritor não tem prática... não tem talento... falta de método...»

Certo, certo, tudo certo! Mas... O JAVANÊS ESTÁ A SER MALTRATADO!

[246-247]

Cees NOOTEBOOM. *O (Des)caminho para Santiago*. Tradução de Patrícia Couto e Arie Pos. [1992] 2003. Porto: Asa. 318-322.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Álvar NÚÑEZ CABEZA DE VACA. «Capítulos 15-17», in *Naufrágios*.
Tradução de José Colaço Barreiros. [1542] 1992. Lisboa: Teorema. 57-62.

Texto sujeito a Direitos de Autor

32

OS OITO REINOS DA PÉRSIA

Sabei que na Pérsia existem oito reinos: o primeiro chama-se Casvin, o segundo Curdistão, o terceiro Lor, o quarto Sulistan, o quinto Isfaan, o sexto Serazi, o sétimo Soncara e o oitavo Tunocain, que fica nas proximidades do *Albero Solo*.

Nestes reinos existem esplêndidos cavalos, de muito valor e muitos são vendidos na Índia: a maior parte tem um valor de duzentas libras tornesas. Há também aqui os mais belos burros do mundo, que valem bem umas trinta moedas de prata cada um, que correm muito e muito resistentes. Os habitantes destes reinos levam os cavalos a vender até duas cidades que se encontram junto do mar: uma chama-se Chisi e a outra Cormosa; aqui são os mercadores que os levam para a Índia.

Estes reinos são povoados por gente cruel: matam-se todos entre si, e se não fosse o medo que têm do senhor, ou seja, do Tártaro do Levante, matariam todos os mercadores.

Aqui se tecem brocados de ouro e de seda; nos seus campos nasce muito algodão, e há muita abundância de cevada, de milho e de todas as espécies de grão, de vinho e de frutos.

Agora ficamos por aqui, e falaremos da grande cidade de Jasdi, da sua vida e dos seus costumes.

[36]

42

COMO ALAU, SENHOR DOS TÁRTAROS DO LEVANTE, O DESTRUIU

É verdade que, no ano de 1256, Alau, Senhor dos Tártaros do Levante, tendo conhecimento de todas as horrendas coisas que o Velho realizava, decidiu destruí-lo, e mandou alguns dos seus barões com um forte exército ao castelo fortificado do Velho da Montanha. Estiveram três anos a cercá-lo antes de o tomarem, e nunca o teriam conseguido se não fosse pela falta de víveres. Foi,

então, preso pela fome e morto com todos os seus homens. De então para cá não houve mais nenhum Velho.

Com ele acabou para sempre o domínio malvado imposto pelos Velhos da Montanha.

Agora deixemos este assunto e vamos falar de outra coisa.

[44]

75

O GRANDE CÃ CUBLAI QUE HOJE REINA

Vou começar por falar-vos de todas as enormes maravilhas do Grande Cã hoje reinante com o nome de Cublai Cã, que na nossa língua significa «o Senhor dos Senhores». Este nome é muito justo, visto que este Grande Cã é o mais poderoso senhor de súbditos, de terras e de tesouros desde Adão até hoje. Demonstrar-vos-ei que isto é verdadeiro no nosso livro, para que não reste a mínima dúvida.

[75]

84

AINDA SOBRE O PALÁCIO DO SOBRINHO DO GRANDE CÃ

Também vos digo que perto deste palácio há um outro igual, onde vive o sobrinho do Grande Cã, que devia reinar depois dele; este é Temur, filho de Cinghis, que era o filho mais velho do Grande Cã. Temur, que devia reinar, segue, em todas as coisas, as grandes maneiras do Grande Cã e possui já a chancela e o selo do império, mas não é completamente senhor enquanto aquele for vivo.

Já que vos falei dos palácios, vou contar-vos acerca da grande cidade de Cambaluc, onde estão estes palácios, e a razão por que foi feita e como é verdade que junto a esta cidade havia uma outra, grande e bela, chamada Tadu, que quer dizer na nossa língua «a cidade do Senhor». O Grande Cã, vendo pela astrologia que esta cidade se iria rebelar e causar grandes hostilidades no império, fez construir esta cidade perto daquela, de maneira que é apenas atravessada por um rio. Mandou sair a gente daquela cidade e mudar-se para esta, isto é, Cambaluc.

Esta cidade é grande, com um perímetro de cerca de vinte e quatro milhas, ou seja, seis milhas por cada canto, é quadrada, não sendo maior de nenhum dos lados. Esta cidade é toda murada com terra e os seus muros têm uma largura de dez passos e uma altura de vinte, mas não são tão grossos em

cima como em baixo porque vão diminuindo à medida que vão subindo, de maneira que em cima têm uma largura de três passos; os muros são todos brancos e ameados. A cidade tem dez portas e em cada uma há um grande palácio, pelo que sobre cada quadrado há três portas e cinco palácios. Ainda em cada canto existe um palácio, onde estão os homens que defendem a cidade.

Sabei que as ruas da cidade são tão largas e direitas, que se podem ver do princípio ao fim e são desenhadas de modo que, de cada porta, vêem-se as outras portas. A cidade tem muitos palácios; no meio da cidade, ergue-se um palácio maior do que os outros, onde está pendurado um sino muito grande, que à noite, depois do terceiro toque, avisa os habitantes para não andarem pela cidade salvo numa grande necessidade, como seja uma mulher que vá dar à luz ou uma pessoa que adoença. Sabei que cada porta é vigiada por mil homens; e não pensem que isso seja porque se temam surpresas de outra gente, mas sim por reverência ao Grande Senhor que lá mora e também para que os ladrões não façam mal pela cidade.

Acabei de vos falar sobre a cidade; agora digo-vos como ele tem corte e dos seus grandes feitos, ou seja, do Grande Senhor.

[84]

William SHAKESPEARE. «Acto 1, cena 1», in *A Tempestade*. Tradução de Fátima Vieira. [1611] 2011. Porto: Campo das Letras. 39-42.

Ouve-se o ruído tempestuoso de trovões e relâmpagos. Entram o capitão e o contramestre

CAPITÃO – Contramestre!

CONTRAMESTRE – Estou aqui, capitão! O que mandais?

CAPITÃO – Homem, fala com os marinheiros. Fá-lo sem demora ou ainda encalhamos. Mexe-te! Mexe-te!

Sai.

Entram marinheiros.

CONTRAMESTRE – Eia, meus bravos! Ânimo, ânimo, meus bravos! Depressa, depressa! Recolhei a vela de mezena! Atentai no apito do capitão! Sopra, tempestade, até rebentares os teus ventos desde que me deixes passar!

Entram Alonso, Sebastião, António, Fernando, Gonçalo e outros.

ALONSO – Bom contramestre, empenha-te. Onde está o capitão? Portai-vos como homens!

CONTRAMESTRE – Por favor, não subais.

ANTÓNIO – Onde está o capitão, contramestre?

CONTRAMESTRE – Não o ouvís? Estorvais o nosso trabalho. Ficai nas vossas cabinas. Aqui apenas ajudais à tempestade.

GONÇALO – Vá, amigo, tem calma.

CONTRAMESTRE – Quando o mar também a tiver. Ide! Que importa ao rugido das vagas o nome de um rei? Ide para a cabina! Silêncio! Não nos perturbeis!

GONÇALO – Mas lembra-te, amigo, de quem tens a bordo.

CONTRAMESTRE – Ninguém de quem eu goste mais do que de mim próprio. Vós sois um conselheiro. Se conseguirdes votar estes elementos ao silêncio e impor paz à tempestade, não tocaremos num cabo mais. Usai a vossa autoridade. Se não o conseguirdes, dai graças por terdes vivido tanto e preparai-vos, na vossa cabina, para o infortúnio do momento, no caso de ele se dar. Ânimo, meus bravos! Saí da frente, já disse!

Sai.

GONÇALO – A presença deste indivíduo sossega-me. Não tem ar de quem vai morrer afogado. Cada qual é para o que nasce e este está mesmo bem para a força. Apressa-te, bom fado, a preparar o seu enforcamento! Faz com que a corda do seu destino seja o cabo da nossa salvação, já que o nosso agora de pouco vale. Se ele não nasceu para morrer enforcado, estamos bem arranjados!

Saem [Gonçalo e os outros nobres].

Entra o contramestre.

CONTRAMESTRE – Arreia o mastaréu! Depressa! Abaixo, abaixo! Orça, orça (*Ouve-se um grito, vindo de dentro*) Raios partam essa barulheira! Fazem mais barulho do que a tempestade ou as nossas manobras!

Entram Sebastião, António e Gonçalo.

Outra vez? O que quereis daqui? Quereis que desistamos e nos afoguemos? Pretendeis ir ao fundo?

SEBASTIÃO – Vai-te lixar, seu berrão, blasfemo, cão cruel!

CONTRAMESTRE – Vinde vós trabalhar, então.

ANTÓNIO – Vai-te enforcar, cão raivoso, vai-te enforcar, seu filho da puta, seu insolente agitador! Temos menos medo de morrer afogados do que tu.

GONÇALO – Garanto-vos que ele não se afoga, não o faria nem mesmo que o navio fosse pouco mais forte do que uma casca de noz fendida como uma ferida por estancar.

CONTRAMESTRE – Capeai, capeai! Soltai as velas do traquete e do joanete! Para o largo, outra vez! Virai a proa!

Entram marinheiros encharcados.

MARINHEIROS – Está tudo perdido! Rezemos, rezemos! Está tudo perdido!

CONTRAMESTRE – Como? Vai-nos arrefecer o céu da boca?

GONÇALO – Rei e príncipe rezam. Ajudemo-los. Triste situação! A sorte deles é a nossa.

SEBASTIÃO – Perdi a paciência.

ANTÓNIO – Estes bêbados querem roubar-nos a vida. Vil desbocado... Vai-te afogar! Que o teu cadáver role por dez marés!

GONÇALO – Este há-de morrer enforcado ainda que toda esta água jure o contrário de boca aberta para o engolir.

Um ruído confuso vem de dentro.

Misericórdia! — O casco está a abrir-se! — Adeus, mulher e filhos! — Adeus, irmão! — O casco está a abrir-se, a abrir-se!

ANTÓNIO – Morramos todos com o rei.

SEBASTIÃO – Vamos despedir-nos dele.

Sai [com António].

GONÇALO – Agora daria eu mil braças de mar por um palmo de terra estéril... charneca coberta de giesta, de tojo, ou de qualquer outra coisa. Que a vontade divina seja feita, mas eu preferia ter uma morte em seco.

Sai.

J.J. SLAUERHOFF. «Capítulo 1», in *O Reino Proibido*. Tradução de Patrícia Couto e Arie Pos. [1932] 1997. Lisboa: Teorema. 7-13.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Edith SÖDERGRAN. «Regresso», in *Poesia nórdica*. Tradução inédita de Francisco C. Marques a partir da versão em castelhano de Francisco J. Luiz. [1925] 2017. Madrid: Libros del Innombrable. 31.

As árvores da minha infância erguem-se jubilosamente em meu redor:

Oh, humanidade!

e a erva dá-me as boas-vindas no regresso de países longínquos.

Apoio a cabeça sobre a erva: finalmente em casa.

Agora volto as costas a tudo o que deixei para trás:

o bosque e a praia e o lago serão os meus únicos companheiros.

Agora bebo sabedoria e a succulenta copa dos abetos,

agora bebo verdade do tronco seco da bétula,

agora bebo poder da mais pequena e delgada lâmina de erva:

um poderoso protector segura-me misericordiosamente a mão.

5 de maio. O castelo. — A névoa da manhã dissipou-se e o Sol já vai alto no horizonte distante, que parece recortado, não sei se devido a árvores ou colinas, pois está tão distante que as coisas grandes e as pequenas se misturam. Não tenho sono e, como não me vão chamar até acordar, escrevo até vir o sono.

Há muitas coisas estranhas para anotar e, para que quem as ler não julgue que comi demasiado antes de sair de Bistritz, vou descrever exatamente o jantar.

Comi aquilo a que chamam «bife do ladrão»: bocados de bacon, cebola e carne de vaca temperados com pimentão, enfiados em pauzinhos e grelhados sobre o lume, como a carne que servem aos gatos em Londres! O vinho era um *golden mediasch*, que provoca umas picadas estranhas na língua, mas que não é desagradável.

Só bebi dois copos de vinho, e mais nada. Quando subi para a diligência, o condutor não ocupara ainda o seu lugar e vi-o a conversar com a velhota do hotel.

Estavam evidentemente a falar de mim, pois de vez em quando fitavam-me, e algumas das pessoas que estavam no banco junto à porta, a que dão o nome de «suporte de conversa», aproximaram-se e puseram-se a ouvir; depois olharam para mim com ar de pena. Ouvi várias palavras serem repetidas, palavras estranhas, pois havia muitas nacionalidades no grupo, por isso tirei discretamente o meu dicionário multilíngue da algibeira e procurei-as.

Devo dizer que não as achei animadoras, pois entre elas estavam *Ordog* (Satanás), *Pokol* (Inferno), *stregoica* (bruxa), *vrolok* e *vlkoslak*, que designam ambas a mesma coisa, sendo uma eslovaca e a outra sérvia, para algo que é lobisomem ou vampiro. (Nota: tenho de fazer perguntas ao conde acerca destas superstições.)

Quando partimos, todas as pessoas que se tinham reunido diante da estalagem, e que eram já em número considerável, benzeram-se, e apontaram dois dedos na minha direção.

Com alguma dificuldade, consegui que um companheiro de viagem me elucidasse sobre o que queriam dizer. A princípio, não quis explicar, mas, quando soube que eu era inglês, disse-me que se tratava de uma proteção contra o mau-olhado.

Não achei aquilo muito agradável, sobretudo ao partir para um lugar desconhecido a fim de me encontrar com um homem desconhecido. Porém, todos pareciam tão bondosos e preocupados comigo, que não pude deixar de me sentir sensibilizado.

Nunca hei de esquecer o último olhar que lancei ao pátio da estalagem e ao seu grupo de figuras pitorescas, todas a benzerem-se junto ao amplo arco, tendo como pano de fundo a folhagem dos aloendros e das laranjeiras no centro.

A seguir o condutor, cujas calças largas de linho cobriam todo o banco (chamavam-lhe *gotza*), fez estalar o seu grande chicote sobre os quatro pequenos cavalos, que começaram a galopar, dando início à viagem.

Em breve a beleza da paisagem fez-me esquecer aqueles temores sobrenaturais, embora talvez não conseguisse livrar-me deles tão facilmente se conhecesse a língua, ou as línguas, que os meus companheiros de viagem falavam. Diante de nós estendiam-se encostas verdejantes cheias de florestas e bosques e, no alto das colinas, agitavam-se árvores e casas de quintas, cuja empena se encontrava virada para a estrada. Havia por todo o lado frutos em flor: maçãs, ameixas, peras, cerejas. E quando passámos, vi a relva verde sob as árvores salpicada de pétalas caídas. Entre estas colinas verdes, a que chamavam Mittel Land, seguia a estrada, perdendo-se entre curvas cheias de erva ou orlas de pinhais, que aqui e ali desciam pelos declives como línguas de fogo. Apesar de a estrada ser acidentada, a carruagem seguia com uma pressa que parecia febril. Eu não percebia então o que significava, mas era evidente que o cocheiro queria chegar o mais depressa possível a Borgo Prund. Fui informado de que aquela estrada é excelente no verão, mas que ainda não fora reparada depois das neves de inverno. Nesse aspeto, é diferente das outras estradas dos Cárpatos, pois é uma velha tradição que as mesmas estejam sempre em mau estado. Dantes os hospadares não as reparavam, não fossem os turcos pensarem que se estavam a preparar para trazer tropas estrangeiras e assim apressar a guerra que estava sempre iminente.

A seguir aos montes verdes de Mittel Land elevavam-se os poderosos declives da floresta até aos precipícios dos Cárpatos. Erguiam-se à nossa direita e à nossa esquerda, com o sol da tarde a incidir neles e a realçar todas as gloriosas cores desta bela cordilheira, azul-forte e roxo nas sombras dos picos, verde e castanho onde a erva e a rocha se misturavam, e uma perspe-

tiva interminável de rocha irregular e penedos pontiagudos até se perderem na distância, onde os picos nevados se erguiam majestosamente. Aqui e ali apareciam fendas nas montanhas, através das quais, quando o Sol começou a pôr-se, víamos de vez em quando o branco das quedas de água. Um dos meus companheiros tocou-me no braço quando contornámos o sopé de uma colina e deparámos com um pico alto coberto de neve que parecia, enquanto serpenteávamos pela estrada, estar mesmo à nossa frente.

— Olhe! *Isten szek!*, «O assento de Deus» — e benzeu-se.

VOLTAIRE. «Capítulo quinto», in *Cândido, ou o Optimismo*. Tradução de Rui Tavares. [1759] 2006. Lisboa: Tinta-da-china. 27-30.

Tempestade, naufrágio, terramoto, & o que foi feito do Professor Pangloss, de Cândido, & do Anabaptista Tiago.

Metade dos passageiros, enfraquecidos, expirantes daquelas angústias inconcebíveis que os balanços de um navio provocam nos nervos e em todos os humores do corpo agitados em sentidos contrários, não tinha sequer forças para se inquietar com o perigo. A outra metade lançava gritos e rezava; as velas estavam rasgadas, os mastros quebrados, o barco rachado a meio. Trabalhava quem podia, ninguém se entendia, ninguém dava ordens. O Anabaptista ajudava um pouco à manobra; estava no convés; um marujo furioso bateu-lhe rudemente e deixou-o estendido nas tábuas; mas do próprio golpe que lhe deu teve ele um desequilíbrio tão violento que caiu fora do barco, com a cabeça para baixo. Ficou suspenso e agarrado a uma parte do mastro quebrado. O bom Tiago corre em seu socorro, ajuda-o a subir de volta, e do esforço que fez acabou por se precipitar no mar à vista do marujo, que o deixou morrer sem se dignar sequer a olhá-lo. Cândido aproxima-se, vê o seu benfeitor que reaparece por um momento, e que é engolido para todo o sempre. Quis lançar-se atrás dele ao mar, e o filósofo Pangloss impede-o, provando-lhe que a baía de Lisboa se tinha formado unicamente para que este Anabaptista se afogasse nela. Enquanto lho provava *a priori*, o barco rachou ao meio; todos morreram, à exceção de Pangloss, de Cândido, e daquele brutal marujo que tinha afogado o virtuoso Anabaptista: o patife nadou alegremente até à margem, aonde Pangloss e Cândido foram dar levados por uma tábua.

Quando voltaram um pouco a si, caminharam para Lisboa; restava-lhes algum dinheiro, com o qual esperavam livrar-se da fome depois de terem escapado da tempestade.

Mal tinham posto os pés na cidade, chorando a morte do seu benfeitor, sentiram a terra tremer sob os seus passos, o mar elevar-se fervendo no porto, e arrebenatar com os barcos que estavam ancorados. Turbilhões de chamas e de cinzas cobrem as ruas e as praças públicas; as casas entram em derrocada, os tectos abatem-se sobre os alicerces, e os alicerces dispersam-se; trinta mil habitantes de todas as idades e de todos os sexos são esmagados pelas ruínas. O marujo, enquanto assobiava e praguejava, dizia: «há-de

haver aqui qualquer coisa a ganhar. — Qual poderá ser a razão determinante destes fenómenos? dizia Pangloss. — É o último dia do mundo! gritava Cândido.» O marujo corre imediatamente pelo meio dos escombros, afronta a morte para encontrar dinheiro, encontra-o, fica com ele, embebeda-se, e, depois de ter cozido a sua bebedeira, compra os favores da primeira moça de boa vontade que encontra entre as ruínas das casas destruídas e no meio dos moribundos e dos mortos. Pangloss puxava-lhe entretanto pela manga: «Meu amigo, dizia-lhe, isso não está bem, faltais assim à razão universal, gastaís mal vosso tempo.

— Cabeça e sangue!, respondeu o outro, sou marujo e nascido em Batávia; pisei quatro vezes o crucifixo nas minhas quatro viagens ao Japão; achaste o homem certo para a tua razão universal!»

Alguns pedaços de pedra tinham ferido Cândido; estava estendido na rua e coberto de entulho. Pedia a Pangloss: «Ai de mim! acha-me um pouco de vinho e azeite; vou morrer. — Este terramoto não é coisa nova, respondeu Pangloss; a cidade de Lima passou pelos mesmos abalos na América o ano passado; mesmas causas, mesmos efeitos: há certamente um filão de enxofre subterrâneo desde Lima até Lisboa. — Nada de mais provável, disse Cândido; mas, por amor de Deus, um pouco de vinho e azeite. — Como, provável? replicou o filósofo, defendo que é coisa provada.» Cândido perdeu a consciência, e Pangloss trouxe-lhe um pouco de água de uma fonte vizinha.

No dia seguinte, tendo encontrado algumas provisões de comida esgueirando-se por entre os escombros, repararam um pouco suas forças. Depois trabalharam como os outros no alívio dos habitantes que tinham escapado à morte. Alguns cidadãos, socorridos por eles, deram-lhes um jantar tão bom quanto possível num desastre daqueles: é verdade que a refeição foi triste; os convivas regavam o pão com as lágrimas; mas Pangloss consolou-os, assegurando-lhes que as coisas não podiam passar-se de outra forma: «Porque, disse, isto é tudo o que há de melhor; se há um vulcão por debaixo de Lisboa é porque não podia estar noutro lado. Porque é impossível que as coisas não estejam onde elas estão. Se um Universo existe, é necessariamente o melhor dos Universos. Ora no melhor dos Universos tudo é bom, tudo está bem, tudo vai pelo melhor. Consolai-vos, regozijai-vos, e bebamos, porque tudo está bem.»

Um pequeno homem de negro, Familiar da Inquisição, que estava a seu lado, tomou delicadamente a palavra e disse: «aparentemente o senhor não acredita no pecado original; porque se tudo vai pelo melhor, não houve conseqüentemente nem queda nem punição. Peço muito humildemente perdão a Vossa Excelência, respondeu Pangloss ainda mais delicadamente, porque

a queda do homem e a maldição entrariam necessariamente no melhor dos mundos possíveis. — O senhor não acredita então na liberdade? disse o Familiar. Vossa excelência desculpar-me-á, disse Pangloss; a liberdade pode coexistir com a necessidade absoluta; porque era necessário que fôssemos livres; porque enfim a vontade determinada...»

Pangloss estava no meio da sua frase, quando o Familiar fez um sinal com a cabeça ao seu serviçal que lhe servia a beber vinho do Porto ou de Oporto.



LITERATURA-MUNDO
COMPARADA, PERSPECTIVAS
EM PORTUGUÊS, PARTE DOIS,
O MUNDO LIDO: EUROPA
VOLUME 3



*foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso em papel Coral Book de 70 g,
na Eígal, Indústria Gráfica, no mês
de Abril de 2018.*

A mais ambiciosa das antologias em português reúne textos literários de todo o mundo em sete volumes.

Depois dos primeiros livros dedicados à literatura escrita originalmente em português, a antologia *Literatura-Mundo Comparada* avança para a segunda parte — «O Mundo Lido: Europa». Abarcando tradições literárias europeias muito diversas, que contribuem para os cânones mundiais da literatura, estes dois volumes incluem autores como Dostoiévski, Proust, Joyce, Cervantes, Woolf, Aristóteles, Yeats, Shakespeare, Beauvoir, Baudelaire, Beckett, Pirandello, Tolstói, Shelley, Kafka, Goethe ou Szymborska, e textos fundadores como *A Bíblia* ou a *Ilíada*, incluindo várias traduções até agora inéditas.

«A segunda parte enceta o alargamento do projecto a um conjunto de textos de literatura-mundo traduzidos para português, neste caso relativos à Europa. Reconhece-se, assim, a importância da tradução na mundialização das literaturas em português, o que pressupõe um imprescindível diálogo com a primeira parte (e com a terceira, de outro modo) que potencie a compreensão do contributo decisivo da *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português* para a construção de uma Europa não etnocêntrica. É, pois, da articulação produtiva entre unidade e diversidade que se faz este livro.»

— Da *Introdução*